

M

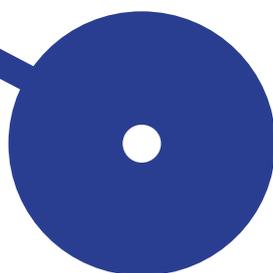
MESTRADO em Educação e Intervenção Social

Ação Psicossocial em Contextos de Risco

“Eu, o Bairro, Nós e Voz” Um Projeto de Educação e Intervenção Social com População Residente em Bairros de Habitação Social

João Pedro de Pinho Ferreira

09/2022



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

João Pedro de Pinho Ferreira

“Eu, o Bairro, Nós e Voz”

**Um Projeto de Educação e Intervenção Social com População
Residente em Bairros de Habitação Social**

Relatório de Projeto

Mestrado em Educação e Intervenção Social

Orientação: Prof.^a Doutora Ana Bertão

Porto, setembro de 2022

A todos/as que de uma maneira ou de outra sentem que não são ouvidos/as e que são esquecidos/as num mundo que deveria ser de e para todos/as.

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”
(Fernando Pessoa)

AGRADECIMENTOS

Todos nós, ao longo da nossa vida e com base nas nossas interações, vamos aprendendo e desenvolvendo, sendo por isso necessário deixar um agradecimento de forma muito especial a todas as pessoas que me acompanharam, ajudaram e apoiaram ao longo desta caminhada.

Primeiro, agradecer aos protagonistas deste projeto, presidentes das Associações de Moradores, membros das associações, aos/às jovens e aos/às moradores/as, foi uma caminhada longa, cheia de desafios, mas na qual aprendi, cresci e progredi convosco. Agradecer pelo carinho, afeto e amizade ao longo deste percurso e que ótimo foi partilhar este percurso convosco.

À instituição na qual trabalho pela disponibilidade que sempre demonstrou em ajudar e participar no desenvolvimento deste projeto. Aos/Às meus(minhas) colegas pelo apoio nos momentos mais difíceis, pelo envolvimento neste processo coconstrutivo, pelas conversas sobre as minhas inquietações e vários desabafos e acima de tudo pelo carinho, compreensão e ânimo transmitido nos dias menos bons. Agradecer também pelo ensinamento de que nas coisas que podem não ser visíveis existem também ganhos e conquistas, esta aprendizagem foi fundamental para acreditar em mim e no projeto.

À Professora Doutora Ana Bertão pela disponibilidade, acompanhamento, apoio, pelas palavras de conforto e pela sua exigência que permitiu o incentivo necessário a uma procura constante de fazer sempre melhor. Agradecer também por todas as horas, por todos os *emails* e por todo o trabalho conjunto, levo aprendizagens e reflexões para a vida que me permitiram evoluir como pessoa e como profissional e devo-lhe agradecer também por isso.

Aos/Às restantes docentes do mestrado e convidados/as, em especial à Professora Doutora Sílvia Barros, Professora Doutora Maria João Carvalho e Professora Doutora Helena Lopes, pelos ensinamentos proporcionados, acima de tudo, pela estimulação de uma postura de questionamento e reflexão crítica, que contribuiu para o meu desenvolvimento tanto a nível pessoal como profissional.

Aos/Às colegas de mestrado, fundamentais neste percurso pautado por angústias, medos, alegrias e conquistas. As partilhas foram essenciais para continuar este caminho.

À minha família e aos/às meus(minhas) amigos/as pelo incentivo e pelas palavras, constantes, de força para continuar, nunca desistir e por acreditarem em mim.

Aos meus pais pelo amor, carinho, preocupação e apoio incondicional. Sem a segurança e conforto que me proporcionaram ao longo deste percurso não seria possível de certeza terminar com sucesso.

À minha irmã e ao meu cunhado que estiveram sempre ao meu lado, incentivando-me a continuar e nunca desistir, exigindo, positivamente, o melhor de mim e ensinando-me a lutar pelo que acredito. À Maria, minha afilhada, e à Vitória, minha sobrinha, pelo amor e carinho transmitido nos momentos difíceis, possibilitando neste caminho sorrisos que atenuavam as angústias e os momentos mais difíceis.

Ao Flecha, à Mel, à Tita e à India, amigos/as de quatro patas, pela companhia na escrita deste relatório e por ouvirem os meus desabafos longos sobre os desafios deste percurso.

À família da minha namorada pelo encorajamento, preocupação e acolhimento com tanto carinho.

Por fim, mas não menos importante, deixo a dedicatória deste relatório à minha namorada, pelo apoio incondicional e o seu papel fundamental no desenvolvimento deste projeto. A paciência, o amor, o carinho e a ajuda que me deu ao longo deste caminho é impossível de descrever. Nem sempre foi um percurso fácil, mas sempre senti o seu alento, a sua confiança, sendo o meu porto seguro. Presente em todos os momentos, desde os mais positivos aos menos bons, ajudando-me a gerir as emoções e nunca permitindo que me fosse abaixo e desistisse.

A todos/as o meu especial obrigado.

RESUMO

O projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz” foi desenvolvido em cinco bairros de habitação social de uma União de Freguesias da cidade do Porto e contou com a participação dos/as moradores/as e das respetivas Associações de Moradores. Este projeto teve como finalidade: melhorar a participação de todos/as os/as atores/atrizes locais para a resolução colaborativa das necessidades da comunidade, aumentando a qualidade de vida dos/as moradores/as. Para que tal fosse possível, foram definidos dois objetivos gerais: 1) possibilitar a cooperação entre todos/as os/as atores/atrizes locais de forma a melhorar a qualidade de vida da comunidade; e 2) promover o interconhecimento entre os/as moradores/as do bairro.

Para alcançar os referidos objetivos foram desenvolvidas duas ações: “A comunicar é que a gente se conhece”, que procurava diversificar as estratégias de comunicação entre todos/as os/as atores/atrizes locais; e “Eu e o meu bairro, qual o nosso futuro?”, que teve o intuito de trabalhar as representações dos/as jovens moradores/as do bairro para que fosse possível valorizar-se a vida no bairro e os/as seus/suas residentes.

Com o desenvolvimento destas ações é notório que a comunidade começou a dar os primeiros passos na procura por soluções coletivas, acreditando nas potencialidades do local onde residem e olhando para os/as seus/suas vizinhos/as do bloco ao lado ou do bairro ao lado como fundamentais para a construção de resoluções coletivas.

De salientar que ao longo do projeto privilegiou-se a Investigação-Ação Participativa, numa perspetiva colaborativa e participativa, destacando-se o diálogo, partilha e a escuta para a coconstrução do projeto.

Palavras-chave: Habitação Social; Associações de Moradores; Associativismo; Participação Comunitária; Investigação-Ação Participativa.

ABSTRACT

The project “Eu, o Bairro, Nós e Voz” was developed in five social housing neighborhoods of a Union of Parishes in the city of Porto and had the participation of residents and their respective Residents Associations. This project aimed to: improve the participation of all local actors (actresses) for the collaborative resolution of community needs, increasing the quality of life of residents. To make this possible, two general objectives were defined: 1) to enable cooperation between all local actors (actresses) to improve the community's quality of life; and 2) promote inter-knowledge among the residents of the neighborhood.

To achieve these objectives, two actions were developed: “Communicating means getting to know each other”, which sought to diversify communication strategies among all local actors (actresses); and “Me and my neighborhood, what is our future?”, which aimed to work on the representations of young residents of the neighborhood so that it was possible to value life in the neighborhood and its residents.

With the development of these actions, it is clear that the community began to take the first steps in the search for collective solutions, believing in the potential of the place where they live and looking to their neighbors in the next block or in the adjacent neighborhood as fundamental for the construction of collective resolutions.

It should be noted that throughout the project, Participatory Research Action was privileged, in a collaborative and participatory perspective, highlighting dialogue, sharing and listening for the co-construction of the project.

Keywords: Social habitation; Residents' Associations; Associativism; Community Participation; Participatory Action Research.

LISTA DE SIGLAS

ADL – Associação para o Desenvolvimento Local

AM – Associação de Moradores

APCR – Ação Psicossocial em Contextos de Risco

CIPP- Context, Input, Process, Product

CJ – Centro Jovem

CLDS – Contrato Local de Desenvolvimento Social

CMP – Câmara Municipal do Porto

DLBC – Desenvolvimento Local de Base Comunitária

ECJ – Estrutura para Crianças e Jovens

GASI – Gabinete de Atendimento Social Integrado

GEL – Gabinete de Emprego Local

GD – Grupo de Discussão

HS – Habitação Social

IAP- Investigação-Ação Participativa

IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

MEIS– Mestrado em Educação e Intervenção Social

OE – Objetivo Específico

OG – Objetivo Geral

RSI – Rendimento Social de Inserção

UFP – União de Freguesias do Porto

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	III
ABSTRACT.....	IV
LISTA DE SIGLAS.....	V
INTRODUÇÃO.....	1
1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	4
1.1. PROJETOS DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL.....	4
1.2. A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA.....	7
1.3. TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO.....	9
1.4. AVALIAÇÃO DOS PROJETOS.....	12
2. CONTEXTO DA REALIZAÇÃO DO PROJETO.....	14
2.1. A UNIÃO DE FREGUESIAS.....	14
2.2. OS BAIRROS DE HABITAÇÃO SOCIAL.....	15
2.3. AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES.....	21
2.4. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO.....	24
3. DESENHO DO PROJETO.....	31
3.1. FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS, ESTRÁTEGIAS, AÇÕES E AVALIAÇÃO FINAL.....	31
3.2. AVALIAÇÃO DE ENTRADA.....	33
4. OS BAIRROS, O ASSOCIATIVISMO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA.....	36
4.1. A VIDA NUM BAIRRO DE HABITAÇÃO SOCIAL.....	36
4.2. ASSOCIATIVISMO.....	42
4.3. PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA.....	47
5. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.....	51
5.1. AÇÃO 1 – “A COMUNICAR É QUE A GENTE SE CONHECE”.....	51
5.2. AÇÃO 2 – “EU E O MEU BAIRRO, QUAL O NOSSO FUTURO?”.....	63

6. AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS	91
ANEXO 1. CONSENTIMENTO INFORMADO PARTICIPANTES.....	92
ANEXO 2. CONSENTIMENTO INFORMADO PARTICIPANTES - JOVENS.....	94
APÊNDICES.....	96
APÊNDICE 1. GUIÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	97
APÊNDICE 2. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - CONSENTIMENTO INFORMADO.....	99
APÊNDICE 3. GUIÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO	100
APÊNDICE 4. CONSENTIMENTO INFORMADO GRUPO DE DISCUSSÃO.....	102
APÊNDICE 5. REGISTOS DAS CONVERSAS INTENCIONAIS COM OS/as MORADORES/as.....	103
APÊNDICE 6. REGISTOS DAS CONVERSAS INTENCIONAIS COM A EQUIPA DA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	107
APÊNDICE 7. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	110
APÊNDICE 8. ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	160
APÊNDICE 9. DADOS DEMOGRÁFICOS DE UMA UNIÃO DE FREGUESIAS DO PORTO	176
APÊNDICE 10. DADOS SOBRE O EMPREGO E DESEMPREGO DE UMA UNIÃO DE FREGUESIAS DO PORTO	177
APÊNDICE 11. ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	178
APÊNDICE 12. SÍNTESE DO GRUPO DE DISCUSSÃO	182
APÊNDICE 13. ANÁLISE DE CONTEÚDO DO GRUPO DE DISCUSSÃO	185
APÊNDICE 14. QUADRO SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DE CONTEXTO.....	195
APÊNDICE 15. CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE AVALIAÇÃO	198
APÊNDICE 16. DESENHO DE PROJETO (1)	202
APÊNDICE 17. DESCRIÇÃO DA REUNIÃO COM A VEREADORA SEM PELOURO.....	206
APÊNDICE 18. DESCRIÇÃO DA REUNIÃO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS.....	208
APÊNDICE 19. DESCRIÇÃO DA REUNIÃO NA DOMUS SOCIAL.....	209

APÊNDICE 20. CONTATOS COM AS FORÇAS POLÍTICAS DA AUTARQUIA DA CIDADE DO PORTO	211
APÊNDICE 21. CONTATO INICIAL COM A ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS.....	213
APÊNDICE 22. PROJETO DE EMERGÊNCIA SOCIAL PARA UNIÃO DE FREGUESIAS DO PORTO APRESENTADO POR UMA VEREADORA SEM PELOURO.....	214
APÊNDICE 23. RESPOSTA DA VERAÇÃO DO URBANISMO E ESPAÇO PÚBLICO E ENCAMINHAMENTO PARA A DOMUS SOCIAL	216
APÊNDICE 24. RESUMO ENVIADO A VERAÇÃO DO URBANISMO E ESPAÇO PÚBLICO.....	217
APÊNDICE 25. CAIXAS DE SUGESTÕES.....	219
APÊNDICE 26. MUDANÇAS NA CAIXA DE SUGESTÕES DO B4.....	224
APÊNDICE 27. DESCRIÇÃO DA PRESENÇA DA CAIXA DE SUGESTÕES EM CADA BAIRRO	225
APÊNDICE 28. SUGESTÕES DO B2.....	231
APÊNDICE 29. SUGESTÕES DO B3.....	239
APÊNDICE 30. SUGESTÕES DO B4	240
APÊNDICE 31. SUGESTÕES DO B5.....	244
APÊNDICE 32. GRÁFICO DOS RESULTADOS DAS CAIXAS DE SUGESTÕES.....	248
APÊNDICE 33. PLANIFICAÇÃO DO ENCONTRO Nº1 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES	250
APÊNDICE 34. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO Nº1 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES	251
APÊNDICE 35. SÍNTESE DO ENCONTRO Nº1 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES	254
APÊNDICE 36. REGRESSO DAS CAIXAS DE SUGESTÕES	256
APÊNDICE 37. SUGESTÕES DO B1.....	261
APÊNDICE 38. SUGESTÕES DO B2	267
APÊNDICE 39. SUGESTÕES DO B3.....	273
APÊNDICE 40. SUGESTÕES DO B4	275
APÊNDICE 41. SUGESTÕES DO B5.....	280
APÊNDICE 42. GRÁFICO DOS RESULTADOS DAS CAIXAS DE SUGESTÕES.....	282
APÊNDICE 43. PLANIFICAÇÃO DO ENCONTRO Nº2 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES	285

APÊNDICE 44. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO Nº2 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES	286
APÊNDICE 45. SÍNTESE DO ENCONTRO Nº2 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES	289
APÊNDICE 46. CONVITE PARA A REUNIÃO COMUNITÁRIA NA VITRINE DAS ENTRADAS	291
APÊNDICE 47. CONVITE PARA A REUNIÃO COMUNITÁRIA NAS REDES SOCIAIS	292
APÊNDICE 48. CONVITE PARA A REUNIÃO COMUNITÁRIA PARA COLOCAR NAS CAIXAS DE CORREIO	293
APÊNDICE 49. DESCRIÇÃO DAS REUNIÕES COMUNITÁRIAS.....	294
APÊNDICE 50. CONVITE PARA UMA VISITA CONJUNTA AOS BAIRROS SOCIAIS	301
APÊNDICE 51. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO NO CENTRO JOVEM	302
APÊNDICE 52. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO NA ESTRUTURA PARA CRIANÇAS E JOVENS	304
APÊNDICE 53. CARTAZES NO B1.....	305
APÊNDICE 54. CARTAZES NO B2.....	308
APÊNDICE 55. CARTAZES NO B3.....	311
APÊNDICE 56. CARTAZES NO B4	314
APÊNDICE 57. CARTAZES NO B5.....	316
APÊNDICE 58. CONSTRUÇÃO DOS CARTAZES COM A DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS DAS CAIXAS DE SUGESTÕES.....	319
APÊNDICE 59. RECOLOCAÇÃO DOS CARTAZES NO B4	321
APÊNDICE 60. HISTÓRIA DO JOVEM DELTA	324
APÊNDICE 61. RECOLOCAÇÃO DOS CARTAZES NO B5	326
APÊNDICE 62. PLANIFICAÇÃO DO ENCONTRO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS.....	327
APÊNDICE 63. REGISTO FOTOGRÁFICO DO ENCONTRO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS	328
APÊNDICE 64. BRAINSTORMING REALIZADO COM OS ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS	330
APÊNDICE 65. PERGUNTAS PARA A CONSTRUÇÃO DO LENÇOL	331
APÊNDICE 66. RESPOSTAS DOS JOVENS	332
APÊNDICE 67. LENÇOL DA COMUNIDADE.....	334
APÊNDICE 68. REGISTO FOTOGRÁFICO DO PIQUENIQUE	335

APÊNDICE 69. GUIÃO DAS CONVERSAS INTENCIONAIS E DO GRUPO DE DISCUSSÃO	337
APÊNDICE 70. TABELA DA AVALIAÇÃO DE PRODUTO	338

INTRODUÇÃO

O projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz” surgiu no âmbito do Mestrado em Educação e Intervenção Social (MEIS), na especialização de Ação Psicossocial em Contextos de Risco (APCR). Desenvolvido em cinco bairros de habitação social (HS) de uma União de Freguesias da Cidade do Porto, doravante designada como UFP, o projeto teve como finalidade melhorar a participação de todos/as os/as atores/atrizes locais para a resolução colaborativa das necessidades da comunidade, aumentando a qualidade de vida dos/as moradores/as.

O projeto foi orientado pela metodologia de investigação-ação participativa (IAP), no respeito pelos pressupostos do paradigma Sóciocrítico (Lima, 2003; Santos, 1987), uma vez que se pretendia desenvolver um projeto de educação e intervenção social adequado à realidade dos bairros e que respeitasse o tempo, espaço e opinião de todos/as os/as moradores/as e agentes locais; um projeto que permitisse, através de um questionamento constante, contrariar as ideias pré-concebidas, possibilitando aos/às participantes refletir sobre tudo o que já foi realizado naquelas comunidades, como defendido por Bogdan e Biklen (1994). Desejava-se, ainda, um projeto coconstruído através do diálogo, da reflexão conjunta e da partilha, valorizando o envolvimento e participação de todos/as, independentemente da sua idade, estrato social ou género, na linha do preconizado por Robertis (2011). Pretendia-se também, através da IAP, criar hábitos colaborativos e participativos na comunidade, para que dessa forma, mesmo após o término do projeto, os/as participantes fossem capazes de encontrar soluções coletivas (Cembranos, Montesinos, & Bustelo, 2001).

O próprio nome do projeto, “Eu, o bairro, nós e voz”, surgiu como bandeira da participação e sentido comunitário. Jovens residentes nos bairros e os presidentes das Associações de Moradores (AM), em momentos diferentes, através da técnica de brainstorming, refletiram sobre o nome a dar ao projeto: “o bairro” porque contextualiza o local onde decorreu o projeto; “eu e nós” porque o sentido de comunidade alcançado pelos participantes permitiu que pensassem que, de facto, uma comunidade é constituída por cada um dos indivíduos que a habita, mas constitui um coletivo capaz de novas sinergias e com uma força maior. É de referir as palavras de um jovem participante que, em dada altura, numa conversa, dizia que quem mora no bairro “sou eu” e “nós todos”. Depois, vem a “voz”, num trocadilho associado a uma frase ouvida inicialmente tantas

vezes no bairro (“nós e vós...”): vem a maior consciência da necessidade de a utilizar para comunicarem e, acima de tudo, para serem ouvidos.

A importância do desenvolvimento do projeto em bairros de HS relaciona-se com o facto destes se constituírem contextos de risco, por vários fatores (cf. capítulo 4 deste relatório). Estes são locais com inúmeros desafios que, não tendo respostas participadas que envolvam os/as moradores/as, contribuem para uma maior desmotivação e desconforto das pessoas em relação ao local onde residem. Por estas razões, a intervenção psicossocial tem de se elevar e assumir a sua importância para contrariar a vulnerabilidade, o desconforto, a marginalização e o sentimento de abandono vivenciado pela população residente e, assim, possibilitar às pessoas o envolvimento na procura por uma melhor qualidade de vida.

Neste relatório, constituído por seis capítulos, descreve-se e analisa-se criticamente todo o percurso partilhado e coconstruído do projeto, pretendendo valorizar os testemunhos de todos/as os/as participantes, assim como as suas experiências, possibilitando que no futuro possa servir de apoio a outras práticas realizadas em contextos semelhantes.

O primeiro capítulo apresenta o enquadramento metodológico, iniciando-se pela abordagem aos projetos de educação e intervenção social e à metodologia de IAP, exploram-se os principais conceitos, as técnicas de recolha de informação para a construção do conhecimento da realidade e a avaliação de projetos. As informações contidas neste capítulo são fundamentais, porque serviram de suporte a toda a prática que envolveu a construção da relação de proximidade com a comunidade, para que fosse possível a conceção e o desenvolvimento do projeto de modo participado. No segundo capítulo é apresentado o contexto de realização do projeto (a UFP, os bairros de HS e as AM), sendo que, no final, problematiza-se a realidade através da avaliação do contexto. No terceiro capítulo surge o desenho do projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz”: apresenta-se a finalidade, objetivos, ações, indicadores definidos para a avaliação final do projeto e a avaliação de entrada.

Na aproximação ao contexto de desenvolvimento do projeto, e em diálogo com o conhecimento da realidade, foi necessário refletir-se teoricamente sobre algumas temáticas que, para efeitos da organização deste relatório, surgem no capítulo quarto. Assim, neste capítulo, são abordados

teoricamente alguns conceitos essenciais ao desenvolvimento do projeto, tais como a vida num bairro de HS, o associativismo e a participação comunitária. Este capítulo contempla não apenas uma revisão da literatura sobre estes temas, mas ainda as conversas intencionais estabelecidas com os/as moradores/as, com elementos das AM e com profissionais da Associação para o Desenvolvimento Local (ADL), estabelecendo desta forma uma relação entre a teoria e a prática. No quinto capítulo apresenta-se o desenvolvimento do projeto, onde são descritas e analisadas criticamente todas as ações desenvolvidas, sendo que em simultâneo é avaliado o processo de forma a garantir a adaptabilidade das ações e a adequação das estratégias às vontades e necessidades dos/as participantes. No sexto e último capítulo surge a avaliação final do projeto, de forma a podermos aferir o impacto e a importância do projeto nas comunidades, realizada com todos/as os/as participantes. Por fim, surgem as considerações finais e as referências bibliográficas que apoiaram a construção e desenvolvimento do projeto, bem como a escrita do relatório. Este documento integra ainda um conjunto de anexos e de apêndices, elaborados ao longo do projeto; os apêndices permitirão obter informação complementar à leitura do relatório, apoiando a análise e interpretação do projeto desenvolvido.

É fundamental salientar que este relatório de projeto garante o sigilo e a confidencialidade dos/as participantes, assim como o anonimato do contexto de desenvolvimento do projeto; por essa razão algumas informações sobre a freguesia e os bairros, bem como os/as moradores/as, foram suprimidas de modo a proteger a identificação do contexto e das pessoas. Nos anexos estão disponíveis para consulta os modelos dos consentimentos informados que foram assinados pelos/as participantes do projeto ou respetivos encarregados/as de educação (anexos 1 e 2, pp. 92-95).

1. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

O presente capítulo abordará diversos conteúdos que compõem o enquadramento metodológico do projeto, tais como: os projetos de educação e intervenção social, metodologia investigação-ação participativa, técnicas utilizadas para a construção do conhecimento da realidade e avaliação dos projetos. Estes conteúdos são essenciais para a construção de um projeto teoricamente sustentado, justificando a metodologia utilizada no projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz”.

1.1. PROJETOS DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL

A Educação Social trouxe com ela uma necessidade enorme de inovar na investigação e na construção de projetos, para que estes fossem ao encontro da complexidade dos fenómenos sociais emergentes, desenvolvendo ações inovadoras com a população de forma a contrariar os processos assistencialistas e a intervenção tradicional (Carvalho & Baptista, 2004). Timóteo e Bertão (2012) corroboram esta visão, acrescentando que a educação e a intervenção social devem ter “por base a visão do ser humano como capaz de se olhar e olhar o mundo de forma crítica e informada e capaz de intervir, num quadro de valores necessariamente inteligíveis e conscientes” (Timóteo & Bertão, 2012, p.16), permitindo o desenvolvimento crítico e participativo.

A educação social, orientada pelos pressupostos humanistas (Rogers, 1985) e pela sociologia crítica (Lima, 2003; Timóteo, 2010), tem uma visão sobre a realidade que inclui “o que está e o que não está” considerando que “se foi construída é também mutável” (Lacerda, 2013, p.63). Isto permite a transformação das realidades sociais injustas, assumindo-se também ela como transformativa, o que assegura uma ligação à vida e às recorrentes reconfigurações sociais. A educação social impulsiona respostas sociais não meramente assistencialistas, acompanhadas de uma reflexão permanente que segue toda a intervenção, de forma a permitir uma adequação de estratégias com vista à transformação (Timóteo & Bertão 2012). Assim a educação social deve ser desenvolvida por profissionais facilitadores desta transformação e que incentivem a participação ativa das pessoas e das comunidades (Veiga, 2009), contudo Bogdan e Biklen (1994) explicam que a participação varia ao longo do projeto: no início poderá ser um pouco menor, mas à medida que as relações se vão desenvolvendo, a participação também acaba por aumentar.

O/a investigador/a deve ser capaz de, a partir da liberdade de cada um/a, construir, os projetos de educação e intervenção social, com as pessoas a quem estes devem servir (a quem sejam úteis). Para isso, deve partir de um estudo do contexto, provocando diálogos e diferentes interpretações, instigando à descoberta e à construção de novos olhares sobre a realidade, sobre o que existe e o que se deseja, de forma que todos/as participem na construção da sua realidade social (Carvalho e Baptista, 2004; Lima, 2003; Timóteo & Bertão 2012). Deste modo, profissionais, investigadores e habitantes das comunidades agem em conjunto para um bem comum, tornando assim cada sujeito parte integrante e fundamental. Mendonça (2002) diz ainda que a ideia fundamental de um projeto assenta na capacidade de cada um se apropriar das aprendizagens e da capacidade de desenvolvimento como um ser autónomo, livre e solidário, capaz de realizar a gestão das influências, tendo sempre por base o contexto e os intervenientes, ou seja, salientado a importância de conhecer o contexto em que o projeto se irá desenrolar.

Assim, o conhecimento do contexto é o ponto de partida para a construção dos projetos educativos e sociais. De acordo com Cembranos, Montesinos e Bustelo (2001) “o conhecimento preciso da realidade inicial é a etapa essencial para desenvolver uma planificação correta” (p.63), no sentido em que constitui o ponto de partida dos projetos. Este conhecimento inicia-se com a descrição e análise da realidade, identificando-se as suas características, potencialidades, problemas e necessidades, para que seja possível preparar e determinar o futuro, e para que se aproveite as oportunidades, virtudes e alternativas desejadas e, ainda, para que se prevejam as adversidades. Neste processo é fundamental, de acordo com Cembranos e colegas (2001, p. 67), “contemplar o envolvimento oportuno daqueles que serão os beneficiários da ação”. Num projeto coconstruído, o envolvimento ativo dos/as participantes deve acontecer desde o início, para que haja projeto participado, pois são as pessoas que conhecem a sua realidade e é importante que o/a investigador/a e interventor/a social conheça a sua visão: o modo como as pessoas percebem a sua realidade, a importância que lhe atribuem e qual o impacto que tem nelas. Para que, após a compreensão da realidade e dos problemas existentes, seja possível desenvolver ações que conduzam a mudanças efetivas e úteis (Cembranos et al., 2001; Lima, 2003).

A análise da realidade conduz a planificação do projeto (Cembranos et al. 2001; Mendonça 2002; Serrano, 2008), segundo Serrano (2008) esta planificação é importante para antecipar e prever, devendo ser adaptável ao que se vai desenrolando no contexto. A planificação, segundo

Cembranos e colegas (2001), pode incluir dois níveis: o estratégico, que é algo mais abrangente e direcionado para as ações, as ajudas precisas e a avaliação; e, depois, o segundo nível, o operatório, centrado nas especificidades e no necessário para a concretização.

Ao longo do que temos vindo a contextualizar, o processo de conhecimento e transformação da realidade deve envolver tanto os profissionais como as pessoas que integram a comunidade. Para isso, os/as profissionais devem ser capazes de conceber projetos e intervenções que respeitem e se adequem às características das pessoas, que partam das suas necessidades, e considerem os seus modos de vida e aspirações (Veiga, 2009), tal fica garantido se as pessoas forem coautoras do projeto. Capul e Lemay (2003) referem a importância de envolver todos/as na investigação desde os/as profissionais, equipas, organizações e população destinatária dos projetos, de forma que seja possível diferentes olhares sobre a mesma investigação, ganhando assim força a afirmação de Lima (2003) quando refere que “essa construção coautorizada não é por isso pertença de um ator, mas do investigador coletivo que a foi edificando com os contributos analisados” (p. 323), onde todos/as são participantes e onde todos/as são investigadores/as. Cembranos et al. (2001) acrescentam ainda que a participação de todos/as no processo permite a criação do hábito participativo e que proporciona diretamente uma implicação de todos/as no mesmo.

Deste lugar partilhado, os/as profissionais têm maior responsabilidade, pela exigência que lhes acresce de orientar, acompanhar e ajudar as pessoas, sendo aconselhável desenvolver uma relação de proximidade com estas e considerar todas as dimensões das suas vidas (escola, trabalho, família, vizinhos, comunidade), de forma a não descurar os contextos de interinfluência, numa perspetiva sistémica, e que são fundamentais no desenvolvimento de uma intervenção, para que, no final, a população se sinta realizada consigo e com o meio envolvente (Capul & Lemay 2003). Carvalho e Baptista (2004) referem que as pessoas não podem ser consideradas “nem meros recursos, nem meros beneficiários”, mas que estes devem ser “reconhecidos como autores do seu próprio destino e, como tal, protagonistas privilegiados de um viver em comum” (Carvalho & Baptista, 2004, p.52), cabendo ao/à profissional promover a participação e autonomia, para que as pessoas possam usufruir das suas capacidades e recursos, envolvendo-as ativamente na resolução dos seus problemas, garantido a devida importância aos saberes de cada interveniente. Assim, podem conceber-se projetos de educação e intervenção social úteis e transformadores.

A educação e intervenção social, pelo seu caráter envolvente, transformador e transformativo (Timóteo & Bertão, 2012), reclama a articulação e cooperação de todos/as os/as agentes e atores/atrizes sociais, e exige dos/as profissionais determinadas características, como a empatia, receptividade, aceitação, escuta ativa, proximidade e respeito pelo/a o/a outro/a, bem como um olhar crítico e reflexivo sobre si e o meio, que lhe permita estar consciente e compreender a realidade que o/a envolve, de modo a apoiar as pessoas no processo de mudança (Carvalho & Baptista, 2004; Lima, 2003; Monteiro, 2019; Timóteo & Bertão 2012; Veiga, 2009). Toda a educação e intervenção social realiza-se para e com as pessoas. Neste contexto, todo o processo investigativo é, simultaneamente, de educação e de intervenção/ação, sendo, então, um processo de hétero e autodesenvolvimento, de descoberta pessoal e de descoberta das outras (pessoas e comunidades). É a procura do conhecimento de si próprio/a e do ambiente em volta (pessoas, lugares, recursos, serviços, entre outros), de forma que cada sujeita/a seja, conscientemente, construtor da sua história de vida, e esteja capaz de agir adequadamente, no sentido de procurar melhorar a qualidade da sua vida. Deste modo, na construção de um projeto de educação e intervenção social, os/as investigadores/as deverão acautelar-se para que as suas ações sejam pautadas pela prudência, para melhor conhecerem e agirem, com o propósito de criar condições para que a comunidade realize as aprendizagens necessárias e para que as pessoas que a constituem tenham um maior e melhor controlo sobre o curso das situações que afetam as suas vidas e que desenvolvam a capacidade para continuar a aprender e evoluir (Lima, 2003).

1.2. A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

Conforme já analisado, os projetos de educação e intervenção social acontecem em realidades complexas, onde se deve privilegiar as metodologias qualitativas. Estas metodologias questionam os paradigmas tradicionais, através de uma postura mais interativa, com maior proximidade, participada e reflexiva (Coutinho, Sousa, Dias, Bessa, Ferreira & Vieira, 2009), permitindo romper com o paradigma dominante, que se baseia nos pressupostos da racionalidade, objetividade e universalidade, e dando lugar a uma posição mais direcionada para o conhecimento emancipatório e transformação do mundo, assente no questionamento, numa reflexão crítica e social e na participação (Coutinho et al., 2009; Lima, 2003; Santos, 1987). Neste

sentido, a metodologia de IAP torna-se preferencial no desenvolvimento do projeto por se enquadrar nestes pressupostos. A IAP pauta-se pela diversidade de processos, em que todos/as os/as envolvidos/as analisam, conhecem e compreendem, de forma participada, a realidade onde estão inseridos/as, identificando conjuntamente os problemas, necessidades, recursos, potencialidades, capacidades e limitações. Deste processo emerge o desenvolvimento de competências reflexivas em todos/as os/as participantes, o que permite o desenvolvimento de ações verdadeiramente transformadoras e transformativas (Colmenares, 2012; Coutinho, 2013; Timóteo & Bertão, 2012). Monteiro (2019) salienta a importância da IAP, referindo que através desta o “reforço da participação não apenas concretiza uma das linhas de força da democracia, como reabilita e dignifica contextos usualmente apagados e desvalorizados – torna-os visíveis e atuantes” (p.71), permitindo que através do uso desta metodologia todos/as os/as participantes se sintam integrados na procura de uma solução coletiva que seja transformadora.

É fundamental, por isso, apresentar os quatro princípios orientadores desta metodologia referidos por Lima (2003). O primeiro, é o princípio organizacional: participantes e investigador/a colaboram cooperativamente na construção do conhecimento aproximando saberes, não existindo um/a investigador/a que é uma figura superior na área do saber. O segundo, decorrente do primeiro, é o da criação: da aproximação de saberes, e da expressão genuína de cada participante, nasce uma nova visão da realidade e do mundo. O terceiro princípio diz respeito à posição do/a investigador/a, que tem um “triplo compromisso: com a prática científica e ética da investigação participativa, com uma postura cívica pessoalmente responsabilizante, e com os interesses de emancipação da equipa e da comunidade” (Lima, 2003, p. 320). Por fim, o quarto princípio é o da estratégia: a investigação deve centrar-se em problemas reais e locais da comunidade, o que permite adaptações e reformulações a qualquer momento, tendo em vista a transformação desejada (Lima, 2003).

Robertis (2011) salienta, na mesma perspetiva, que o/a investigador/a social “tornou-se naquele que vai descobrir uma situação desconhecida, que vai examinar a realidade com os próprios interessados, que vai solicitá-los para encontrar soluções mais adaptadas” (Robertis, 2011, p.67), acrescentado que este/a é apenas mais um dos/as protagonistas do projeto. Deste modo, da IAP emerge a necessidade do envolvimento de todos/as os/as participantes de forma a desenhar um projeto em que esteja presente o olhar de todos/as e a coconstruir uma intervenção que vá ao

encontro da opinião e necessidade dos/as participantes (Robertis, 2011), e que seja útil para a resolução dos seus problemas. Ander-Egg (1987, p. 99), centrando-se nas competências das pessoas, refere que cada um(uma) “é capaz de transformar o seu quotidiano”, através de um processo de desenvolvimento contínuo e porque “assume um papel protagonista na concretização da sua própria vida”, sublinhando a importância de envolver ativamente todos/as os/as intervenientes na construção do projeto, para que todos/as consigam a transformação que procuram, concretizando-se, deste modo, o valor educativo e social dos projetos desta natureza.

A IAP é, nas palavras de Lima (2003, p. 115) “um modo de procurar entender o mundo para nele melhor se viver”, uma forma de investigar e de intervir que se afasta dos procedimentos habituais para privilegiar as relações sociais e humanas. Desta aproximação entre as pessoas do contexto de desenvolvimento do projeto e profissionais, considerando as diferentes perspetivas, poderá “resultar num equilíbrio para a produção de conhecimento útil, contextualizado e participado” (Timóteo, 2010, p.19), proporcionando um conhecimento mais detalhado e particularizado da realidade, de forma a ajustar a intervenção a este conhecimento e garantir uma melhor qualidade de vida para os indivíduos e para as comunidades. A IAP permite o recurso a uma grande variedade de métodos e técnicas, “cuja validade é determinada pela adequação aos atores e aos contextos” (Monteiro, 2019, p. 206), o que possibilita um conhecimento mais amplo e mais apropriado à transformação desejada.

1.3. TÉCNICAS DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Para que seja possível uma construção do conhecimento da realidade mais aprofundado e mais preciso é necessário a utilização de diferentes técnicas de recolha de informação de modo que o conhecimento coconstruído seja mais completo (Ander-Egg, 1990). Coutinho (2013) refere que “é sempre necessário pensar nas formas de recolher informação que a própria investigação vai proporcionando” (p. 370), exigindo ao/a profissional uma adequação das técnicas a utilizar para que seja possível “refinar de um modo sistemático e intencional o seu «olhar» sobre os aspetos acessórios ou redundantes da realidade que está a estudar, reduzindo um processo a um sistema que se torna mais fácil de analisar, facilitando, assim, a fase da reflexão” (Coutinho,2013, p.370). O/A investigador/a deve, então, ser capaz de adaptar as técnicas de recolha de dados à realidade a conhecer e nunca ao contrário. Importa, contudo, salientar que num projeto de IAP, realizado em

coautoria, todos/as os/as participantes devem conhecer este processo de seleção da informação, sob risco de se perderem aspetos importantes para os sujeitos e não compreendidos enquanto tal pelo/a investigador/a.

Sendo a IAP uma metodologia de natureza qualitativa, as técnicas de recolha de informação privilegiadas são igualmente de cariz qualitativo, contudo, é possível o recurso a técnicas diferenciadas (Lima, 2003), incluindo, sempre que necessário, técnicas quantitativas, devendo sempre proceder-se a uma triangulação da informação recolhida através das diferentes técnicas. De seguida, apresentam-se a análise documental, observação participante, conversas intencionais, entrevistas e grupos de discussão (GD), técnicas utilizadas no âmbito deste projeto.

A análise documental centra-se na pesquisa, leitura e análise de documentos que se constituem uma boa fonte de informação para completar o conhecimento da realidade (Coutinho, 2013; Coutinho et al., 2009), e permitem realizar uma comparação entre o que está escrito e o que é percebido pelos/as protagonistas. Para a construção deste projeto foram analisados vários documentos (e.g. documentos do Instituto do Emprego e Formação Profissional [IEFP], da ADL, da UFP, entre outros), sendo todos eles importantes para o conhecimento do contexto.

A observação participante decorreu no contexto de vida das pessoas, pela participação no quotidiano dos bairros e a interação com os/as moradores/as e profissionais, assumindo o investigador um papel ativo, tal como esta técnica exige (Coutinho, 2013; Coutinho et al., 2009; Quivy & Campenhoudt, 1998). Para isso, foram realizadas visitas regulares aos bairros que aconteceram mais do que uma vez por semana desde outubro de 2021, o que permitiu conhecer o contexto e os/as seus/suas protagonistas e até observar as modificações que iam ocorrendo ao longo dos 11 meses do projeto. As conversas intencionais devem estar “centradas na perspectiva dos participantes e enquadram-se nos ambientes de diálogo e de interação” (Coutinho, 2013, p.370); devem respeitar as vontades dos/as participantes no que se refere à forma como decorrem os diálogos e aos temas que são abordados, sendo estas orientadas pelo objetivo da investigação. No decorrer deste projeto foram realizadas conversas intencionais com os/as moradores/as e diferentes profissionais, acontecendo nos espaços exteriores, nos cafés e em associações, escolas e autarquia, respeitando sempre o espaço e tempo das pessoas para que se

criassem as condições ideais para o estabelecimento de uma relação que permitisse partilhas significativas.

Os diferentes tipos de entrevista permitem uma recolha de informação útil e pertinente uma vez que possibilitam a interação entre entrevistador/a e entrevistado/a, bem como a livre expressão de sentimentos e vivências, facilitando um maior conhecimento. Neste projeto utilizou-se a entrevista semiestruturada, por permitir a partilha de representações e de histórias de vida (Coutinho, 2013; Quivy & Campenhoudt, 1998), numa conversa guiada por um conjunto de questões, mas suficientemente flexível para acompanhar o discurso espontâneo dos/as entrevistados/as. Para a realização das entrevistas com os presidentes das AM, efetuadas nas respetivas sedes, foi elaborado um guião orientador que consta em apêndice (Ap.) (Ap. 1, pp. 97-98; Ap. 2, p. 99). As entrevistas foram marcadas telefonicamente, após explicado o seu objetivo. Com os Presidentes das AM foi, ainda, formado um GD. O GD é uma técnica que permite abordar um tema pelo olhar dos/as intervenientes, explorando-o através da troca de opiniões dos mesmos, sendo este orientado por um moderador/a (Barba, 2001). A formação do GD com os presidentes das AM (Ap. 3, pp. 100-101; Ap. 4, p. 102) aconteceu após as entrevistas a cada um deles, com os seguintes objetivos: devolver as principais informações recolhidas através das entrevistas e das conversas intencionais com os/as moradores/as e com os/as técnicos/as da ADL; aprofundar e desenvolver algumas questões que tinham sido iniciadas durante as entrevistas. Para a realização da primeira sessão, todos foram contactados telefonicamente e apenas um dos presidentes não pôde estar presente. A sessão foi gravada com consentimento de todos.

Para não se perder informação e para esta poder ser analisada de forma reflexiva (Bogdan & Biklen, 1994), procedeu-se ao registo escrito e/ou gravado de todos os encontros, entrevistas, conversas e observações, procedendo-se, depois, ao seu tratamento através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo (Quivy & Campenhoudt, 1998) possibilita o estudo de “aspectos, fenômenos, fatos e elementos integrantes que dizem respeito ao problema investigado” (Ander-Egg, 1990, pp. 19-20), sendo fundamental neste projeto. Importa ainda realçar que, à exceção das entrevistas, todas as outras técnicas foram imprescindíveis para o desenvolvimento do projeto, bem como para o processo avaliativo do mesmo.

1.4. AVALIAÇÃO DOS PROJETOS

Vários autores (e.g., Capul & Lemay, 2003; Carvalho & Baptista, 2004; Cembranos et al., 2001; Robertis, 2011) evidenciam a importância da avaliação dos projetos como um processo contínuo, que permite ao/a investigador/a realizar um “diagnóstico social”, emendar objetivos e readaptar estratégias, possibilitando o desenvolvimento de uma atitude e espírito investigativos, uma constante posição de reflexão e de procura pela/s melhor/es resposta/s em relação ao/s fenómeno/s investigado/s. Importa perceber que quando se trata de projetos de educação e de intervenção social, movidos pela IAP, estes aspetos são partilhados por todos/as os/as participantes: todos/as são autores/atrizes dos projetos e avaliadores/as; a avaliação serve para adequar o projeto à realidade e para se manter focado/a nos objetivos, corrigindo estes sempre que necessário, bem como os processos; a avaliação serve igualmente o processo de desenvolvimento de todos/as os/as participantes. Para isso, é necessário planificar a avaliação e registar regularmente o que acontece (Serrano, 2008), para que a avaliação aconteça de forma explícita e consciente, possibilitando que, no desenvolvimento de todo o projeto, o/a investigador/a, bem como todos/as os/as participantes sejam capazes de refletir sobre o percurso do projeto.

A avaliação deve, portanto, acompanhar todo o projeto (Capul & Lemay, 2003; Carvalho & Baptista, 2004; Cembranos et al., 2001; Robertis, 2011; Serrano, 2008; Stufflebeam & Shinkfield, 1987) e dela deve resultar aprendizagem e desenvolvimento. Neste sentido, e de acordo com as especificidades do projeto aqui relatado, foi utilizado o modelo de avaliação CIPP (*Context, Input, Process, Product*) (Contexto, Entrada, Processo e Produto), desenvolvido por Stufflebeam e Shinkfield (1987), uma vez que se trata de uma avaliação contínua, numa linha temporal que permite ajustar e aprimorar procedimentos e ações. Este processo avaliativo permite identificar, adquirir e fornecer informação útil, completa e descritiva, sobre todo o processo, ou seja, sobre o contexto, necessidades e problemas, sobre as metas, planificação, realização e o impacto do projeto, com a intenção de servir as tomadas de decisão (Stufflebeam & Shinkfield, 1987), possibilitando encontrar formas para ultrapassar os obstáculos e potenciar o conhecimento e a resolução dos problemas sociais de que partem os projetos orientados pela metodologia de IAP.

A avaliação do contexto inicia-se com a análise da realidade, com a identificação “de virtudes e defeitos” (Stufflebeam & Shinkfield, 1987, p.196), permitindo identificar os problemas e as necessidades das pessoas e das comunidades, bem como os constrangimentos e potencialidades. Esta avaliação deve ser construída com todos/as os/as participantes para que seja possível, como referido por Stufflebeam e Shinkfield (1987, p.197), uma “compreensão compartilhada dos pontos fortes e fracos do seu local, suas necessidades e oportunidades, e suas necessidades prioritárias”. É uma avaliação importante na construção de metas e prioridades. É desta análise que parte a justificação do projeto e recorre-se à avaliação do contexto, que vai sendo atualizada, na altura de analisar os resultados obtidos com o projeto.

Na avaliação de entrada analisa-se a coerência do desenho de projeto, definem-se as estratégias a desenvolver, assim como os procedimentos, verificando-se a coerência, credibilidade e a possibilidade de eficácia/fracasso do projeto (Stufflebeam & Shinkfield, 1987). O/a investigador/a deve ter sempre em conta os grupos e as pessoas com quem colabora na construção do projeto, de forma a adequar e adaptar as estratégias, para dessa forma ser possível contrariar constrangimentos previstos e outros que possam surgir (Stufflebeam & Shinkfield, 1987). É fundamental neste momento avaliativo definir o caminho que todos/as participantes querem percorrer, bem como as transformações que desejam alcançar.

A avaliação do processo é “uma verificação contínua da realização de um plano” (Stufflebeam & Shinkfield, 1987, p.199); é uma análise permanente dos procedimentos em relação aos objetivos definidos, das necessidades de adaptação das estratégias para fazer face aos constrangimentos e desafios que vão surgindo, com o objetivo de melhorar o desenvolvimento das ações, utilizando da melhor forma os recursos disponíveis (Stufflebeam & Shinkfield, 1987). Na avaliação do produto, os autores defendem que é a altura de “avaliar, interpretar e julgar as realizações de um programa” (Stufflebeam & Shinkfield, 1987, p.201). No caso dos projetos educativos e sociais, trata-se da avaliação final ou avaliação de resultados. Esta fase da avaliação obriga a uma análise reflexiva e comparativa entre o que as pessoas pretendiam, de acordo com a identificação das suas necessidades, problemas e objetivos, e o que realmente aconteceu e se modificou, tanto no contexto como na vida das pessoas. O processo avaliativo é, assim, um processo crítico e contínuo garantido pelo carácter flexível do projeto e que permite que o mesmo se modifique sempre que necessário.

2. CONTEXTO DA REALIZAÇÃO DO PROJETO

O presente projeto foi desenvolvido em cinco bairros de HS numa UFP, com as AM e os/as moradores/as, envolvendo, ainda, em determinados momentos do projeto, profissionais de algumas entidades ou associações locais. A caracterização e análise do contexto inicia-se com a UFP, segue-se uma caracterização dos bairros e das AM, terminando o capítulo com a avaliação do contexto. Sendo este um projeto de IAP, é indispensável que todos os/as atores/atrizes sociais estejam envolvidos na construção do conhecimento da realidade, incentivando a participação e envolvimento de todos/as. Este conhecimento foi construído ao longo do tempo, através de diversas técnicas de recolha de informação, nomeadamente, análise de documentos, observação participante, conversas intencionais (Ap. 5, pp. 103-106; Ap. 6, pp. 107-109) e entrevistas semiestruturadas que, posteriormente, foram transcritas (Ap. 7, pp. 110-159). As respostas foram analisadas após se terem definido as categorias de análise e construída uma grelha para facilitar a apresentação e análise dos discursos (Ap. 8, pp. 160-175).

2.1. A UNIÃO DE FREGUESIAS

De acordo com os Censos (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2021), em 2021 residiam na UFP onde foi realizado o projeto perto de 28000 habitantes, sendo que há mais 2000 mulheres do que homens. A população da UFP encontrava-se maioritariamente em idade ativa (mais de metade da população encontra-se no grupo etário entre os 25 e os 64 anos). Relativamente ao nível de ensino, os Censos (INE, 2021) mostram que, em 2021 os residentes da UFP que concluíram o 1º, 2º ou 3º ciclo de escolaridade correspondiam a cerca de 10000 dos habitantes na UFP, sendo que mais de um terço da população tinha concluído o ensino superior (cerca de 9950 habitantes). No apêndice 9 (p. 176) poderá consultar mais informações relativamente a esta UFP. No que concerne ao emprego, e de acordo com os dados do IEFP, em março de 2022, estavam inscritas no centro de emprego e formação cerca de 1200 pessoas residentes nesta UFP. Relativamente ao tempo de inscrição, perto de 670 pessoas encontravam-se inscritas há mais de 12 meses (IEFP, 2022) e a maioria com idades entre os 35 e os 54 anos. No apêndice 10 (p. 177) é possível ainda verificar-se mais dados informativos sobre o desemprego desta UFP e das restantes UFPs.

A presente UFP é marcada por fortes contrastes ecossociais. Segundo os Censos (2021), existem 14 953 alojamentos neste local e existem 4 585 edifícios onde coexiste um elevado número de bairros de HS e zonas residenciais de luxo, corroborando a ideia inicial dos contrastes existentes, por exemplo, a nível de emprego ou escolaridade. Os bairros de HS que compõem esta UFP são dez, construídos entre os anos 1953 e 2005 (Domus Social, 2021). Segundo os dados da Domus Social existem, nos cinco bairros onde o projeto foi desenvolvido, 4755 pessoas e um total de 1899 habitações, contudo estes dados não têm em conta a particularidade do B4, no sentido em que este não é totalmente constituído por HS, portanto nem todas são geridas pela Domus Social. O projeto desenvolvido realizou-se em cinco destes bairros, porque para além de geograficamente estarem bastante próximos, apresentam características bastante semelhantes (criminalidade; desemprego; tráfico de droga; insegurança), sendo que estas constituem um contexto de risco para os/as seus/suas moradores/as, desde os/as mais jovens até aos/às mais velhos/as, sendo por isso pertinente trabalhar com os/as moradores/as destes cinco bairros de uma forma conjunta para melhoria da qualidade de vida.

2.2. OS BAIRROS DE HABITAÇÃO SOCIAL

Os bairros de HS, que integraram o contexto do desenvolvimento do projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz”, foram construídos entre 1960 e 2000, sendo que dois dos cinco bairros foram construídos em duas fases. Quatro dos cinco bairros foram requalificados entre 2010 e a atualidade. Estes bairros são compostos por 54 blocos, sendo que há um diferente número de blocos por cada um. É de salientar que um dos bairros não é composto por blocos, devido ao facto deste conjunto habitacional ter sido planeado para aquisição a título individual sem que tivesse HS, contudo, a Câmara Municipal do Porto (CMP) acordou com a Domus Social a cedência de algumas habitações neste agrupamento, para atender a uma emergência, que exigiu o realojamento de um elevado número de famílias. No total existem cerca de 1900 habitações nos cinco bairros (aqui designados por B1, B2, B3, B4, B5), onde moram aproximadamente 4800 pessoas.

Um dos elementos-chave da vida de um bairro de HS, são os/as seus/suas moradores/as, portanto é imperativo referir algumas das suas características, principalmente daqueles/as com quem conversamos. Existem pessoas que vivem há muito tempo nestes bairros e culpam os/as “recém-chegados” pela desunião entre moradores/as que existia. É de salientar a proximidade

familiar, ou seja, no mesmo bairro ou nos bairros próximos residem diversos elementos da mesma família. No B1 e B4 existe população mais jovem e com mais moradores/as em idade ativa, enquanto, os B2 e B5, são bairros mais envelhecidos. O B3, talvez por ser o maior, é aquele que apresenta um maior equilíbrio entre faixas etárias. Muitos/as dos/as moradores/as não estão empregados e destes, vários são beneficiários/as da prestação do Rendimento Social de Inserção (RSI). Estes/as últimos/as são olhados com algum preconceito pelos/as moradores/as empregados/as e pensionistas porque, segundo os/as alguns/mas, “não querem fazer nada”.

O B1 detém dois espaços comerciais que são pequenas mercearias de venda de produtos de primeira necessidade, uma sede da AM, uma Estrutura que serve de apoio às Crianças e Jovens (ECJ) daquele bairro, como local de ocupação dos tempos livres durante a semana, com diversas atividades lúdicas e apoio na realização dos trabalhos escolares, existe ainda um centro de dia para idosos gerido pela Obra Diocesana, com diferentes atividades e, por fim, uma capela que neste momento se encontra fechada e serve como um ponto de referência para encontros entre os/as moradores/as. O bairro também tem um ringue de futsal e um parque infantil que contém uma tabela de basquetebol, plataformas de trepar e duas mesas, cada uma com quatro bancos. Este parque foi construído em 2021 por um projeto financiando pela CMP, que permite o usufruto e o acesso direto e gratuito a uma programação multidisciplinar. O projeto acima referido proporciona um vasto número de ações nas áreas da música, teatro, cinema, dança, literatura e performance, contudo os/as moradores/as pouco usufruem destas iniciativas porque, tal como o ringue de futsal, fica localizado muito perto da zona mais concentrada de tráfico de droga, portanto, os/as moradores/as optam por não ir para lá nem deixam as suas crianças irem.

No B2, encontram-se localizadas as instalações de um centro para jovens (CJ), com frequência livre e gratuita, para ocupação dos tempos livres; neste local os/as jovens podem realizar os trabalhos escolares bem como atividades lúdico-desportivas, individuais ou em grupo; é de salientar que este local só se encontra aberto durante a semana. No B2 podemos ainda encontrar um ringue de futsal, contudo pouco utilizado pelos/as moradores/as do mesmo, devido a ser um equipamento construído com materiais, que quando utilizado faz imenso barulho que incomoda os/as moradores/as. O B3 contém um café e uma mercearia de venda de produtos de primeira necessidade, a sede da AM que funciona também como um café e uma escola básica. Junto do B3 foi construído um conjunto habitacional, o B4, que apenas tem um ringue de futsal, pouco utilizado

pelos/as moradores/as, devido ao facto de estar num local distante da maioria das habitações. O B5, contém uma Associação que também funciona como café, a sede da AM e um espaço atribuído à ADL. De salientar que este bairro fica próximo da Escola Básica e Secundária da UFP.

As habitações dos cinco bairros são constituídas por casas de diversas tipologias, desde T1 a T4. Estas habitações são atribuídas consoante o número de elementos no agregado familiar, isto é, por exemplo, uma família nuclear com dois filhos/as terá direito a um T3, salvo raras exceções por indisponibilidade de atribuição de um imóvel com esta tipologia. Em todos estes bairros os/as moradores/as lamentam as habitações serem pequenas ou de construção antiga, pedindo as entidades políticas/administrativas requalificações nos blocos/casas. No que diz respeito às rendas das HS, estas variam em função das características das casas (tipologia, ano de construção e/ou requalificação, área da habitação) e das características de composição do agregado familiar (número de elementos; faixas etárias; condições profissionais) e das condições financeiras do mesmo. Posto isto, segundo a Domus Social (2021) as rendas mensais pagas nestes cinco bairros de HS variam entre os 29,26€ e os 95,69€, não esquecendo que no B4 apenas estão contempladas as casas destinadas a HS. Os dados da Domus Social mostram ainda que a composição média familiar dos cinco bairros é de 1,52 membros.

Estes bairros estão localizados numa zona com bons acessos a nível de transportes públicos, hipermercados, ginásios, cabeleireiros e barbeiros, confeitarias, restaurantes, farmácias, entidades bancárias, posto dos correios, pequenos comércios de venda, um centro comercial, creches, infantários, escolas e espaços de atividades de tempos livres. Há também nas proximidades uma associação desportiva e recreativa, onde é possível a prática de futebol desde os escalões mais jovens até aos veteranos e uma piscina que permite a prática de diversos desportos (natação, polo aquático, natação artística, natação adaptada, natação *master* e remo). Encontram-se ainda perto do rio, das praias e da zona central da cidade. Nas imediações destes bairros há pessoas em situação de sem-abrigo, que acampam naquela zona. Próximo dos bairros, está sediada a ADL, uma associação de direito privado sem fins lucrativos que atua na UFP, criada em 1995 por um consorcio formado pela junta de freguesia, um centro social, uma paróquia e uma associação de obras sociais. A ADL tem como missão promover o desenvolvimento da comunidade e apoiar a população mais vulnerável, centrando a sua intervenção na conceção e dinamização de estruturas e serviços de apoio social, na criação e desenvolvimento de projetos

de intervenção em variadíssimas áreas, com particular destaque ao nível do emprego e formação, apoio psicossocial a crianças, jovens, adultos e famílias, promoção da cidadania ou o empoderamento comunitário (apoio ao movimento associativo). Pretende ainda participar na diminuição das assimetrias ecossociais presentes na UFP, contrariando a marginalização e a vulnerabilidade do território, visando contribuir para uma sociedade mais capacitada, autónoma e inclusiva, e acreditando que os problemas da comunidade poderão ser resolvidos de forma comunitária. A operacionalização destes objetivos surge no apêndice 11 (pp. 178-181).

A vida nestes bairros é condicionada pelo tráfico de droga que existe na zona, particularmente acentuado em dois dos bairros; um fenómeno que vem crescendo ao longo dos anos, segundo os/as moradores/as, o que impossibilita que as pessoas se sintam seguras, confortáveis e que sociabilizem nos espaços exteriores. É importante salientar que, desde janeiro de 2022, é hábito a presença policial em dois destes bairros com o objetivo de dar resposta ao tráfico de droga, o que acaba por contribuir para o desenvolvimento de um ambiente de maior nervosismo, ansiedade e desconfiança por parte dos/as moradores/as, que acabam por não se sentir seguros/as a conversar com pessoas desconhecidas com receio que outros/as moradores/as os considerem “passadores de informação à autoridade”, os “chibos” do bairro, como referido por um morador e uma moradora, durante as conversas intencionais. O medo de falar com pessoas estranhas ao bairro, que senti nas minhas primeiras visitas, reforça o facto de as vivências nestes bairros serem muito condicionadas por este fenómeno.

A construção dos bairros também não facilita o encontro entre as pessoas, pela inexistência de locais que permitam o convívio entre os/as moradores/as: os poucos espaços ajardinados existentes não contêm bancos de jardim ou aparelhos de ginástica que gerem locais de convívio, há ainda falta de locais para as crianças brincarem no exterior; há um único parque infantil num dos bairros, mas que é pouco usado, uma vez que a estrutura não cativa as crianças: não tem os equipamentos mais típicos, como baloiços ou escorregas, tendo apenas equipamentos para trepar de que as crianças dizem não gostar. Por outro lado, durante as conversas intencionais, os/as moradores/as salientaram que, devido à insegurança que sentem nas ruas, impedem as crianças de usufruir dos espaços exteriores. Relativamente a atividades e equipamentos para a população mais idosa, segundo o representante de uma das AM, “aqui não tem assim nada para “obrigar” os idosos a saírem de casa” (Ap.7, p.130); apesar de existir um centro de dia num dos

bairros, os/as idosos/as dos outros bairros não se deslocam para esta estrutura, pois sentem-se mais confortáveis na sua habitação. Quando entramos nos bairros reconhecemos, desde logo, alguma degradação nos equipamentos existentes; numa das conversas intencionais, uma das moradoras salientou que “não chega pedir espaços de lazer e convívio”, quando os poucos espaços e equipamentos que têm, bem como os próprios blocos habitacionais, se encontram degradados, refere mesmo “é necessário aprender a cuidar”, evocando que os/as moradores/as também vandalizam e descuidam os espaços, mas num olhar de outros/as, que a própria autarquia não cuida do seu património. É de salientar que com o surgimento do bom tempo, as zonas exteriores dos bairros (ringues, parques infantis ou até mesmo a rua) tornaram-se mais movimentadas, o que segundo os/as moradores/as é normal, contudo já não era notório desde o início da pandemia, mas que agora e com o aliviar das restrições e o fim da obrigatoriedade do uso da máscara já se vê mais gente na rua e mais crianças a brincar no exterior, trazendo outro movimento aos bairros que não se observava no Outono/Inverno. No que diz respeito aos acessos de veículos motorizados para as zonas mais interiores do bairro, estes são quase inexistentes, o que impossibilita, por exemplo, as forças de segurança, os bombeiros, ambulâncias entre outros, de prestar um eficaz auxílio a estas comunidades.

Ao entrar nestes cinco bairros podemos verificar que apresentam bastantes diferenças entre eles: nos B1 e B4, que têm uma forte presença de tráfico de droga, podemos logo ouvir as pessoas a gritar códigos, que se traduzem em frases, que indicam que “pessoas estranhas ao bairro estão lá” e, desde logo, sente-se todos os olhares sobre nós. Pode também verificar-se que todos os acessos a estes dois bairros estão vigiados por moradores/as e/ou por consumidores/as. Já nos bairros 2 e 5 é muito difícil encontrar moradores/as na rua e os que encontramos são geralmente pessoas mais idosas que passeiam sozinhas. Neste aspeto, o B3 é muito semelhante aos bairros 2 e 5 apesar de haver uma zona mais movimentada, junto ao café, que também é a sede da AM, onde é possível observar o convívio entre diversos/as moradores/as. É de destacar que, em diferentes períodos do dia, todos os bairros apresentam semelhanças, isto é, durante a manhã o movimento é reduzido podendo avistar-se maioritariamente pessoas idosas que se deslocam às farmácias, ao comércio local, aos supermercados ou ao centro da UFP, enquanto na parte da tarde existe mais movimento nos espaços exteriores, até devido de facto de neste período os/as mais jovens terem saído da escola e, portanto, brincarem mais nos poucos locais existentes no bairro.

Estes cinco bairros, a nível da sua localização, encontram-se todos bastante próximos e ligados por diversas ruas. Esta proximidade faz com que todos/as os/as habitantes conheçam as realidades dos bairros vizinhos e permite ainda uma interação bastante próxima entre todos/as. Por este facto, seria esperado que os/as moradores/as pudessem utilizar os recursos de cada bairro, independentemente do seu local de morada. Contudo, e embora seja bastante comum encontrar moradores/as de outros bairros num bairro que não é aquele que habita, é muito raro que os/as moradores/as utilizem as estruturas comerciais, de lazer e de convívio de um outro bairro que não o seu, desconsiderando até os bairros vizinhos: os/as moradores/as têm muitas vezes discursos do género “o meu bairro é melhor que o teu”. A desvalorização dos outros bairros parece ser uma forma encontrada por alguns/mas moradores/as para se filiarem ao espaço que habitam, valorizando-o pela diferença. Esta atitude advém, essencialmente, das situações menos positivas que acontecem na comunidade, existindo também constantes comparações com os outros bairros no discurso dos/as moradores/as que vão salientando que no seu bairro “existe”, mas no do lado é sempre “mais”, por exemplo, “aqui também existe tráfico de droga, mas no B4 existe mais” ou “nós temos população envelhecida, mas se olharmos para o B5 eles têm mais” ou “aqui nós vivemos tranquilos, eles ali para baixo é que têm mais barulho e confusão”.

Há diversos problemas associados a estes bairros que têm, mais recentemente, motivado muitas notícias na comunicação social, ligados essencialmente ao tráfico de drogas e à toxicodependência, criminalidade e violência. Em conversa com os profissionais da ADL, estes/as referiram a pobreza e o insucesso escolar, como dois dos problemas que se juntam aos anteriores e que caracterizariam os/as moradores/as. Os/As técnicos/as da associação afirmam que já foram desenvolvidos vários projetos nestes locais, de forma a dar resposta a estas situações, contudo, os problemas mantêm-se e alguns deles, tal como a toxicodependência, têm aumentado a sua predominância, porém não têm a mesma prevalência em todos os bairros. Apesar destes problemas, são também territórios com grande potencialidade pela vontade que a população demonstra em tentar dar a volta à má imagem que estes bairros têm devido às situações acima referidas, conseguindo olhar para os problemas, identificá-los e, até, em alguns casos, perceber a sua origem e o que é necessário fazer para alterar algumas das situações.

Posto isto, os/as moradores/as, ao longo das conversas intencionais e durante as entrevistas, queixaram-se de uma certa despreocupação por parte dos dirigentes políticos da cidade do Porto,

referindo que estes apenas se lembram dos problemas dos bairros sociais nas alturas de campanhas eleitorais, salientando que os problemas nunca são resolvidos e que continuam a agravar-se; acrescentaram ainda que não são ouvidos/as por estes/as dirigentes. Alguns/mas deles/as referiram que, por diversas vezes, contactaram por e-mail ou por carta, tanto a Domus Social como a CMP, nunca resultando daqui soluções concretas para os problemas que identificaram, obtendo apenas promessas que foram “caindo no esquecimento”, segundo os/as moradores/as e os representantes das AM.

A Domus Social, referida frequentemente pelos/as moradores/as, é uma empresa municipal, destinada à gestão da habitação pública, com os objetivos de manutenção e conservação de todo o património imobiliário, equipamentos e infraestruturas, bem como a construção e desenvolvimento de projetos sociais. A empresa tem como funções adquirir, promover, gerir, construir, reabilitar ou renovar as HS do município. Tem programas de habitação de custos controlados e implementa programas de reabilitação, renovação e reconstrução de habitações danificadas (Domus Social, 2021). Por esta razão, alguns/mas moradores/as, a título individual, foram ao longo dos anos contactando a empresa e solicitando a sua intervenção ao nível da reparação das habitações e dos espaços exteriores, embora, segundo eles/as, sem sucesso.

Cada um destes cinco conjuntos habitacionais tem uma AM que tem como objetivo reivindicar os direitos dos/as moradores/as junto das entidades competentes, criando, desta forma, uma voz coletiva que permitia comunicar os problemas que vão sendo identificados e que participe no dia a dia da respetiva comunidade, estabelecendo relações de proximidade com os/as moradores/as.

2.3. AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

As AM surgiram no âmbito da primeira geração do projeto do CLDS, um projeto gerido pela ADL, que se iniciou em 2010 e teve o seu término em 2013. Uma das AM (B3) já existia desde 2004, tendo sido criada por iniciativa autónoma dos/as moradores/as da altura. Em entrevista com um dos membros da atual AM deste bairro, acerca da origem da AM, ele referiu que “supostamente surgiu para ajudar os moradores, não é?” (Ap.7, p.127), acrescentado que também não tem grande conhecimento da história da associação.

Da leitura do *síte* da UFP percebe-se que as AM surgiram para contribuir para o desenvolvimento da vida no bairro, criando atividades de âmbito social, cultural ou desportivo de forma a cooperar para o bem-estar dos/as moradores/as e da comunidade. Seriam fundamentais na representação dos/as moradores/as junto dos poderes constituídos, colaborando com todas as entidades que existissem na comunidade e com os poderes públicos, garantindo que estas entidades conhecessem os problemas identificados e trabalhando em colaboração para discutir soluções. Pelo que me foi dado observar, pela análise das entrevistas e pelas conversas que fui mantendo, quer com os profissionais da ADL, quer com os presidentes das AM e com os/as moradores/as dos bairros, atualmente, e na prática, as AM não representam os/as seus/as moradores/as da melhor forma, não conseguindo resposta para os problemas identificados porque, segundo os presidentes das AM, na altura da criação das associações tiveram todo o apoio necessário por parte da autarquia e de algumas instituições da UFP, mas tudo isto mudou nos anos seguintes e, atualmente, sentem-se um pouco abandonados/as por essas entidades e estas apenas contribuem com subsídios. Na opinião de moradores/as e profissionais da ADL, as AM não conseguem estabelecer relações de proximidade com os/as moradores/as, não conseguindo assim dar resposta às suas preocupações.

Muitos dos elementos das atuais AM fazem parte das associações desde a sua criação: a AM do B1 (AM1) foi criada em 2011 e dos 14 elementos que a constitui, cinco estão na associação desde que ela foi criada; a AM do B2 (AM2), criada em 2014, conta com 13 elementos, 10 deles fazem parte da AM desde a sua origem; a AM do B3 (AM3) foi criada em 2004, tendo mudado para o espaço atual da associação em 2014, anteriormente tinha as suas instalações numa zona mais periférica, com esta mudança de instalações conseguiu ficar numa zona mais central do bairro e com umas instalações maiores e de melhor qualidade, conta com 11 elementos, sendo que não tem nenhum elemento que esteja desde a sua criação; a AM do B4 (AM4) teve a sua origem em 2019 e conta com 19 elementos, sendo que 12 destes 19 elementos mantêm-se desde a sua fundação; por fim, a AM do B5 (AM5) foi criada em 2012 e seis dos seus 13 elementos mantêm-se desde o início da criação da associação. É possível verificar que as AM mais recentes contam nas suas listas com vários membros que a acompanham desde a sua criação, contudo em algumas situações trocam de cargo nos órgãos sociais, por outro lado, a AM3 fruto da sua longevidade associativa, atualmente não tem nenhum elemento que tenha feito parte dos primeiros órgãos sociais. Os membros associativos são de ambos os sexos, com uma maior predominância do sexo

masculino, e com idades que se situam entre os 20 e os 80 anos, com maior supremacia da faixa etária acima dos 50 anos, justificada pela maior disponibilidade para pertencer à associação e pelo desinteresse dos/as mais novos/as pelo associativismo, tal como referido pelo presidente da AM5 (E5), que esclareceu, durante a entrevista, que “nós tentamos por vezes arranjar pessoas novas, mas não estão vocacionadas para este tipo de situações e depois temo-nos socorrido de pessoas sexagenárias, septuagenárias, [...], as pessoas mais novas que temos aqui são um casal que acabou por vir aqui antes do termino do primeiro mandato colaborar connosco” (Ap. 7, p. 144), demonstrando a dificuldade que é assegurar a renovação dos membros da associação e a participação dos/as mais jovens. É de salientar que na história destas associações ainda não existiu uma mulher presidente, apesar de ser referido no GD, realizado já no decorrer do projeto, que existe atualmente uma maior disponibilidade do sexo feminino para participar nas atividades da comunidade e para fazerem parte das AM. De referir que os elementos que compõem as AM são eleitos pelos associados com as quotas em dia para três órgãos sociais: direção, assembleia-geral e conselho fiscal.

Todas estas AM se regem pelos estatutos associativos aprovados na criação das mesmas. A atividade anual da AM é planeada e aprovada em reunião ordinária convocada pela assembleia-geral onde se apresenta o plano de atividades e de contas, estas reuniões acontecem anualmente. Realiza-se outra reunião próxima do final de ano civil onde se apresenta o relatório de atividades e de contas. Pela análise das entrevistas realizadas aos presidentes das AM, foi possível constatar que as atividades são definidas pelas AM, existindo pouca divulgação das mesmas. Segundo os seus presidentes, as associações procuram comunicar com os/as moradores/as, seja através de e-mails e das redes sociais, ou divulgando informações nas entradas dos blocos, colocando *flyers* ou papéis informativos, para conseguirem chegar ao máximo de moradores/as possível; contudo, estas estratégias comunicacionais acabam por não surtir o efeito desejado, existindo atualmente um afastamento entre moradores e AM, visível pela observação participante e manifesto no discurso dos/as participantes.

Na AM3 existe uma sede que funciona também como café, o que permite que a população tenha um espaço de referência para comunicar com os dirigentes da associação. Nas AM 1 e 5, apesar de terem uma sede associativa, existe dificuldade em mobilizar os moradores dos respetivos bairros para se deslocarem até à sede. O presidente da AM1 referiu que “apesar de termos uma

sede de referência, não podemos vender e, então, é complicado fazer ver as pessoas que a sede da AM pode e deve ser um local mais do que espaço de convívio” (Ap. 7, p. 111), salientado a dificuldade que é ter uma sede que não pode funcionar como café e que, por essa razão, as pessoas acabam por não ir à sede porque não a veem como um espaço de convívio. As AM 2 e 4 não têm uma sede própria: no caso da primeira associação, apesar de existir um espaço no bairro dedicado à sede este é partilhado com uma outra associação local e com o CJ, sendo que o presidente da AM2 refere que esta situação não permite o à vontade necessário para tornar este espaço atrativo para a visita dos/as moradores/as sempre que necessitem; no caso da segunda associação, existe uma sede que fica nas instalações da ADL, mas que fica distante do bairro e, por esse motivo, não é um espaço que a possibilite receber os/as moradores/as diariamente.

Na opinião dos presidentes das AM entrevistados, as AM atravessam períodos conturbados pela dificuldade em ter moradores/as interessados/as em fazer parte da associação, como referido atrás, sendo que algumas poderão estar perto do seu término porque segundo o presidente da AM1 “o futuro desta associação é a extinção, não há pessoas para os órgãos sociais, não vejo soluções, quando eu digo que nunca mais venho, isto nunca mais abre” (Ap. 7, p. 114). Atualmente, as AM não são vistas como força representativa dos/as moradores/as, o que acaba por prejudicar a forma como são consideradas: alguns/mas moradores/as consideram-nas desnecessárias, outros/as dizem que poderiam estar a desenvolver um trabalho diferente e a dar resposta aos problemas dos bairros; há ainda moradores/as que referem não ter opinião formada sobre as AM. Alguns/mas dos/as moradores/as nem sabem da existência de uma AM no seu bairro, por exemplo, um morador, durante uma conversa, insistiu comigo que a AM do seu bairro não existia e eu é que estava a confundir com a de outro bairro.

2.4. AVALIAÇÃO DO CONTEXTO

A avaliação de contexto foi realizada pelos/as moradores/as e pelos/as profissionais da ADL, através de diversas conversas intencionais, e pelos presidentes das AM através da constituição de um GD com os presidentes das cinco AM. Neste GD um presidente não pôde estar presente sendo-lhe enviado uma síntese do encontro (Ap.12, pp. 182-184). A análise de conteúdo do GD surge em apêndice 13 (pp. 185-194). Com este GD foi possível estabelecer prioridades, compreender os problemas, através dos seus indicadores, identificar necessidades, sendo ainda

possível aferir as potencialidades, os recursos e os constrangimentos do contexto, para de seguida ser possível refletir sobre o desenho do projeto. No apêndice 14 (pp. 195-197) poderá consultar um quadro síntese da avaliação do contexto onde constam os problemas e necessidades identificados, bem como os seus indicadores.

O primeiro problema (P1) a ser identificado pelas AM e profissionais da ADL foi a dificuldade na comunicação entre as AM e os/as moradores/as. Nos vários encontros com os presidentes das AM foi perceptível a dificuldade que têm em passar a mensagem que pretendem junto dos/as moradores/as, não conseguindo chegar até eles(elas), e isso acaba por se refletir na dificuldade de adesão às reuniões, atividades festivas, desportivas, cursos, entre outras, que propõem. A distância existente entre as AM e os/as moradores/as é visível também na dificuldade em envolver novos/as moradores/as nos órgãos sociais, ou em escutar as suas dificuldades.

As AM utilizam diversas estratégias para a divulgação das suas iniciativas ou para as reivindicações de melhorias da qualidade de vida dos/as habitantes. Mas tudo isto é decidido em reuniões dos órgãos sociais, sem consulta dos interesses dos/as moradores/as. Por outro lado, aquando da realização de reuniões ordinárias, apenas é permitida a presença de sócios/as, e o discurso dos presidentes das AM institui uma diferenciação dos moradores entre quem é sócio da AM e quem não é. Tendo em conta que o número de sócios/as diminui a cada ano, e que há outros/as moradores/as, as AM terão de direcionar o seu discurso para todos/as, sócios/as ou não sócios/as. Esta é uma questão verificada em todos os bairros, não havendo práticas de envolvimento dos/as moradores/as na organização das ações, nem uma interação regular que promova o conhecimento entre as pessoas e auscultação sobre o que gostariam de ver realizado. Raramente os presidentes das AM conversam diretamente com os/as moradores/as para a divulgação das atividades, bem como para perceberem como vivem no bairro, do que precisam ou o que há a fazer.

A maioria dos/as moradores/as não refere as AM durante as conversas intencionais. Os poucos que as referem dizem que a associação existe, mas que nem sabem muito bem o que faz, mas existem alguns/mas que nem sabem da sua existência. Em relação aos profissionais da ADL, estes salientam que as AM foram criadas com o objetivo de representar os/as moradores/as, mas que sentem que elas têm enormes dificuldades em estabelecer contatos de proximidade

com os/as mesmos/as. Ainda relativamente à comunicação, existe uma enorme frustração demonstrada pelos presidentes e/ou outros elementos das AM pela forma como são abordados na rua por alguns/mas moradores/as que reclamam por a associação não conseguir dar resposta aos problemas individuais levantados por eles, o que acaba por ditar um distanciamento enorme entre os/as moradores/as e os membros da associação.

As dificuldades na comunicação parecem estender-se às próprias AM, pela falta de compromisso e envolvimento dos membros da associação, tal como referido pelos entrevistados. Alguns dos membros dos órgãos sociais encontram-se afastados do funcionamento da associação e com pouco envolvimento nas suas atividades, ideia corroborada pelo presidente da AM1, quando afirmou na entrevista que “nem mesmo os órgãos sociais valorizam a associação, estou sempre aqui sozinho” (Ap7, p. 113). Sendo reconhecida pelos/as moradores, presidentes das AM e profissionais da ADL a necessidade de espaços de partilha entre todos/as e de estratégias de comunicação diversificadas, mais diretas para o estabelecimento de uma interação de maior proximidade e de maior conhecimento entre moradores/as e AM.

Outro problema identificado foi o desaparecimento do “bairrismo”, de um sentido de comunidade e de pertença, e, conseqüentemente, a perda de uma identidade coletiva, de identificação com o local onde residem (P2), enfatizado por alguns presidentes das AM e moradores/as que referiram a falta que isto faz no local onde moram. Três dos presidentes das AM salientaram, diversas vezes, que não nasceram no bairro ou que vivem ali há pouco tempo. Este discurso esteve também presente nas conversas intencionais com os/as moradores/as, quando acentuavam a diferenciação entre si e os/as outros/as moradores/as do bairro, como se não se afliessem ao lugar de morada e não se identificassem com os/as outros/as habitantes, criando barreiras que, atualmente, têm bloqueado o contacto entre moradores/as. Este aspeto foi bastante referido na entrevista com o presidente da AM2, que explicitou que isto se foi perdendo com o tempo e com a saída ou falecimento de pessoas do bairro, sendo que o realojamento de outras pessoas e a ausência de iniciativas de aproximação de outros/as moradores/as acabam por ditar o desaparecimento do “bairrismo” que caracterizava estes locais.

De salientar, igualmente, o preconceito dos/as moradores/as que exercem uma atividade profissional sobre aqueles que recebem o RSI, aspeto muito vincado durante as conversas

intencionais. Também segundo alguns/mas moradores/as existem conflitos entre vizinhos/as devido as limpezas do espaço partilhado, locais de estacionamento ou por outras razões. Sendo revelado pelo presidente da AM1 que há um certo distanciamento entre alguns moradores/as que, devido a quezílias ou não identificação com outros/as, evitam participar em algumas atividades ou eventos. O que revela alguma possível conflitualidade entre alguns/mas moradores/as. Ainda neste tópico, é relevante perceber que as pessoas associam a ADL aos apoios sociais, devido ao protocolo de RSI, insinuando que apenas frequenta a instituição quem necessita de apoios financeiros, o que muitas vezes dificulta adesão de outros/as residentes da UFP nos projetos da ADL. Por ser importante que as pessoas vivam bem em comunidade, identificou-se, com os/as moradores e presidentes das AM, a necessidade de maior conhecimento e união entre moradores/as, maior envolvimento de toda a comunidade em objetivos para o estabelecimento do bem comum; bem como a construção de representações positivas dos espaços, com o intuito do desenvolvimento de uma identidade coletiva enquanto moradores/as de um espaço comum de que todos/as devem cuidar.

As AM e os/as moradores/as lamentam a pouca utilização dos espaços coletivos exteriores e a existência de poucos equipamentos para momentos de convívio e lazer entre os/as moradores/as, o que constituiu o terceiro problema (P3), porque a população residente nos bairros acaba por ficar restringida a realizar atividades de convívio e lazer na rua, sendo que esta não possibilita as melhores condições de usufruto. Durante as conversas e entrevistas realizadas, exprimiram a vontade de ter um café, bancos de jardim, mobiliário urbano, entre outros que permitam o convívio. O presidente da AM4 evidenciou este aspeto de forma muito clara ao referir que “ali no bairro falta algo de convívio, que acabe por unir as pessoas, nem que seja um local onde se possam cruzar, ali não há nada” (Ap. 7, p. 138). Como referido no capítulo 2.2, é essencial mais equipamentos, mas também a consciência que devem de ser cuidados por todos/as, bem como serem espaços de conforto e segurança.

Como já referido, os espaços exteriores às habitações são mais utilizados quando há uma melhoria das condições climatéricas; quando este facto foi observado, refletiu-se sobre o P3, e percebeu-se que, apesar da ocupação dos espaços exteriores devido ao bom tempo, algumas pessoas lamentavam o facto de não existir mais equipamentos que permitisse o lazer e o convívio entre todos/as. Portanto os/as moradores/as e os presidentes das AM identificam a necessidade de

requalificação dos espaços exteriores e de colocação de equipamentos adequados às necessidades dos/as moradores/as, que sejam espaços públicos seguros e de conforto, e que garantam a manutenção das estruturas.

Os/As moradores/as e os presidentes das AM identificam uma série de outros problemas ligados aos bairros que não têm tido respostas por parte das entidades competentes. Assim sendo, surge um novo problema (P4), identificado por todos/as, que é a falta de respostas por parte das entidades políticas/administrativas relativamente à requalificação e segurança do bairro. Os pedidos são realizados tanto pelos/as moradores/as individualmente, como pelas AM, para que haja melhorias nas habitações e nos espaços ajardinados, bem como a colocação de equipamentos, e as pessoas lamentam que não sejam ouvidas. Os presidentes das AM referem, ainda, que as entidades políticas seriam importantíssimas para que as AM conseguissem cimentar o seu lugar junto da comunidade, tal como sugerido pelo presidente da AM4: “o poder local podia demonstrar com atitudes, a importância das AM, não é fundá-las, dar-lhes subsídios e agora desenrasquem-se” (Ap. 13, p. 187), referindo-se a “atitudes” como envolve-los mais nas decisões, resolver questões do bairro identificadas pelas AM e até incluir no discurso as AM como elementos comunitários fundamentais para a resolução de problemas da comunidade. Posto isto, urge a necessidade de estratégias comunicativas que tenham mais impacto junto das entidades políticas e uma exposição dos problemas de forma conjunta, uma vez que o coletivo tem mais força, tal como salientado pelos presidentes das AM e moradores/as.

Algo que surgiu de forma inesperada, ao longo das conversas intencionais e durante as entrevistas, foi a visão que moradores/as e presidentes das AM tinham sobre os papéis da mulher e do homem na sociedade, existindo algumas afirmações um pouco sexistas que era importante desconstruir. Citando o presidente de uma AM, “as mulheres sócias não jogam cartas, (...) e a gente estava a pensar em fazer uma aula de zumba (...), sabes que as mulheres aderem mais a isso do que os homens” (Ap. 7, p. 129). Um outro presidente também falou na vontade de criar uma lavandaria comunitária para que “as senhoras pudessem ter um espaço de convívio”, enquanto os homens podiam estar no café, direcionando a conversa para atividades que marcam de forma estereotipada os interesses e os papéis das mulheres e dos homens. A participação de homens e mulheres nas atividades foi, assim, surgindo em várias conversas, marcadas por discursos e visões estereotipadas e sexistas na diferenciação dos papéis da mulher e do homem, constituindo

este um outro problema (P5) a considerar. Contudo, os/as moradores/as e presidentes das AM, nos momentos de reflexão sobre os problemas identificados para a avaliação do contexto, olharam este aspeto com normalidade, recusando aceitar que esta visão seja associada à discriminação baseada no género e que constitua um problema. Por isso, o P5 foi identificado apenas pelo mestrando, com base nos discursos. Numa sociedade desenvolvida, mulheres e homens podem e devem desempenhar papéis iguais e ter acesso ao mesmo tipo de oportunidades, sendo necessário identificar e reconhecer a existência de estereótipos associados aos papéis de género na sociedade, permitindo uma reflexão sobre os papéis sociais do homem e da mulher livres de preconceito e discriminação de género.

Tendo em conta os problemas apresentados, é necessário agora identificar os recursos, as potencialidades e os constrangimentos existentes no contexto, para se proceder ao desenho do projeto. Nos recursos humanos é importante conversar com os/as técnicos/as do CJ e ECJ para perceber a disponibilidade destes/as. É importante salientar que outras pessoas poderão ser envolvidas, caso seja necessário. Em relação aos recursos comunitários, como esta UFP tem uma forte presença de entidades, instituições e estruturas ao nível social, cultural e desportivo poderão também desempenhar um papel fundamental, se for possível mobilizá-las no sentido de apoiarem estas comunidades para o seu desenvolvimento. Relativamente a recursos materiais existem equipamentos nos bairros que atualmente não estão a ser utilizados e poderá recorrer-se a outros, se necessário, apelando para as instituições locais. Os espaços públicos dos bairros poderão ser apoios para a realização de ações. As sedes das AM e os respetivos equipamentos também poderão desempenhar um papel fundamental no projeto. E ainda as instalações da ADL por serem um local de fácil acesso e conhecido por todos/as.

No que concerne às potencialidades, apesar da falta de conexão entre moradores/as e AM, é possível verificar que o discurso sobre os problemas e necessidades do bairro é semelhante, isto é, a identificação dos problemas e a revolta pela sua não resolução, ou a forma como olham as necessidades são comuns, o que aponta para a possibilidade de reconhecerem que, juntos, conseguirão fazer a comunidade evoluir. O interesse demonstrado pelos presidentes das AM em modificar os seus comportamentos associativos, deixando em aberto a possibilidade de se envolverem no projeto com o objetivo de, no futuro, conseguirem aproximar-se da comunidade, porque devido ao seu amor pelo associativismo não o querem ver desaparecer. Por fim, é de

referenciar como potencialidade a vontade dos/as técnicos/as da ADL em se envolverem no projeto pela vontade que demonstraram em trabalhar com as pessoas da comunidade no terreno, saindo do trabalho mais de gabinete.

Na identificação dos constrangimentos, há a considerar o discurso popular que se centra na diferenciação/rivalidade inter-bairros, com atribuição da responsabilidade ao bairro do lado pela forma como a comunidade se encontra, o que pode dificultar as iniciativas conjuntas. Se a vontade em mudar surgiu como potencialidade, a resistência à mudança surge agora como possível constrangimento, uma vez que os/as habitantes têm dificuldade em acreditar em novos projetos, pois ao longo dos anos existiram vários neste contexto sem que resultasse em grandes transformações. O desacreditar de alguns/mas moradores/as e das AM sobre a possibilidade de modificar algumas situações nos bairros, leva à descrença pelo trabalho que poderá ser desenvolvido e à falta de vontade em participar no mesmo. A insegurança sentida pelo tráfico de droga que impede algumas pessoas de se sentirem confortáveis no local em que habitam e impede a atuação dos profissionais no terreno pela imprevisibilidade do local é também um constrangimento. Por fim, devido à forte presença policial desde o início do ano civil, a desconfiança, ansiedade, receio e o nervosismo vão aumentando, contribuindo para que os/as moradores/as não se mostrem disponíveis para conversar. Por outro lado, os/as vigilantes dos bairros vão olhando cada vez mais com desconfiança para toda as pessoas exteriores ao bairro. Esta situação pode contribuir para o impedimento da realização de algumas ações.

3. DESENHO DO PROJETO

Após a análise e a avaliação do contexto, considera-se o momento ideal para a coconstrução do desenho do projeto de forma participada, com os presidentes das AM, moradores/as e profissionais da ADL, pois, de acordo com Serrano (2008, p. 16), “a elaboração dos Projetos Sociais nasce como consequência do desejo de melhorar a realidade onde estamos inseridos”. Para isso, é fundamental envolver a comunidade na construção do projeto, para que todos/as contribuam para a melhoria desejada. Ora, através da participação na avaliação de entrada, todos/as puderam ver a sua opinião valorizada e incluída no desenho de projeto. No desenho do projeto consta a definição da finalidade, dos objetivos gerais e específicos, as estratégias, as ações e indicadores definidos para a avaliação final do projeto. No final do capítulo apresenta-se a avaliação de entrada.

3.1. FINALIDADE, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS, ESTRÁTEGIAS, AÇÕES E AVALIAÇÃO FINAL

A finalidade de um projeto apresenta-se como a motivação necessária para a ação, com uma certa utopia associada, e orienta para o planeamento das ações, conferindo-lhes também uma intencionalidade comum (Cembranos et al., 2001); surge, como fundamental para o desenvolvimento da ação, permitindo traçar uma linha de atuação daquilo que o projeto pretende obter (Guerra, 2002).

Tendo em conta os problemas e necessidades identificados, definiu-se como finalidade deste projeto: Melhorar a participação de todos/as os/as atores/atrizes locais para a resolução colaborativa das necessidades da comunidade, aumentando a qualidade de vida dos/as moradores/as. Para alcançar a finalidade, foram estabelecidos objetivos gerais (OG) e objetivos específicos (OE), que orientarão as ações a desenvolver, uma vez que lhes confere intencionalidade, ou, nas palavras de Serrano (2008, p. 44), “propósitos”, definidos de forma mais ampla nos OG e mais concretos e operacionalizáveis nos OE. Neste projeto, os OE são sempre definidos do ponto de vista dos/as sujeitos/as participantes.

Tendo em conta a finalidade deste projeto, definiram-se os seguintes OG e OE:

OG1: Promover a comunicação e a cooperação entre todos/as os/as atores/atrizes locais para a resolução de problemas e necessidades. Para este OG foram definidos dois OE, centrados nas AM, para que sejam mais capazes de: Selecionar estratégias de comunicação que permitam a aproximação entre as AM, entidades responsáveis pelo bairro e moradores/as (OE1.1); organizar espaços de partilha onde possam ser definidas novas estratégias de melhoria do território (OE1.2);

OG2: Promover o interconhecimento e as relações entre os/as moradores/as do bairro assim como uma valorização dos espaços exteriores e os equipamentos do bairro. Com os seguintes OE: valorizar e reconhecer os/as seus/suas vizinhos/as independentemente do género ou classe social e económica (OE2.1); refletir sobre o estigma associado aos/às moradores/as dos bairros (OE2.2); e utilizar e preservar as estruturas e espaços públicos do bairro para a realização de atividades, valorizando desta forma o bairro (OE2.3).

Para a concretização destes objetivos, serão utilizadas estratégias ativas e que promovam a participação de todos/as. Portanto, irão ser privilegiadas as conversas intencionais, reuniões comunitárias, GD, trabalho de grupo, debates e outras que venham a ser consideradas relevantes no decorrer do desenvolvimento do projeto. Para dar seguimento aos objetivos definidos, através das estratégias referidas, foram planeadas duas ações: Ação 1, "A comunicar é que a gente se conhece"; e a Ação 2, "Eu e o meu bairro, qual o nosso futuro?". A primeira ação permite trabalhar a forma como as AM e os/as moradores/as interagem e comunicam entre si, tentando também envolver outros/as atores /atrizes locais de forma a articular o trabalho desenvolvido e procurar respostas às necessidades identificadas pela população residente nos bairros sociais, sendo denominada desta forma com o intuito de valorizar a importância da comunicação e do conhecimento do/a outro/a para a resolução de problemas e necessidades conjuntas. A segunda ação permite o trabalho próximo com os/as jovens residentes dos bairros sociais, com a ajuda e apoio do CJ e da ECJ, com o intuito de conhecer a forma como estes/as jovens veem o seu bairro e envolvê-los na vida do mesmo, levando-os/as a refletir sobre o presente e o futuro do seu local de residência, incentivando-os/as à participação comunitária, sendo designada desta forma com a intenção de se trabalhar no presente a valorização do bairro para que, no futuro, os/as jovens

possam olhar o local onde residem de outra forma e transmitir esse olhar, tentando também que estes/as sejam promotores do interconhecimento entre moradores/as.

Relativamente à avaliação do projeto, esta será concretizada através de uma discussão em grupo com os presidentes das AM, conversas intencionais com os/as moradores/as, com os/as jovens e com os/as técnicos/as da ADL e terá ainda em conta as informações recolhidas através da observação participante. Para a análise de conteúdo dos discursos foram definidas três categorias (“Relação entre todos/as os/as atores/atrizes locais”; “Manutenção e utilização dos espaços exteriores em conforto e segurança e novos equipamentos”; e “Cooperação entre todos/as os/as moradores/as”) e respetivas subcategorias (Ap. 15, pp. 198–201).

3.2. AVALIAÇÃO DE ENTRADA

Na avaliação de entrada realiza-se uma reflexão acerca do desenho do projeto e da sua exequibilidade, tendo em conta os problemas, necessidades, recursos, potencialidades e constrangimentos identificados (Stufflebeam & Shinkfield, 1987). As AM e os/as profissionais da associação local de desenvolvimento tiveram a oportunidade de participar na avaliação de entrada, dando a sua opinião sobre o desenho do projeto, através de conversas intencionais realizadas individualmente. Relativamente à participação dos/as moradores/as nesta etapa não foi fácil recolher a sua opinião pela falta de tempo ou vontade em olhar um “papel”, tal como referem, preferem é ver as coisas realizadas. O desenho inicialmente realizado foi também objeto de análise dos/as colegas do MEIS e docentes orientadoras dos projetos de mestrado, numa das aulas da unidade curricular Seminário. A primeira versão do desenho de projeto constitui o apêndice 16 (pp. 202–205) deste relatório, sendo aqui apresentado o desenho de projeto que resultou destas reflexões.

Relativamente às estratégias selecionadas, estas serão fundamentais para a aproximação e construção de uma relação mais próxima assente na confiança e partilha de forma a incentivar a uma maior motivação pela participação e envolvimento nas ações, criando espaços de segurança e conforto para que as pessoas possam expor as suas opiniões para que seja possível construir uma relação de partilha entre todos/as os/as atores/atrizes sociais desta comunidade, permitindo que todos/as se sintam importantes no desenvolvimento do projeto, essencial

salientar que as estratégias serão flexíveis e adaptáveis. Para que, no desenrolar do projeto, se possa aproveitar novas potencialidades e recursos, bem como ultrapassar constrangimentos não contemplados inicialmente. Neste sentido e para concretizar os objetivos definidos, e de acordo com as estratégias selecionadas, a Ação 1 procura a possibilidade de uma melhor cooperação entre todos/as os/as atores/atrizes locais (AM, moradores/as, entidades políticas/administrativas) com base numa comunicação mais aberta onde todos/as possam sentir a sua opinião valorizada com vista numa melhor qualidade de vida nos bairros. Por outro lado, a Ação 2 pretende potenciar os interesses, conhecimentos e reflexões dos/as jovens moradores/as para que, desta forma, possam contribuir para uma melhor representação do bairro no presente, e conseqüentemente no futuro influenciar os/as restantes moradores/as para esta valorização do bairro, dos/as seus/suas moradores/as e dos seus equipamentos e estruturas. Em ambas as ações irá priorizar-se a utilização dos equipamentos e espaços exteriores para o desenvolvimento das ações para desta forma iniciar-se a apreciação dos elementos que compõem o bairro. As ações procuram a concretização dos OE permitindo responder aos OG e às necessidades identificadas, no sentido de contrariar os problemas identificados. Para tal é necessário que as ações consigam estimular a participação, o envolvimento, cooperação e colaboração entre os/as diferentes atores/atrizes sociais da comunidade permitindo o desenvolvimento da mesma de uma forma coconstruída. Existirá sempre lugar para a comunicação, a escuta, a partilha e a iniciativa. É fundamental ter em conta também que o envolvimento e a participação exigem um respeito pelo/a outro/a, pelo seu espaço e pelo seu tempo. Neste sentido, e no âmbito de um projeto de educação e intervenção social, considera-se que é possível caminhar para que a finalidade do projeto seja atingida, melhorando a participação de todos/as os/as atores/atrizes locais e a sua qualidade de vida.

É fundamental agora explorar as potencialidades de forma a atenuar o impacto dos constrangimentos existentes. Nas potencialidades, e de acordo com os/as técnicos/as da ADL confirma-se a vontade destes/as de se envolverem no projeto. Os presidentes das AM mostraram-se particularmente surpreendidos, de modo positivo, pela identificação de problemas e necessidades por parte deles e dos/as moradores/as, o que poderá potenciar uma reaproximação entre todos/as. Durante este processo, foi importante identificar-se, em conjunto, a existência de espaços neutros, para o desenvolvimento das ações, uma vez que, na opinião das pessoas que participaram na avaliação de entrada, a comparação entre os bairros e a valorização

de um bairro feita através da desqualificação do bairro vizinho poderiam impedir que as pessoas de bairros diferentes se juntassem e disponibilizassem para se deslocarem a determinado bairro. Embora apresentando sugestões para a construção do desenho de projeto, em março, no momento de explorar as estratégias para a fazer face aos problemas o discurso dos presidentes das AM era marcado pela pouca esperança de que as coisas pudessem mudar; por diversas vezes referiram que as pessoas que habitam os bairros não aparecem, não participam ou não acreditam na resolução dos problemas. Também, as questões do tráfico de droga e a forte presença policial, que marcam de forma significativa a vida dos/as moradores/as, serão aspetos a tomar em consideração no desenvolvimento do projeto, uma vez que poderão vir a ser condicionantes ao desenvolvimento de algumas ações e ao estabelecimento de relações mais próximas com os/as moradores/as que residem nestas zonas onde o fenómeno é mais acentuado, pelo desconforto, insegurança e clima de intimidação existentes.

De acordo com os recursos elencados, nos recursos humanos é importante a mobilização dos técnicos/as do CJ e ECJ para ser possível estabelecer relações com os/as jovens e desenvolver-se as iniciativas com o apoio destes/as profissionais. Importa também salientar que na UFP as entidades, estruturas ou instituições com responsabilidade social sempre que contactadas pelo mestrando para poderem dar o seu contributo ao desenvolvimento do projeto mostraram-se disponíveis, tal como demonstram as reuniões realizadas na CMP com uma vereadora sem pelouro ou a reunião realizada na Escola. Relativamente aos recursos comunitários foi fundamental ter conhecimento que alguns já eram mobilizadas pelas AM, tais como Escola para o desenvolvimento de ações desportivas ou lúdicas ou a ADL como parceiro para palestras em dias comemorativos como o Dia da Mulher, o que facilitaria o seu acesso durante o desenvolvimento do projeto. Por fim, os recursos físicos/materiais existentes nos bairros, assim como os seus espaços exteriores, garantem os lugares necessários para a realização das ações do projeto, sendo acrescentado nestes recursos o Parque Urbano local.

4. OS BAIRROS, O ASSOCIATIVISMO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

O conhecimento da realidade e a construção do desenho do projeto foram acompanhados por uma pesquisa teórica sobre alguns conteúdos que surgiram como relevantes para uma melhor compreensão e reflexão acerca do contexto de intervenção, bem como para a sustentação das decisões que foram sendo tomadas ao longo do desenvolvimento do projeto. No capítulo 1 do relatório foi apresentada a pesquisa efetuada sobre as questões teórico-metodológicas, surgindo agora uma abordagem teórica a alguns temas cuja necessidade de aprofundamento foi emergindo a partir da escuta dos discursos dos/as atores/atrizes locais. Por isso, neste capítulo serão abordados os seguintes temas: a vida num bairro de HS; o associativismo; e a participação comunitária.

4.1. A VIDA NUM BAIRRO DE HABITAÇÃO SOCIAL

Atualmente, vivemos cada vez mais numa sociedade dual, onde coexiste o desejo de uma sociedade integrada, onde todas as pessoas estejam incluídas, com o mesmo tipo de oportunidades, contudo, atualmente, a sociedade é fragmentada, dividindo e separando as pessoas por diversas categorias (Augusto, 1998; Carreiras, 2018; Guerra, 1994). A cidade do Porto, passa por este processo em diversas zonas onde a exclusão, a segregação, a insegurança e a violência associadas às pessoas que habitam em bairros de HS, colocados em locais desvalorizados e periféricos, perpetuam a existência de locais quase proibitivos de serem frequentados por cidadãos que habitam fora destes bairros (Guerra, 2002). Carreiras (2018) aponta os bairros sociais “como exemplos de espaços segregados do ponto de vista socioespacial, representando situações de imposição de segregação devido à concentração de populações mais desfavorecidas, sem ou com limitada capacidade de escolha do local de residência” (p.69), sendo lugares de concentração de pessoas em situações precárias e de uma multiplicidade de problemas sociais.

A ideia de bairro acarreta desde logo uma carga simbólica e uma conotação muito singular que permite uma identificação muito própria a um determinado local e a uma determinada

representação social. A forma como os bairros são construídos, distingue-os e separa-os de outros espaços, marcando desde logo fronteiras de identificação com outros lugares, tornando-os num espaço com diversas especificidades sociais, arquitetónicas e de paisagens (Augusto, 1998).

Os bairros de HS aparecem como locais excluídos e estigmatizados onde se concentram as situações sociais desfavoráveis e os grupos étnicos minoritários, onde a criminalidade e a violência também surgem diversas vezes (Carreiras, 2018). Estas zonas habitacionais são compostas por uma população frágil economicamente, com baixas qualificações profissionais e escolares, e que, portanto, ocupam uma baixa posição de prestígio social que as impede de assumir a escolha de um outro espaço habitacional, sendo relegadas para locais mais desvalorizados, intensificando a diferenciação social entre estes locais e a restante cidade (Augusto, 1998; Carreiras, 2018; Guerra, 2002; Gonçalves & Pinto, 2001; Matos, 2006).

Augusto (1998) afirma que “os bairros sociais são distintos de todos os outros espaços da cidade, quer em termos sociais, quer arquitectónicos ou de espacialização no tecido urbano, pelo que, facilmente representam situações de segregação urbana” (p.3), levando a que seja necessário refletir sobre esta segregação e sobre a construção de uma imagem negativa destes locais.

Algo fundamental a desconstruir nos bairros de HS é a má imagem que estes locais habitacionais têm aos olhos de quem não mora lá e não é confrontado com esta realidade habitacional. Os bairros são locais onde o desemprego, a presença policial, os conflitos, a criminalidade (com ênfase particular no tráfico de droga), a violência ou a insegurança, estão constantemente presentes o que acaba por garantir uma má imagem a estes locais. Mas porque será que isto acontece?

Primeiramente, esta má imagem é construída desde logo, “quando se reconhecem como beneficiários da habitação de carácter social apenas as populações mais fragilizadas” (Carreiras, 2018, p.82); ou seja, os bairros de HS são olhados como locais de inferioridade social onde as pessoas que lá moram são vistas como mais necessitadas socialmente ou economicamente, muitas vezes associados à morada das pessoas beneficiárias dos subsídios do Estado, vistas como aquelas que não contribuem de forma útil para o rendimento do Estado, levando, em termos

de representação económica e, por arrasto social, a uma divisão entre os que trabalham e pagam impostos, contribuindo para os rendimentos do Estado e os que vivem de subsídios. Estes estereótipos fabricados por generalizações abusivas estão, em parte, na origem das imagens negativas dos bairros de HS.

Seguidamente, este estigma é perpetuado pelos media através da construção de notícias apenas de acontecimentos negativos nestes locais. Gonçalves e Pinto (2001, p. 121) defendem que a “ampliação e empolamentos” destes acontecimentos “parecem assumir grande impacto. Através dos media, tais imagens não só se tornam amplamente partilhadas como atingem os bairros globalmente, estigmatizando de forma totalitária os seus moradores”, contribuindo largamente para uma visão negativa sobre estes locais de habitação. As autoras supracitadas dão como exemplo o desemprego, os comportamentos transgressivos e as atividades desviantes como notícias escolhidas para demonstrar os bairros sociais, transmitindo a mensagem de um local socialmente indesejável para morar. Guerra (1994) refere que as pessoas acabam por interiorizar esta imagem pública criada à volta dos bairros de HS, e que contribui para o preconceito e a segregação, levando muitas vezes, em nosso entender, ao auto-estigma.

Gonçalves e Pinto (2001) consideram, que a forte e constante presença policial pode também acentuar a construção de uma imagem negativa destes locais, pelo facto de demonstrar a necessidade dos/as moradores/as serem constantemente vigiados para que nada de mal aconteça nestes locais, contribuindo para a ideia de que são espaços de uma certa imprevisibilidade no surgimento de acontecimentos negativos que coloquem em causa a segurança de todos/as e de que são espaços habitados por “bandidos/as”.

Atualmente, por exemplo, assistimos a uma força política que fortalece a sua comunicação e o seu percurso político através de um discurso preconceituoso contra os/as moradores/as dos bairros sociais e contra os/as beneficiários/as de RSI, criando uma narrativa apoiada em mentiras como que alguns/mas moradores/as dos bairros de HS recebem uma casa “dada ou a valores de renda naturalmente simbólicos, mas em contrapartida, num comportamento de todo e em todo incompreensível, têm à porta dessa mesma casa carros de alta cilindrada ou apresentam diariamente sinais exteriores de riqueza de vária índole” (Vitorino, 2020), contribuindo para uma narrativa de que nos bairros sociais só existem pessoas que contornam o sistema, de modo a

lucrar dele, e colaborando para uma maior estigmatização dos/as moradores/as dos bairros sociais.

Por outro lado, estes conjuntos habitacionais também são olhados como bandeiras de campanhas políticas, nas quais as promessas de melhores condições estão sempre presentes e, de vez em quando, nessas alturas, surge a construção de um jardim, de um parque, de equipamentos desportivos ou procede-se a alguma requalificação habitacional. Contudo, muitas vezes, estas são intervenções pontuais, sem alterações estruturais para que as pessoas tenham melhores condições de habitabilidade, e estas ações não se traduzem em melhor organização por parte dos/as moradores/as, na partilha de espaços ou criação de laços de vizinhança para melhor viverem em comunidade, tal como não são eficazes no combate ao estigma. Os/as moradores/as acabam por nunca sentir os espaços exteriores onde moram como seus, ao ponto de os valorizarem e tratarem como o interior da sua habitação (Matos, 2006).

Em diálogo com uma senhora moradora num dos bairros onde o projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz” foi construído, ela confidenciou “sabe, não vale a pena colocarem aqui coisas enquanto as não soubermos tratar”, reforçando a ideia de Matos (2006) de que é necessário a construção de um bairro para todos/as, realizando este trabalho com todos/as, para que todos/as desenvolvam um sentimento de pertença e se apropriem dos espaços, utilizando-os e cuidando deles.

Gonçalves e Pinto (2001), tal como Guerra (2002), sublinham os bairros sociais como um “mundo à parte”, onde a outra população não entra, porque existe uma representação negativa dos restantes habitantes da cidade para com estes locais, o que os torna lugares pouco desejáveis para visitar, morar, conviver ou para conhecer e saber mais. Esta representação condiciona as práticas de sociabilidade, para além de que as autoras ainda referem que esta segregação acaba por desenvolver nas pessoas um sentimento de inferioridade que as impede, em algumas situações, de reivindicarem os seus direitos junto da comunidade exterior, instituições locais e do planeamento urbano e territorial por não se sentirem merecedoras de tais situações (auto-estigma). Augusto (1998) defende que, para além do não envolvimento dos/as moradores/as em questões sociais, o facto dos bairros estarem situados em locais estratégicos das cidades, longe do centro, muitos deles com ruas de acesso que não levam a mais lado nenhum, faz com que estejam distanciados dos locais de tomada de decisões, o que leva a uma falta de participação na

cidade. A “má fama” dos bairros sociais leva a que alguns/mas moradores/as não partilhem o lugar onde moram, de forma a evitar julgamentos do/a outro/a e serem rotulados com a má imagem que existe associada a um/a morador/a de um bairro de HS (Gonçalves & Pinto, 2001; Moreira, 2015). Carreiras (2018) acrescenta, ainda, que se encontra bem patente nas perceções dos/as moradores/as e nas estratégias de intervenção social direcionadas para aqueles locais a má imagem associada aos bairros sociais.

Outra das especificidades dos bairros sociais, de que tivemos conhecimento através dos contatos com os/as participantes do projeto, é a rivalidade entre bairros. Esta característica ficou bem ilustrada aquando da análise do contexto de desenvolvimento do projeto, isto é, e a título de exemplo, a UFP tem uma zona onde existe num curto espaço geográfico cinco bairros sociais, os/as moradores/as de cada bairro acabam por justificar o mal-estar da zona com acontecimentos nefastos que referem acontecer nos outros bairros. Gonçalves e Pinto (2001) corroboram esta afirmação, referindo que os/as moradores/as de um bairro social preferem desvalorizar os acontecimentos, dizendo que já foi pior, poderia ser pior ou há outros bairros bem piores, contribuindo para a defesa da imagem do local onde moram, de forma a tentarem suavizar a imagem que os/as outros/as têm desse lugar.

Atualmente, nos bairros sociais assiste-se também a uma falta de espaços de lazer e socialização, e viver num local carenciado de estruturas de convívio desencadeia uma maior dificuldade em desenvolver determinadas competências sociais e instala uma monotonia diária nos/as moradores/as, na opinião de Augusto (1998), sendo que isto se reflete nas relações entre os/as habitantes. Portanto, nos bairros de HS “as relações de vizinhança confinam-se essencialmente ao prédio, ou mesmo ao andar” (Augusto, 1998, p.13), isto é, as interações caracterizam-se pela proximidade entre habitações. Os bairros sociais, devido à ausência de estruturas de convívio, de serviços localizados nos bairros e, muitas vezes, pelo facto dos/as moradores/as não se apropriarem dos espaços exteriores, não facilitam a criação de relações de proximidade entre moradores/as de blocos distintos.

Importa salientar que os bairros de HS surgiram para dar resposta às carências habitacionais de uma população economicamente mais vulnerável, contudo e com a urgência da resposta a nível habitacional, as questões relacionais ficam esquecidas, surgindo a dificuldade de os/as

moradores/as se identificarem com os espaços que habitam, devido, em grande parte, como já referido, às imagens e representações negativas associadas a estes lugares (Augusto, 1998). A não identificação com o lugar pode levar a que o/a morador/a se refugie apenas na sua casa e mantenha laços apenas com a sua família (Augusto, 1998). Um dos grandes motivos que surge para a não identificação com bairro é, como já referido por Augusto (1998), a imagem negativa exterior que afeta o/a morador/a do bairro, levando a que este/a tente ao máximo descolar-se dessa representação. A ausência de identificação com outros/as moradores/as e com o contexto que se habita esteve bem presente nas palavras dos/as moradores/as dos bairros onde o projeto foi desenvolvido, frases como: “não vou ao passeio porque vai o vizinho X”; “está a ver, aqueles só bebem cervejas, como me vou relacionar com eles?”; “está tudo sujo, ninguém respeita nada”; “antes ainda vinham cortar os jardins e colocar umas flores, agora está tudo feio”; “olhe para os ringues, todos vandalizados” são alguns dos exemplos desta ausência de identificação e de cuidado pelos espaços exteriores.

É necessário, por isso, promover a criação de comunidades coesas, participativas e ativas, de forma a desconstruir a conotação negativa que rodeia os bairros de HS porque, segundo Elvas e Moniz (2010, p. 452), o “envolvimento em torno dos problemas comunitários numa localidade específica contribuem, significativamente para o aumento do sentimento de comunidade e identidade lugar”. Envolver a comunidade no dia a dia e nas decisões do bairro é permitir que se sintam pertencentes ao lugar. É também necessário modificar discursos, promover a criação de espaços de convívio para os/as moradores/as dos bairros e para os/as outros/as habitantes da cidade para que surja uma troca de experiências, aprendizagens e partilhas (Augusto, 1998). Os bairros de HS têm de ser mais que “atribuição de fogos”, como diz Augusto (1998), é necessário dar importância a estas comunidades, envolver os/as moradores/as para que estes/as sintam estes locais como seus e garantir a importância necessária às associações que representam estas comunidades.

Urge a necessidade de que as entidades governamentais locais e nacionais contribuam para a diminuição da segregação, tornando as cidades mais inclusivas e globais de forma a terminamos com a ideia de morador/a de local X e morador/a de local Y e a englobar-se apenas moradores/as da cidade X ou Y (Guerra, 1994); para tal, é necessário ultrapassar a ideia de que realojar ou fornecer uma habitação a uma renda mais acessível é suficiente, quando não é, ou esta

marca passa a representar a pessoa na sua totalidade. O que é necessário é tornar os bairros sociais locais mais atrativos que permitam acessibilidade a diversos equipamentos da comunidade, que tenham uma rede de transportes próxima, que permitam o convívio e as relações entre vizinhos porque, tal como refere Elvas e Moniz (2010, p. 453), “a ausência do sentimento de comunidade num bairro leva à solidão e ao isolamento”. Por outro lado, importa investir nas mudanças que permitam também às pessoas não se sentirem colocadas em *ghettos* marginalizadas da restante sociedade e que tenham o apoio necessário (Matos, 2006), para que vivam melhor e partilhem o seu espaço de morada como lugar que faz parte da cidade e aberto a todos os outros espaços citadinos. Um espaço sociocultural onde acontecem coisas (e.g., festas, romarias, encontros artísticos e literários) que abram os bairros sociais e seus moradores a novas representações.

4.2. ASSOCIATIVISMO

Quando no capítulo anterior se salienta a importância de ouvir os/as moradores/as, envolvê-los/as nas decisões do bairro e permitir uma participação ativa, o movimento associativo surge aqui com grande importância para garantir que os pedidos, reivindicações ou preocupações possam chegar às entidades superiores e, portanto, é relevante esclarecer alguns conceitos associados a estes movimentos.

O associativismo surgiu como forma muito particular de ligação e de referência da população ao local e, segundo Rodrigues e Meireles (1991), tem vindo a demonstrar uma grande vontade de se adaptar às mudanças que vão surgindo, de forma a dar resposta às aspirações e necessidades da população que representam, mas apresentando uma enorme dificuldade em conseguir a adaptação desejada e um papel relevante onde estão inseridas. Os mesmos autores acrescentam, ainda, existir um desinvestimento associativo, também verificado no contexto onde o projeto se desenvolveu, sendo demonstrativo através da falta organização de eventos culturais, lúdicos ou desportivos e de participação social, levando ao conseqüente desinteresse da população pelos movimentos associativos. As próprias AM, constituídas originalmente para contribuir para o desenvolvimento da vida no bairro parecem desinvestidas do seu papel. Este aspeto foi referido nas conversas intencionais realizadas com os/as técnicos/as da ADL que referiram esta incapacidade das AM se atualizarem e, por consequência, serem úteis ao

desenvolvimento da vida no bairro, ditando um afastamento com os/as moradores/as. Monteiro (2004) salienta que a incapacidade dos movimentos associativos se atualizarem é também devido à tendência atual da sociedade que caminha para dois polos considerados fundamentais, o Estado e o mercado, afastando os movimentos associativos para a margem das decisões, questões ou tensões que afetam a sociedade. Realça-se um aspeto evocado num capítulo anterior do relatório, aquando da avaliação do contexto, onde se refere que os/as habitantes dos bairros mantêm-se desacreditados/as em relação às AM pela sua inoperância na resolução dos problemas.

Interessa observar agora, criticamente, o que acontecia no contexto do desenvolvimento do projeto aqui relatado. Durante os primeiros encontros com alguns/mas dos/as moradores/as dos cinco bairros de HS, ficou claro que a sua visão acerca das AM não era consensual, isto é, enquanto a população mais envelhecida via na AM um organismo que a representa, os/as mais jovens, por outro lado, não davam grande importância ao trabalho desenvolvido, indicador da necessidade das associações se aproximarem da população mais jovem. Contudo, o não envolvimento das pessoas, em geral, nas AM realça a importância das associações terem capacidade para se adaptarem às mudanças sociais e às necessidades dos/as mais jovens, transformando o seu modelo de comunicação e tornando mais visível o seu papel, para que daqui resultem novas configurações de participação.

Talvez seja necessário que, desde cedo, se estimule a participação dos/as jovens nas AM de forma que tenham, nas palavras de Albuquerque (2010), um “contacto precoce com experiências associativas ou cívicas”, o que “também pode funcionar como estímulo para manter alguma forma de colaboração em idade adulta, compensando a redução da disponibilidade de tempo que acompanha o ciclo de vida” (Albuquerque, 2010, p.106). Envolver os/as jovens na resolução dos problemas dos bairros sociais, ouvindo as suas ideias e opiniões de forma que se sintam respeitados, importantes e como parte da resolução dos problemas é uma forma de incentivar a sua participação e o desenvolvimento de laços e de movimentos colaborativos. Esta ação é fundamental para que se consiga fomentar um gosto pela participação associativa. Ferreira (2011) refere a importância da escola e dos meios virtuais (televisão, internet ou jogos) se tornarem ferramentas propícias ao desenvolvimento de características de participação associativa, para que

um mundo tendencialmente frequentado por adultos tenha também a participação jovem, porque as crianças e jovens são cidadãos/ãs do hoje e não apenas do futuro.

Outra das dimensões associativas é a relação com o poder político. Capucha (1990) refere a forma cuidadosa como se deve gerir esta relação; contudo, menciona a importância de se estabelecer relações próximas de forma a poder utilizar-se recursos que o poder político tem em prol do melhoramento da comunidade. Vilaça (1991) acrescenta ainda que, existindo um esforço por parte das AM para intervirem na comunidade maximizando todos os seus recursos, é necessário que o poder político local entenda estas atividades como algo complementar e não como concorrentes, prestando o apoio necessário à realização das mesmas. Luchmann (2014) alerta para a necessidade de nunca se descurar o bem e o interesse comuns, para que os membros de uma associação não sejam corrompidos pelo prestígio e o poder que a pertença a uma associação lhes pode dar, sendo fulcral nunca se perder o objetivo da associação. Ainda relativamente a este assunto, Ferreira (2011) permite uma reflexão sobre a necessidade de as associações pedirem subsídios para que consigam colocar os seus projetos em andamento, o que muitas vezes condiciona a sua postura relativamente aos poderes políticos locais.

Vilaça (1991) fala das AM como organizações capazes de reivindicar direitos dos/as moradores/as que representam, estando na linha da frente na defesa dos direitos e deveres dos/as moradores/as, organizando as populações para melhorar as suas condições de vida. A autora refere, no entanto, a dificuldade de envolver os/as moradores/as nas atividades da associação, desde reuniões, festas, entre outras atividades de cariz associativo. Acrescenta ainda o discurso demasiado politizado que existe nas AM o que pode ditar o afastamento da população, pois, tal como Lima (2003) sugere no seu trabalho, “a participação democrática direta tem que se articular, nas sociedades complexas de hoje, com a representação” (p.55), contudo, se quem os representa, tornar o seu discurso semelhante a quem anteriormente os/as esqueceu, o afastamento entre AM e moradores/as irá crescer significativamente.

Quando se fala de associações, é também fundamental analisar o modelo comunicacional utilizado para a escuta entre todos/as, para perceber problemas e necessidades, para dar a conhecer os seus projetos, intenções, angariar sócios/as e parcerias ou conseguir transmitir os seus objetivos, bem como para negociar formas de resolver os problemas. Cerqueira (2019) refere

que é necessário que a comunicação seja objetiva e direcionada para que as pessoas se consigam identificar com a mensagem, garantindo a esta credibilidade e visibilidade; posto isto, é necessário não descuidar o planejamento de estratégias de comunicação porque “as associações são, essencialmente, espaços relacionais e comunicacionais” (Ferreira, 2011, p.128). A comunicação e as relações têm uma importância forte no desenvolvimento e funcionamento das associações.

Coelho (2008, p. 4) afirma que as AM “reúnem indivíduos interessados em efectivar a sua condição de cidadãos de uma forma activa, isto é, que pretendem agir e intervir na sociedade procurando, deste modo, transformá-la”; portanto, os membros de uma associação devem estar empenhados em transformar as relações e a desenvolver com a população um sentimento de comunidade. Elvas e Moniz (2010) referem que o sentimento de comunidade é fundamental para estabelecer prioridades e identificar necessidades, valorizar os bairros e a cidade, delinear e avaliar as intervenções sociais e fortalecer os laços da população, valorizando as especificidades e características do indivíduo, respeito a singularidade de cada pessoa que compõe a comunidade independentemente da sua profissão, etnia ou estrato social.

Capucha (1990) realça como as AM contribuíram para a emancipação dos denominados “excluídos”, isto é, através das associações estes conseguiram expressar os seus interesses, sentirem-se representados/as e negociar com as organizações que detêm o poder, tendo assim, através dos/as seus/suas representantes, uma participação ativa na sociedade. O mesmo autor refere ainda que através do associativismo os “estigmatizados” podem alcançar os seus direitos de cidadania, de promoção social, melhorar as condições de vida e contribuir, por fim, para a integração social. Luchmann (2014, p. 163) acrescenta ainda que “o papel das associações para o desenvolvimento dessas virtudes democráticas – cooperação, confiança, comunicação e espírito público – é central”, cimentando a importância das associações na construção de uma sociedade mais participada e ativa, combatendo a segregação e a estigmatização dos/as moradores/as de bairros de HS, assegurando que estes veem os seus direitos comunitários e individuais respeitados e valorizados.

O movimento associativo desempenha, desta forma, um papel fundamental na comunidade, pois poderá fomentar “um maior sentimento de identificação e uma maior autoconfiança, facilita as relações sociais, combate a solidão e o anonimato contribuindo para o aumento da qualidade de

vida e bem-estar individual” (Elvas & Moniz, 2010, p.452). Quer dizer que o movimento associativo contribui para um espírito comunitário que melhore também o bem-estar individual do/a morador/a, através de “projectos colectivos mobilizadores, quer de opinião e reivindicação, quer de colaboração em soluções progressistas para reduzir as injustiças e os processos marginalizadores e ampliar a participação e o gosto pela vida na cidade e recriação da sua identidade” (Fernandes, 2002, p.113), incentivando o sentimento de pertença e agrado relativamente ao local onde habitam.

As AM, tal como o nome indicia, são associações constituídas por moradores/as e Capucha (1990) diz que, por norma, os/as moradores/as eleitos/as são aqueles que apresentam maior escolaridade, com mais rendimentos e posição social mais elevada, o que parece manter uma certa estratificação social dentro do próprio bairro, podendo indicar que os/as moradores/as que apresentam mais fragilidades económicas ou sociais poderão ser considerados/as, e considerarem-se, como não merecedores/as (como incapazes) de representar a comunidade.

As especificidades da sociedade atual dificultam os movimentos associativos para defesa do coletivo: muito centrada no “eu”, com uma grande predominação do individualismo e despreocupação relativamente aos problemas, fragilidades ou necessidades que afetam os/as outros/as, dificulta o trabalho centrado no bem comum, algo salientado por todos os presidentes das AM entrevistados. Mas é aqui que as AM têm de desempenhar um grande papel. Estas devem ser capazes de unir uma comunidade com atividades que sejam de interesse comum, transcendendo o individualismo através das relações entre todos/as (Elvas & Moniz, 2010). Emerge a necessidade de desenvolver capacidades e competências de participação e criar espaços de possibilidade para a participação das pessoas, já que, como indica Viegas (2014), referindo-se à participação, os “indivíduos mais participativos, desenvolviam, a nível pessoal, valores e normas de cidadania, e, a nível nacional, criavam as condições para o escrutínio das instituições e dos agentes políticos” (p.39). A participação permite aos indivíduos o desenvolvimento de capacidades para o exercício de uma cidadania ativa e consciente, marcada por valores e princípios éticos, e para a participação na sociedade de forma mais ativa e acentuada, refletindo criticamente sobre o poder social e político, na defesa dos direitos de todos/as e de cada um/a, contrariando desta forma o individualismo.

Em suma, com a participação no dia a dia associativo “as populações conseguem fazer representar-se junto das organizações do poder, promovendo desta forma a democracia participativa e introduzindo uma correcção à democracia representativa” (Vilaça, 1991, p.185), assumindo uma postura muito mais ativa na comunidade e na resolução dos problemas que a afetam. Fernandes (2002, p.113) acrescenta ainda que “o movimento associativo está confrontado com problemas e desafios, mas igualmente com oportunidades únicas” e que este deve ser constituído “como eixo fundamental para aprofundar a democracia e encorajar a solidariedade, quer a nível local, quer a nível global”. Deste modo, o movimento associativo contribui para uma comunidade mais solidária, mais próxima e preocupada com o/a outro/a e, deste modo, para o estabelecimento do sentimento de comunidade e de pertença ao grupo.

O associativismo deve ser associado a “um pensamento e a uma ação de resistência, de rebeldia e de afirmação de alternativas; de promoção de igualdades e equidades, de promoção da inclusão e coesão sociais; de revitalização da cidadania democrática; de salvaguarda a dignidade humana” (Ferreira, 2011, p.138); o associativismo deve causar impacto, de forma a construir-se uma sociedade socialmente mais justa.

4.3. PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

A vida no bairro e o associativismo exigem um olhar sobre o conceito de participação comunitária, pois é através desta que os/as moradores/as de um bairro conseguem ter voz ativa e participativa nas decisões. Montero (2004) define a participação comunitária como “um processo organizado, coletivo, livre, inclusivo, no qual há uma variedade de atores, atividades e de graus de comprometimento, que se orienta por valores e objetivos compartilhados, em que realizações, transformações comunitárias e individuais acontecem” (p.109), valorizando as mudanças coletivas e individuais que uma participação comunitária pode proporcionar às pessoas. Elvas e Moniz (2010) acrescentam que “a participação comunitária não se resume apenas a um suporte ou ajuda entre membros de um determinado grupo, envolve também o seu contributo efectivo nas decisões com impacto na mudança social” (p.452), referindo que esta deve ser transversal a várias dimensões da vida no bairro: à qualidade habitacional, à segurança, ao ambiente, ao desporto, entre outras, exigindo que as pessoas possam fazer a diferença com decisões que provoquem a transformação no local onde residem.

Para falar de participação comunitária é necessário refletir sobre dois conceitos apresentados como distintos, mas que surgem muitas vezes interligados: participação social e participação comunitária, que partilham desde logo a palavra participação que Lima (2003) define como “um direito e dever de cidadania, derivado da responsabilidade que a todos cabe de construir a comunidade” (p.439). Jara (1999) começa por distingui-los, definindo participação social como “envolvimento dos diversos *atores sociais* na vida social, económica e política, mediante mecanismo e canais que permitam entrar e influir na esfera decisória, na qual se define a direção que vai tomar o processo de desenvolvimento” (p.174); por outro lado, define participação comunitária como um “envolvimento direto de pessoas *pobres* nas decisões locais, criando capacidades de autogestão e fomentando microdemocracia” (p.174). Sorj (2016) corrobora esta afirmação, esclarecendo que

poucos anos atrás entendia-se por participação comunitária movimentos de protesto e de defesa de direitos sociais, mais recentemente, essa noção ganhou um novo significado que se refere à integração de moradores/as de bairros pobres em projetos que visam o desenvolvimento social de suas localidades (Sorj, 2016, p.110).

Contudo, apesar de perceber e entender a distinção proposta por Jara (1999), devo referir que, na minha opinião, a participação social poderá de alguma forma englobar a participação comunitária, sendo esta mais local e próxima, mas podendo também traduzir-se em mudanças sociopolíticas importantes. A participação comunitária tem a sua origem nos movimentos sociais e populares como uma forma de expressar a insatisfação por uma sociedade pouco igualitária e pela exigência de melhores condições sociais, laborais e económicas melhores (Estanque, 1999), contudo não tem de se limitar à participação dos “pobres”, mas envolver todos/as os/as atores/atrizes sociais, independentemente do seu estatuto socioprofissional e económico, num movimento de defesa pelos direitos sociais e humanos e na sua integração sociocomunitária e na possibilidade de todos/as participarem no desenvolvimento da comunidade, como defende Lima (2003). Ainda nesta distinção, importa refletir que a participação comunitária emerge da necessidade de uma participação que valorize todas as opiniões independentemente da classe social ou económica e, portanto, surge como uma possibilidade das classes mais pobres terem a oportunidade de ter uma voz mais ativa e forte na transformação da sociedade onde estão integradas, apesar de

terem pouca visibilidade e de lhes ser negado o seu potencial transformador, por medidas exclusivamente assistencialistas.

Ao falar deste conceito é necessário também refletir sobre o papel político local e central. Atkinson (1998, p. 146) diz que é necessário “reconhecer o direito legítimo das populações locais de participar como parceiros no estabelecimento da agenda de regeneração” para que, dessa forma, o diálogo seja permanente e aceite por estas estruturas, para que as modificações a serem realizadas tenham a participação de todos/as. Atualmente, no contexto de desenvolvimento do projeto “Eu, o Bairro, Nós e Voz”, este reconhecimento não acontece, pois, o poder político, a CMP ou UFP, não envolve a comunidade, apenas a informa do que já está planeado e será realizado, não atendendo às opiniões dos/as moradores/as.

Martins (2002) traz uma reflexão fantástica acerca de dois temas que também surgiram nas entrevistas realizadas aos presidentes das AM dos cinco bairros onde o projeto foi desenvolvido, e que é necessário analisar quando se fala de participação. Em primeiro lugar, o autor salienta que o facto de uma reunião não ter pessoas “pode não expressar desinteresse, mas ser um indicativo importante de que o seu conteúdo não foi perfeitamente entendido ou aceite” (Martins, 2002, p.53), e na segunda reflexão, o autor refere que não se deve olhar a participação pela sua quantidade, mas sim qualidade. Ora, ao longo das entrevistas, várias vezes os entrevistados salientaram que os/as moradores/as “não queriam saber, porque não iam às reuniões”, sem questionamento sobre o modo como estas eram divulgadas ou preparadas, se os temas das reuniões eram importantes para os/as moradores/as.

Montero (2004) enumera vários benefícios que a participação comunitária traz às pessoas: compromisso, exercício da cidadania, aumento da responsabilidade social, socialização entre pares, mobilização para ações políticas, permite à pessoa desenvolver a consciencialização para determinados assuntos, potencia a colaboração, a solidariedade, desenvolve a confiança no outro e nas relações, aumenta a autoestima, permite o surgimento de novos resultados, ideias ou ações, permitindo ao ser humano explorar várias características pessoais que até ao momento poderiam estar esquecidas e colocar estas mesmas características em prol de ações de melhoria coletiva.

Apesar da enumeração dos vários benefícios da participação, Lima (2003) já nos falava da dificuldade que seria a participação concretizar-se como presença ativa nas tomadas de decisões, devido ao caráter mais individualista, impessoal e anónimo que definia a sociedade, predominando os modelos económicos e administrativos e colocando em segundo plano a comunicação e interação, que são fundamentais para a existência da participação.

Montero (2004) acrescenta ainda que a participação poderá ser influenciada por tendências políticas, religiosas ou quaisquer outras, e que estas poderão bloquear, desviar ou interferir com a qualidade participativa em áreas fundamentais de uma comunidade, como a saúde ou organização social; contudo, a autora enfatiza que para existir participação comunitária é necessário que exista um encontro de vontades, decisões e reflexões entre todas as instituições, entidades e associações externas à comunidade e respetiva associação representativa da mesma, para que seja possível que a comunidade se fortaleça e desenvolva.

Em suma, a participação comunitária deve permitir que todos os membros de uma comunidade possam expressar-se e sejam escutados, possam ter um papel ativo nas tomadas de decisão, sendo elementos participativos e codecisores sobre as mudanças a realizar na sua comunidade. A participação comunitária, permite ainda um exercício da cidadania de cada um/a, em igualdade de circunstâncias e num ambiente seguro, potenciando as competências de todos/as. Talvez assim, através da participação comunitária e pelo facto de todas as pessoas poderem livremente participar na transformação da sua comunidade e, conseqüentemente, na melhoria da sua qualidade de vida, possam sentir-se mais integradas e identificadas com os locais que habitam. Sendo as AM ótimos recursos para potenciar a participação comunitária, neste projeto, a partir da avaliação do contexto e do desenho efetuado, pretende-se que estas possam adaptar-se ao seu contexto de atuação, estabelecendo a ligação com os/as moradores/as, e serem forças representativas destes/as, com o objetivo de melhorar as condições de vida nos bairros, envolvendo os/as moradores/as na construção de soluções para que, desta forma, consigam ser um coletivo mais forte que valoriza a comunidade onde vive e com a qual se identifica.

5. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Neste capítulo é apresentado o desenvolvimento das ações do projeto. As mesmas são descritas, realizando-se uma interpretação dos acontecimentos e avaliando a sua eficácia e o seu impacto, para que seja possível perceber se o projeto decorreu como planeado, explicando também estratégias que correram menos bem. Valoriza-se os discursos dos/as participantes e o respeito pelo seu espaço e tempo, não permitindo que o desenvolvimento das ações se sobreponha à vontade dos/as participantes. As ações descritas foram desenvolvidas entre os meses de abril e o mês de agosto de 2022, embora o projeto continue para além da data da escrita deste relatório, determinada pelo calendário académico. A avaliação do processo foi realizada a partir das conversas intencionais mantidas com os/as participantes, no final de cada iniciativa ou encontro, de forma a aferir procedimentos, estratégias e resultados e, até, a possível necessidade de outras iniciativas que não estivessem inicialmente previstas.

5.1. AÇÃO 1 – “A COMUNICAR É QUE A GENTE SE CONHECE”

A ação “A comunicar é que a gente se conhece” contemplou encontros sistemáticos e periódicos com moradores, presidentes e outros membros das AM, nos bairros, na escola, e nas instituições locais, bem como diversas iniciativas, tais como: reuniões exploratórias (na Domus Social, com uma vereadora sem pelouro da CMP, na Escola Básica e Secundária); a construção e colocação de caixas de sugestões em cada um dos bairros; reuniões comunitárias. A ação 1 visou responder ao OG1 e respetivos OE. Iniciou-se em abril, na continuidade dos primeiros contactos estabelecidos, com os objetivos de conhecimento dos bairros e dos/as moradores/as, bem como para a criação de um clima de confiança, e terminou em julho.

O início do desenvolvimento desta ação é marcado pela realização de reuniões comunitárias com uma vereadora sem pelouro da CMP, na Escola Básica e Secundária e na Domus Social, podendo do apêndice 17 ao 19 (pp. 206-210) encontrar as descrições das mesmas. Dessa forma iniciou-se esta iniciativa estabelecendo contacto com as forças políticas da autarquia (Ap. 20, pp. 211-212), uma vez que se pretendia conhecer a opinião destas sobre o local de desenvolvimento do projeto,

bem como o que já foi realizado neste local com vista a melhoria da qualidade de vida, bem como a disponibilidade destas para se envolver no desenvolvimento do mesmo. De seguida, em conversa com uma profissional da ADL, pensamos contactar a escola básica e secundária localizada num dos bairros, sendo que esta mesma colega se prontificou a estabelecer o contacto, pela relação de proximidade que mantinha com as colegas da escola (Ap. 21, p. 213). A primeira reunião aconteceu no dia 19 de abril, na CMP, com uma vereadora sem pelouro. Neste mesmo dia, no período da manhã esta vereadora tinha apresentando um projeto de emergência social para estes bairros, delineado com o objetivo de atenuar o tráfico de droga nesta UFP (Ap. 22, pp. 214-215), que foi reprovado, sendo que a vereadora justifica a reprovação com razões partidárias. Desta reunião é de salientar a disponibilidade da vereadora para ouvir os/as moradores/as e AM e participar de forma colaborativa em futuras ações do projeto que estava a ser desenvolvido, mostrando-se interessada em, se necessário, estar presente em algumas das iniciativas que viessem a ser concretizadas. Apesar de toda esta disponibilidade, é de referir que as AM, quando informadas acerca desta reunião, não se mostraram muito interessados na presença desta vereadora, por ser alguém que eles consideram não ter poder suficiente para satisfazer as necessidades dos/as moradores/as.

No dia 27 de abril, surgiu a possibilidade de reunir na escola com as duas psicólogas da escola, contando ainda com a presença da colega da ADL que estabeleceu o contato inicial. Nesta reunião é de sublinhar a vontade da escola em desenvolver um papel com maior importância e responsabilidade junto dos bairros. Neste encontro foi referido diversas vezes a necessidade de ligar a escola à comunidade, e vice-versa. Salientando-se que a escola é um meio de transformação social, será muito importante junto dos/as jovens, adultos/as no futuro, mas também cidadãos/ãs agora, trabalhar a forma como veem o local onde residem e potenciar a sua visão crítica sobre as necessidades, problemas, potencialidades, constrangimentos e recursos das pessoas e dos lugares, formando em conjunto sinergias importantes para a mudança e podendo causar um impacto positivo na comunidade. Era importante envolvê-los/as e incentivá-los/as, desde cedo, numa participação comunitária mais ativa.

No dia 9 de maio de 2022, realizou-se reunião, na Domus Social que surgiu através do encaminhamento da vereação do urbanismo e espaço público da CMP, na sequência do email enviado para todas as forças políticas da autarquia (Ap. 23, p. 216). De modo a preparar esta

reunião foi-me solicitado o envio de um resumo do trabalho desenvolvido com as comunidades até àquela data (Ap. 24, pp. 217-218). Na reunião fiquei com a sensação que existe um certo distanciamento entre esta empresa habitacional e os/as moradores/as dos respetivos bairros, uns/umas lamentam o facto dos seus problemas não serem resolvidos, outros/as lembram a importância de serem pacientes para obterem respostas, sendo possível perceber que a comunicação informativa dos problemas por parte moradores/as e a comunicação informativa da resolução dos mesmos ou de futuros projetos por parte da Domus Social é um grande impedimento para que surja uma relação mais colaborativa e participativa de todos/as estes/as atores/atrizes e que estabeleçam uma relação de maior proximidade. Seria, talvez útil a esta empresa municipal autonomizar as AM e os/as moradores/as para que consigam realizar pequenos projetos nos espaços exteriores do bairro ou dentro das próprias habitações sem estarem dependentes do contributo ou autorização da Domus Social, sendo perceptível através do discurso presente na reunião que atualmente tal não é possível nem é projetado ser modificado. É de destacar a disponibilidade demonstrada por esta empresa, na reunião, tal como aconteceu na escola e na conversa com a vereadora da CMP, em participar em iniciativas junto dos/as moradores/as e das AM que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida nos bairros. Estas reuniões que tinham como objetivo perceber o papel da autarquia e de entidades, como a escola, junto dos/as moradores/as dos bairros, sendo que ficou perceptível um desconhecimento dos problemas e necessidades da população, que pode ser justificado pela falta de contato próximo com estas pessoas, sendo que todos/as verbalizaram a sua disponibilidade para participar no futuro desenvolvimento do projeto, tal não se verificou em pleno, conforme será explicado mais a frente, o que indica a necessidade de uma maior e melhor articulação entre estas entidades, as AM e os/as moradores/as

No período de 2 a 11 de maio, foi sugerido, individualmente, a cada uma das AM a colocação de caixas de sugestões, com o título "Melhora o teu bairro", equipadas com um bloco e uma caneta, em cada um dos bairros. Apenas o presidente da AM do B1 decidiu que não seria necessário colocar o bloco e a caneta, dizendo que os mesmos desapareceriam rapidamente do local onde colocados (Ap. 25, pp. 219-223). No B4, a caixa de sugestões ficou desde cedo sem bloco e caneta, contudo, os/as moradores/as com a AM repuseram o material (Ap. 26, p. 224). Quanto ao local de colocação das caixas, nos bairros 1, 2 e 4 as caixas ficaram na zona exterior. Esta situação suscitou algum questionamento por parte dos respetivos presidentes, sendo que queriam saber

se estas não seriam destruídas ou vandalizadas. Já nos bairros 3 e 5 as caixas ficaram dentro de cafés situados nos bairros. Quando lançada a sugestão individualmente aos presidentes das AM, entre o mais e o menos entusiasmado e o mais e menos resistente todos se acabaram por envolver na iniciativa. As caixas de sugestões foram pensadas como uma estratégia comunicacional diferente, contudo também existiu a intenção de poderem ser um objeto que fosse diferenciado no espaço exterior do bairro e que chamasse a atenção das pessoas, portanto a caixa foi decorada com recortes de texto de jornal/revistas e colado um papel para informar o tema da caixa, esta também foi plastificada para, desta forma, estar protegida de condições meteorológicas adversas. O presidente da AM1 e AM5 quiseram colocar o logotipo da sua AM, os restantes 3 presidentes optaram por não modificar nada na caixa. Com as caixas de sugestões pretendia-se que os/as moradores/as dessem sua opinião destes relativamente ao bairro e até a própria AM, por outro lado, incentivar as AM a utilização de uma estratégia comunicacional diferente do realizado até agora tentando desta forma uma aproximação aos/às moradores/as.

As caixas de sugestões foram colocadas nos bairros com o acompanhamento dos presidentes das respetivas AM, sendo estes responsáveis pela escolha do lugar onde colocar, mas procurando junto dos/as moradores/as que encontravam ouvir a opinião destes/as sobre o melhor local para as pôr, o que mostra uma preocupação destes em tentar envolver os/as moradores/as. As expectativas iniciais relativamente às caixas era que os/as moradores/as não as utilizassem para colocarem as suas sugestões acerca de melhorias que gostassem de ver no bairro ou, pior, que seriam vandalizadas ou até mesmo destruídas. Para prevenir que as sugestões se perdessem, caso as caixas fossem destruídas, diariamente deslocava-me aos bairros e, na companhia de alguém do bairro, ou da ADL ou sozinho, recolhia as sugestões colocadas em cada caixa. Ao longo deste período, os/as moradores/as e membros das AM mais resistentes puderam verificar que cada caixa continha várias sugestões, indicando participação e envolvimento das pessoas. Estas resistências iniciais foram também sendo colmatadas com o passar dos dias e com as conversas com os/as moradores/as sobre as caixas; se inicialmente o discurso era pautado por um negativismo, este começou a ser substituído pela surpresa por as caixas terem sugestões e pela curiosidade em saber quais seriam essas sugestões. Foi importante ter conhecimento de que muitas pessoas dos bairros salientaram a importância de existir mais iniciativas deste género, que procuravam saber a opinião das pessoas e que valorizavam a sua opinião, quando transmitido este feedback as AM, estas começaram a

considerar utilizar mais estratégias comunicativas deste género para se aproximarem dos/as moradores/as. As caixas de sugestões permitiam que as pessoas participassem anonimamente, contudo muitas foram as pessoas que optaram por assinar a sua sugestão. Também de salientar a participação de pessoas que não residem nos bairros, ou seja, pessoas que se encontravam de passagem ou, até, sem abrigo, fizeram questão de participar nesta iniciativa, deixando então o seu contributo. No apêndice 27 (pp. 225-230) poderá consultar uma descrição mais detalhada da presença da caixa de sugestões em cada bairro.

Foram colocados 51 papéis nas cinco caixas, sendo que muitos dos papéis continham mais do que uma sugestão. Sublinhar que a caixa do B1, colocada numa zona central exterior do bairro, no meio dos dois espaços comerciais existentes, não continha qualquer papel, embora esta se mantivesse intacta e os/as moradores/as tivessem elogiado a colocação da mesma, contudo devido ao facto de estar numa zona demasiado exposta e visível e o bairro ter um problema com tráfico de droga, pode ter contribuído para que não tivessem surgido sugestões, pelo receio do que os/as outros/as moradores/as possam pensar do que seria escrito. Os papéis das restantes quatro caixas foram lidos e o seu conteúdo analisado por mim e, mais tarde, apresentado e discutido com os presidentes das AM. Do apêndice 28 ao 31 (pp. 231-247) pode consultar-se os papéis com as sugestões, no apêndice 32 (pp. 248-249), a análise e tratamento da informação recolhida, efetuada por bairro. Pode verificar-se, que as sugestões se centraram maioritariamente na manutenção e requalificação dos espaços verdes, na requalificação dos blocos/casas, na instalação de equipamentos desportivos e infantis e colocação de mobiliário urbano nos espaços exteriores do bairro. Esclarecer que a categoria "outros" diz respeito às sugestões que tomaram a forma de insultos, gozo (desenhos de órgãos genitais; calões; linguagem de cariz sexual), comentários aos comportamentos dos mais jovens e críticas às AM.

De modo geral, esta iniciativa surpreendeu toda a gente (presidentes das AM, moradores/as] com quem fomos conversando e técnicos/as] da ADL), pela não destruição das caixas e, acima de tudo, pela colocação de sugestões dentro da caixa, contrariando um pouco a ideia de que tudo o que é realizado irá correr mal e ninguém irá participar. Permitiu uma aproximação entre os/as moradores/as e as AM pois possibilitou que todos/as protegessem o mesmo objeto, colocando de parte as suas diferenças em prol da comunidade. As caixas de sugestões foram uma estratégia e uma oportunidade para que a comunidade se envolvesse, possibilitando que todos/as

encontrassem nas caixas um meio para que pudessem ser ouvidos/as e participar para a melhoria do seu local de residência.

O conteúdo das caixas de sugestões foi analisado num encontro com as AM, no dia 12 de maio, nas instalações da ADL e contou com três presidentes e um membro de uma AM, que acompanhou o presidente da AM5. O encontro (Ap. 33 e 34, pp. 250–253) permitiu que as AM se aproximassem ainda mais, como demonstra a solução proposta pelo presidente da AM1 para a organização de uma reunião conjunta com a CMP e a Domus Social, que com o avançar do projeto resultou num convite para estas entidades visitarem e reunirem com as AM e moradores/as dos bairros. Possibilitou ainda que verificassem que tem bastantes problemas e necessidades em comum entre bairros, e que, apesar de não existir grande comunicação com os/as moradores/as, as necessidades identificadas pelas AM são comuns àquelas que os/as habitantes dos bairros identificam. Por fim, todos os elementos presentes neste encontro falaram da sua surpresa pela comunicação que as pessoas estabeleceram a propósito das caixas, o cuidado que tiveram com elas, e pela sua adesão à proposta de deixarem sugestões para melhorar as condições do bairro, contrariando as expectativas iniciais, contudo relativamente a ausência de sugestões da caixa do B1, o presidente desta AM não se mostra surpreendido referindo que já estava a espera porque as pessoas não mostram vontade em participar, mas é perceptível que ficou um pouco triste e surpreso por ter sido o único bairro em que tal aconteceu. Os outros presidentes não tem opinião sobre o assunto, sendo que na minha apreciação tal sucedeu-se pela demasiada visibilidade que a caixa tinha no bairro, o que pode ter sido uma razão da inibição dos/as moradores/as a participar.

Por outro lado, neste encontro gerou-se alguma frustração, por parte dos presidentes das AM pela falta de comparência das outras AM, o que poderá no futuro ditar algum afastamento entre estas, apesar de que as AM que não puderam estar presentes terem tido acesso a uma síntese deste encontro (Ap. 35, pp. 254–255), para que desta forma se sintam sempre integradas e nunca esquecidas. Por fim, ficou definido o regresso das caixas de sugestões aos bairros com o título “Atividades que gostavas de ver no teu bairro”, apesar de alguma desconfiança, por parte dos presentes, relativamente ao sucesso de uma iniciativa muito semelhante à anterior.

No dia 18 de maio, as caixas regressaram aos bairros, mantendo o seu exterior, contando apenas com uma pequena alteração no papel que orientava para o conteúdo que era desejado na sugestão, que anteriormente era branco e agora era colorido. Com a exceção do B1, todas as outras caixas foram colocadas no seu local anterior, neste bairro optou-se por trocar de local com o intuito de tentar ter sugestões (Ap. 36, p. 256-260). Desta vez, todas as caixas tinham o bloco e a caneta. Estas caixas de sugestões ficaram nos bairros até dia 25 de maio de 2022. O regresso das caixas foi encarado com curiosidade pelos/as moradores/as que não contavam que tal acontecesse. Contudo, ao lerem rótulo da caixa, perceberam a razão de estas regressarem e acharam bastante interessante a iniciativa, sublinhado que após a pandemia necessitavam de “coisas no bairro”. Foi perceptível que, talvez por ser um objeto já conhecido, o entusiasmo não tenha sido o mesmo, porém, desde logo asseguraram-me que nada lhes aconteceria e que tomariam conta das caixas. Ao contrário da primeira vez que as caixas surgiram, desta vez a reação não foi tanto de curiosidade, mas a caixa de sugestões por outro lado foi encarada como um objeto que já fazia parte do dia-a-dia da vida nos bairros tendo as pessoas participando com ainda mais sugestões e na proteção da mesma.

Desta vez não fui retirar os papéis das caixas do exterior diariamente, esta tarefa foi feita apenas de dois em dois dias ou quando por lá passava. As caixas estavam sob a proteção e cuidado dos/as moradores/as, e havia uma sensação de tranquilidade, sabendo à partida que nada lhes iria acontecer. Ao contrário do que aconteceu da primeira vez, todas as canetas e todos os blocos se mantiveram ao lado das caixas, enquanto estas permaneceram nos bairros. Numa das visitas a um dos bairros, para retirar os papéis da caixa, fui interpelado por um morador que me perguntou se tinha autorização para mexer na caixa, acrescentando ainda que a caixa não era para estragar, ou seja, estava a proteger a caixa para o caso das minhas intenções não serem as melhores.

Para surpresa de todos/as, na segunda vez que se colocou as caixas de sugestões, quase duplicou o número de papéis introduzidos, foram 94, sendo que desta vez as caixas de todos os bairros tiveram papéis com sugestões. O aumento da participação deixou novamente as AM, moradores/as e profissionais da ADL bastante surpreendidos/as e agradados/as.

Tal como acontecera anteriormente, muitos dos papéis inseridos nas caixas de sugestões continham mais que uma sugestão, contabilizou-se o número de papéis de cada bairro, mas na

análise de conteúdo, considerou-se todas as sugestões apresentadas. De forma a proceder-se à análise das sugestões, construiu-se novamente gráficos onde foram colocadas as sugestões dos moradores, voltando a colocar na categoria “outros” as sugestões que incluíam insultos, gozo ou críticas às AM, semelhantes às da primeira caixa. Do apêndice 37 ao 41 (pp. 261-281) são apresentadas todas as sugestões agrupadas por cada bairro, no apêndice 42 (pp. 282-284) encontra-se o tratamento da informação. De salientar as atividades diversificadas que foram sugeridas, desde *skate* parques, jogos tradicionais, passeios, hortas biológicas, torneios de diversos desportos, *karaoke*, festas ou *rally-papers*, a participação das pessoas foi imensa. Referir, ainda, que continuaram a existir papéis com sugestões para a melhoria do bairro, tais como a requalificação das ruas, colocação de mobiliário urbano ou construção de parques infantis.

As caixas de sugestões foram um enorme sucesso nos bairros, não foram vandalizadas nem destruídas, que era o grande receio de todos/as os/as participantes, sendo um pretexto para a aproximação de algumas pessoas, para conversas nas ruas e para a mudança da representação que profissionais e AM tinham acerca dos/as habitantes e do impacto de iniciativas diferentes realizadas até agora. O aumento no número de papéis colocados da segunda vez que se colocaram as caixas pode ter a ver com a mudança de tema ou local onde estava colocada e maior participação dos/as jovens, mas sobretudo serviu para se perceber que, quando convidadas a participar, as pessoas estão disponíveis para o fazer e revelaram que têm uma ideia muito clara do que precisam para melhorar a vida no bairro onde moram. Curiosamente, as caixas aproximaram também AM e moradores/as, colocando-os/as a comunicar sobre aquele objeto e, principalmente, sobre o conteúdo do mesmo, como demonstra uma sugestão elaborada em conjunto pelos/as moradores/as de um bloco no B2.

Estivessem as caixas colocadas no interior de cafés ou no exterior, a participação, o cuidado e a comunicação sobre o objeto era o mesmo. As caixas permitiram que os/as moradores/as se pronunciassem sobre o local onde moram e de que forma este pode ser melhorado de modo a permitir mais convívio, lazer, conforto ou segurança. Acima de tudo estas caixas permitiram, segundo um morador, “participar sem exigências”, ou seja, sem um plano pré-definido de temas a abordar, sem terem de estar num local a determinada hora e sem hierarquias, sentindo-se livres para contribuir, responsáveis por cuidar da caixa e veículos de transmissão dos objetivos da

mesma, todas as vezes que conversavam com os/as vizinhos/as sobre a função daquele objeto. E ninguém lhes pediu, ou exigiu, que o fizessem; naturalmente, aconteceu!

De forma a debater o conteúdo das segundas caixas de sugestões foi novamente agendando um encontro com os presidentes das AM, no dia 26 de maio, nas instalações da ADL, sendo possível consultar a planificação e descrição do mesmo nos apêndices 43 e 44 (pp. 285–288). Neste encontro, após a partilha das informações já analisadas, as AM continuavam a não acreditar ser útil organizar atividades, iniciativas, reuniões ou outras coisas com os/as moradores/as, pelo medo da sua não participação, apesar das caixas de sugestões terem demonstrado exatamente o contrário; parecia que, para se protegerem de um possível fracasso, os presidentes das AM optam por se refugiar neste discurso. É também de referir a necessidade das AM de convocar reuniões com as entidades políticas para lhes darem conhecimento de todos os seus passos, burocratizando toda a sua atuação e tornando-a pouco prática e direcionada para a comunidade, não se mostrando disponíveis para, neste momento, executar qualquer atividade sugerida pelos/as moradores/as na caixa de sugestões. Esta decisão era expectável pela falta de esperança demonstrada na participação de iniciativas organizadas pelas AM, indicada pelos presidentes destas, contudo penso que as caixas poderão ter contribuído para aumentar um pouco a esperança de que é possível a aproximação entre moradores/as e AM.

Apesar de reconhecer o movimento de resistência, neste encontro ainda fui sugerindo algumas ideias para dar continuidade às propostas dos/as moradores/as. Desta reunião resultou, então, a ideia de aproveitar a construção das cartolinas com a divulgação dos resultados das caixas de sugestões, que eu construía para esta reunião e para a anterior, e convidar-se os/as moradores/as para uma reunião comunitária, onde se apresentariam e debateriam as ideias apresentadas, apesar das resistências demonstradas relativamente ao sucesso desta iniciativa. Na reunião voltaram a estar exatamente os mesmos participantes da reunião anterior, sendo que foi enviado por email às duas AM que não compareceram uma síntese escrita pelo mestrando deste encontro (Ap. 45, pp. 289–290), porque apesar de por razões profissionais não poderem estar presentes, não ficassem sem ser integrados nesta construção conjunta. Todos os presidentes das AM receberam os dados colocados em gráficos com as sugestões dos respetivos bairros, para que livremente pudessem apropriar-se das informações e decidir o que fazer com

elas. Pois, e apesar de, à data, poderem não dar respostas às sugestões, no futuro poderão querer recuperar algumas delas.

As reuniões comunitárias realizadas entre 18 de junho e 22 de junho foram uma iniciativa que veio no seguimento das caixas de sugestões e da afixação das cartolinas com a divulgação dos resultados nos bairros, ação que consta descrita na Ação 2. As reuniões comunitárias foram uma ideia sugerida por uma colega da ADL, sendo proposta aos presidentes das AM que apesar de reticentes quanto a participação, acharam que seria interessante discutir as sugestões com os/as moradores/as. No B2 acrescentaram a esta divulgação da reunião comunitária através dos cartazes, um convite na vitrine de cada entrada para que os moradores estivessem na reunião comunitária (Ap. 46, p. 291). No B4, a AM optou por uma divulgação da reunião comunitária nas redes sociais (Ap. 47, p. 292). No B5, foram colocados pequenos papéis nas caixas de correios de todos/as os/as moradores/as com o convite para a reunião (Ap. 48, p. 293). De referir que os bairros 2 e 5 partilharam o *layout*, apenas adequando a informação a cada bairro. Destacar que estas foram iniciativas tomadas pelas próprias AM sendo que os seus presidentes apenas me perguntaram o que eu achava e se podia ajudar a fazer o cartaz de divulgação, tratando eles de tudo o resto. Estes passos demonstram uma evolução significativa nas AM na vontade de receber os/as moradores/as e de ouvir e estabelecer uma relação de proximidade com eles/as.

É possível consultar a descrição de cada uma das reuniões comunitárias no Ap. 49 (pp. 294–300). Estas reuniões comunitárias afastavam-se um pouco das típicas reuniões da AM, referidas no capítulo 2.3, porque era aberta a todos/as os/as moradores/as, sócios ou não sócios da AM. Esta iniciativa não decorreu da forma esperada por parte das AM que, apesar de não verbalizarem, estavam com esperança na adesão das pessoas, pela experiência anterior de participação com as caixas de sugestões, e tinham a expectativa de que as pessoas aparecessem para debater as sugestões partilhadas, mas tal não aconteceu: a reunião que teve mais participantes foi realizada com cinco pessoas no B5, no B2 e B4 estiveram duas pessoas, no B1 apenas esteve o presidente da AM. A AM3 optou por não organizar a reunião, argumentado que não seria necessário realizar. De sublinhar que os participantes em todas as reuniões eram moradores/as que fazem parte dos órgãos sociais das AM. No total dos/as participantes nas reuniões apenas duas eram mulheres, sendo que no B5 os cinco participantes eram todos homens.

O não envolvimento nestas reuniões comunitárias levou a um conjunto de reflexões nas reuniões comunitárias com os presidentes das AM e com os membros das AM presentes e a realizar conversas intencionais com alguns moradores/as, que ditaram reflexões bastantes semelhantes em todos os bairros.

A primeira razão, e partilhada por todos/as os/as participantes, é que em todas as reuniões marcadas pelas AM, desde a sua criação, nunca tiveram muita adesão e nunca alteraram a forma de as realizar, nem procuraram descobrir junto dos/as moradores/as o porquê deles/as não aparecerem, acabando por haver um certo conformismo com a ausência das pessoas, e deixando também de haver convites para novas reuniões. A razão seguinte apresentada principalmente pelos moradores/as é que “nunca resulta em nada, portanto nem vale a pena aparecer”; as AM argumentam dizendo que as pessoas exigem da AM a solução instantânea para todos os problemas e necessidades e que isso nem sempre é possível. De seguida referem o facto de uma reunião exigir a presença num local a determinado dia e hora é um problema porque as pessoas não querem disponibilizar do seu tempo para discutir assuntos coletivos, sendo que acrescentam que também as reuniões comunitárias nunca resultam em modificações por isso as pessoas não vem para não “perder tempo”. Por fim, a última razão para a não adesão às reuniões comunitárias, referido nos bairros 1 e 4, tem a ver com o tráfico de droga: as pessoas têm receio de conversar com medo dos assuntos que possam vir a ser tratados, receiam que possam ser ouvidas e que venham a sofrer represálias; um morador refere mesmo que “eu tenho família, não é fácil, sabe” e então preferem ficar à parte destas reuniões para se protegerem de acontecimentos indesejáveis na sua vida, mesmo que seja garantido que o assunto não é abordado na reunião e que se guardará sigilo de tudo o que for conversado, bem como o anonimato de quem falar, durante as reuniões.

A ausência dos/as moradores/as nas reuniões possibilitou ainda uma consciencialização das AM de que talvez devam optar por estratégias diferentes para as reuniões comunitárias. Os presidentes das AM salientam ainda que ideias diferentes, como a caixa de sugestões, talvez sejam o futuro e que terão de pensar em mais ideias como esta para envolver os/as moradores/as.

Destas reuniões comunitárias resultou também a proposta para um convite aos vereadores do ambiente, desporto e habitação da CMP para que pudessem realizar uma visita conjunta aos

bairros sociais da UFP para que as sugestões dos/as moradores/as pudessem ser apresentados nos locais onde, no futuro, gostariam de ver executadas. Os presidentes das AM e os membros das mesmas que estiveram presentes nas reuniões comunitárias mostraram-se visivelmente agradados com a oportunidade, mas duvidavam da receptividade e disponibilidade dos vereadores para virem ao bairro todos juntos, pela dificuldade provável de articulação de agenda entre eles. Sublinharam a importância de os vereadores visitarem o bairro e estarem presentes para uma reunião sem a presença das forças de segurança, para que os/as moradores/as não olhem para eles com desconfiança e a visita não seja um ato de confrontação, mas sim uma oportunidade para AM, moradores/as e vereadores partilharem opiniões, fazerem sugestões e perceberem, conjuntamente, como melhorar os espaços e a vida nos bairros, estabelecendo uma maior e melhor relação de proximidade entre quem vive no bairro e quem tem o poder de decidir sobre ele. O convite foi enviado para os vereadores do ambiente, desporto e habitação da CMP, assim como para as empresas municipais geridas por estas vereações, em nome das AM, em junho por email (Ap. 50, p. 301), mas até à data da escrita deste relatório ainda não houve resposta por parte de nenhum dos/as vereadores da CMP ou das respetivas empresas municipais.

Em suma, apesar desta ação, relativamente adesão dos/as moradores/as não ter tido os resultados esperados, e que eram exetáveis da minha parte e dos presidentes das AM que pudessem ser diferentes. As AM surgem mais abertas à utilização de outras estratégias que permitam a sua aproximação aos moradores/as e mais dedicadas ao seu envolvimento na vida do bairro, descobri também, por outro lado, as razões que levam os/as moradores/as a nunca ter aparecido em massa as reuniões das AM. Os/As participantes consideram que esta ação talvez não tenha tido o impacto desejado, contudo mesmo as reuniões não terem tido o resultado esperado as AM não desmoralizaram no desenvolvimento da sua atividade, o que demonstra também um aumento da resiliência destas ao insucesso e ao fracasso.

Ao longo desta ação, foi possível realizar um trabalho mais próximo com cada uma das AM, sempre que solicitado pelas mesmas, auxiliando na construção de projetos e incentivando sempre a envolver os/as moradores/as, demos opinião sobre o trabalho desenvolvido ou fomos conversando sobre assuntos antigos do bairro e da vida no mesmo. Este foi um processo de grande proximidade, confiança e de apoio ao funcionamento das AM.

Consideramos no final desta ação que as relações entre moradores/as e AM melhorou, contudo, há ainda um longo caminho a percorrer, fruto de anos de afastamento, mas apesar de tudo consegue-se verificar, e é salientado pelos/as participantes, que a comunicação melhorou e que conseguem perceber que, talvez, juntos conseguem algo mais. É importante também verificar que alguns/mas moradores/as ficaram consciencializados/as para a demora que às vezes algumas respostas exigem, percebendo que as AM nem sempre conseguem solucionar os problemas no momento, mas podem lutar para que as soluções cheguem. Perceberam também que os pedidos individuais que alguns/mas moradores/as fazem à CMP terão outra dimensão se forem agregados e coletivos, principalmente se tiverem a ver com necessidades comuns, mas até as individuais podem ter um tratamento diferente com a força da comunidade. A lamentar que a articulação com algumas instituições/organismos locais não tenha sido realizada com sucesso, apesar das diferentes tentativas de envolver a Domus Social, Ágora e Empresa do ambiente e a CMP, não permitindo, até ao momento, iniciar-se a implementação de algumas sugestões dos/as moradores/as.

5.2. AÇÃO 2 – “EU E O MEU BAIRRO, QUAL O NOSSO FUTURO?”

A ação “Eu e o meu bairro, qual o nosso futuro?” englobou as seguintes iniciativas: encontros no CJ e na ECJ, a construção e colocação dos cartazes com os resultados das caixas de sugestões, encontro na escola básica e secundária e construção de um objeto representativo dos 5 bairros no CJ e apresentação do mesmo num piquenique. Visou dar resposta ao OG2 e respetivos OE. Decorreu entre maio e agosto de 2022.

Os encontros no CJ e na ECJ marcaram o início da ação 2, que se encontra devidamente articulada com a ação 1: a partir dos resultados das caixas de sugestões, tentámos envolver os/as jovens no desenvolvimento do projeto, estimulando-os/as a olhar o seu bairro e a perceber as representações destes sobre o seu local de residência. Os/As jovens que frequentam estas estruturas têm idades entre os 10-16 anos, sendo que grande parte frequenta o 2º e 3º ciclo de escolaridade. No desenvolvimento das ações é perceptível que há uma maior predominância do sexo feminino, contudo a diferença é mínima. Estes locais apenas estão abertas no período da

tarde e têm a particularidade de os poderem frequentar livremente, sem terem obrigatoriedade de ir todos os dias, podendo passar semanas sem ir e regressando quando quiserem. Mesmo quando vão, não são obrigados a cumprir um horário, logo que quiserem podem ir embora, sendo que estes/as jovens tanto podem ficar a tarde toda, como apenas 1 hora ou apenas estar durante uma atividade planeada.

Os encontros aconteceram nos dias 24 de maio, com o CJ, e 29 de maio, na ECJ. Estes encontros, descritos nos apêndices 51 e 52 (pp. 302-304), permitiram aprender a olhar ainda mais para os/as jovens como membros ativos; as suas opiniões fortes sobre a comunidade onde estão inseridos demonstram um grande conhecimento sobre o local onde residem e uma grande vontade em ter responsabilidade naquela comunidade e, muitas vezes, os/as mais jovens não são tidos/as em conta no planeamento e execução de iniciativas realizadas na sua comunidade.

Alguns/mas jovens do CJ não tinham participado com sugestões por não terem visto as caixas, mas demonstraram uma enorme curiosidade em saber qual tinha sido o resultado, ficando desde logo combinado que, na semana seguinte, participariam na construção dos materiais para a divulgação dos resultados, discutindo os mesmos. Já no encontro na ECJ, os/as jovens referiram ter participado com sugestões e foi visível o interesse em também participarem ativamente na sua divulgação, combinando-se para a semana seguinte num dia diferente do CJ.

No dia 31 de maio iniciámos a construção dos cartazes, no CJ, para a divulgação dos resultados das caixas de sugestões e para o convite para as reuniões comunitárias. Foram colocados em cada bairro cinco cartazes (Ap. 53 a 57, pp. 305-318) com a divulgação dos resultados das caixas de sugestões, um deles com os gráficos de resultados foi colocado, perto da zona onde estiveram as caixas de sugestões, os restantes quatro, que tiveram algumas sugestões ilustradas, foram colocados onde os/as moradores/as, as AM ou os/as jovens decidiram.

Esta iniciativa iria contar com a participação dos/as jovens que na semana anterior se tinham disponibilizado a participar, contudo, e fruto das características do espaço, os/as jovens presentes eram comparativamente menos do que os da semana anterior, estando apenas cinco jovens, enquanto na semana anterior estavam nove. Apesar disto, e porque estes/as jovens aderiram à iniciativa e se mostravam curiosos/as, conversámos sobre as sugestões colocadas nas caixas e

iniciou-se a construção dos cartazes pelas sugestões para o B4, apesar de apenas dois dos/as jovens serem deste bairro, onde a sugestão da casa de banho pública suscitou um aceso debate sobre a necessidade da sua colocação ou não. Uma das jovens referia que seria para ser danificada ou vandalizada, enquanto outra defendia a sua colocação porque já tinha visto um sem-abrigo a urinar junto a um muro.

Outro dos debates ao longo da construção dos cartazes foi sobre a sujidade dos espaços exteriores e a necessidade de manter o local limpo e bonito “à vista de quem passa”. Mais uma vez foi referido a presença de consumidores e sem-abrigos como pessoas que potenciam a sujidade do local. Os/As jovens mostram-se defensores/as de locais mais limpos e, quando questionados/as sobre como contribuíam para a limpeza do espaço, referiram que “nunca deitamos papéis para o chão” ou “até faço a reciclagem em casa”. De salientar que, mais uma vez, mostraram a sua preocupação com o facto de os ecopontos a colocar poderem ser vandalizados ou destruídos. É de frisar a representação que quase todos/as os/as moradores/as têm relativamente à possibilidade de destruição ou vandalização dos equipamentos, objetos ou estruturas. Foi explicado que não podemos presumir desde logo que tudo será vandalizado, dando o exemplo de como as expectativas iniciais sobre as caixas de sugestões não se concretizaram. Os/As jovens perceberam que não poderíamos retirar conclusões sem tentar, assumindo até que se todos/as tomarem conta do espaço exterior, como um espaço de e para todos/as poderia atenuar-se algumas situações, contudo mesmo assim ficaram com muitas dúvidas sobre o sucesso desta utilização do espaço exterior, acentuando desta forma a necessidade de uma maior regularidade na utilização do mesmo.

Relativamente a outras sugestões (tais como requalificação de blocos/casas ou dos campos de jogos), os/as jovens reconhecem a sua importância, mas não fizeram comentários fortes como sobre as sugestões referidas acima. De evidenciar a vontade destes/as em participar em atividades como torneios desportivos, dança, jogos tradicionais ou outras atividades mais “mexidas”, conforme referiram.

No CJ a atividade resultou na construção de três cartazes e em conversas interessantes sobre os espaços exteriores dos bairros. Os/As jovens não mostraram grande vontade de construir os cartazes com divulgação dos resultados das caixas de sugestões, pelo contrário, entusiasmaram-

se mais em debater os resultados. Ficou combinado com os/as jovens que, pelo menos, no B2, onde fica o CJ, os cartazes seriam colocados por eles/as, sendo que aproveitaríamos esse momento para combinar um dia para afixar os outros nos restantes bairros ou, no caso de impossibilidade de horários, os cartazes seriam colocados por mim, com o apoio de outros participantes, mas em locais sugeridos por eles/as.

No dia 3 de junho, na ECJ, foi possível dar continuidade à construção dos cartazes. Nas instalações estavam cerca de 12 jovens, e entre entradas e saídas foi mais ou menos este o número de participantes na atividade. O encontro começou por uma explicação e divulgação dos resultados obtidos nos bairros 1 e 5, é importante referir que foram escolhidos os resultados destes bairros para serem apresentados e analisados com estes/as jovens pela proximidade geográfica das instalações da ECJ a estes bairros; contudo, também houve a oportunidade de discutir os resultados dos outros bairros, conforme as questões que os/as jovens iam fazendo.

Dividiu-se o grupo em dois subgrupos, para que pudessem trabalhar mais confortavelmente e debaterem as sugestões recolhidas. No processo de formação dos grupos, apercebi-me da presença de um jovem que não se identificava com o género que lhe fora atribuído quando nasceu (rapariga), identificando-se ao género masculino e queria ser tratado com um nome masculino. Os/as restantes colegas é que me alertaram para esse facto, com objetivo de o colega não se sentir desconfortável, deixando-me contente com a aceitação e o cuidado com que tratam este seu amigo.

À medida que liam os resultados, os/as jovens identificavam as suas próprias sugestões, referindo “esta fui eu que fiz”, e expressavam as suas opiniões, dizendo, por exemplo, “nunca tinha pensando nisto, mas está fixe”. Os/As jovens mostraram-se surpreendidos/as com o facto de poderem conhecer as sugestões que tinham sido colocadas dentro da caixa, o que demonstra o pouco hábito de terem *feedback* das coisas que realizam e de iniciativas que os/as envolvam.

A dada altura, surgiu um debate em grande grupo por causa da cor de uma cartolina e a sugestão nela divulgada, ou seja, a cartolina cor-de-rosa e a sugestão de melhoramento do campo de futebol, que, segundo uma das jovens, “não combina”. O pequeno grupo que foi confrontado com esta questão entusiasmou-se à volta do tema: uns/umas defendendo que a cor nada tem a ver

com a sugestão; outros/as dizendo que o futebol não tem nada a ver com o cor-de-rosa. Por outro lado, o outro pequeno grupo já dizia que tinha relacionada a sugestão “dança” com a cartolina cor-de-rosa por ser algo que normalmente é mais procurado por mulheres. Foi uma oportunidade fantástica para abordar o P5 e desconstruir algumas ideias que existiam no grupo. Conversámos primeiramente sobre o que é que impediria a sugestão que tinha o tema “futebol” estar numa cartolina cor-de-rosa, defendendo os/as jovens que o cor-de-rosa não é uma cor de rapazes e o futebol é praticado por mais rapazes. Falámos sobre as cores, e que cores pertencem a rapazes e raparigas, concluindo que todos/as tinham camisolas azuis, amarelas ou cor-de-rosa, por exemplo, refletindo sobre se existe ou não cores de rapazes e raparigas. Depois conversámos se a dança é só de raparigas ou se o futebol é só de rapazes; nesta altura, uma rapariga disse “eu jogo futebol e gosto muito”, dando o seu exemplo de que não existem desportos de rapazes e desportos de raparigas, existem gostos ou vontades de praticar uma modalidade desportiva. No final desta discussão, o cartaz com a sugestão relacionada com o futebol manteve-se na cartolina cor-de-rosa, e uma das jovens mais defensoras do contrário comentou “até que fica bem com as imagens”. Senti que ficaram aspetos para reflexões futuras e conversas entre eles/as, sobre a questão da igualdade de género. Com o avançar da construção dos cartazes de divulgação dos resultados, o grupo foi ficando um pouco cansado. Apesar disso, construíram dez cartazes.

Ao todo foram construídos 25 cartazes utilizando cartolinas coloridas, três no CJ, 10 na ECJ e as restantes 12 por mim (Ap. 58, pp. 319–320). Foi um momento importante construir os cartazes com estes/as jovens, mas acima de tudo conhecer e ouvir as suas opiniões sobre o local onde moram e também sobre o local onde os/as seus/suas amigos/as moram, ou seja, ao contrário das conversas intencionais que tive com os/as moradores/as mais velhos/as onde alguns/mas mostravam algumas resistências em ir aos outros bairros ou dar a sua opinião sobre eles, nestes/as jovens moradores/as acontece exatamente o contrário, pois facilmente falam sobre toda a comunidade, partilhando as suas fortes opiniões.

A fase seguinte do processo foi a colocação das cartolinas nos bairros. No B2 contei com a ajuda dos/as jovens do CJ. No B1 e B3 contei com a ajuda das AM. Nos bairros 4 e 5, devido a compromissos profissionais não pude contar com as AM nem de moradores/as, contudo indicaram-me os lugares onde poderiam ficar os cartazes e, com a ajuda de colegas da ADL afixei-os nesses locais.

No B1, a colocação das cartolinas suscitou alguma curiosidade junto dos/as moradores/as, principalmente na zona mais central do bairro: uma moradora elogiou a iniciativa, dizendo “estão muito bonitas e se foram feitos pelas crianças, ainda melhor”; outra sublinhou que grande parte das necessidades ali colocadas estão identificadas e que tudo continua igual, mas “não custa tentar mostrar mais uma vez”. No B2 a colocação das cartolinas contou com o auxílio dos/as jovens e foi um momento que proporcionou aos/às jovens, que nem residem neste bairro, olhar e dizer “não conhecia muito bem este ringue” ou “aqui não há quase nada para além do CJ”. Envolveram-se ativamente na colocação das cartolinas e sempre com especial atenção onde se colocariam, para que fosse visível a todos/as os/as moradores/as, jovens, adultos/as ou idosos/as. Escolheram sítios que consideravam mais movimentados e garantiram que tomariam conta dos cartazes. Neste bairro, B2, desapareceu um cartaz colocado junto a um jardim de uma entrada, quando tentei perceber o que acontecera, questionando alguns/mas moradores/as desta entrada, referiam não saber de nada, nem terem visto ninguém retirar o cartaz. A AM optou por não querer repor o cartaz, fruto até da proximidade da data da reunião comunitária, consideraram não ser necessário.

No B3, os cartazes foram colocados nas antigas portas do bairro (encontram-se em remodelação), foram elogiados pelos/as moradores/as porque ficaram com aquelas portas mais bonitas, segundo disseram, e o processo de colocação de cartazes decorreu com normalidade. No B4, numa fase inicial foram colocados apenas quatro cartazes, com a ajuda de uma colega da ADL, devido ao esquecimento da colocação de um. Contudo, num dia de chuva, os cartazes ficaram danificados; o presidente da AM contactou-me, retirou-os e prontifiquei-me a reconstruí-los e a colocá-los novamente no bairro com a ajuda da AM. Os jovens do CJ, ao saberem deste acontecimento, através dos/as técnicos/as do CJ, ajudaram-me a reconstruí-los e a recolocá-los devidamente encapados para que a chuva não voltasse a danificá-los (Ap. 59, pp. 321-323).

Nesta reconstrução dos cartazes, um jovem, irei chamá-lo de Delta, contou-me a sua história de vida, contado com a presença da técnica do CJ e mais dois colegas (Ap. 60, pp. 324-325). O jovem Delta, juntando-se a tantos outros ensinamentos, ensinou-me a ver o lado dos/as moradores/as, a colocar-me no lugar deles/as e acima de tudo a entender cada vez melhor as suas angústias, medos, preocupações e a não participação em iniciativas, atividades ou outras coisas que aconteçam no bairro. Estas comunidades vivem com um sentimento de abandono por parte de

decisores e entidades sociopolíticas, sentem-se à margem e colocadas de parte, que ninguém as ouve nem valoriza e este jovem de 14 anos demonstrou a urgência de se ouvir a população, de a conhecer e valorizar, de serem envolvidos nas possíveis soluções para tudo o que se passa nestes bairros de HS.

No B5, a colocação dos cartazes contou com a ajuda de uma colega da ADL. O processo correu calmamente, sendo que este bairro é pouco movimentado. Passado cerca de dois dias, fui contactado pela AM por dois cartazes terem desaparecido. Um deles ninguém sabe o que lhe aconteceu, o outro, segundo um morador, teria sido tirado por uma moradora que não gostou da colocação do cartaz por cima do jardim que ela trata. Foi cometido um erro com esta moradora porque, na altura, não me lembrei que aquele espaço, apesar de público, estava ao seu cuidado e tinha sido invadido, sem lhe pedirem autorização. Tentei desde logo conversar com a senhora, para pedir desculpa pelo sucedido e explicar esta confusão; contudo, a senhora não estava em casa, e conversei com o presidente da AM que se prontificou a esclarecer a situação com a senhora. Os /As moradores/as deste bairro em particular mostram uma grande vontade em ter liberdade para cuidar dos espaços verdes como forma de ocupação de tempos livres e de valorização do espaço exterior, com o intuito de o tornar mais bonito. Não deixa de ser um ato coincidente desaparecerem dois cartazes em dois bairros distintos, quando colocados nos jardins perto dos blocos, o que demonstra a importância destes espaços para os/as moradores/as. No final, os dois cartazes desaparecidos foram substituídos, colocados noutros locais (Ap. 61, p. 326).

Na recolocação destes cartazes, porque um deles ilustrava o pedido de uma horta comunitária, uma moradora vê e diz-me “jovem, isso fazia-nos tanta falta, a CMP podia permitir-nos tratar dos jardins, aos que quiséssem, mas eles lá querem saber”. Aproveitei para convidar esta moradora a estar presente na reunião comunitária e em conjunto, pensarmos em possíveis soluções. Junto a outro cartaz, quando estava a reforçar a fita-cola que o prendia a uma parede do bairro, uma moradora aproximou-se e disse “as pessoas não têm civismo, ainda há uns dias, uns jovens deixaram as escadas cheias de lixo, mas pode ser que esse cartaz ajude”; confidenciou-me que tem sido recorrente comportamentos destes naquele bairro e que o bairro já não era o que era há uns anos, bem mais calmo. Aproveitei o momento para conversarmos sobre estes aspetos.

Em suma, esta iniciativa foi considerada um sucesso pelos/as participantes. As AM acharam pertinente a forma como se divulgou os resultados, tendo as cartolinas servido de estímulo a diversas conversas com os/as moradores/as e tendo ainda sido utilizadas para convocar reuniões comunitárias nos bairros 1, 2, 4 e 5, descritas na ação 1. Para os/as jovens do CJ e ECJ foi importante porque puderam envolver-se no dia-a-dia dos bairros, conhecendo até alguns dos bairros que ainda não tinham tido oportunidade de conhecer, apesar da proximidade, e gostaram de poder debater sobre as sugestões e outros assuntos que, entretanto, surgiram. Alguns/mas residentes destes bairros, em particular no B1, salientaram que as cartolinas estavam bonitas e davam outro aspeto aos locais onde estavam colocadas.

No dia 27 de maio, fui contactado por parte da equipa de profissionais da escola básica e secundária com quem tinha reunido anteriormente, de modo a aferirem se era possível deslocar-me à escola no dia 7 de junho para estar com as turmas de 9ºano, para apresentar o projeto e, talvez, conseguir que estes/as jovens pudessem também ter oportunidade de participar mais ativamente no mesmo. Para este encontro, fez-me sentido ser acompanhado por um representante de cada AM, contudo devido a compromissos profissionais, apenas puderam estar presentes o presidente da AM1 e da AM5.

No encontro estiveram duas turmas do 9ºano (Ap. 62 e 63, pp. 327-329). Iniciou-se com uma breve apresentação do projeto, acompanhada de uma caixa de sugestões e de dois cartazes de divulgação de resultados, para que a mesma fosse acompanhada por elementos visuais que permitissem aos/às jovens entenderem melhor o que foi desenvolvido até ao momento. De seguida, foi sugerido aos/às jovens que tentassem definir o que era uma AM, se conheciam a do seu bairro e o trabalho que era desenvolvido.

A participação dos/as jovens foi interessante, com alguns deles/as a dizerem logo que conheciam o representante da AM1 e que sabiam onde ficava esta associação, mas que nunca lá tinham entrado. Um dos jovens arriscou em definir o papel da AM como “ouvir os moradores” e possibilitou que os representantes presentes entrassem na conversa e complementassem esta informação. Ambos os representantes, com discursos complementares, definiram a AM como uma estrutura representante dos moradores, que possibilita a exposição das necessidades dos mesmos de forma conjunta, sendo um elemento essencial na transmissão de informação às

entidades competentes. Acrescentam ainda o papel fundamental na criação de eventos para os/as moradores, sejam eles, desportivos, culturais, musicais, entre outros. Após esta partilha, os/as jovens foram desafiados a realizar um *brainstorming* das ideias que tinham ouvido e a partilhar o que para eles/as seria uma AM, isto para se perceber com que perceção tinham ficado do que fora dito e para que pudessem ter um papel ativo no desenvolvimento da sessão. Deste *brainstorming* resultaram frases magnificas como: defender os interesses comuns, ouvir a opinião dos moradores, procurar ideias e soluções, ajudar nos problemas das pessoas, realizar eventos, porta-voz ou ajudar a melhorar o bairro (Ap. 64, p. 330). Foi muito interessante os membros das AM ouvirem o feedback destes jovens sobre a explicação do que era uma AM e verificarem que o que eles mais assimilaram envolvia comunicar com os/as moradores/as e envolver os/as moradores/as, o que vai ao encontro do P1, e que seria necessário que, cada vez mais, as AM se mostrassem sensibilizadas para a utilização de uma comunicação mais regular e próxima com os/as moradores/as, de natureza variada e não meramente informativa. Ainda desafiámos os/as jovens a sugerir como poderia uma AM funcionar da maneira como eles/as a definem e muito prontamente um jovem respondeu: “com reuniões regulares com os moradores, isso é obvio”, e outro acrescentou “era fixe existir festas, assim também conhecemos os nossos vizinhos”. Este foi mais um momento em que as AM foram confrontadas com ideias muito distintas das suas, quando diziam que “os moradores não querem reuniões”, “não querem festas” “as pessoas não estão para aí viradas”; ora, mais uma vez, obtiveram um *feedback* muito distinto por parte dos/as jovens, sendo ainda importante realçar que todas as sugestões apresentadas pelos/as jovens têm a ver com o convívio e o conhecimento do/a próximo/a.

Os/As jovens foram convidados a participar e a envolver-se no projeto se assim o quisessem, tendo sido sugerido deslocarem-se à ADL, ou ao CJ, ou ECJ, ou às sedes das AM. Partilhei, ainda, o meu endereço de email para que, se preferissem, pudessem dar o seu contributo online. Foi dito também que seguissem as redes sociais das AM, canal que poderiam utilizar para comunicarem, se assim o entendessem. Em suma, este encontro foi mais um momento de desconstrução do discurso de falta de esperança que pauta a atuação das AM que viram o interesse dos/as jovens em terem momentos onde possam discutir as questões dos bairros e pensar nas melhorias para os mesmos. No final, já no exterior da escola, os representantes das duas AM confidenciaram que gostaram desta possibilidade de ir à escola e estar com os/as moradores/as mais jovens, eles/as serão o futuro do bairro e é necessário não se esquecerem de ouvir mais a sua opinião.

No seguimento da construção e colocação dos cartazes, surgiu a ideia por parte dos/as colegas que trabalham no CJ e dos/as jovens que frequentam este espaço, de construir um objeto que represente os 5 bairros, utilizando para tal um lençol que tivesse as opiniões dos/as jovens, aproveitando o ateliê de artes desenvolvido neste espaço para se elaborar este objeto. Esta iniciativa teve como propósito colocar os/as jovens a olhar o seu bairro e exprimir as representações que têm sobre este local. Para ajudar na organização e estruturação deste caminho, com as colegas do CJ, pensou-se numa série de questões que foram colocadas aos/às jovens (Ap. 65, p.331) e aproveitámos o momento para, em conjunto, conversar sobre algumas das suas representações. Nesta iniciativa, também me juntei aos/às jovens, respondendo exatamente às mesmas questões que eles, partilhando o meu olhar sobre o meu bairro e a minha vida nele; os/as jovens ficaram surpreendidas por descobrirem as minhas origens, dizendo, “mas não parece nada, pela forma como te vestes” ou “, mas tens um *iphone*”. Permitindo desta forma iniciar a discussão pela pergunta: o que é o bairro para ti?

Alguns/mas jovens sentem a necessidade de evidenciar o negativo dos bairros; contudo, falando com orgulho nas situações menos positivas como o tráfico ou a insegurança, deixando os/as outros/as jovens bastante desconfortáveis e chocados e defendem que o bairro deve, e tem de ser, mais do que estas imagens de criminalidade. É importante sublinhar que, apesar das opiniões distintas sobre o que é o bairro para estes/as jovens, todos/as percebem que o bairro deve ser mais do que as imagens exteriores que passam pelos *media*. São da opinião, ainda, que viver no bairro não significa que sejam, ou venham a ser, todos/as “criminosos/as”. Neste momento, também disse o que era o meu bairro para mim, e uma das jovens exclamou que o meu bairro não poderia ser um bairro porque nele não existia tráfico, como se este fosse a marca dos bairros. Nesta altura pudemos debater que os bairros são mais do que o tráfico que neles existe, sendo que não é isso que os valoriza, ou que os torna melhor ou pior. Um jovem aproveitou o momento para dizer que o que faz os bairros são as pessoas que neles residem, permitindo uma reflexão sobre o nosso papel na comunidade onde estamos inseridos, dando o mote para as questões seguintes.

Se o bairro fosse uma cor, que cor seria? Sublinhar que todos escolheram apenas uma cor e que ninguém repetiu a sua cor, apesar de o poderem fazer, muitos acabaram por referir que até escolheram a sua cor favorita. Se o bairro fosse um sentimento, é de sublinhar a escolha por

sentimentos que podem evidenciar algum negativismo e muito relacionados com o estado do bairro e o seu clima de insegurança (tais como tráfico de droga ou assaltos). Na escolha de um símbolo para o bairro, mesmo valorizando todas as respostas, de evidenciar duas: um novelo, podendo ser analisado pela ligação que existe entre todos os/as moradores/as e até pela proximidade entre os bairros e um cadeado, podendo indicar o isolamento a entradas exteriores. Foram respostas que permitem uma reflexão que apesar dos problemas ou do não conhecimento de todos/as os/as vizinhos/as, a verdade é que no bairro toda a gente vive relativamente próxima e partilham imensas experiências, mas pelo facto da palavra bairro carregar uma conotação negativa, afasta as pessoas exteriores, impedindo-as de ver as potencialidades destes locais. Mas o cadeado também guarda segredos. Por fim, relativamente às respostas dadas à questão “o que vês pela tua janela?”, sublinhar a falta de oportunidades, recursos, carinho, ou a visão do mau caminho e vícios, mas apesar disto, há um jovem que vê “família”, podendo indicar através desta palavra um olhar e uma procura por uma comunidade mais unida. No apêndice 66, (pp. 332-333), poderá consultar todas as respostas dadas pelos/as jovens.

A construção do lençol começou no dia 20 de julho e terminou dia 27 do mesmo mês. Durante essa semana, em conjunto com a profissional que dinamiza o ateliê de artes, estruturou-se um lençol para dar imagem às palavras dos jovens com as cores, elementos ou símbolos que estes tinham escolhido, criando-se um lençol de cinco bairros, uma só comunidade (Ap. 67, p. 334). Este lençol foi apresentado pela primeira vez no piquenique realizado a 28 de julho e, posteriormente, será afixado, no exterior do CJ, para que toda a comunidade o possa visualizar.

O piquenique foi um momento simbólico de encerramento desta etapa do projeto, marcado pelo convívio entre os/as jovens dos cinco bairros. Este piquenique foi realizado no Parque Urbano existente relativamente perto de um dos bairros, inicialmente esteve previsto ser realizado numa zona verde que fica bastante próxima dos bairros, contudo, devido às relvas altas, tal não foi possível acontecer. De salientar que as AM alertaram, diversas vezes, os serviços da CMP para este facto e como o descuido dos espaços impedia a sua utilização, bem como poderia torná-los perigosos. Mas ainda assim, a relva apenas foi cortada dois dias antes da realização do piquenique e a divulgação do mesmo já estava a decorrer. O piquenique onde estiveram presentes 17 jovens contou com jogos tradicionais, comida, música e com a construção coletiva que representa os 5 bairros (Ap. 68, pp. 335-336). Foi um momento de convívio, partilha, alegria e diversão. Mais do

que a importância da realização desta iniciativa, foi assistir ao crescimento gradual deste grupo de jovens que, no início, nem conheciam muito bem o B2, onde fica o CJ, e nem imaginavam que os seus bairros partilhavam de tantas necessidades e vontades, atualmente, mantem-se uma pequena “rivalidade” saudável, manifestada no discurso dos/as jovens, que tal como indicado no capítulo dois a existência de uma valorização do meu bairro através da desvalorização do outro. De destacar também no discurso dos/as jovens no piquenique a vontade de realizar mais iniciativas exteriores, preferencialmente nos bairros, contrariando a visão inicial de que não seria possível fazer nada, por causa da insegurança. Estes/as jovens pareciam olhar com uma perspetiva mais positiva o local onde residem, o que exigirá as AM e profissionais também redefinam os seus próprios olhares sobre os bairros e os/as moradores/as.

Esta ação possibilitou iniciar com os/as jovens um percurso de conhecimento dos outros bairros e das suas realidades, o que poderá desenvolver neles/as um sentimento de pertença e capacitá-los/as para, no futuro, promoverem a ideia de uma comunidade mais unida. Os/As jovens podem ser portadores/as da mensagem de que o coletivo é mais forte do que o individual e, nas suas famílias, com os/as seus/as vizinhos/as do lado ou com os/as seus/suas vizinhos/as do outro bairro, transmitirem a ideia de que a partilha de problemas e necessidades levará a que juntos possam encontrar soluções coletivas. Permitindo ainda a aproximação entre os/as moradores/as mais jovens dos vários bairros e no futuro será muito interessante fazer esta aproximação entre os/as moradores/as mais velhos/as, que se apresentam como mais resistentes. De forma a dar início a esta aproximação foi fundamental a devolução contínua de todas as iniciativas realizadas, assim como os resultados obtidos nas mesmas. A ação permitiu também a desconstrução da imagem mais negativa da vida no bairro, que não podemos negar que existem, mas é preciso aprender a olhar o seu potencial, o que já existe e o que podemos fazer para ainda ser melhor.

6. AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO

A avaliação final do projeto corresponde à avaliação do produto no modelo CIPP de avaliação (Stufflebeam & Shinkfied, 1987). É um momento reflexivo sobre os resultados alcançados que exige olhar para trás e verificar se a finalidade e os objetivos foram alcançados, se as estratégias foram adequadas e permitiram a transformação do contexto de desenvolvimento do projeto, contribuindo para a resolução dos problemas identificados. É também o momento de refletir sobre o que falta realizar, o que poderia ter sido feito de outra forma e o que não se atingiu. Olhando criticamente o percurso realizado. De salientar que a avaliação de resultados agora efetuada serve para cumprimento dos prazos do trabalho académico, pois o projeto continua em desenvolvimento havendo, mais tarde, a avaliação final do mesmo.

Como ao longo de todo o percurso se valorizou a participação e a colaboração de todos/as, a avaliação do produto não poderia ser diferente, sendo efetuada com todos/as os/as participantes. Para tal, foram realizadas conversas intencionais com os/as jovens, moradores/as, bem como com os/as profissionais da ADL e foi realizado um GD, nas instalações da ADL, com três presidentes das AM, pois, e por razões profissionais, os restantes não puderam estar presentes. Para escutar a avaliação daqueles que não participaram no GD, realizou-se uma conversa intencional com cada um deles, utilizando como guião as perguntas orientadoras do GD (Ap. 69, p. 337). De referir a importância da observação participante neste momento da avaliação. Foram definidos os critérios de avaliação na altura do desenho do projeto e estabelecidas categorias e respetivas subcategorias para apoiar este processo, que constam na tabela em apêndice 70 (pp. 338-348). Para o registo da informação recolhida, optou-se por não recorrer a gravação áudio e, apenas, realizar apontamentos sobre o que era referido, priorizando-se e valorizando a conversa e a troca de vivências, sentimentos e experiências, sentidas e vividas ao longo de todo o projeto. Relativamente às conversas intencionais, as mesmas foram realizadas nos bairros com os/as moradores/as e no CJ com os/as jovens. De salientar que as conversas intencionais com os/as moradores/as contaram com a presença de três técnicas da ADL, auxiliando neste momento de avaliação, desta forma permitiu-se que as técnicas ouvissem os/as moradores/as no terreno. Na ADL também se realizaram conversas intencionais de forma a aferir se o projeto teria tido algum impacto na instituição.

A categoria “relação entre todos/as os/as atores/atrizes locais” e respetivas subcategorias visam avaliar o OG1 e os seus OE. Nesta categoria, incluiu-se a utilização de estratégias comunicacionais alternativas, como as caixas de sugestões, e a vontade demonstrada pelas AM de se aproximarem mais dos/as moradores/as como demonstrado nas reuniões comunitárias convocada nos respetivos bairros, que seria impensável em novembro, permitindo que se dessem os primeiros passos para uma aproximação entre todos os elementos da comunidade. Contudo, tal como demonstra o número de pessoas que estiveram presentes nas reuniões comunitárias, ainda há um longo caminho a percorrer. Aquém das expectativas ficou a envolvimento de outros/as atores/atrizes locais, apesar de, no percurso inicial deste projeto, terem demonstrado uma disponibilidade para se envolver, a verdade é que quando convidados/as a fazê-lo nunca obtivemos respostas. Assim, a esta data, o OG1 foi atingido parcialmente, mas na continuidade da ação 1, que iniciou a cooperação entre moradores/as e AM, talvez ainda se consigam resultados diferentes, pois, até ao momento, não conseguimos a colaboração da CMP e da Domus Social para a resolução de algumas das necessidades.

A categoria “manutenção e utilização dos espaços exteriores em conforto e segurança e novos equipamentos” e respetivas subcategorias foram definidas para avaliar o OG2 e os OE2.1 e OE2.3. Considerou-se pertinente a definição desta categoria e subcategorias pela vontade demonstrada pelos/as moradores/as em ter espaços exteriores de conforto e de convívio, que pudessem utilizar em segurança. No desenvolvimento das ações 1 e 2 procurámos sempre utilizar os espaços exteriores, com a colocação das caixas de sugestões ou com a colocação dos cartazes e do “lençol”, sempre desafiando as ideias iniciais de que iriam ser destruídos ou vandalizados. Importante salientar que mesmo quando algo era mudado de sítio, como por exemplo um cartaz, era porque para algum/a morador/a o local escolhido “invadia” o seu canteiro. Os/As jovens, durante a ação 2, puderam conhecer os espaços exteriores dos outros bairros e posicionaram-se criticamente sobre a necessidade de existirem mais locais de lazer, convívio ou de divulgação de eventos. De salientar ainda a responsabilidade que muitas pessoas assumiram em cuidar dos cartazes ou das caixas de sugestões. Considera-se que nesta categoria e respetivas subcategorias, as ações desenvolvidas estão no caminho da concretização dos objetivos definidos, contudo existe ainda um grande potencial a ser explorado, por exemplo, o piquenique não pôde ser realizado nos bairros, pois os espaços verdes estavam inutilizáveis, existindo a necessidade de coordenar os serviços que fazem a gestão dos espaços com os/as

moradores/as, para que estes/as possam ter espaços seguros, limpos e bonitos de modo a usufruir e aproveitar a vontade de alguns/mas em cuidar destes espaços. É necessário insistir com as entidades decisoras para colaborarem com os/as moradores/as neste processo e para confiarem mais neles/as, sem deixarem de os apoiar e de realizar aquilo que é da sua responsabilidade.

A categoria “cooperação entre todos os/as moradores/as” e respetivas subcategorias, permitem debruçar sobre os OG1 e os seus OE e OG2 e os respetivos OE. Ao olharmos para esta categoria e subcategorias vemos que existiram iniciativas em ambas as ações que permitiram incentivar e concretizar o envolvimento e a cooperação entre moradores/as, na prossecução dos objetivos. No início do projeto, AM e moradores/as não estabeleciam qualquer tipo de relação, mas por esta altura as conversas existem e a relação começa a construir-se. Os/As jovens apenas olhavam para o bairro como um local onde existia droga, violência ou insegurança. Durante o desenvolvimento da ação 2, começaram a olhar os bairros pelos seus aspetos mais positivos e como locais onde é possível fazer mais e viver melhor. Também a relação entre moradores/as de outros bairros melhorou, as próprias AM, fruto dos vários encontros desenvolvidos, começaram a articular o seu trabalho e a idealizar mais momentos conjuntos de forma a encontrarem soluções para muitas das necessidades que partilham nos bairros. Os/As jovens se no início “competiam” entre bairros para ver qual o pior, no fim realizaram um piquenique onde os nomes dos bairros estavam escritos num “lençol”, num simbolismo de união entre as comunidades. Foi interessante verificar este caminho em crescendo da valorização do/a outro/a e do seu espaço, respeitando as suas angústias e preocupações, mostrando-se todos/as interessados/as em pensar nas resoluções de melhoria em todos os bairros. Os objetivos foram alcançados, mas as relações exigem que se cuidem delas e que se mantenham, portanto, o desafio é esse: conseguir melhorar as relações e aumentar os momentos de convívio e de conhecimento do/a outro/a. Neste aspeto, é importante o envolvimento de cada um/a, das AM, dos/as profissionais que estão nas associações, na escola e outros recursos dos bairros e da UFP, que foi sendo estimulado ao longo do desenvolvimento das ações.

Começou-se este processo avaliativo com os/as jovens, aproveitando o piquenique e o momento de convívio. Todos/as os/as jovens gostaram da oportunidade de participar no projeto, apesar disso é de referir que dois sublinharam a dificuldade em ter de falar sobre o bairro. Os que

gostaram justificaram que este projeto lhes deu a possibilidade de conhecer os bairros que eles/as não habitam. Um jovem lembrou a dificuldade em afixar cartazes no B2 pela falta de locais para o efeito, salientaram também a oportunidade de debater assuntos sobre o local onde residem, sublinhando que isto lhes permitiu conversar com outros/as jovens sobre temas que os/as afetam a todos/as e que nunca imaginavam que as necessidades seriam partilhadas por todos/as. Como mudanças identificaram duas: o conhecimento com que ficaram sobre os outros bairros e sobre as vontades dos respetivos/as moradores/as, admitindo que não tinham a noção do que era necessário realizar algumas mudanças; a possibilidade das coisas não serem danificadas, como um jovem verbalizou “nunca pensei que os cartazes ou caixas não seriam destruídas”, construindo um novo olhar sobre os bairros, ou seja, a ideia de que é possível utilizar os espaços exteriores, respeitando os espaços de todos/as foi crescendo.

Os/As jovens referiram imensas vezes, as caixas de sugestões como um momento importante para todos/as, pois puderam participar, dizendo que faz falta mais “coisas destas” para comunicar. Fruto da idade e do sonho constante, estes/as jovens acreditam que é possível fazer tudo diferente no bairro, desde ter uma piscina, um *skate park*, trampolins ou varandas, o que nos possibilita sonhar com eles/as e desafiar-nos a concretizar alguns dos seus sonhos, mesmo que os adaptando ao campo das possibilidades. Apesar disto, os/as jovens não conseguem também fugir daquilo que os seus olhos mais observam e dizem que é necessário dar respostas diferentes ao tráfico, sugerem mais polícia e mais controlo. Também referem a necessidade de mudar a forma como são olhados os/as moradores/as do bairro, questionados a esclarecer, referem que a sociedade identificando uma criança do bairro fica logo em alerta e quando algo de mal acontece, “foi sempre o do bairro”. Acrescentam ainda que grande parte das pessoas falam dos bairros e não sabem nada sobre estes, ficando a sugestão destes/as jovens pensarem em quem gostariam de convidar para conhecer o bairro e a realizarem um convite a essas pessoas que eles/as elencam. Os/As jovens continuam a sentir insegurança, medo ou vergonha do bairro, contudo essa visão negativa já consegue salientar alguns aspetos positivos da vida no bairro, algo que me tocou particularmente foi quando um jovem disse “aprendi a falar sobre o bairro sem ser sobre a droga”; esta afirmação demonstra uma evolução no olhar sobre o local e permite que reflitamos que é possível olhar os bairros e valorizar os bairros pelo seu potencial, não esquecendo os problemas, nem os evitando, mas estimando o que temos e procurando tornar ainda melhor.

Relativamente às conversas intencionais com os/as moradores/as, é de referir que em dois dos cinco bairros foi muito mais difícil realizar as conversas intencionais com estes/as por causa do tráfico de droga e da constante desconfiança de alguns/mas dos/as traficantes que nunca permitiram grandes aproximações, sendo claro que este constrangimento aumentou com o passar do tempo, não sendo possível de aferir o que aconteceu para que tal se sucedesse. Noutros dois bairros aconteceram situações surpreendentes e muito positivas que foi as conversas intencionais se terem tornado conversas intencionais em grupo, isto é, ao conversar com um/a morador/a num café outros/as juntaram-se, trocaram opiniões, debateram assuntos e partilharam ideias, algo que nunca tinha acontecido. Por último, num bairro é de salientar a dificuldade de encontrar moradores/as na rua, pelo facto de não ter espaços ou equipamentos de convívio ou lazer. É de evidenciar que nas conversas intencionais as opiniões foram todas muito semelhantes, o que permite ganhar força a ideia de que talvez seja necessário trabalhar em articulação com os cinco bairros. Foi deveras importante realizar estas conversas com a companhia dos/as colegas da ADL, porque puderam ouvir os/as moradores/as e até observar as transformações da comunidade, observar equipamentos e estruturas do bairro e o seu (pouco) uso, sendo fundamental que esta aproximação seja ainda maior. Um morador elogiou “isto que vocês estão a fazer é muito bom de nos ouvir, até podiam estar aqui as AM”, deixando aqui uma sugestão às AM de aproximação aos/as moradores/as. É de referir também a dificuldade que as pessoas têm em responder a questões sobre o local onde residem pela simples razão de não estarem habituados a que alguém as questione sobre estes aspetos, sendo que permitir à população sentir-se ouvida foi um dos grandes ganhos deste projeto. Estas conversas mostraram ainda que há um longo caminho na aproximação entre AM e moradores/as, porque estes/as sabem que elas existem, mas não têm ainda grande relação. Elogiaram muito as caixas de sugestões e os cartazes, contudo acrescentaram que ainda não viram nada realizado, mas numa das conversas intencionais em grupo outros/as moradores/as defendiam que há coisas que exigem tempo e não dependem totalmente das AM, mostrando uma consciencialização para o papel das AM.

Quase todos/as os/as moradores referem a necessidade das AM melhorarem a sua comunicação e atuação com eles/as, valorizando a iniciativa da caixa de sugestões como um momento de aproximação e contato com os/as moradores/as, querendo até ver mais iniciativas destas. Referem mesmo que as AM são muito afastadas da população, acrescentando aqui o desafio

de contrariar anos menos bons de gestão do associativismo. Estes/as não sentem grandes mudanças no bairro, mas também não culpam apenas as AM, referem que a “a CMP também não quer saber dos bairros”, acrescentando que é necessário mais convívio, lazer ou recreação para que os bairros sejam reconhecidos por outras atividades que não os “ressacas ou traficantes”. Enumeram como prioridades a segurança, higiene e lazer, ou seja, pontos fundamentais para a melhoria da qualidade de vida de todos/as.

O GD com os presidentes das AM contou com três presidentes, um dos presidentes que não pode estar reagendamos a conversa para o bairro, para desta forma participar na avaliação, de lamentar um presidente que não respondeu às mensagens ou atendeu as chamadas telefônicas e sempre que procurado na sede nunca lá estava ou estava sempre ocupado, portanto, não pode participar neste momento avaliativo e de reflexão. Com os presidentes é de valorizar o posicionamento crítico e reflexivo que estes conseguiram demonstrar, mostrando um crescimento muito positivo. Todos salientam que não existem grandes mudanças, todavia não deixam de evidenciar que as caixas de sugestões permitiram o envolvimento das pessoas sendo que pode significar o início de algo se for trabalhado regularmente, referindo mesmo que no futuro seria útil utilizar mais estratégias de aproximação “fora da caixa”. O presidente da AM4 acrescenta que foi importante o “início à comunicação e para ganhar conhecimento” e que se sente “mais integrado no associativismo”. Sentem ainda ser necessário trabalhar mais com a comunidade e entre eles, todos concordam. Por outro lado, o presidente da AM2 diz que “o bairrismo está a perder-se e cada vez mais as pessoas estão distantes, temos de contrariar isso”, acrescentando que têm de continuar a tentar aproximar-se das pessoas e a envolvê-las. Algo salientado por estes presidentes foi a necessidade de estender o trabalho realizado com eles aos seus órgãos sociais, para os consciencializar para a importância da comunicação com a comunidade. Sentem que talvez ficou algo por fazer relativamente a estes membros. Lamentam não ter aproveitado a oportunidade para executar algumas das propostas dos/as moradores/as nas caixas de sugestões, olhando criticamente e desabafando que talvez não precisassem, em todas as sugestões, da CMP ou da UFP para as executar, contudo deixei o desafio para as executarem e demonstrei-me disponível a ajudar. Continuam bastante críticos relativamente ao trabalho das entidades políticas/administrativas, salientando que é lamentável que não tivessem aproveitado este projeto para se aproximar das AM e dos/as respetivos/as moradores/as. Sublinham que o projeto foi importante para que pudessem olhar para a sua atuação de uma outra

forma. O presidente da AM5 acrescenta que “o que fizemos foi bem feito” acrescentando que é importante continuar a trabalhar no que tem vindo a ser desenvolvido, num olhar de contínuo progresso. Posto isto, continuam negativos relativamente ao futuro das AM, apresentam como justificação as dificuldades em encontrar pessoas para fazer parte, a falta de respostas por parte das entidades políticas/administrativas, sentindo-se “sozinhos”. Acabam por se contrariar referindo que enquanto houver quem acredite no associativismo ele não desaparece, o presidente da AM1 diz que “só precisava que dois ou três dos órgãos sociais acreditassem e tudo funcionaria melhor”. Também foi deixada em reflexão a importância da aproximação à população e uma atuação que permita mais a colaboração e participação e, talvez, possa atenuar este afastamento entre moradores/as e as AM.

Por último, a opinião dos/as profissionais da ADL, avaliam o projeto como bastante positivo para a ADL, pelo facto das descobertas que este proporcionou, pela desconstrução de ideias pré-concebidas de que uma caixa de sugestões não resultaria, porque seria destruída, pelo retomar de uma relação que parecia distante com as AM e por permitir que se conheça a comunidade pelos/as seus/suas moradores/as. Talvez este projeto possa permitir o início de futuros projetos mais participados e colaborativos que até continue a abordar algumas das questões iniciadas neste projeto.

Com base nisto podemos considerar que a finalidade deste projeto: melhorar a participação de todos/as os/as atores/atrizes locais para a resolução colaborativa das necessidades da comunidade, aumentando a qualidade de vida dos/as moradores/as, e os OG1 e OG2, assim como os respetivos OE, não foram atingidos em pleno, contudo iniciou-se sim um caminho que deve e tem de ser continuado. É fundamental esclarecer que este percurso de articulação entre todos/as os/as atores/atrizes locais é um percurso gradual, marcado por etapas e desafios onde são necessárias cedências por parte de todos/as. Estas comunidades há muitos anos que não comunicam e não são ouvidas, são impostos imensos projetos com os quais não se identificam e o desacreditar e o desânimo por não verificarem melhorias era imenso e penso que este projeto poderá ditar o início de uma reviravolta da participação comunitária. É necessário que o caminho não termine no último ponto final deste projeto e que possa continuar a ser percorrido entre AM, moradores/as, CMP, UFL, associações locais e outras entidades, para que a melhoria da qualidade de vida seja atingida e mantida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento do projeto de educação e intervenção social “Eu, o Bairro, Nós e Voz”, consideramos a necessidade de refletir sobre algumas das aprendizagens adquiridas ao longo do desenvolvimento do mesmo. Como profissional, este projeto, forneceu-me conhecimentos importantíssimos, desde logo, olhar a pessoa como um ser único, com o seu potencial, conhecimento e opinião, por outro lado conhecer cinco comunidades próximas geograficamente, que partilham muitas das necessidades e problemas, mas também, sendo diferentes e com características e especificidades únicas. Através deste conhecimento e deste respeito pela partilha, reflexão e saber de cada um, foi possível construir um projeto que permita às pessoas sentirem-se representadas nele, sendo os/as autores/as da própria vida como sugere Carvalho e Baptista (2004).

Neste processo de construção coletiva é de valorizar a ajuda dos/as profissionais da ADL pela leitura dos capítulos com o intuito de assegurar o anonimato do contexto, ou seja, como profissionais há mais anos neste contexto foi essencial o apoio destes/as para garantir que não seria possível identificar o local de desenvolvimento do projeto, através das informações escritas neste relatório.

Privilegiando neste projeto de educação e intervenção social a metodologia IAP permitiu-me a consciencialização para um caminho percorrido lado a lado com a comunidade, onde todos/as tem o direito e o dever de participar na construção e desenvolvimento de todas as etapas do projeto (Carvalho & Baptista, 2004), valorizando a riqueza desta opção metodológica, porque se por um lado permite a ampliação considerável de conhecimento, por outro lado permite o surgimento de possíveis respostas aos problemas, pois aprecia um caminho coconstruído onde todos/as os/as envolvidos/as são capazes de encontrar soluções para transformar o contexto (Colmenares, 2012). Sendo que a utilização desta metodologia nos permite, através da junção do potencial das pessoas e do investimento do/a interventor/a social na investigação, produzir conhecimento útil, contextualizado e participado (Timóteo, 2010).

Apesar do projeto ser desenvolvido num contexto que, geralmente é olhado como um local onde a criminalidade, a delinquência e os perigos reinam, a verdade é que ao longo do seu

desenvolvimento foram descobertos recursos e potencialidades no contexto que se sobrepuseram a todas estas imagens negativas. A vontade de ter um local de residência (interior e exterior) confortável, bonito, agradável, seguro e respeitável garante a estas comunidades uma força para modificar as situações que existem de mal, sendo a presença das AM fundamental para refletir esta força, porque tal como Capucha (1990, p. 39) diz “o associativismo permite criar novos arranjos nas relações de força e novas possibilidades de participação”, ou seja, proporcionando que através das AM se consiga a mobilização de todos/as para a transformação da comunidade, através de relações colaborativas, privilegiando o diálogo. Depende de nós, interventores/as sociais, através da participação e da envolvimento permitir que um contexto denominado de risco consiga explorar as suas potencialidades de forma que a sua qualidade de vida melhore significativamente. Mais do que transformar a comunidade, temos de ser capazes de a transformar com as pessoas para que dessa forma autonomizemos a população e sejam capazes de continuar a desempenhar o seu papel em pleno sem a presença de um/a interventor/a social.

Como interventor social este projeto permitiu-me cimentar algumas ideias e pensamentos que fui adquirindo e moldando ao longo do percurso académico. A primeira delas é que nós não temos soluções mágicas ou uma receita que curará uma comunidade, temos sim a possibilidade de com as pessoas encontrar caminhos que possibilitem a transformação social. A seguinte é que nós nada sabemos até conhecermos, isto é, todos nós temos opiniões, ideias ou preconceitos, contudo temos de ser capazes de ir mais além daquilo que achamos conhecer e esmiuçar até ao mais ínfimo pormenor tudo o que nos rodeia, devemos também sermos capazes de nos questionar e após esse questionamento até modificar a nossa atuação com base naquilo que a comunidade nos devolve. Seguidamente, acreditar que mesmo numa estratégia que falha ou que tem um impacto menor ao que nós achamos que teria, ler os seus significados com a população e perceber o que falhou, porque falhou e como poderia ter sido melhor, não ter o receio da autocrítica e olhar para ela com o intuito de crescimento. No seguimento disto valorizar as pequenas transformações, não podemos achar que as estas vão surgir logo a grandes níveis, temos de respeitar o tempo e o espaço do/a outro/a e aqui temos de ser capazes de com as pessoas olhar as pequenas mudanças com a devida importância. Por fim, ter a disponibilidade para aprender, isto é, para além da aprendizagem académica, aprender com outros/as profissionais, mas também, aprender com a comunidade e com as suas pessoas, valorizando “a relação dialéctica entre teoria e prática” (Timóteo, 2010, p.18).

É o momento de valorizar a coconstrução de um projeto e a importância da metodologia, porque me permitiu a valorização acadêmica, profissional e pessoal, onde com as pessoas consegui desenvolver-me e adquirir aprendizagens. É de salientar, a importância do desenvolvimento de projetos de educação e intervenção social, que privilegiem a IAP, junto dos/as moradores/as dos bairros de HS, porque ao longo de todo o projeto senti a dificuldade das pessoas em responder a coisas simples sobre o local onde residem, porque nunca tinham sido questionadas sobre isso e então não tinham hábitos de participação, colaboração ou reflexão, por outro lado, é necessário que, segundo Gonçalves e Pinto (2001), “apesar das suas histórias e trajetórias serem diversas, estes bairros têm muito em comum, transportam consigo o peso de uma má fama secular, que hoje se mantém e os estigmatiza, assim como aos seus residentes” (p.131), ou seja, olhar o potencial destas populações, valoriza-las e dar-lhes espaços onde possam ser ouvidas e não estigmatizadas por uma fama que nem sempre corresponde à verdade e porque também é necessário olharmos os contextos para além do negativo. Por outro lado, lembrando o segundo princípio orientador desta metodologia trazido por Lima (2003) o da criação, refletir sobre a nova visão e realidade de bairro de HS com que fico através desta partilha de saberes e conhecimento, apesar de morador de um bairro de HS, a verdade é que com esta aproximação o meu olhar sobre o contexto, e sobre o que o envolve, modificou-se, aprendendo que nesta comunidade, onde o “eu e o nós” coexistem, as pessoas “querem ter voz” na vida do seu bairro.

Neste caminho coconstruído, este projeto poderá ter significado o início de uma procura por mudanças para o coletivo com o intuito de uma melhor qualidade de vida, valorizando a participação e colaboração de todos/as os/as atores/atrizes locais, porque tal como Lima (2003) sugere o “caminho apenas começou a ser aberto” (p.457). Uma utopia, um sonho exige tempo e espaço para crescer e manter-se, contudo com o que conheci e aprendi junto de todas as pessoas com quem contactei e participaram no desenvolvimento deste projeto, acredito que o que ambicionam irá ser trabalhoso e os resultados desejados poderão não surgir desde logo, mas juntos conseguirão.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, R. (2010). Participação cívica e trajetórias associativas de descendentes de imigrantes em Portugal. *Revista Migrações - Número Temático Associativismo Imigrante*, 6, 103-117. Disponível em: https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/Migr6_Sec1_Art4.pdf/56b71c9d-94c0-40ca-bb0b-00e75f3899e0
- Ander-Egg, E. (1987). *Que es la animacion socio cultural?* Buenos Aires: Editorial Hvmánitas.
- Ander-Egg, E. (1990). *Repensando la investigación-acción participativa*. Atenas: Editorial El Ateneo.
- Atkinson, R. (1998). Combatendo a Exclusão Social Urbana: o papel da participação comunitária na regeneração das cidades europeias. In H. Acselrad (editor), *Cadernos Ippur* (pp. 107-127). Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Augusto, N. (1998). *Habitação social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão*. Comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Portugal.
- Barba, C. (2001). El grupo de discusión: de la mercadotecnia a la investigación de la comunicación. *Comunicación y Sociedad*, 40, 169-182. Disponível em: http://www.publicaciones.cucsh.udg.mx/ppperiod/comsoc/pdf/40_2001/169-182.pdf.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Capucha, L. (1990). Associativismo e os modos de vida num bairro social. *Sociologia – Problema e Práticas*, 8, 29-41. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1031>.
- Capul, M., & Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção Social* (2ª vol.). Porto: Porto Editora.

- Carreiras, M. (2018). Integração socioespacial dos bairros de habitação social na área metropolitana de Lisboa: Evidências de micro segregação. *Finisterra*, 107, 67-85. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/11969>.
- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação social: Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Cembranos, F., Montesinos, D., & Bustelo, M. (2001). *La animación sociocultural: Una propuesta metodológica* (8ª Ed.). Madrid: Editorial Popular.
- Cerqueira, C. (2019). *Associativismo, participação e comunicação: dilemas e desafios*. Documento disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/handle/1822/60248>.
- Coelho, S. (2008). *Participação social e associativismo em Portugal: breves apontamentos de um estudo de caso de uma associação de promoção do Comércio Justo*. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/54835>.
- Colmenares, A. M. (2012). Investigación-acción participativa: una metodología integradora del conocimiento y la acción. Voces y silêncios: *Revista latinoamericana de educación*, 1(3), 102-115. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/doi/abs/10.18175/vys3.1.2012.07>.
- Coutinho, C. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2ªed.). Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIII, 455-479. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10148>.
- Domus Social (2021). *Dados sobre os bairros de habitação social*. Retirado de: <https://www.domussocial.pt/> em 12 de outubro de 2021.

- Elvas, S. & Moniz, M. (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 3, 451-464. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/312>.
- Estanque, E. (1999). Ação coletiva, comunidade e movimentos sociais: para um estudo dos movimentos de protesto público. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 55, 88-111. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/10832>.
- Fernandes, E. (2002). O associativismo no tempo da globalização: voluntariado e cidadania democrática. *Intervenção Social*, 25/26, 101-125. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/4166>.
- Ferreira, F. (2011). As fronteiras da animação sociocultural. In J. Pereira, & M. Lopes (Coord.), *A intervenção sociocultural e intervenção educativa* (pp. 123-145). Chaves: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Gonçalves, A. & Pinto, T. (2001). Os bairros sociais vistos por si mesmos: actores, imagens públicas e identidades. *Cidades- Comunidades e Territórios*, 3, 111-131. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3387/1/Cidades2001-3_Gon%C3%A7alves_Pinto.pdf.
- Guerra, I (1994). As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas. *Sociedade e Território*, (20), 11-16. Disponível em: <http://periferiasurbanas.org/wp-content/uploads/2012/04/Sociedade-e-Territorio-20-1994.pdf>.
- Guerra, P. (2002). O bairro do Cerco do Porto: cenário de pertenças, de afetividades e de simbologias. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras*, 12, 65-144. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1491.pdf>.
- IEFP (2022). *Dados cedidos pelo IIEFP a Associação para o Desenvolvimento Local no âmbito do CLDS*.

- INE (2021). *Dados dos Censos de 2021 sobre a União de Freguesias*. Retirado de: https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html em 12 de outubro de 2021.
- Jara, C. (1999). *A Sustentabilidade do Desenvolvimento Local: Desafios de um Processo em Construção*. San José: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura. Disponível em: <http://repiica.iica.int/docs/B1128p/B1128p.pdf>.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local e investigação participativa - Animação Comunitária* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade do Porto, Porto, Portugal. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53042>.
- Lacerda, L. (2013). Sociologia crítica: ensaio sobre perspectivas históricas e manifestações atuais. *Canoas*, 23, 61-76. Disponível em: <https://olma.org.br/wp-content/uploads/2016/12/991-3556-1-PB.pdf>.
- Luchmann, L. (2014). Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 85, 160-178. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dKQNRmfDBNkZ6F59xpW6wYF/abstract/?lang=pt>.
- Martins, S. (2002). Desenvolvimento Local: questões conceituais e metodológicas. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, 3 (5), 51-59. Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/570/607>.
- Matos, F. (2006). *Algumas reflexões sobre o PER no grande Porto*. Comunicação apresentada no V Congresso da Geografia Portuguesa Portugal: Território e Protagonistas, Guimarães, Portugal.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e aprender por projetos*. Porto: Edições ASA.
- Monteiro, A. (2004). *Associativismo e novos laços*. Coimbra: Quarteto.

- Monteiro, H. (2019). Investigação, transformação e “Palavramundo”. Novos e velhos desafios ético-metodológicos. *Educação, Sociedade & Culturas*, 54, 65-84. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC54_HMonteiro.pdf.
- Montero, M. (2004). *Introducción a la psicología comunitaria. Desarrollo, conceptos y procesos*. Buenos Aires: Editorial Paidós. Disponível em: <https://catedralibremartinbaro.org/pdfs/libro-montero-introduccion-a-la-psicologia-comunitaria.pdf>.
- Moreira, A. (2015). *Há Vida no Bairro! Um Projeto de Educação e Intervenção Social*. Instituto Politécnico do Porto, Porto, Portugal. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/7646>.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª Ed.). Lisboa: Gradiva.
- Robertis, C. (2011). *Metodologia da intervenção em trabalho social*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, A. & Meireles, M. (1991). *Campanhã – Estudos etnográficos*. Porto: GrafisLab.
- Rogers, C. (1985). *Tornar-se pessoa* (7.ª ed.). Porto: Moraes Editores. (Original publicado em 1961).
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências* (6ª Ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais: Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Sorj, B. (2016). Políticas sociais, participação comunitária e desprofissionalização do cuidado. *Cadernos Pagu*, 46, 107-128. Disponível em: https://www.academia.edu/53660837/Pol%C3%ADticas_sociais_participa%C3%A7%C3%A3o_comunit%C3%A1ria_e_a_desprofissionaliza%C3%A7%C3%A3o_do_care.
- Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. (1987). *Evaluación sistemática. Guia teórica y práctica*. Barcelona: Paidós.

- Timóteo, I. (2010). *Educação social e relação de ajuda. Representações dos educadores sociais sobre as suas práticas* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Évora, Évora, Portugal. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/19122>.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação social transformadora e transformativa: Clarificação de sentidos. *Sensos*, 2(1), 11-26. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/6296>.
- Veiga, S. (2009). *Palcos de Conhecimento. Espaços de Transformação. Contributos da metodologia sociodramática para a formação dos educadores sociais* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Évora, Portugal. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/11860?locale=pt>.
- Viegas, J. (2014). *Associativismo, sociedade civil e democracia*. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/14242>.
- Vilaça, H. (1991). As associações de moradores enquanto aspeto particular do associativismo urbano e da participação social. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras*, 1, 49-96. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2600/2384>.
- Vilaça, H. (1991). Associativismo urbano e participação na cidade. *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras*, 1, 175-185. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3081.pdf>.
- Vitorino, S. (2020, 25 de setembro). André Ventura quer proibir o acesso a habitação pública a quem apresente sinais de riqueza. *Correio da Manhã*. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/politica/detalhe/andre-ventura-quer-proibir-o-acesso-a-habitacao-publica-a-quem-apresente-sinais-de-riqueza>.

ANEXOS

ANEXO 1. CONSENTIMENTO INFORMADO PARTICIPANTES



CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO NUM PROJETO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

No âmbito do curso de Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco, os/as mestrandos/as concebem e desenvolvem um projeto de investigação-ação, em contextos considerados de maior risco social e vulnerabilidade.

O mestrando João Pedro de Pinho Ferreira desenvolve o projeto no contexto da sua atividade profissional. O envolvimento é voluntário, podendo cada pessoa decidir não participar, em qualquer momento do desenvolvimento do projeto.

O mestrando elaborará um relatório escrito sem qualquer dado pessoal, que será avaliado e que estará disponível *on-line*, no Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. Podem também resultar deste trabalho comunicações em congressos e publicações científicas.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes nem o nome da instituição. Este documento, que tem o nome da instituição e do participante, será guardado na Escola Superior de Educação pela Coordenadora do Curso pelo prazo de cinco anos.

Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar no projeto, solicita-se que assine este consentimento.

Confirmo que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o mestrando. Aceito participar no projeto desenvolvido no âmbito do

Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco.

(Local, Data)

(Assinatura)

ANEXO 2. CONSENTIMENTO INFORMADO PARTICIPANTES – JOVENS



CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO NUM PROJETO DE INTERVENÇÃO SOCIAL

No âmbito do curso de Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco, os/as mestrandos/as concebem e desenvolvem um projeto de investigação-ação, em contextos considerados de maior risco social e vulnerabilidade.

O mestrando João Pedro de Pinho Ferreira desenvolve o projeto no contexto da sua atividade profissional. O envolvimento de profissionais e de crianças/jovens é voluntário, podendo cada pessoa decidir não participar, em qualquer momento do desenvolvimento do projeto.

O mestrando elaborará um relatório escrito sem qualquer dado pessoal, que será avaliado e que estará disponível *on-line*, no Repositório Científico do Instituto Politécnico do Porto. Podem também resultar deste trabalho comunicações em congressos e publicações científicas.

Garante-se que a informação é confidencial, mantendo-se o anonimato e não sendo divulgados os dados pessoais dos participantes nem o nome da instituição. Este documento, que tem o nome da instituição e do participante, será guardado na Escola Superior de Educação pela Coordenadora do Curso pelo prazo de cinco anos. Agradece-se, desde já, a sua participação e, caso concorde em participar no projeto, solicita-se que assine este consentimento.

Confirmando que li e compreendi a informação apresentada e que tive a possibilidade de esclarecer dúvidas com o mestrando. Aceito participar no projeto desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação e Intervenção Social da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco. Autorizo

que o meu/minha filho/filha participe nas ações a serem desenvolvidas no âmbito do projeto de mestrado de João Pedro de Pinho Ferreira.

(Local, Data)

(Assinatura)

APÊNDICES

APÊNDICE 1. GUIÃO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Esta entrevista semiestruturada enquadra-se no projeto de investigação-ação a desenvolver no âmbito da unidade curricular de Projeto, inserida no mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Ação Psicossocial em Contextos de Risco.

A entrevista tem como finalidade a recolha de informações que permitam uma aproximação à comunidade e história local, de modo a construir um conhecimento e análise da realidade que possibilite o desenvolvimento de projetos participados e que sejam úteis na vida das pessoas e comunidades.

A recolha das seguintes informações irá ser realizada presencialmente, preferencialmente nas sedes das respetivas das AM. O primeiro contato com os representantes das AM será realizado telefonicamente de modo a conhecer a disponibilidade de cada um para participar e combinar a hora e data mais oportuna para ambos.

A entrevista será gravada, se os entrevistados concordarem, se tal não acontecer será transcrita no momento. Todas as informações recolhidas são confidenciais e anónimas, e serão analisadas com os seguintes objetivos:

- Conhecer o papel das AM junto da comunidade que representam;
- Perceber quais as necessidades identificadas pelas AM para o território;
- Compreender de que forma as AM estabelecem contatos de proximidade com a população de forma a envolvê-los no associativismo e respetivas atividades;
- Refletir com as AM sobre o percurso realizado até ao momento e sobre possíveis ações futuras;
- Conhecer o território onde estas associações estão localizadas.

Desde já agradeço a disponibilidade e colaboração para participar nesta entrevista.

Questões

1. Há quantos anos existe a AM? E há quantos anos é membro da mesma? Pode falar um pouco sobre a história da Associação?
2. Quais os objetivos da AM?
3. Quais os pontos fortes e fracos conseguem identificar na AM?
4. De que forma dão a conhecer a AM à população?
5. Como é que envolvem a comunidade na AM?
6. Que meios é que usam para interagir com a comunidade de forma a escutar as suas necessidades?
7. Na sua opinião é necessário fazer algo junto da comunidade? O quê?
8. Na sua opinião, acha que os/as moradores/as reconhecem a AM como algo útil na comunidade? Porquê?
9. Que necessidades identifica na comunidade? Estas necessidades são as mesmas que já identificaram na altura da criação da AM? O que mudou?
10. A Associação tem ações/projetos em desenvolvimento? Tem parcerias? Com quem e com que objetivos?
11. De que forma estes parceiros são importantes e qual o papel que eles desempenham junto da AM?
12. Seria importante outros parceiros? Quais? E em que áreas?
13. O que tem sido desenvolvido pela AM e o que acha que falta fazer?

APÊNDICE 2. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta entrevista realiza-se no âmbito do projeto que irei desenvolver enquanto estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Ação Psicossocial em Contextos de Risco, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Esta investigação tem como objetivos conhecer o papel das AM junto da comunidade que representam, perceber quais as necessidades identificadas pelas AM para o território, compreender de que forma as AM estabelecem contatos de proximidade com a população de forma a envolvê-los no associativismo e respetivas atividades, refletir com as AM sobre o percurso realizado até ao momento e sobre possíveis ações futuras e conhecer o território onde estas associações estão localizadas.

Para este estudo e concretização dos objetivos referidos, necessitamos que responda a umas questões que irão ser colocadas ao longo desta entrevista e as suas respostas serão gravadas, caso o permita, para mobilizar na construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto que irá ser desenvolvido. A sua participação é muito importante. No entanto, ela é voluntária.

Os dados serão utilizados apenas para a elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial. Comprometemo-nos a não usar, nem divulgar, o seu nome, nem nenhuma informação que o possa identificar. Estou disponível para qualquer esclarecimento adicional.

Eu, _____ aceito participar nesta entrevista e a gravação da mesma. Mais declaro que não me oponho à utilização do conteúdo das respostas para posterior análise a incluir no projeto de mestrado de João Pedro de Pinho Ferreira, desde que seja garantido o anonimato.

Assinatura do entrevistado _____

Assinatura do aluno _____

APÊNDICE 3. GUIÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Este grupo de discussão enquadra-se no projeto de investigação-ação a desenvolver no âmbito da unidade curricular de Projeto, inserida no mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Ação Psicossocial em Contextos de Risco.

O grupo de discussão tem como finalidade a continuação da construção de um conhecimento e análise da realidade que possibilite o desenvolvimento de projetos participados e que sejam úteis na vida das pessoas e comunidades.

A recolha das seguintes informações irá ser realizada presencialmente e em grupo com os cinco presidentes das AM, anteriormente entrevistados.

Este grupo de discussão será combinado telefonicamente de forma a aferir a disponibilidade de todos e para que seja possível definir um dia e hora que seja oportuno para todos contribuírem nesta conversa.

O grupo de discussão será gravado, se os participantes concordarem, se tal não acontecer será transcrita no momento.

Todas as informações recolhidas são confidenciais e anónimas, e serão analisadas com os seguintes objetivos:

- aprofundar e esclarecer os dados obtidos através das entrevistas;
- refletir sobre os meios que podem ser utilizados para maior envolvimento da comunidade e da AM na identificação e resolução dos problemas das comunidades.

Temas a discutir coletivamente:

1. Ao longo das entrevistas reconheceram que a comunidade não vê AM como algo útil, referindo ainda a dificuldade de estabelecer um contacto mais próximo (estatutos associativos) com a população e utilizando meios de divulgação como o Facebook, email, cartazes ou flyers que são meios com menos contacto físico, o que pensam que é necessário modificar na relação com os/as moradores/as de forma a modificar esta visão e conhecimento que a população tem da AM.

2. Identificaram na entrevista a necessidade de parcerias em diversas áreas (social, desportiva, cultural ou da saúde), o que falta para darem início a estas parcerias. E depois de darem início que estratégias pensam utilizar para a manutenção e utilização destas parcerias.
3. Ao longo das conversas convosco e com os/as moradores/as foi percebendo alguma insatisfação pela forma como a câmara e a junta olhavam para os vossos locais de residência, que opinião mais exata têm acerca deste tema. Porque que acham que isto acontece. Como podem com a comunidade contrair este sentimento.
4. Que estratégias pensam ser necessário para que a participação dos órgãos sociais seja mais ativa e envolvida no dia-a-dia associativo. Será possível a integração de novos membros.
5. Ao longo das conversas que fui tendo com os/as moradores/as eles identificaram problemas muito semelhantes as apresentadas por vocês (qualidade habitacional, estruturas para crianças ou idosos, tráfico de droga, a segurança ou espaços que permitam o convívio), ao perceber tantas semelhanças nas necessidades identificadas de que forma pensam ser possível trabalhar com a comunidade de forma que estas necessidades sejam resolvidas.
6. Em diferentes locais os homens e as mulheres vão desempenhando diferentes papéis, vão tendo diferentes capacidades, competências e gostos, de que forma é que olhando para as vossas comunidades percecionam os gostos, capacidades, papéis e vontades de cada um.
7. Por fim, e se fosse possível, gostaria que cada um pudesse sugerir uma iniciativa que gostava de realizar com a comunidade, envolvendo parceiros ou não e indo ao encontro das necessidades identificadas.

APÊNDICE 4. CONSENTIMENTO INFORMADO GRUPO DE DISCUSSÃO

O grupo de discussão realiza-se no âmbito do projeto que será desenvolvido enquanto estudante do 2º ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social, na especialização de Ação Psicossocial em Contextos de Risco, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Este grupo de discussão tem como objetivos aprofundar e esclarecer os dados obtidos através das entrevistas e refletir sobre os meios que podem ser utilizados para maior envolvimento da comunidade e da AM na identificação e resolução dos problemas das comunidades.

Para este estudo e concretização dos objetivos referidos anteriormente, necessitamos que participe de forma ativa neste grupo de discussão. Todos os conteúdos abordados no grupo de discussão serão gravados, caso o permita, para mobilizar na construção da análise da realidade a incluir no relatório do projeto que irá ser desenvolvido. A sua participação é muito importante para o processo. No entanto, ela é voluntária.

Os dados serão utilizados apenas para a elaboração e divulgação científica, respeitando o carácter confidencial. Comprometemo-nos a não usar, nem divulgar, o seu nome, nem nenhuma informação que o possa identificar.

Estou disponível para qualquer esclarecimento adicional.

Eu, _____ aceito participar neste grupo de discussão bem como na gravação do mesmo. Mais declaro que não me oponho à utilização do conteúdo das respostas para posterior análise a incluir no projeto de mestrado de João Pedro de Pinho Ferreira, desde que seja garantido o anonimato.

Assinatura do participante _____

Assinatura do aluno _____

APÊNDICE 5. REGISTOS DAS CONVERSAS INTENCIONAIS COM OS/as MORADORES/as

Período	2021/2022
Objetivo	<p>Entender pela voz dos moradores/as como é viver naqueles bairros de habitação social;</p> <p>Perceber se conhecem a AM do seu bairro.</p>
Descrição	<p>Falei com variadíssimos/as moradores/as com idades entre os 11 anos e 80 anos e a conversa começa com uma apresentação de quem sou eu, onde trabalho e com que objetivo estou ali. Seguidamente, faço uma questão introdutória à conversa: “se eu quisesse vir para aqui morar, o que me identificava como pontos positivos deste bairro? E negativos?” e tudo o resto surge com o desenvolvimento da conversa e também coloquei a questão de “conhece a AM do seu bairro? Que trabalho desenvolvem? Participa”. Também importante referir que existiu pessoas que preferiram não falar comigo, dizendo que não queriam, que não tinham tempo ou não vale a pena dizer nada. Torna-se relevante refletir sobre o que é possível observar para lá da conversa, ou seja, tenho notado que quando chego aos bairros e as pessoas não me reconhecem, existe de imediato um burburinho e uma observação constante de todos os meus passos e, portanto, opto por me dirigir a locais de referência do bairro e apresentar-me. Nesses locais começo a desenvolver uma conversa com as pessoas que lá estão de forma a atenuar o ambiente todo que anteriormente surgiu à minha volta.</p> <p>Por outro lado, também devo salientar o receio e talvez medo que, às vezes, sinto que as pessoas transmitem ao falar comigo, ou seja, quando a conversa por exemplo dirige-se para as questões relacionadas com o tráfico de droga os/as moradores/as, principalmente os de mais idade, usam muito expressões do género: “você sabe não é?”, “está a vista de todos, correto?”, “você entende o que eu quero dizer”, demonstrando muito pouco à vontade em conversar sobre problemas que os afetam diariamente.</p>

Os/as moradores/as referem diversos problemas: as melhorias das condições da qualidade de vida do bairro um senhor refere “são ilhas ao alto” fazendo referencia à falta de condições, as questões de segurança e conforto com o ambiente do local onde vivem, referem também a não identificação com alguns/mas moradores/as, isto é, a separação que existe entre os/as moradores/as que vivem apoiados socialmente e os/as moradores/as trabalham existindo aqui uma grande “rivalidade” caracterizada pela frase “é só malandros não querem fazer nada”, o desconforto com os novos/as moradores/as, ou seja, quando alguém sai de um bloco e entra novos habitantes para esse bloco, as pessoas acabam por referir bastantes vezes que esses novos elementos vieram causar confusão e modificar todo o ambiente desse bloco.

As mudanças ocorridas nos últimos tempos, grande parte dos/as moradores/as referem que tem sido mudanças para pior e que tudo o que envolve a qualidade de vida destes/as moradores/as tem vindo a piorar, um senhor refere “já não é o meu [REDACTED]”, este aparecimento de novas pessoas ainda por cima da zona [REDACTED] Porto surge como uma das razões da população para este degradingamento da qualidade de vida. Às questões relativas ao tráfico de droga são uma grande preocupação dos/as moradores/as quer os que lidam com este problema mais de perto como aqueles que lidam com o problema com alguma distância, pois têm medo que este fenómeno comece também a surgir nos seus bairros. E o tráfico de droga levanta questões de medo de desconforto dentro da própria habitação, em que um senhor me confidencia que lida com esta situação de perto no seu bloco e não pode fazer nada nem dizer nada, vivendo condicionado a este fenómeno por temer pela sua vida e pela vida do neto que tem ao seu encargo. Outra senhora partilha também: “como posso deixar o meu filho brincar cá fora? Andam aí esses (traficantes) a convencer os miúdos que vender droga é a forma mais fácil de comprar umas sapatilhas.”.

A falta de parques para as crianças, de estruturas para idosos, falta de locais e atividades que promovam o convívio entre a população ou falta de qualidade dos espaços verdes, são as questões mais referenciadas pelos/as moradores/as, apesar de existir uma moradora que questiona “porque que vamos ter mais espaços comuns ou melhores espaços comuns? Se depois não fazemos nada com eles, não fazemos nada que contribua para a evolução de toda a comunidade, ter por ter, às vezes, é melhor não ter”, deixando no ar a necessidade de para além

de pedir estes espaços, pensar e delinear o que fazer com eles, porque outra das questões levantadas pelos/as moradores/as é o não respeito pelo espaço comum a todos/as os/as moradores/as e a destruição das poucas zonas comuns.

Referem a necessidade de os bairros terem mais respostas sociais dentro dos bairros, por exemplo, gabinetes de emprego, mas depois é importante refletir se o centrar de tudo dentro dos bairros não seria impeditivo do conhecer outros locais, para além do bairro.

Os/as moradores/as, principalmente mais velhos, referem a necessidade de se recuperar a preocupação com a comunidade e não apenas com o meu próprio bem-estar, “as pessoas pensam demasiado em si e pouco no outro” refere um senhor.

As questões do papel do homem e da mulher e da violência entre ambos muito enraizada nestes bairros com alguns/mas moradores/as a descrever casos de violência doméstica conhecidos por todos, mas denunciados por ninguém, ou o testemunho de uma senhora que diz que não é sócia da AM, porque o marido não deixa pois não gosta de um senhor que lá está, proibindo a esposa de se envolver nos assuntos da comunidade, importante salientar a normalidade no discurso neste testemunho encarado com normal aceitação esta proibição.

O comodismo da população na não resolução das situações que causam mal-estar na comunidade, apesar de grande parte dos/as moradores/as quando questionados se envolviam, disseram que não, porque não se querem chatear existindo um discurso pouco coerente nesta identificação.

A falta de capacidade dos gestores de entrada para dar resposta às situações denunciadas pelos/as moradores/as, e quando conversado com um gestor de entrada sobre estas questões o mesmo referiu “acha que me vou chatear? Eu tenho família, prefiro estar sossegado, trocar umas lâmpadas quando necessário e fico-me por aí”, o medo de represálias pela envolvimento nas situações é algo muito comum na população.

O abandono que sentem por parte de entidades como CMP e Junta de Freguesia, “só vem cá nas eleições, trazem promessas, mas olhe a sua volta, nada feito”, um discurso muito comum

nos/as moradores/as que sentem que nenhuma destas entidades se preocupa realmente com eles.

Os/As moradores/as mais jovens referem a necessidade de existir menos barulho nos bairros para puderem dormir, queriam mais espaços para puderem brincar e praticar desportos, gostavam que o CJ e o parque urbano da cidade pudessem ter atividades para eles, para além das outras questões já referenciadas anteriormente.

Importante salientar que os/as moradores/as, em grande parte das conversas, apontam características negativas aos outros bairros. Relativamente a questão colocada diretamente sobre a relação dos/as moradores/as com as AM é de salientar que não foi fácil falar com os/as moradores/as, porque estas conversas aconteceram no início do ano civil de 2022 e corresponderam a um forte aumento da presença policial que levou ao desenvolvimento de sentimentos de desconfiança, desconforto e insegurança e portanto a várias recusas de conversa e poucas pessoas na rua, sendo que uma moradora explicou-me que isso acontecia porque poderia ser um polícia a paisana e nenhum morador quer ser conhecido por ser o “chibo do bairro”.

Contudo consegui junto de alguns/mas moradores/as perceber que o conhecimento sobre AM, os seus membros e o trabalho desenvolvido por esta é pouco reconhecido e não é considerado importante por parte dos/as moradores/as, porque sentem que AM não resolve os problemas deles.

É de salientar que um morador insistiu comigo que AM do bairro onde residia nem existia e eu estava a confundir com outra de outro bairro, não consegui após 15 minutos convencer este morador da existência da associação, porque para além de não existir evidencias de atividades realizadas também não tem um espaço físico que os/as moradores/as reconheçam no bairro.

É muito importante referir que o discurso dos/as moradores/as é muito pautado por indiferença relativamente a existência das AM.

APÊNDICE 6. REGISTOS DAS CONVERSAS INTENCIONAIS COM A EQUIPA DA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Período	2021/2022
Objetivos	<p>Perceber a perspetiva destes perante a AM;</p> <p>Entender qual o ponto de vista deles acerca das necessidades que a comunidade vai identificando.</p>
Descrição	<p>As conversas intencionais que vou desenvolvendo com os/as profissionais da ADL têm duas intenções: perceber a perspetiva destes perante a AM e entender qual o ponto de vista deles acerca das necessidades que a comunidade vai identificando.</p> <p>Relativamente as AM as opiniões dos/as profissionais são muito semelhantes, ou seja, identificam claramente a necessidade destas AM serem trabalhadas de forma que consigam corresponder a razão para a qual foram criadas, isto é, serem representativas de toda a comunidade. Apontam vários problemas nas AM ao nível da comunicação, da forma como estão organizadas e planeiam atividades, relativamente à forma de atuar na comunidade, a dificuldade que têm em ser aceites como algo útil para os/as outros/as moradores/as e a forma como eles próprios veem a AM.</p> <p>Relativamente à comunicação, mais especificamente, os/as técnicos/as da ADL referem a necessidade de ser realizada de forma mais pessoal, referindo por diversas vezes a necessidade de retomar a ida bloco a bloco para receber as quotas, porque era uma forma de contacto com a população.</p> <p>Comparativamente à forma como se organizam e planeiam atividades, os/as profissionais da ADL referem que AM se tornou tão politizada e com tanta burocracia que acabou por perder o seu espírito de interventor na comunidade de forma que com os/as moradores/as encontrem</p>

soluções para as necessidades de todos. Nas atividades é referido a falta de capacidade de oferecer algo à comunidade e, portanto, várias vezes os presidentes das AM têm necessidade de criar atividades que multiplicam respostas. Ideias como AM terem um ATL no bairro quando já existe um ATL ou realizarem atividades para os idosos quando existe respostas para tal, e estes/as profissionais acabam por referir a desorganização de ideias que existe na AM e a necessidade de criar respostas talvez com o pensamento de dizer que fez algo.

Os/As profissionais questionam bastantes vezes se os/as moradores/as reconhecem a utilidade da AM e até mesmo de todos/as moradores/as conhecem AM, referindo que AM também não contribui para a construção de uma imagem junto dos/as moradores/as e que não conseguem adaptar a sua função aos tempos atuais e as características do bairro.

Posteriormente, é deveras importante salientar o desânimo que os/as profissionais que tiveram na construção das AM, olham para o rumo destas, referindo que na altura sentiam a necessidade de cortar um pouco a ligação ADL e AM para que pudessem se autonomizar, mas que agora reconhecem que talvez os presidentes das AM ainda não estivessem preparados para a gestão de uma AM e necessitassem de mais acompanhamento.

O ponto de vista dos profissionais acerca das necessidades identificadas pela população é que a questão do tráfico de droga é um problema em crescendo e que num futuro próximo poderá condicionar todo o território assim como a qualidade de vida do mesmo.

Em relação à “rivalidade” entre moradores/as trabalhadores/as e moradores/as que são apoiados socialmente referem que é algo que sempre existiu e à qual a ADL está sempre associada, sendo que os/as moradores/as justificam que esta se encontra ao lado dos apoiados socialmente, pois é à ADL que recorrem sempre que necessitam.

Relativamente às estruturas conseguem entender a posição dos/as moradores/as ao pedir mais e melhores espaços para toda a população e veem esses espaços como locais fantásticos para que os profissionais também se possam relacionar com os/as moradores/as.

Reconhecem a necessidade de se deslocarem mais para o terreno, ouvir mais a população, surge muitas vezes em reflexão “será que estamos a ir ao encontro das necessidades da população”, “será este um território tão intervencionado que neste momento a resposta social já não tem o impacto pretendido”, reconhecem a necessidade de se ouvir novamente as pessoas e tentar adaptar as respostas das necessidades da população, salientando a ideia de construir com as pessoas, em vez de se construir para as pessoas.

Importante perceber que os/as profissionais assumiram posições muito reflexivas quando questionados se acham que neste momento a ADL dá resposta às necessidades da população atualmente, referindo que dão em algumas situações, mas que poderiam dar muito mais se tivessem oportunidade de ouvir mais vezes a comunidade.

Por fim, é de salientar que todos/as profissionais da ADL têm demonstrado muito interesse no trabalho que desenvolvo com a população oferecendo-se para se deslocarem comigo e até mesmo referindo as saudades que têm de um trabalho mais junto da população e lamentado o trabalho burocrático que todo o trabalho social agora envolve impossibilitando de construir com a população e não para a população.

APÊNDICE 7. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Ao longo das transcrições algumas partes das entrevistas irão estar com um sombreado preto de forma a proteger o anonimato dos entrevistados assim como do contexto.

Entrevista 1: Presidente da Associação de Moradores do B1

1. Há quantos anos existe a AM? E há quantos anos é membro da mesma? Pode falar um pouco sobre a história da Associação?

A associação foi criada dia 13 de outubro de 2011, em parceria com a associação de desenvolvimento local no âmbito do contrato local de desenvolvimento social, colocando panfletos nas caixas de correio de forma a perceber que moradores estariam interessados. Alguns moradores que faziam parte desses órgãos sociais nem se conheciam, contudo consideram que a AM teria sido algo útil na altura da melhoria do bairro e, portanto, avançaram para a sua criação. É importante perceber que o coletivo vale mais que o individual, e uma associação é fundamental para defender os interesses dos seus moradores junto dos órgãos competentes. Objetivo principal é entender que os moradores organizados era algo muito importante. Foi o primeiro e único presidente da associação apesar da alteração dos outros órgãos sociais.

2. Quais os objetivos da AM?

Entendemos que os problemas do bairro seriam solicitados e ouvidos de outra forma em grupo; procuramos sempre a constante melhoria de condições dos moradores e do bairro.

3. Quais os pontos fortes e fracos conseguem identificar na AM?

Pontos fortes: trabalho solidificado, ou seja, um projeto a longo prazo, nunca pensamos em dar passos maiores que as pernas; muita persistência para realizar este caminho no associativismo, atualmente as sociedades modernas vivem para o individualismo e, portanto, o associativismo tende a desaparecer se não se modificar.

As associações que apareceram nos últimos 10 anos ficam condicionadas pelas Domus Social (sede sem venda de produtos) condicionam as visitas dos associados, só visita se tiver um problema.

Pontos fracos – pouca participação dos órgãos sociais, só aparecem para as reuniões. Como podemos modificar isso? Não podemos levar muito a sério, dar as reuniões um carácter mais “desconstruído”. Resiliência, resistência para levar a bom porto, não posso impor metas;

Dos órgãos sociais são poucos os que se mantêm desde 2011, poucas pessoas disponíveis para pertencer a associação, não há interessados. Às pessoas não se reveem no associativismo; antigamente era visto como um local de convívio, atualmente já nem hoje nos permitem isso.

4. De que forma dão a conhecer a AM à população?

Com panfletos que as pessoas podem nem ler, cartazes colocados em locais estratégicos às vezes não é fácil colocar nas entradas por causa dos gestores que tiram, envio de ofícios para sócios e através do Facebook ou email.

5. Como é que envolvem a comunidade na AM?

As associações que tem espaços de convívios, café com televisão é fácil de chegar as pessoas e a comunidade, no nosso caso é mais complicado porque apesar de termos uma sede de referência não podemos vender e então é complicado fazer ver as pessoas que AM pode e deve ser um local mais do que espaços de convívio;

6. Que meios é que usam para interagir com a comunidade de forma a escutar as suas necessidades?

Pessoalmente, com assembleias apesar de grande parte não aparecer, só aparece os órgãos sociais; através de conversas que vamos tendo com vizinhos na rua; e através da divulgação que falei a pouco (cartazes, *flyers*, email, Facebook ou panfletos).

7. Na sua opinião é necessário fazer algo junto da comunidade? O quê?

É necessário fazer algumas coisas, mas nós não conseguimos neste momento optamos por identificar essas necessidades e reportar a órgãos mais capazes; no tráfico de droga um

fenómeno visível para todos sabemos que existe, mas preferimos ficar a margem, porque nos é que moramos aqui e quanto menos nos envolvemos menos problemas teremos. Em ordens de despejo também não nos envolvemos, tirando uma situação ou outra que seja por falta de condições económicas que surgiram do nada.

8. Na sua opinião, acha que os/as moradores/as reconhecem a AM como algo útil na comunidade? Porquê?

Não. O individualismo social e outros fenómenos e características do bairro são as causas para o não reconhecimento. Não sentem empatia pela AM, contudo posso até estar enganado, mas os próprios órgãos sociais não vivem isto, portanto. É muito uma feira de vaidades.

Eu vim para AM porque vi o que não se fazia na comunidade na altura da requalificação do bairro, e, portanto, é importante que o bairro tenha associação moradores é sempre uma voz da comunidade. Nós já contribuimos muito para a modificação do bairro, tínhamos um edifício em frente ao bairro que acumulava toxicodependentes conseguimos junto da camara que ficassem com os edifícios e agora até tem dois supermercados lá, ali junto a capela sempre que chovia parecia um lago melhoramos isso, conseguimos uma rua nova para acesso ao bairro, as escadas para o B2 também estavam partidas e conseguimos que as reabilitassem.

9. Que necessidades identifica na comunidade? Estas necessidades são as mesmas que já identificaram na altura da criação da AM? O que mudou?

Existe modificações pontuais nas necessidades do bairro, a requalificação foi péssima. Por exemplo na altura dos incêndios como é que aquelas pessoas conseguiram reaver os seus direitos? Criaram uma associação que defendesse os seus interesses, nos para correspondemos a essas necessidades da comunidade precisamos que entendam a nossa importância.

10. A Associação tem ações/projetos em desenvolvimento? Tem parcerias? Com quem e com que objetivos?

Para a execução destes projetos precisamos sempre do apoio da CMP ou de outras associações, mas gostaríamos de:

Ter um grupo de 10-12 crianças com idades entre os 12-18 anos para ter atividades ligadas a música, projeto que depende de aprovação.

Queríamos retomar as aulas de hidroginástica, dependendo do número de inscrições.

Modificar o chão da sede da associação e precisávamos de um computador novo.

Necessitávamos de uma parceria na área da informática, algo mais inicial e básico do funcionamento do computador, seria uma forma de rentabilizarmos o espaço da sede e de puxar a população para a associação.

Temos um projeto que é o encontro de coletividades e associações de forma que juntos possamos discutir problemas que sejam ou não comuns a todos. É necessário a criação de um pelouro do associativismo para que não exista a demora que existe na resolução dos problemas.

Temos uma parceria iniciada em novembro de 2020 com a [REDACTED], os bairros saudáveis, em que até ao momento temos zero informação sobre o projeto ou a parceria.

Já tivemos também com a ADL, com o [REDACTED] e temos na farmácia com descontos para sócios.

O plano de atividades ainda será discutido com órgãos sociais futuramente, portanto isto não passam de ideias.

11. De que forma estes parceiros são importantes e qual o papel que eles desempenham junto da AM?

Podem ser muito importantes, mas de momento existe pouca comunicação com os parceiros atuais e antigos, mas é algo que temos de retomar para estabelecermos contactos mais próximos.

12. Seria importante outros parceiros? Quais? E em que áreas?

Seria importante parceiros na área social, para os serviços que recorrem a outros locais serem realizados na nossa sede.

No desporto, tivemos uma experiência falhada em 2012 com crianças, mas seria algo a pensar.

E na área cultural, de forma a organizamos passeios, visitas turísticas, um magusto, festas, poderemos proporcionar momentos de convívio a população.

13. O que tem sido desenvolvido pela AM e o que acha que falta fazer?

Falta criar um método para chegar a população; é necessária mais comunicação com as outras associações apesar que existe aqui uma boa relação com as outras associações, mas as que existem a mais anos que a nossa não contam tudo o que sabem, cada uma tem as suas valências, diferenças e especificidades, mas existe assuntos transversais que podíamos debater juntos.

No imediato temos mesmo de divulgar informação sobre a AM.

No final da entrevista o entrevistado acrescenta ainda que:

Neste momento tem 40 sócios pagantes e que este número tem vindo sem a cair, em 2012 até 2018 ainda fazíamos recolha porta a porta depois acabamos por nos cansar de ter de ir a mesma porta várias vezes para recolher a quota de 1 euro, acabamos por sensibilizar os sócios para vir a sede, mas as pessoas não vêm a sede e então vamos perdendo muitos sócios. Este bairro tem características muito próprios para pior do que há. Depois os órgãos sociais não vão a passeios porque não se reveem nos restantes moradores, eu próprio não vivi sempre aqui.

O futuro desta associação é a extinção, não há pessoas para os órgãos sociais, não vejo soluções, quando eu disse quer nunca mais venho isto nunca mais abre, até porque nem mesmo os órgãos sociais valorizam a associação, estou sempre aqui sozinho.

É questionado ainda como funcionam as reuniões da associação.

Nós temos reuniões de órgãos sociais onde falamos de assuntos do quotidiano da associação, do plano de atividades, das contas por aí, depois temos as assembleias gerais onde só os sócios podem assistir e participar, a restante população excepcionalmente pode assistir, mas não pode participar, é assim definido pelos estatutos. Geralmente nestas reuniões temos 7/8 membros dos órgãos sociais de 14 pessoas e mais 1 / 2 sócios, há pouca adesão e participação.

Temos algumas mulheres nos órgãos sociais que não são tão capazes a nível literário e isso também dificulta a execução de algumas tarefas porque acabo por ficar sobrecarregado com tudo

o que envolve escrever uma carta, ou um documento ou um email, não o sabem fazer, é complicado assim.

Entrevista 2: Presidente da Associação de Moradores do B2

1. Há quantos anos existe a AM? E há quantos anos é membro da mesma? Pode falar um pouco sobre a história da Associação?

Desde 19 de Setembro de 2014. Não, sou membro desde o início, mas só sou presidente desde 2020, exatamente, desde o ano passado, de resto fui vice-presidente. Eu sinceramente não sei como é que a associação surgiu, prontos... Nós aquilo o que nós dizemos é que a ADL é mãe das AM e isso houve aqui, na altura eu tinha vindo para cá há relativamente há pouco tempo. Começamos a fazer isto no princípio de 2014 eu teria um ano de bairro, não é... prontos, depois vieram do [REDACTED] e não sei se sabe que no [REDACTED] sempre existiu uma comissão de moradores muito forte, era mesmo uma comissão de moradores que no [REDACTED] tinha muitas boas condições, mas sabe era uma comissão de moradores em que se comentava muita coisa. E prontos, eles como quem me conhecia sabia que eu vinha do [REDACTED] e que tinha participado numa, já tinha sido dirigente do clube convidaram-me. Até foi o [REDACTED] que me convidou na altura e eu vim. Vim ouvir, estávamos aqui muitos membros e pronto lá participei. Começamos a bater à porta, fui uma das pessoas que andou de porta a porta a fazer o inquérito às pessoas se achavam que era bom existir uma AM e não sei o que não sei o que mais... A maioria das pessoas disseram que sim, avançou-se. Ao primeiro nem queria participar, mas as pessoas acharam que eu devia participar, porque eu tinha feito uma promessa que não me metia mais no associativismo. E começou assim, foi assim que existiu. Ela podia ter existido há mais tempo, mas prontos, entretanto meteu-se as férias e formamo-la. A data da fundação é como disse 19 de setembro de 2014.

2. Quais os objetivos da AM?

Os objetivos dos moradores é tentar que se faça mais alguma coisa pelo bairro, quando é uma pessoa sozinha a pedir isto é difícil e nos como associação, às vezes, não é o que tem acontecido, as vezes é mais fácil perante as a quem de direito neste caso a camara ou através junta tentarmos que se faça mais alguma coisa no bairro.

3. Quais os pontos fortes e fracos conseguem identificar na AM?

Mas Isso dos pontos fortes e fracos, em que termos?

(J) Da associação de moradores, dos membros, de funcionamento, da organização...

Isto, você sabe que atualmente o associativismo esta pelas ruas da amargura, ninguém quer fazer parte de nada, não é. As pessoas acomodaram-se hoje, acho que no povo em geral existe um comodismo muito grande. Antigamente, as pessoas não tinham televisão juntavam-se no café na sede da associação e não sei que mais. Atualmente, toda a gente tem televisão, toda a gente tem uma máquina do café... E pronto, esta a perceber, dá-se aquele comodismo e... De não vir à rua. Falo aqui por nós e pelos casos que eu conheço de... principalmente eu falo muito ali com o presidente da AM1 é o mesmo caso nós vimo-nos e desejamo-nos para arranjar membros para fazer uma...

(J) E acha que as AM tendem a desaparecer ou tendem a reinventar-se?

Sim, não, não. Tendem a desaparecer, porque depois também é muito difícil uma pessoa... opa eu não gosto de usar a palavra, mas vivemos num país em que os políticos estão-se mesmo marimbando, a maior parte deles estão-se mesmo marimbando para as pessoas e é nas alturas e eu falo no caso aqui nós temos ai vários problemas que identificamos tivemos uma reabilitação que eu não estava cá na altura que alguém eu não posso dizer isso mas foi muito mal reabilitada, deve-se ter gasto aqui muito dinheiro, mas as casas têm humidade que é uma coisa desconforme, chove pelas escadas abaixo... Pronto, acho que houve uma má fiscalização e é isso que nós temos "tado a tentar debater. Na altura falamos com o [REDACTED] prontos e ele mandou aqui uns senhores ver e tal. Depois, o [REDACTED], como todos sabemos deixou... e tivemos uma, duas reuniões com o [REDACTED] uma na camara e outra aqui. Ele veio visitar isto e ele prometeu-nos, na altura tava, ainda tava as pessoas a sair do [REDACTED] e ele disse que prontos que havia o problema do [REDACTED] e depois ia resolver, mas até agora continuamos à espera de que ele nos resolva. Tenho... O bairro em si foi uma má ... claro que culpa não é dele, mas se calhar não é de ninguém, não é? Vai morrer solteira, mas fizeram aqui umas obras muito mal feitas e nós temos aí vários problemas de infiltrações de água e de humidade nas casas que é uma coisa desconforme. E não tentamos prontos, pela hora ajeitar os outros bairros e como este já foi, já foi, já teve, já foi restaurado se calhar vamos esperar que dê a volta para depois voltar até aqui.

4. De que forma dão a conhecer a AM à população?

Como eu lhe disse, nós antes de fazermos a associação batemos às portas das pessoas perguntar se as pessoas achavam bem e ... se criar uma associação só que agora temos com problemas que pessoas que nos dizem que nós não fazemos nada... Infelizmente há pessoas, prontos eu se calhar se tivesse no lugar deles claro que podia pensar a mesma coisa, se calhar não pensava prontos que eu já tive esta vivência... Pessoas que pensam que um gajo faz assim [estala os dedos] e consegue as coisas. Não é, como lhe disse é muito difícil... Para se conseguir alguma coisa é muito difícil

(J) E como é que se contraria essa imagem que as pessoas criam?

Opa, eu por exemplo, lá está, eu por exemplo, eu no meu caso sou uma pessoa que falo muito com as pessoas nê... Como eu lhe disse eu vim do [REDACTED] em que o [REDACTED] é totalmente diferente deste bairro. As pessoas conheciam-se todas apesar de ser muitas mais. Aqui não, aqui há pessoas que moram aqui há 40 anos e não conhecem quem cá mora. Percebe? Eu se calhar nesta altura eu conheço mais pessoas que moram aqui no bairro, eu que moro aqui há 8 do que se calhar de quem mora aqui há 30. Prontos, eu também sou uma pessoa que gosto de... dou-me à convivência com as pessoas e não sei que mais só que... é como tava a dizer, opa dizer às pessoas que... Que não é como nós queremos que nós tentamos, porque as coisas como digo aqui nas assembleias nós só temos o dever de tentar, agora como nós há muita gente a tentar outras coisas para os outros bairros e não sei o que mais só que temos de esperar que pah... vamos tentando. É como eu lhe disse temos o problema da humidade e não sei que... E dos arruamentos. A rua, se você for por aí... No outro dia vieram aqui, mas taparam só com uma peneira é um bocado difícil não é... Não tapa nada, vieram tapar buracos e a bater quando vier chuva o buraco era assim e fica assim nê, vai abrindo mais... Mas pronto é assim, mas como eu tava a dizer, eu vou falando com as pessoas não tenho problema, eu vou todos os meses vou receber as quotas só faço o 12 e o 13 [blocos] não é... depois há quem faça o 14 e o 15 [blocos].

(J) Ainda fazem esse levantamento das cotas?

Sim, e prontos, vou falando quando as pessoas me interessam eu falo com eles explico e não sei que mais pah tenho sido comprido. Há pessoas ou colegas da direção que dizem que é mais difícil, porque as pessoas não querem pagar porque não veem nada e eu disse opa vocês têm de tentar

explicar a mesma coisa que eu explico é que não posso... Não é porque nós não queremos. Nós bem tentamos pah, mas há que esperar e vai-se resolvendo não é... Nós por exemplo tivemos aqui há uns tempos um problema de eletricidade que andamos aqui um ano para eles virem mudar as lâmpadas. Um ano!

(J) Pois, um ano é muito tempo.

E depois conseguimos porque houve. Há um senhor que faz parte da junta, quer dizer não faz parte do executivo, mas faz parte da junta porque trabalha na EDP. Eu consegui falar com ele prontos que eu conheço das assembleias de freguesia, mas prontos como eu tenho confiança. Depois há aqui uma pessoa que é amigo dele e foi através dele que ele... Que ele... Nos vieram aqui ajeitar as lâmpadas. Porque isto é uma confusão crucial porque há lâmpadas que são da EDP há lâmpadas de rua e lâmpadas de bairro.

(J) Sim

Não sei se me estou a fazer entender, por exemplo estas lâmpadas destes candeeiros que são direitos e tem aquela bola lá a coisa é considerada lâmpada de jardim. As outras são lâmpadas de rua. A EDP muda umas, mas não muda outras tá a perceber? Isto é uma "merda" dum país com uma democracia bestial.

(J) Pois... E exige muita coisa, não é... então é dessa forma que acabam por envolver a sociedade na AM?

Exatamente, prontos, mas como lhe disse cada vez é mais... é, é, é mais difícil pá... Porque as pessoas não... pensam que é como eu lhe disse, estala os dedos e... E às vezes não é... não é?

5. Como é que envolvem a comunidade na AM? (Respondido na questão anterior)

6. Que meios é que usam para interagir com a comunidade de forma a escutar as suas necessidades?

É como eu lhe disse, estamos sempre dispostos e as pessoas sabem... têm o mail, têm o telefone, sabem onde é que eu moro, sabem onde é que moram as outras pessoas. Quando têm algum problema é assim que nos comunicam, nê.

(J) E também aproveitam aquela volta que fazem...

Claro, exatamente como lhe disse.

(J) E as reuniões são só para sócios, não é?

Exatamente. Nós fazemos duas assembleias ordinárias, não é prontos, que é no princípio do ano. É agora que vai haver uma em dezembro que é para a apresentação do plano de atividades e orçamento para o próximo ano e depois fazemos outra no princípio do ano que é o relatório de contas do ano anterior e sempre que necessário poderá fazer-se uma assembleia extraordinária, mas que para já, felizmente ainda não foi preciso fazer.

7. Na sua opinião é necessário fazer algo junto da comunidade? O quê?

Muito sinceramente, é aquilo que eu lhe disse. É ajeitar as casas, é dar condições às pessoas. Há casas que tem mesmo muita, muita humidade. E por exemplo, como eu moro. Quem tem as entradas das portas viradas ao mar, quando chove as janelas para já são um peso enorme são feitas de ferro e prontos, e depois não são vedadas. A chuva bate e entra, você num dia de chuva coisa, vá ver as casas, a chuva corre pelas escadas abaixo e as ruas... para já são as nossas prioridades é ajeitar as casas.

(J) O senhor ██████ falou-me no plano de atividades que atividades é que tem no plano?

Opa depende de..., posso-lhe mostrar aqui... pode ver é o que tentamos fazer porque nós tamos habituados a não ter sede, porque isto nós pudemos utilizar... Na altura o dr. ██████... Se quiser pode ficar com isso [plano de atividades]. Não quer dizer que se façam todas e não sei que, mas não se pode fazer assim muita coisa porque como lhe disse não temos sede e também não... Sabe... Como é que lhe ei-de dizer só podemos por aí aquilo que à priori conseguiríamos fazer, no caso deste de 2020 nem se fez nada nê...

(J) Foi um ano atípico...

Isso, prontos. Foi uma coisa que nos prejudicou muito, eu falo pela associação que as pessoas desligaram-se mesmo. Aí é que as pessoas se desligaram mesmo.

8. Na sua opinião, acha que os/as moradores/as reconhecem a AM como algo útil na comunidade? Porquê?

Nem todos, depende, há quem sim e há quem não. Há pessoas que são contra as associações de moradores.

(J) Porquê?

Não sei, não me pergunte, mas há pessoas que... Opa, sinceramente, nós tivemos aqui dois problemas com os gestores de entrada. Eu não sei, se eles têm medo de que lhes tirem o lugar. Eu também sou gestor de entrada e não [puh, som com a boca]. Nós não ganhamos nada com isso, também não custa nada fazer, não é... é se houver algum problema ligar para a camara e ter lá as lâmpadas em casa e caso seja preciso mudar, dar a lâmpada à pessoa para mudar e não sei que... Na minha entrada, por norma, até sou eu que as mudo... Porque são pessoas idosas quase sempre sou eu que faço isso, mas porque quero, não sou obrigado a fazer isso. Mas nós tivemos, porque nós afixamos, por exemplo vai agora no sábado vamos fazer o magusto, já não fazemos há dois anos, vamos fazer o magusto. Nós afixamos uns papeis nas vitrinas. Todas as entradas têm uma vitrina e ao primeiro púnhamos fora, depois pedimos à camara e eles deram-nos uma chave. E nós tivemos... Eles avisaram os gestores que era para... Nós tivemos dois que... tivemos um qu' primeiro nós púnhamos ele arrancava, não sei se ele tem medo de perder o posto, não faço a mínima. É coiso, mas eu respeito quem não queira ser socio da associação, mas acho que não deve haver nenhum problema com a associação, porque a associação não tira... Como é que eu ei-de dizer... Os benefícios a ninguém, não é, as pessoas... Não sei, mas é a mentalidade das pessoas, não faço a mínima ideia, mas há quem não aceite.

(J) E as que reconhecem como algo útil porque que acha que reconhecem como algo útil?

Oh, a... Porque lá está é como lhe digo, porque nós por exemplo, nós se precisarmos de mudar umas lâmpadas se você ligar para a camara aí então é que eles vão... Não lhe passam cartão não é... Nós precisávamos que nos ajeitassem ali as escadas pusessem ali umas grades, uns corrimões. Se fosse você a pedir, não faziam isso não é... Tá a perceber, porque nós para além de ligar p'a camara, pedimos ajuda à junta, porque, às vezes, há coisas quando vão através deles não

é... Nós quando mandamos um pedido à camara, vai sempre para a junta também. Que é para eles reforçarem.

(J) Exato

E nós agora temos uma coisa que para já tá a correr bem que a junta é o mesmo coiso [partido] da camara não é...

(J) Também é uma vantagem

Exatamente.

9. Que necessidades identifica na comunidade? Estas necessidades são as mesmas que já identificaram na altura da criação da AM? O que mudou?

Sim, sim, sim... Nós ainda não conseguimos resolver isso. É como eu lhe disse, nós, nós... formamos em 19 de setembro de 2014, prontos começamos a ver os problemas do bairro e não sei o que... E começamos logo a debater, por isso, no tempo do [REDACTED] por isso já vê o [REDACTED] já foi em 2015 salvo erro... 2014...

(J) Eu não sou cá do Porto, sou de Matosinhos, por isso...

Pronto, repare ele já vai no terceiro mandato.

(J) Mas sei que ele agora acabou... Ele agora já não faz parte da camara.

21 vai no terceiro mandato, por isso 8 anos é 2013...

(J) Exatamente

Por isso, quando nós formamos (a AM) tentamos nos debater com o [REDACTED] e prontos é como lhe disse, ele veio aqui... veio aqui não, mandou. Tivemos aqui a conversar com ele aqui em baixo. Que andavam a limpar estes terrenos aqui que é agora onde é aqui a [REDACTED]. E ele mandou aqui um senhor ver as necessidades, mas, entretanto, ele saiu e falamos com o [REDACTED] [REDACTED] Mas são as prioridades do bairro tão exatamente a mesma coisa como eu lhe disse vieram ajeitar a rua, mas vieram tapar o sol com uma peneira que não dá... vieram aqui tapar os buraquinhos com uma máquina, mas isso não dá nada.

10. A Associação tem ações/projetos em desenvolvimento? Tem parcerias? Com quem e com que objetivos?

Neste momento nenhum.

(J) Nenhum?

Não, opa. Temos que ser realistas, nós... Nós depois da pandemia começamos de... há dois meses ou que e mesmo assim temos pessoas que têm medo

(J) Vão fazer aqui o magusto no sábado.

Sim

(J) Aqui

Sim, era uma coisa que costumava aparecer muita gente e não sei que, pronto, vamos ver como vai ser este sábado.

(J) Tem algumas parcerias a associação?

Não.

(J) Ou não tem parceiros nenhuns?

Não. Não temos nada.

(J) E acharia importante?

A não ser com a ADL. Não, nós não temos... ouça, nós não podemos ter parcerias, porque não temos sede própria, tá a perceber? Que parceiro que nós podemos ter? Com que? Fazer o quê? Não podemos... pois claro, quando as pessoas vieram aqui uma vez... Quando as pessoas precisam da nossa ajuda para organizar alguma coisa. Uma vez, organizaram aí umas corridas e não sei o que... Prontos, dentro das nossas possibilidades, mas de resto mais nada. Presentemente, não...

**(J) Mas já pensou em alguns parceiros? Achava que era importante em que áreas?
Cultural, social, desportiva...**

Não temos condições para isso, temos um ringue minúsculo. Nós fizemos... No primeiro ano fizemos um torneio de futebol salão. Que é ali em cima que ele é pequenino, é para três, depois faz um barulho bestial. Os miúdos não podem lá jogar que aquilo é de madeira. As pessoas é para ouvir as pessoas. Também as condições não são grande coisa. Porque por exemplo, era uma das coisas que... Que eu gostava, por exemplo, como eu disse eu vim do [REDACTED]. Nós no [REDACTED] tínhamos um ringue espetacular. Faziam-se lá n's torneios de futebol e não sei que mais, e pós miúdos prontos. Nós havia uma coisa é que nós tínhamos poucos miúdos. Isto aqui é um bairro muito envelhecido. Agora com a mudança das pessoas e não sei mais é que vão vindo pessoas é que... Isto era muito... era um bairro muito... e continua a ser...de muitas pessoas idosas. Um bairro muito envelhecido... felizmente não temos droga, para já... Que é uma coisa que é muito bom. Não temos conhecimento disso.

(J) Vocês não lidam com os problemas, por exemplo daqui do B1 ou dali do B4

Não, não, não... felizmente não. Felizmente... tivemos aqui uma. Que já não mora aqui tão pouco. Mas tivemos aqui uma vizinha que lhe apertou assim as mãos ao colarinho e ela [estala os dedos]. Ele nem morava cá, quem morava era o tio não sei quê... mas pronto.

(J) Diga-me uma coisa, e relativamente aos órgãos sociais da AM são pessoas participativas que gostam de estar na associação...?

Têm de gostar senão não estavam. Pronto, nê, porque apesar de muitas vezes com muitas reticências e não sei que mais, mas há uns que são mais participativos que outros. E o problema é o tempo.

(J) O tempo que têm ou não para pertencer?

Exatamente. O tempo e prontos, como eu lhe disse há pessoas que desanimam muito... prontos, nós... Nós só temos... entraram agora dois... Duas pessoas novas mesmo na direção com menos, o [REDACTED] tem pr'ai 40 anos e a [REDACTED] tem 30, 31 ou quê... Prontos, de resto já são pessoas mais velhas, alguns mais velhos que eu e... E temos pelo menos duas senhoras que lá está como lhes digo que ... como ao bocado falamos quando as pessoas as interpelam sobre porquê que não fazem isto, sabes fazer isto ... Elas encolhem-se e não têm como eu lhes digo muitas vezes opah, vocês falem às pessoas não há problema, pá... digam-lhes, convidem-nas... Elas que venham cá...

venham aqui e participem connosco na reunião, até pode ser que nos deiam ideias como é que um gajo ade conseguir isso não é... Opah, as pessoas ne... Porque eu também, muito sinceramente, posso chegar-me ao pé do senhor e dizer você não consegue isso porque não quer nê e você diz-me assim olhe na próxima reunião, nas eleições você vai trabalhar comigo e vamos ver se conseguimos alguma coisa, não se pode... Não é dizer..., mas é dizer meiguinho... Tá perceber? Não sei se me estou a fazer entender... é um bocado difícil, é um bocado difícil...

(J) Quantos moradores, quantas pessoas moram aqui no bairro?

Não, não lhe posso dizer...

(J) Assim mais ou menos...

██
██
██

(J) E o número de sócios é elevado?

Já foi mais. Prontos, eu posso-lhe dizer que no 12 e no 13 tenho mais que uma pessoa por habitação, são 32 pessoas. Infelizmente, tínhamos ali alguns que já faleceram... No bloco 14 é que nesta altura não sabemos quanto temos, porque tivemos um problema com o antigo presidente e ele tem as cotas com ele e os boletins e não sei o que não sei que mais... é um problema que não vale a pena tar aqui a discutir.

(J) O que que o ████████ acha que deve ser feito. Que falta fazer?

Opa eu sinceramente aqui no bairro, nós não nos podemos... A não ser o que... Isso... vamos bater na mesma tecla... A não ser aquilo que eu lhe disse nós não temos um bairro porreiro.

(J) Bom ambiente...

Sim, exatamente. As casas são porreiras e não sei que mais. Se você me perguntar se eu gostava de morar aqui ou no ████████ Eu dizia-lhe que gostava de morar no ████████. Pronto, vivi lá 30 e... 2 anos, nasceu lá os meus filhos, criei lá os meus filhos e não sei que, mas isto também é um bairro

bom para se viver. Não temos muitos problemas a não ser aqueles que eu lhe disse, nê... Os problemas das casas e não sei que mais... Mas é um bom sítio para se viver.

(J) E pensando na UFP aqui à volta? O que que acha que falta?

Opa [REDACTED]... Eu falar acho que não falta assim muito coisa. Acho que há coisas que não devia haver nê... Mas isto... A droga não... é uma coisa que não se pode combater, não é? A droga não acaba, porque alguém não quer que ela acabe, não é?

Eu ainda aqui há tempos, tive uma reunião com uma pessoa que foi candidata à junta e eu disse-lhe opa, depois até me arrependi porque ele é advogado. E eu disse: Isso dá muito dinheiro a muita gente, há tanta gente de colarinho branco que ganha tanto dinheiro com ela e depois disse opa, desculpe lá que eu não tou a falar para si, opa mas tenho de dizer, você já viu quanta gente ganha à custa da droga?

(J) Imensa, não é? Provavelmente imensa...

Advogados, tribunais, juízes e não sei que mais... Jasus tanta gente... A droga é um problema que... Eu tive um amigo meu na PJ que não estava no combate à droga, estava nos homicídios, mas era o que ele dizia, pá "A droga é uma coisa que não pode acabar, as pessoas não querem que ela acabe". E eu disse: porquê? É tanta gente de coca..., e se calhar o homem tinha razão.

(J) pois, se calhar melhor que ninguém ele devia saber. Sr. [REDACTED], estamos mesmo a terminar não sei se quer acrescentar mais alguma coisa.

Não, mas você agora tá-me a falar do que que faz falta a [REDACTED], opa eu muito sinceramente, para mim, é como eu lhe digo, não acho que haja assim Temos bons transportes, temos farmácia, temos supermercados a dar cum pau... é verdade se calhar precisávamos de melhor transporte ao domingo, aos fins-de-semana que é assim um bocado pior. Precisamos que a junta não fosse tanto para [REDACTED], que viesse mais aqui para o nosso lado. Mas assim a nível de viver, acho que é bom viver em [REDACTED]. Eu nunca quis, eu sinceramente quando tive de sair do [REDACTED], foi uma coisa que pronto... A casa tá no nome da minha mulher, porque a mãe dela, os pais, os falecidos pais é que viviam no [REDACTED]. Na altura deram-lhe a escolher uma casa em [REDACTED], também eu conheço-as são porreiras, e no bairro de [REDACTED] isso era impensável para mim, eu sempre disse se

puder ficar em [REDACTED] eu gosto de ficar em [REDACTED] que eu gosto de [REDACTED], tá a perceber? Pronto, vivo aqui há muitos anos, claro que a zona que eu gostava de morar era a zona onde morei que eu vim morar quando vim para o porto que é a [REDACTED], prontos eu morei ali muitos anos em [REDACTED], pá... Mas gosto muito de viver em [REDACTED]. Sinceramente, se me perguntasse se eu agora queria ir para outro parte do Porto eu não trocava esta parte. Independentemente, de ter o problema de [REDACTED], o problema da [REDACTED]. Eu vivi no [REDACTED] e tinha amigos que passavam daquilo [droga]. E eles respeitavam-me, eu respeitava-os. Eu não tenho problema nenhum em dizer que eu tinha amigos que eu ia com eles para o futebol para Lisboa e eu sabia que eles andavam naquela vida. Mas sabia que podia andar no carro com eles à vontade, opa era a vida deles... é como eu tive a dizer, se eles só faziam aquilo porque os deixam fazer, não é? Não tenho nada contra eles. Desde que me respeitem. Se achar que não gosto, não gosto... No outro dia tive um comentário. O Rui Moreira foi ali e ficou todo chateado, pelas pessoas não pararem quando ele passou. Mas ele pensou mal, então se as pessoas não respeitam os próprios moradores vão respeitar o presidente da camara que para eles ele é uma merda, desculpando o termo? É verdade

(J) Se calhar nem reconheceram o presidente da camara...

Se você falar com o [REDACTED] quando ia ao [REDACTED] as pessoas paravam e diziam "deixem passar o doutor". Se ele for lá baixo, acha que alguém lhe passa cartão? Insultam-no é do piorio se for preciso tá a perceber? Agora já não se respeita ninguém... Isto agora é mais que as mães a vender droga... Mas é como eu lhe digo [REDACTED] é um bom sítio para se viver. É a minha opinião, muito sinceramente é a minha opinião. Claro que aqui estamos mais num buraco do que estávamos ali no [REDACTED], mas tamos perto de tudo, temos a praia perto.

(J) Eu também acho que este bairro, do pouco que eu o conheço, estou cá a trabalhar há 1 ano este é dos mais calmos, dos mais pacíficos, dos mais tranquilos...

É, é... ouça, para mim é calmo demais... Não é pelo barulho, eu tinha, eu gostava... você aqui dificilmente vê as pessoas a cumprimentar-se aí na rua e não sei que mais... Eu gostava do [REDACTED] que eu morava na [REDACTED], descia depois tinha assim um... Uma entrada dos carros, eu sentava-me ali debaixo dumas árvores, na altura gostava de ler o jornal. Passava um "tás bom

██████ "Tás bom não sei que". Opa aqui não. Já é... Eu acho que o problema não é ██████ é na cidade do Porto, tamos a perder o bairrismo.

(J) Eu acho que não é só na cidade do Porto

Sim, mas a cidade do Porto era mais... Não sei se você conhece Lisboa, você vai a Lisboa e você não conhece o seu vizinho da frente caralho...

(J) Não, não, por acaso nunca fui a Lisboa...

Você não conhece o vizinho da frente... aquilo eles, num... você anda a trabalhar como eu que trabalho nas obras sou canalizador, faço prontos ... canalizações e tive lá a trabalhar anos e você não fala como aqui. Aqui você tá numa obra e passado uma semana conhece o pessoal todo lá não. Aquilo é... São muito frios, são muito distantes... E nós aqui tamos a ficar igual. Tamos a ficar igual. O ██████ já me diz oh sr. ██████ você não pode pensar que vai encontrar um bairro como o aleixo, mas eu gostava, porque que as pessoas não se dão bem? Nós se nos acontecer alguma coisa, temos de contar é com o nosso vizinho... Não podemos contar com a família que tá no... não é?

(J) Sr. ██████, muito obrigado por este tempo que passou aqui comigo.

De nada

11. **De que forma estes parceiros são importantes e qual o papel que eles desempenham junto da AM?** (Esta pergunta não foi respondida, porque não há parceiros.)
12. **Seria importante outros parceiros? Quais? E em que áreas?** (Respondido na questão anterior)
13. **O que que tem sido desenvolvido pela AM e o que acha que falta fazer?** (Respondido na questão anterior).

Entrevista 3: Presidente da Associação de Moradores do B3

1. Há quantos anos existe a AM? E há quantos anos é membro da mesma? Pode falar um pouco sobre a história da Associação?

Isto aqui foi inaugurado em 2004 inaugurado. Não sou membro desde o início só começamos acerca sete anos com a nossa direção, foi a cerca de 7 anos. O 2014 que eu estava a dizer é aqui nestas instalações porque ela já existia aqui em cima noutra bloco, já existia aqui noutra bloco a associação, a idade certa não sei, mas eu só estou aqui há 7 anos. Não sei da história porque que surgiu ou como surgiu isso sinceramente não lhe sei explicar, mas ela supostamente surgiu para ajudar os moradores, não é?

(J) E como é que a envolvência dos órgãos sociais?

É mais ou menos, depende da disponibilidade de cada um. Há reuniões que tem mais gente a outras menos.

2. Quais os objetivos da AM?

Atualmente, e agora que isto anda aqui em obras nos chamados regularmente ali a camara por causa das obras que estão a fazer, sempre mudam que vão para um bloco novo chamam-nos para saber também as ideias dos moradores o quê que estão a achar dos que estão a ser e daqueles que vão ser os próximos a ser intervencionados eles querem saber o que os moradores pensam das intervenções que vão fazer e não sei que. Há algumas discordâncias, não é assim? E a associação aqui vai como intermediário, vai como intermediário e tentar fazer perceber do outro lado dos que mandam também a ideia de os moradores aqui achar do que estão a fazer se acham bem, mal ou isso, fazemos de intermediários não mandamos em nada também.

3. Quais os pontos fortes e fracos conseguem identificar na AM?

Pontos fortes e fracos ... aqui não é ... isto aqui é uma associação pequenina tem poucos sócios que pagam 1€ é simbólico por mês, para quotas e isso não dá para nada não dá para luz, não dá ... não é? Mas entre pontos fortes e fracos não sei qual é a forma de poder distinguir os mais fortes dos mais fracos gente ta aqui é para as vezes que um morador tem qualquer tipo de problema, tem que ser o morador a ligar por exemplo para a câmara ou para juntas, nós estamos na

aqui entre este bairro e outro aqui neste terrenozinho também não dá, ao lado de [REDACTED] que é uma coisa muito conhecida e muito visitada pelos turistas que vêm aqui ta ser muito requisitado que tanto é que estão a fazer obras para melhorar ali os acessos o passeio aqui em frente a [REDACTED] depois chegam aqui a baixo e tem aquela situação não é agradável, outro dos aspetos que eles podiam tentar resolver mais rápido possível eu acho. Destoa muito o que se passa aqui, depois chegas ali ao fundo da rua vêes aquilo? Estás a perceber? E aqui no bairro muitas crianças passam para ir para a escola, atenção, ainda há pouco tempo tivemos aí uma situação não foi aqui em baixo, foi aqui em cima um tipo também a meter-se com crianças, também é complicado, não é? E devia haver mais policiamento também eu acho, eu acho que para haver mais segurança a volta dos bairros devia haver mais policiamento.

(J) Aqui tem estruturas para crianças? Parques? Ringues desportivos?

Não aqui não, tens aqui um ringue aqui em baixo, quem vai para o [REDACTED] mas está abandonado está tudo abandonado, mas a nível de parques também deixa muito a desejar, aqui este bairro não tem, ali na [REDACTED] também não conheço, fizeram ali um no [REDACTED] mas também... ali no meio do [REDACTED] acho que tem lá assim umas estruturas mas também... pronto e a nível de infraestruturas para crianças aqui o parque, este parque que tem aqui um também lá estruturas, mas também agora estragam logo tudo, mas o interior dos bairros não conheço assim muitos bairros que tenham assim um parque a não ser aqui em cima nas [REDACTED] [REDACTED] tem ali um pavilhão também e tem ali AM mas é da [REDACTED], lá também tem uma associação, eles lá também fazem muitos eventos culturais e tudo e as vezes até se enganam pensam que é aqui porque a AM, pois é que aqui é [REDACTED] e depois tem a [REDACTED] mas é as torres vermelhas mas também é [REDACTED].

(J) Aqui neste bairro existe muitos idosos? Eles passam muito tempo em casa?

Aqui não tem assim nada para "obrigar" os idosos a saírem de casa para conviverem mais um bocadinho, tenho aqui a minha quota parte de manhã, maior parte das pessoas que vem aqui tomar o pequeno-almoço já são pessoas com uma certa idade, tem uma senhora de 94 anos que vem aqui todos os dias, depois já tem muita gente que é de uma certa idade tomar o pequeno-almoço e pelo o que eu reparo é o único é quase o único convívio que tem com outras pessoas é este bocadinho aqui de manhã enquanto tomam aqui o pequeno-almoço. Eu brinco com elas às

vezes, pego nelas ao colo, mas tentar que elas opa desenvolvam mais um bocadinho e tenham com quem, depois saem daqui e metem-se em casa e até amanhã. E aqui perto também não há nada.

(J) Acha que é uma vantagem ter este espaço para que as pessoas possam frequentar AM?

Eu acho que sim, ajuda associação nê? Claro que ajuda a associação e para as pessoas também acho, que é o que eu digo é dos poucos espaços e dos poucos momentos que elas têm para conviver assim com gente dos outros blocos, senão depois metem-se em casa e convivem com o vizinho da porta ao lado se derem com ele, se não derem, isso é como em todo lado, não é? Deus que é Deus não agradou a todos por isso.

8. Na sua opinião, acha que os/as moradores/as reconhecem a AM como algo útil na comunidade? Porquê?

[Redacted response area consisting of 18 horizontal black bars]

[REDACTED]

[REDACTED] Não pode agradar a todos também.

9. Que necessidades identifica na comunidade? Estas necessidades são as mesmas que já identificaram na altura da criação da AM? O que mudou?

A nível de associação? O bairro em si? Por exemplo, quando foi feito, quando eu vim para aqui também fez força e mandou para lá muito emails pá camara e tudo já para começarem a fazer as obras por fora era projetos antigos e que se tinham de fazer agora e depois, nunca mais faziam, mas a partir, desde ca gente tá aqui parece que não, parece que fez algum efeito já remodelaram o bairro tava a precisar, tava muito degradado o bairro e agora parece... parece... aparentemente tá a ficar em condições que as pessoas queixavam-se que desde que fizeram as obras à uns anos atrás estava que as casas ficaram com mais humidades, mais isto, mais aquilo... Foram obras feitas a... Isso foi um dos pontos que eu acho que mudou desde que agente tá aqui e lá está, tamos a tentar remodelar também as instalações, porque quando entramos para aqui agente pensava que tínhamos uma coisa e depois com as contas, com os papéis, pensava que tínhamos mais coisas, dinheiro no banco e afinal não havia dinheiro nenhum. E tivemos que andar a pagar contas antigas, a arrumar a pôr tudo direitinho, tudo em dia... A fazer acordos para pagar águas, luz, rendas

que tava tudo... Graças a deus temos tudo em dia... E temos dinheiro suficiente no banco para fazer as alterações que são precisas, mas também tivemos que batalhar mesmo. Tivemos que batalhar para tentar remodelar, para tentarmos ganhar aquele fogo para podermos fazer aquelas coisas. Temos agora a preparar a festa de Natal p'ras crianças que antigamente não faziam... Netos e filhos dos sócios, por exemplo.

10. A Associação tem ações/projetos em desenvolvimento? Tem parcerias? Com quem e com que objetivos?

Não, não, não... Mas na última reunião que tivemos na camara, falamos sobre isso, por exemplo, uma parceria com um clube O [REDACTED], íamos tentar fazer uma parceria para bolsas para miúdos que queiram jogar à bola, por exemplo, e que não tenham possibilidades, os pais, que a maior parte não têm. Tentar fazer... vamos tentar ver ali uma parceria ali com o clube com o [REDACTED] e tentar, lá está, arranjar bolsas de desporto para os miúdos que não possam, vamos tentar chegar a acordo nós e eles a ver o que podemos fazer por eles. Atão vamos tentar fazer tentar fazer isso com eles, pa ajudar lá está pá ajudar.

(J) E mais áreas? Acha que era necessário a nível social, cultural, de saúde?

A nível de saúde... agente, todas as semanas também tínhamos... temos ali um gabinete médico. E todas as semanas tava a vir cá uma enfermeira para tirar as tensões às pessoas idosas e não só, a quem quisesse ir para medir as tensões e se tava tudo bem e se precisam de alguma coisa, mas também veio isto do COVID. Quando veio o covid também teve-se de parar com isso. Para já está em standby e eles não dizem quando é que começam a vir ou não, mas a nível disso... A nível de saúde também tavamos... tínhamos isso aí a trabalhar só que lá está isto também veio alterar muita coisa.

(J) Há quantos anos é que mora aqui no bairro?

Eu já moro aqui... 23.

(J) Pensando nesses 23 anos, até agora, o que que mudou? Se piorou, se melhorou ... O que que acha que ficou pior? O que que acha que ficou melhor?

Sinceramente.... Lá está, sinceramente eu acho que aqui o bairro não mudou grande coisa. Nem... ambiente é quase sempre o mesmo.

(J) Bom ou mau?

Não posso dizer que é mau. Não... Não posso dizer que é mau àquilo que agente vê nos outros bairros...

(J) Há piores?

Muito piores, não posso dizer que este bairro aqui tem um ambiente muito mau. É como em todo o lado, há de tudo, mas comparar aos outros bairros... As crianças andam à vontade raramente há aqui problemas. Há sempre, não é? Não é mais que ninguém, mas a nível de ambiente, por exemplo na rua... As pessoas dão-se quase todas bem aqui, por acaso, não há aquela rivalidade não há tiros ... Mas se quiser comparar a outros bairros daqui da cidade do Porto, temos dois aqui em baixo, perto, tanto [REDACTED], não se pode comparar é muito mais tranquilo. Eu acho que este ambiente, desde que eu tou aqui, pouco ou nada mudou em relação a isso continua sempre tudo assim tudo muito tranquilo. Por acaso...

(J) Você acha que os problemas que temos aqui em baixo não influenciam ou não influenciaram em nada aqui?

Não, por acaso não. [REDACTED]
Mas acho que a nível... A nível assim desse tipo de ambiente, de confusões não influencia nada aqui, por acaso não, por acaso não.

(J) Não sei se há mais alguma coisa que gostasse de acrescentar que eu não tivesse perguntado...

Não.... Lá está agora agente tá a tentar deixar lá a coisa da saúde [DGS] deixar abrir isto tudo. Mesmo a nível de festas de S. João já há dois anos que não há nada. Parece que não, mas ajuda muito aqui as comunidades à volta.

(J) Quantos sócios tem (se puder dizer) ...

Aqui não temos muitos coisos (sócios). As cotas em dia? Então é que não são ... Se eu fosse a ver pelos números eu ia quase nos 200 sócios e só prai 50 é que têm as cotas em dia... E é 1€ por mês. Eles também não têm aquilo muito... Temos aqui a sala de jogos, para eles jogarem às cartas, vamos por aqui uma mesinha de bilhar para ver se cativa, mas já disse ontem "A mesa de bilhar, vou por aqui, mas só para sócios e com as cotas em dia!" que é para ver se... Se puxa mais um bocadinho [de sócios] e penso em mais algo que fazer. Lá está, fazer aquilo do Zumba para as mulheres que elas só gostam disso, mas temos ali o salão que normalmente pá fazer festas. Por exemplo, temos ali o salão. O salão, os sócios que querem fazer uma festa de aniversário para um filho ou que, não tem dinheiro para andar aí a reservar restaurantes ou reservar isto. Agente cede ali o espaço, eles dão uma contribuiçãozita que eles dão para a ajuda da água e da luz para aquele lado que gastam, eles fazem ali a festinha de aniversário e é das poucas coisas que temos aqui é o que podemos fazer.

- 11. De que forma estes parceiros são importantes e qual o papel que eles desempenham junto da AM? (Respondido em questões anteriores)**
- 12. Seria importante outros parceiros? Quais? E em que áreas? (Respondido em questões anteriores)**
- 13. O que tem sido desenvolvido pela AM e o que acha que falta fazer? (Respondido em questões anteriores)**

Entrevista 4: Presidente da Associação de Moradores do B4

- 1. Há quantos anos existe a AM? E há quantos anos é membro da mesma? Pode falar um pouco sobre a história da Associação?**

Existe há 3 anos, foi registada no dia 24 de janeiro de 2019 e fomos a eleições em fevereiro. Sou membro fundador da associação e também presidente desde o início. A associação surge em parceria com a ADL, começamos por ser uma comissão promotora da associação, fazer ver junto dos moradores a importância que era ter uma associação no bairro, entretanto com a ajuda da junta de freguesia e da ADL registamos a associação, depois de termos o nome fomos a eleições

só havia uma lista e a trouxe-nos até aqui. A minha motivação, para além do respeito pelas pessoas envolvidas neste projeto, para pertencer a associação foi achar que num bairro deve haver uma voz única que fale por todos os moradores , pelas suas necessidades e pelos seus problemas, é necessário modificar também a visão que o exterior tem dos bairros e dos seus moradores atualmente olha-se para nós como pessoas que foram ali descartadas, não servem para nada para a sociedade e isso não é verdade, estão ali pessoas de bem que foram para ali porque os prédios deles estavam degradados, em ruínas, outros perderam a casa em incêndios e outros foram despejados e foram realojados ali, portanto mudar aquele conceito que as pessoas do bairro são arruaceiras, mudar o preconceito sobre as pessoas do bairro.

2. Quais os objetivos da AM?

Os nossos objetivos vão ao encontro do que referi acima, mudar a opinião pública que vivem ali arruaceiros é preciso entender que são pessoas de bem, que tiveram azares na sua vida por desemprego ou porque foram para a uma casa de arrendamento baixo são pessoas e não deixam de ter direitos a uma qualidade de vida. A associação é um pouco para isso para dar voz para dizer que existe e para nossos governantes não se esquecerem de nós, para não nos sentirmos descartados. O coletivo tem muita mais força.

3. Quais os pontos fortes e fracos conseguem identificar na AM?

Pontos fortes – persistência em certas temas por parte da direção.

Pontos fracos – é o desanimo que algumas pessoas demonstram devido a algumas respostas negativas que surgem por parte dos nossos governantes, que são quem tem competências para fazer algo e nos dar qualidade de vida e não temos resposta nenhuma e as pessoas vão desistindo. Hoje em dia há mais trabalho burocrático numa associação do que propriamente resolver os problemas das pessoas e isso acaba por afastar as pessoas, porque até havia pessoas importantes para fazer parte da associação mas acaba por lhes acaba por ocupar muito tempo que não tem.

4. De que forma dão a conhecer a AM à população?

Batendo de porta em porta, ouvindo a opinião deles, nunca julgar a opinião deles, nunca dar uma opinião sobre a opinião deles e depois fazer um resumo, um apanhado dessas opiniões.

5. Como é que envolvem a comunidade na AM?

Como somos uma associação recente, não temos sede, acabamos por ainda não envolver muito a comunidade noutros temas, até porque o único tema que se consegue envolver a comunidade que a associação representa é do tráfico e é um tema que a associação tenta sempre que possível não tocar nem se meter porque a associação não tem meios, não é polícia, portanto deixa esse tema para quem tem competências para tal.

6. Que meios é que usam para interagir com a comunidade de forma a escutar as suas necessidades?

Porta a porta, temos uma página onde é publicado algumas coisas, alguns trabalhos, alguns eventos, mas mesmo assim pelos comentários pelas indicações que nos dão vê-se que não tem grande visibilidade. O melhor contacto é mesmo porta a porta. As pessoas não nos abordam na rua porque somos muito recentes, estamos a gatinhar, associação ainda se está a formar com estas burocracias todas, a papelada e isso tudo o bairro é grande tem mais ou menos [REDACTED] e portanto é complicado dar a conhecer todos os membros da associação, que existe uma associação, vai demorar um ano até começar a entrar aquela ideia que existe uma associação e que é para o bem de toda a gente e que podem comunicar connosco bater a porta da associação, apesar disso já tivemos 2/3 famílias recorrer a associação no tempo do covid-19, por necessidades ficaram desempregados e então a associação desenvolveu uns contactos junto da ADL da junta de freguesia e os guiou para essas entidades, são sócios até e portanto por serem sócios é que conhecessem a associação. Temos neste momento 19 sócios que são os que fazem parte da associação e depois fora desses membros da associação temos mais 5/6 pessoas, em que no início até pagaram cotas e depois deixaram de pagar, acabei por compreender por causa do covid-19 existe outras necessidades e muitos perderam o emprego e perderam também a fé, e depois não posso estar sempre a dizer que associação é nova e é por causa disso mas a verdade é que influencia ainda estamos presos em imensas burocracias, e há pessoas que se colocaram sócias e queriam que os temas deles os problemas deles fossem resolvidos imediatamente e não,

primeiro temos de construir os alicerces da associação e que demora um pouco de mais tempo, acredito que depois de termos estes alicerces os tais temas os problemas das pessoas ai acredito que dá mesmo para trabalhar.

7. Na sua opinião é necessário fazer algo junto da comunidade? O quê?

É necessário arranjar os espaços verdes que deixaram de existir, depois colocar aquilo como um bairro social e o que é isto? É ter uma mercearia típica de bairro, ter um café, ter uma sede, para fazer com as pessoas saiam de casa com um motivo, não é sair de casa só para trabalhar e a noite só sai de casa para despejar o lixo e depois volta novamente para dentro de casa, não há na rua que os faça sair de casa para estarem um bocadinho na rua para conhecer o vizinho do bloco em frente ou do lado, aquilo não era para ser bairro era para ser um conjunto habitacional e não há nada que faça as pessoas saírem de casa. Saem para trabalhar, chegam do trabalho jantam e saem para despejar o lixo e metem-se em casa, e isto é mau porque o vizinho do bloco da frente não conhece o outro, até pode conhecer de vista mas nunca conversou com ele e ate pode achá-lo mal disposto mas se um dia se encontrarem no café tomarem um café ate pode o achar um tipo porreiro, portanto achamos que ali no bairro falta algo de convívio que acabe por unir as pessoas nem que seja um local onde se possam cruzar, ali não há nada as pessoas são muito fechadas. Eu vou às portas, bato às portas alguns nem sabem que sou morador ali do bairro, o bairro é grande nem sabem que sou lá morador porque eu para me encontrar com as pessoas tenho que ir a casa delas, e existindo um café, mesmo que eu não gostasse do café ia lá tomar um café conversava com os vizinhos e bastava um dizer que eu sou o presidente da AM e passava de boca em boca. Era mais saudável se houvesse algo que fizesse as pessoas sair de casa uma padaria, uma mercearia, um café fosse o que fosse.

8. Na sua opinião, acha que os/as moradores/as reconhecem a AM como algo útil na comunidade? Porquê?

No inicio sim, agora não, porque como lhe disse porque secalhar estamos a fazer os alicerces da associação e mesmo durante estes 3 anos ainda não houve, do que pouco que fizemos até agora dos pedidos que recebemos, não houve nenhuma resposta de entidades como a câmara ou a junta e as pessoas não veem serviço da associação e também não compreendam que a associação tem alicerces para construir, querem ver resultados e acho que se conseguíssemos que a câmara

fizesse alguma coisa já do plano de atividades que temos apresentado já mostrava que a associação estava a fazer alguma coisa.

Nós em plano de atividades pedimos obras, iluminação, numeração das portas, aproveitamento dos espaços verdes com umas máquinas de exercícios físicos, passeios culturais, mas são famílias numerosas e gostava que associação pagasse metade do preço. Por exemplo, nos espaços verdes dei esta sugestão ao vereador da câmara do Porto que nos chamou logo vandalhos, e disse-me não vamos pôr nada disto, porque isto é para ser vandalizado, portanto para ele estamos já com um rotulo de vandalhos, vandalismo e, portanto, aqui não vai ser feito nada e a verdade é que até agora não foi feito nada.

Algo que não esta no plano de atividades, mas vai estar este ano é juntamente com a sede, eu gostava muito, eu e a direção, gostávamos muito de ter uma lavandaria comunitária, antigamente havia os tanques e era o antigo Facebook das pessoas, era um ponto de encontro sabia-se lá a vida de toda a gente, uma lavandaria comunitária a um preço justo sem associação ganhar nada apenas para ajudar na manutenção, para os sócios um preço e para os moradores outro e com máquinas de lavar e secar roupa, acho que era bonito as mulheres encontrarem-se ali ao fim da tarde ou a noite ou depois de saírem do trabalho ou depois dos maridos chegarem elas já podem ir lavar a roupa, acho que conseguiria juntar mais as pessoas e era para mim era uma vitória era um marco que eu deixava na associação.

9. Que necessidades identifica na comunidade? Estas necessidades são as mesmas que já identificaram na altura da criação da AM? O que mudou?

A maior necessidade é ouvir um *feedback* quando informamos a CMP de algum assunto, vocês não estão abandonados nós estamos aqui para vos ajudar, mas neste momento as pessoas sentem-se descartadas, foram empurradas para ali vindas de outros bairros e tão ali sozinhas.

Eu vim para aqui a 23/24 anos [REDACTED]
[REDACTED] estava a trabalhar tinha a minha sogra ao meu encargo, com as reformas do meu sogro, da minha sogra e com o meu ordenado eles não me queriam deixar vir para aqui,
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED] foi uma luta grande que tive com a Domus Social, fui retirado da minha antiga casa

por risco iminente de ruína e fui colocado numa pensão com 3 filhos durante 2 anos, porque eles diziam que para vir aqui as pessoas era muito bem selecionadas, tinham de demonstrar excelentes rendimentos, porque isto era uma urbanização e não um bairro. E eu consegui e fiquei todo satisfeito, escolhi um bloco que não está no meio do bairro está nos arredores, escolhi pela tipologia da casa e pela família que me acompanhava, e não havia estes problemas, havia pessoas de bem a entrar, isso tão todas de bem, e estava e estou muito contente por morar ali a beira do rio a beira do mar e as pessoas agora pedem para sair de lá e não é por não gostarem de estar lá é pelo motivo que infelizmente há no bairro (tráfico de droga). Depois do [REDACTED] [REDACTED] que ia acabar com o tráfico e pelo contrario não acabou espalhou e varreu o [REDACTED] para debaixo do tapete da casa dos outros, vendeu os terrenos e depois teve de arranjar uma maneira de realojar aquelas pessoas que não queriam ir para o [REDACTED], queriam estar aqui em [REDACTED] e portanto são dois passos e transformou isto num bairro social meteu boa gente do [REDACTED] ali, mas também má gente, pessoas más, já com os vícios, que se eles tivessem um projeto de trabalho de selecionar as pessoas quando tiveram como quando eu vim para aqui morar, quanto ganham, qual era o rendimento, isso tudo, se eles tivessem esse método aquando a transferência dessas pessoas para cá já não vinha quase tudo para cá, mas vieram pessoas que tem 4 ou 5 gerações condenadas por tráfico. Eu não quero também empurrar o problema para a casa dos outros, mas acho que há aí bairros sociais que tinham mais condições para a polícia puder ter sucesso no trabalho deles, enquanto no nosso como não foi projetado para ser bairro social é muito difícil a polícia ter sucesso na intervenção deles, porque não foi projetado para bairro social era para uma urbanização para famílias que trabalham, para famílias selecionadas.

A qualidade de vida vem sempre diminuindo e mudou negativamente o ambiente do bairro.

10. A Associação tem ações/projetos em desenvolvimento? Tem parcerias? Com quem e com que objetivos?

Os tais projetos que falei, passeios, convívios. E todos os outros que já falei que esperam respostas da câmara, da junta que fazem parte do plano de atividades.

Não tem parcerias nenhuma no momento, tirando com a junta que ajuda com algumas verbas monetárias e tem falhado ainda agora com as eleições me falharam com uma verba, estão um pouquinho esquecidos.

11. De que forma estes parceiros são importantes e qual o papel que eles desempenham junto da AM?

(foi falado ao longo de outras questões).

12. Seria importante outros parceiros? Quais? E em que áreas?

Em quase todas as áreas social, cultural, desportiva, acho que essas áreas eram fundamentais. Eu quando falo em cultural, tanto falo em jovens como pessoas de idade, eu também fazia parte de uma associação que é a [REDACTED] que é cultural e aberta a todas as idades, as pessoas que querem cantar, não sabem cantar entram e nos colocamos a cantar, as pessoas que não sabem tocar, entram e nos colocamos a tocar, eu queria fazer parcerias com estas associações mas era necessário ter uma sede para os trazer para cá, para atrair os jovens, porque temos muito talento ali, nunca se sabe se não temos ali um Cristiano Ronaldo, portanto essas parcerias com associações culturais, sociais, por ai fora eram essenciais. Temos muitas pessoas idosas no bairro e isso era fundamental.

Eram essenciais para completar o projetar da AM.

13. O que tem sido desenvolvido pela AM e o que acha que falta fazer?

A associação tem 3 anos, falta fazer muita coisa, principalmente mudar a mentalidade de quem faz parte da associação, foram inseridas assim um bocado por favor, porque a associação necessitava de ter membros. E no bairro falta fazer tudo, tudo o que possa imaginar, obras, iluminação, tudo aquilo que temos vindo a conversar, falta atividades recreativas, tudo. Quando nos pedem para formar as associações, os convites são feitos as pessoas, transmitem-nos uma ideia de que vamos resolver os problemas das pessoas e depois na realidade é diferente a gente sente-se mais como um bombo da festa, levamos com os moradores, levamos pela câmara, pela junta, por falta de documentos, falta isto falta aquilo e vai ser cortado as verbas e pelos moradores não fazemos nada, é um pouco isto ao contrario das promessas do início e aquela ideia que a gente

cria que vamos resolver, mandamos uma carta forma para o presidente da CMP e vamos obter uma resposta, mas falta voz as associações, deviam dar mais voz e ouvir mais porque somos nos que estamos e que vivemos o problema não são eles que estão no gabinete e depois como são muitos assessores que tem a informação quando chega até eles ou não vem nenhuma ou vem completamente distorcida, deviam sair mais do gabinete ter mais reuniões connosco para nos ouvirem e até para nos sentirmos que estamos a fazer alguma coisa e neste momento existimos porque fomos registados e temos de levar o barco para a frente.

(J) Como mantêm as pessoas que fazem parte dos órgãos sociais motivadas para fazer parte da associação?

Neste momento vou ser muito sincero é não as chatear, como foram metidas assim um pouco a pressão e nunca fizeram parte de associações, tento não as chatear. Fazes parte da associação das o nome eu faço o resto, tive um vice-presidente que saiu do bairro nem conhecimento me deu. Isto não é um problema apenas da minha associação está a acontecer em associações que têm anos as pessoas estão a desligar-se um pouco do associativismo, não veem mudanças, não veem nada a ser resolvido, e depois só temos uma carga de trabalhos e vou resolvendo sozinho. Eu estou desempregado e vou tendo tempo para tratar destas coisas se estivesse a trabalhar era impossível, as associações seriam bem entregues a pessoas mais idosas que estão reformadas que têm mais tempo, porque as reuniões que há com a junta, com a câmara, com a Domus social são sempre em horário laboral e as pessoas trabalham e são obrigados a faltar e se fossem reformados já tinham mais disponibilidade. Acho que deviam existir incentivos aos membros, as pessoas que fazem parte das associações. Eu gosto de ajudar e sei o quanto é importante ter uma associação hoje em dia e se não houver incentivos se não houver resultados é muito difícil mobilizar a população para pertencerem, eu vou ter muita dificuldade este ano nas eleições em reunir 19 pessoas para construir a associação, é muito difícil.

Entrevista 5: Presidente da Associação de Moradores do B5

1. Há quantos anos existe a AM? E há quantos anos é membro da mesma? Pode falar um pouco sobre a história da Associação?

Existe há 9 anos desde 12 de março de 2012. A associação foi criada no âmbito do contrato local de desenvolvimento social da ADL, primeiro contacto, e como ficaram nesse contrato local de criar 3 AM mais uma orquestra comunitária e um grupo de teatro e depois foi criaram no [REDACTED] e depois aqui na [REDACTED] andaram num processo de reuniões com moradores e depois em março começamos nós, eu não me queria meter em nada disso, já sou reformado e estava descansado da minha vida, já tinha sido dirigente de uma corporativa de habitação, e portanto na nona reunião a minha mulher já tinha ido uma vez e depois uma doutora da ADL telefonou para minha casa e eu tive o azar ou a sorte, não sei, de atender a chamada que era para convidar a minha mulher e depois a doutora foi tão persuasiva que quase me obrigou. Convidou-me também para participar nessa reunião e depois vi-me na necessidade de pelo menos ir ver aquilo da participação, e pronto depois foi a essa reunião. Foram nove reuniões e as pessoas estavam todas, pronto, para dar um passo e ninguém dizia eu avanço, o próprio diretor da ADL teve uma frase qualquer que achava estranho no conjunto dos moradores ninguém ter interesse e aquilo mexeu comigo, eu não conhecia quase ninguém, porque eu trabalhava [REDACTED], morava aqui e, portanto, passava pouco tempo aqui e sinceramente não fazia praticamente vida nenhuma aqui, trabalhava na [REDACTED] e, portanto, queria era descansar. E nessa reunião eu disse pronto sim senhora eu participo naquilo, mas não queria qualquer cargo, estava ali para ajudar as pessoas, depois acabei por ficar como vice-presidente, mas ao fim de meia dúzia de meses as coisas não arrancavam não andavam e pronto eu disse ao diretor da ADL que paralelamente a isso devia ter feito formação com os dirigentes, porque as pessoas não se mostravam capazes de desenvolver o trabalho, ao contrário do [REDACTED] que o presidente pese embora as suas reduzidas habilitações literárias, conseguiu mais ou menos sozinho, desenvolver um trabalho, mas aqui as pessoas manifestaram alguma dificuldade.

Era vice-presidente depois, ao fim de um ano, o presidente foi embora, eu passei para presidente e tenho me mantido sempre como presidente, quero me ir embora já há dois mandatos, mas depois não vejo ninguém, para já não há pessoas novas, esta parte daqui da [REDACTED] tendo em conta a faixa etária das pessoas aqui é uma faixa etária muito elevado e nós tivemos oportunidade

de ver em conjunto com a Domus que aquando do Portugal 20 20 nós tivemos acesso à informação que foi corrigida na candidatura, que foi pedido na candidatura que a faixa etária das pessoas aqui é muito muito alta, por exemplo nós fazemos uma festa de natal e nessa festa de natal começamos com uma animação para as crianças no primeiro ano e depois apercebemo-nos que fizemos não para os filhos dos moradores, mas sim para os netos porque não existe crianças, filhos dos moradores.

E depois tenho me mantido aqui nestes anos todos, ainda agora nos tentamos, por vezes, arranjar pessoas novas, mas não estão vocacionadas para este tipo de situações e depois temos nos socorrido de pessoas sexagenárias, septuagenárias, eu tenho 72 anos, aquele senhor mais pequenino tem 75/76, o outro tem 60 e tal anos, as pessoas mais novas que temos aqui são um casal que acabou por vir aqui antes do termino do primeiro mandato colaborar connosco, porque no primeiro mandato foi um pouco confuso, pessoas que diziam que sabiam depois não sabiam e estava praticamente sozinho a trabalhar a gerir isto tudo e depois vieram esse tal casal de 40 e tal anos e depois tem-se mantido e tem-se sido preciosa a sua ajuda, porque eles têm alguma formação e já permite desenvolver algum trabalho daquilo que nós pretendemos e não é só idosos, essas são reduzidas a nível de competências e nós nem sempre conseguimos desenvolver aquilo que seria próprio da associação. Pronto, isto é forma como nasceu associação depois foi crescendo. Nós tivemos eleições no final do mês passado e entramos no quarto mandato pronto para mais umas eleições e tive de me socorrer de pessoas de 80 anos na AM.

Já agora houve um sócio que em julho, nós fizemos uma assembleia geral de apresentação de relatório de atividades do ano transato, e este sócio questionou o trabalho desenvolvido, nunca tinha aparecido aqui, mas depois questionou o trabalho que nos temos estado a fazer se calhar até foi um bocado inconveniente, mas depois perguntou como é que o sr. [REDACTED] que nunca foi a umas das reuniões de preparação da lista aparece como presidente e pronto um fulano que apareceu aquelas reuniões não é. Então queria fazer uma lista para nós seria ótimo, mas o homenzinho fala ou falava, e depois nada, as pessoas continuam a não se querer meter nisto e grande parte delas não tem competências, o fulano que veio aqui o problema dele era como é que ao fim dos anos todos em que não foi àquelas reuniões que ele esteve e não se fez nada e nos estávamos convencidos que desta vez alguém apresentava outra lista que seria ótimo até, mexia e dinamizava isto, mas o homenzinho veio aqui pediu os documentos nós facultamos, ele nem

sabia que existia um regulamento interno e nós fizemos no primeiro mandato um regulamento interno fizemos questão de entregar os estatutos um livro com esses estatutos com o regulamento interno a todos os moradores, mas o homenzinho não sabia, como é que não sabia?!

Deparamo-nos também como alguma situação de falta de literacia associativa ou qualquer coisa ou vivência em sociedade.

2. Quais os objetivos da AM?

São essencialmente melhorar a qualidade de vida dos moradores, representar os moradores junto das instituições, de índole social, cultural, associativa, recreativa é essencialmente isso, de forma a melhorar não só qualidade vida, mas também melhorar também todos os espaços habitacionais, espaços públicos, nos temos tido intervenção essencialmente nessa área. Nós temos um senhorio próprio que é a CMP através da sua empresa municipal de habitação e que a nossa intervenção é fazer e é providenciar junto dessas entidades algumas coisas, parte delas melhorias para o nosso bairro, o nosso bairro foi alvo de uma intervenção que não geral, mas das fachadas dos telhados do que tinham fibra ou cimento logo no início nós fizemos o levantamento das situações do espaços físicos da degradação das habitações e do exterior nos telhados de fibra ou cimento que é uma luta já de alguns anos eu também vinha, como era chefe de divisão das oficinas [REDACTED], nos também tínhamos nos espaços das oficinas e ainda tem uns telhados de fibra ou cimento e nessa ocasião antes de vir reformado era confrontado pelos funcionários se substituíam as chapas de fibras ou cimentos eles faziam alguma pressão no sentido de evitar ir para ali, porque começou se a desenvolver no final desses anos, na transição para o ano 2000, eu vim reformado em 2003, e foi nesse período e tinha lá esse problema e depois aqui no bairro também tinha esse problema e portanto essa foi a nossa primeira luta. Depois, o bairro tinha também uma serie de defeitos a níveis estruturais, as fachadas, as humidades e os nossos primeiros trabalhos incidiram em fazer pressão junto das entidades para a recuperação do bairro dos telhados, das fachadas e para melhorar todas as falhas do projeto construção que era umas falhas de estrutura, isso foi bem conseguido no início, depois as [REDACTED] entradas também têm um aspeto muito degradado. É essencialmente isto. O nosso trabalho inicio foi arranjar as entradas, fizeram uma recuperação nas portas de entradas depois nos continuamos insistir por mais e sempre que muda a camara, temos um vereador novo e como é evidente e vamos dar as boas vindas e temos agora de fazer uma carta para este novo vereador no sentido de nos

apresentarmos, quem é que somos ao que vimos e pedirmos mais algumas situações que carecem de ser intervencionadas porque nestas obras por exemplo fizeram uma intervenção a nível geral e a substituição tinha na parte da cozinha e da marquise colocaram umas janelas em bbc que funciona a eficiência energética, mas nos reclamamos logo nessa ocasião que era uma falha tremenda não terem feito a mesma intervenção nas janelas dos outros compartimentos, depois na primeira reunião que tivemos disseram que aquilo era mais 1 milhão de euros, estas obras roçaram os 2 milhões e 400 mil euros e que era mais 1 milhão, que a câmara não estava para aquilo, mas que proximamente talvez, isto foi no tempo em que o vereador era o [REDACTED], depois foi o [REDACTED] e agora tem outro vereador vamos voltar a fazer incidir sobre isso.

Paralelamente a isso e outra das coisas que também temos pode ver isso aí na planta do bairro onde consta a planta dos espaços ajardinados e porquê? Porque normalmente a camara não tem capacidade para, ou pelo menos os serviços da camara, periodicamente, ou pelo menos com uma periodicidade que seja aceitável, cortar a relva, os jardins ou espaços ajardinados, e você por exemplo hoje a relva esta num estado, esta cortinha, mas isso tem um relvado que esta por todo, que é um relvado que esta sem rega, que é chamado o relvado prado, as ervas se não forem, cortadas com uma periodicidade que seja aceitável crescem até cerca de meio metro e portanto nos o ano passado em pleno período de pandemia nos, quer dizer eu, fizemos uma série de reclamações a camara e entre elas a questão, porque, de vez em quando nessa ocasião, efeitos da pandemia e também efeitos da primavera que as ervas e plantas crescem de uma forma muito mais rápida e isto parecia mais um matagal e eu fiz uma carta pronto um bocado dura e entretanto por parte dos serviços vieram aqui pediram uma reunião connosco estivemos aqui, no dia 28 de maio do ano transato e depois colocaram-nos uma proposta no sentido de nos fazermos a gestão dos espaços ajardinados, porque a camara já tem protocolos com outras AM mais concretamente 3, vim a saber que eram só 3, mas de qualquer maneiras mandaram a minuta para estudarmos a viabilidade de fazermos a gestão, pronto no protocolo davam-nos uma verba e fazíamos a gestão dessa verba e fazíamos a manutenção disso e portanto estamos em fase nesse processo tem havido uma série de problemas, não nossos, nos avançamos apresentamos propostas mas uma exigência nossa também é que quando nos entregarem aquilo tem de nos entregar num estado que seja aceitável não é nos irmos gerir aquilo e entramos em conflito com os moradores porque nos não somos os donos dos espaços é camara e temos de aceitar nos só fazemos a gestão daquilo. Tivemos na sexta-feira da semana passada reunião por causa disso, tivemos de acertar

pormenores porque queremos que os jardins apresentem uma capacidade que seja aceitável para os moradores, porque também era assim os moradores tem aqui ao longo dos anos foram tomando conta daqueles espaços de proximidade que ficam a frente e nas traseiras das suas habitações e portanto cada qual mas de uma forma aleatória e uns ponham umas plantas outros outras e ponham umas sebes e não sei quantos mas depois começam a por aquilo e passado uns tempos deixam de tratar os jardins e depois exigem a camara, e camara como não foram eles também não vai lá e depois acabou por num determinado período tinham ai sebes de uma altura descomunal e depois a camara manda cá os jardineiros deles, mas os jardineiros deles não nesses espaços onde os moradores se assenhoraram do espaço público, e então aquando das obras a parte da Domus Social que é responsável pelas obras reuniu connosco se nos oponhamos e nos não tínhamos como nos opor se ele dissesse que queria não a nossa concordância no sentido depois não fazemos nos entendemos que muito bem aquilo era uma questão de ordenar ai os espaços até servia para porque parte desses espaços ou sebes era também uma forma de terem também ali animais, criar animais e pronto... foi também uma forma de higienização de todo o espaço mas depois não teve consequências, disseram que iam por umas plantas e não sei o que mais e depois isso foi a domus não articulou aquilo com a parte dos jardins que é outro setor e portanto os jardins que são fazem a gestão daquilo fizeram prontos, e aquilo colocaram umas plantas, pronto, depois chegaram aqui os jardineiros que eram de outro setor chegaram aqui e arrancaram com aquilo tudo e depois ficou pior, depois disso tem os moradores ai que tem reclamado isto tava tão bonito e não sei quantos não sei que mais e nos estamos a tentar fazer isso. Estamos também com outra situação e que temos um espaço público que são os passeios e pronto sempre que há aí deficiências de ordem estrutural nos fazemos questão de fazer chegar normalmente as estruturas, a junta gosta que nos dei-mos conhecimento e nos também enviamos para a junta mas depois também não vimos feedback da parte da junta ou não insiste, nos vamos diretamente, tentamos ir diretamente as pessoas, e pronto é dentro disso que nos, e estou a falar da parte do espaço físico. Temos também outro tipo de situações porque a pessoa também não é só isso, também querem umas festas, também querem um espaço cultural e pronto e isso também fazemos normalmente vou fazer elencar isto no inicio do ano começamos por fazer no dia internacional da mulher que é mais ou menos coincidente com o nosso aniversário, fazemos uma sessão solene com o nosso aniversário, com, no dia internacional da mulher fazemos uma sessão evocativa do dia internacional da mulher em colaboração com a ADL, porque conhecem

melhor parte dessas áreas e temos feito aqui com associações representativas das mulheres temos feito aqui sessões de evocativa do dia internacional da mulher paralelamente a isso também o núcleo de defesa do meio ambiente de [REDACTED] uma associação ambiental que já tem quarenta e poucos anos, não tem assim uma intervenção muito grande mas de qualquer das maneiras de vez quando tem fazem-se ouvir e tem algumas ações essencialmente aqui na [REDACTED] e noutras ações aqui no território de [REDACTED] e em colaboração com eles fazemos, já fizemos aqui algumas sessões também sobre o meio ambiente, umas delas sobre, veio cá um elemento do campo aberto que é uma associação ambientalista de âmbito nacional também com uma sessão sobre meio ambiente noutra ocasião veio aqui o engenheiro [REDACTED] que é da [REDACTED] e que foi vereador do ambiente no primeiro mandato de Rui Rio tinha o vereador do ambiente [REDACTED] e também veio numa ocasião a uma dessas sessões promovidas por nos e pelo [REDACTED], fazemos também sessões de fado isto é no âmbito das sessões de fado, a junta de freguesia faz um concurso de fado amador e depois isso vai pelas diversas associações e nos normalmente candidatamo-nos e fazemos aqui, organizamos eles trazem os artistas e nos só cedemos a sala e portanto o espaço. Mais..... Fazemos, vamos fazer isso, participamos também nas rusgas de S.João, fazemos passeios com os moradores, fizemos aqui também, já aqui temos feito já também exposições aqueles quadros que tem ali (aponta para uns quadros da sala) isto é, nos temos aqui no bairro um pintor prontos um autodidata um pintor artístico e que sendo morador daqui nos lembramo-nos dele, pronto ele divulga a sua obra e nos portanto engrandecemos aqui e pronto cada ano pronto as contrapartidas são, nos ficamos com uma percentagem sobre eventuais vendas e ele no final oferece-nos um quadro por nos cedermos a sala durante os 10 dias da exposição, tentar, ou seja, já falei dos passeios também, isto que agora estas pessoas estão ali nos vamos fazer no próximo sábado um magusto comunitário pronto este ano vai ser um magusto associado também porque estas instalações foram remodeladas este ano porque o ano passado nos tínhamos aqui equipamento já um bocado um equipamento um bocado, nos não temos dinheiro pronto e aquilo que nos deram, que nos iam dando nos íamos tendo aqui e o ano passado no orçamento colaborativo da junta de [REDACTED], que é uma verba que a camara disponibiliza para junta para depois as associações e instituições se candidatarem e nos candidatamo-nos nesse orçamento colaborativo um deles era para a fazer a remodelação da sede foi isso que fizeram deram-nos aquilo que nos pedimos 4500€ compramos um computador prontos compramos umas mesas um imobiliário mudamos também a instalação elétrica para por

tudo LED, tentamos fazer uma boa gestão do espaço público e por isso portanto nos deixamos isso concluído no final de julho ficaram com as obras concluídas e depois queríamos fazer uma inauguração pronto convidar a junta porque no fundo parte da verba, a associação também não se consegue manter somente com os sócios, nos temos atualmente 90 sócios, já tivemos 128 ou qualquer coisa foi o máximo e são 120 ou 130 euros por mês portanto nós não nos conseguíamos manter com isso pronto, mas mediante as nossas atividades a junta de freguesia atribui um subsídio anual e portanto dentro disso nós é que nos temos cingido e portanto também participamos a isso entendemos que para a apresentação da sede que melhorou nos vamos fazer também uma pequena sessão solene da apresentação da nova decoração da sede e vamos convidar a junta de freguesia para aquelas palavras de circunstância prontos que também ficam bem prontos e num. Ah e nós em julho estávamos para fazer isso, mas depois ,entendemos que não era oportuno, porque entretanto vinha era as eleições e depois aquilo poderia induzir que havia alguma relação entre a associação e os representantes da junta naquela ocasião e então nos protelamos e vamos fazer resolvemos fazer agora associado ao magusto comunitário fazemos essa apresentação pronto depois já lhe falei disso deixe-me ver lá outra coisa, fazemos também conforme lhe disse fazemos a festinha de natal para as crianças normalmente convidamos uma empresa de animação infantil e temos aqui um dia em que normalmente temos 25 30 crianças chegamos a ter aqui cerca de 40, faz-se uma festazinha prontos um lanche entregamos umas prendinhas e... as crianças um lanche para as crianças e também um copo de água com outras bebidas para os adultos porque também querem alguma coisa prontos e fazemos um jantar de natal e pronto é dentro disso que a nossa atividade.

3. Quais os pontos fortes e fracos conseguem identificar na AM?

A nossa capacidade de intervenção e a colocação das questões devidamente elaboradas e pontos fracos alguma... deixarmos por vezes não ser demasiado, não andar demasiadamente em cima das instituições para.... prontos deixamos correr e eu próprio por vezes ponho algum tempero nisso muito embora acho que não deveria ser assim porque eu trabalhei na [REDACTED] e as instituições da [REDACTED], trabalhava diretamente com os vereadores e tinha um vereador e as instituições e as pessoas quando queriam alguma coisa andavam todos os dias ali a pedir e eu não tenho as vezes digo pronto vocês vão, não tenho esse pronto num acho que devo fazer isso portanto e portanto é inclusivamente sobre aquilo houve duas vezes que a técnica me disse ó

senhor [REDACTED] agora vou ver isso e nunca mais disse e eu então cheguei a determinado ponto e disse ao diretor da ADL você telefone porque eu pronto se voltar a ligar sou capaz de ser assim um bocado grosseiro portanto e então evito por vezes algumas coisas prontas. Porque a parte da política é assim e eu fui técnico não fui político e, portanto, nos muito embora tenha me adaptar mas eu como sou, quando estava na camara tinha aquilo que se chama engolir alguns sapos prontas mas agora estou nesta situação não quero engolir sapos percebe? Prontas e, portanto, talvez seja uma, esse um dos pontos fracos da associação.

4. De que forma dão a conhecer a AM à população? (Respondido na questão anterior)

5. Como é que envolvem a comunidade na AM?

(Resposta ao mesmo tempo as perguntas 4 e 5). Nos para nos darmos a conhecer, divulgamos através, aquilo que os meus colegas foram fazer prontas, foi a parte do magusto, nos vamos colocar em todas as entradas tem lá umas vitrines, vamos convidar todos os moradores a participar nesta nossa atividade paralelamente a isso e dependendo do tipo e teor por vezes a coisas de maior importância nos também para além de colocar os cartazes nas vitrinas porque por vezes as pessoas olham para as vitrines e não leem o que esta lá e então nos por vezes fazemos umas folhinhas assim pequeninas e pomos nas caixas de correio de cada uma das entradas. Para os associados além disso normalmente e quando são as assembleias gerais para além de colocarmos nas entradas, colocamos em cada um dos associados as convocatórias e alguns itens e depois através do correio eletrónico temos um mail e os sócios que tem mail enviamos isto que vamos fazer e é umas das coisas que ia fazer hoje de tarde enviar só para os associados como é obvio, convidando a eles, os moradores e familiares e amigos enviando também para as instituições e também através da página do Facebook temos a página de Facebook a qual também está ativa e portanto fazemos questão de divulgar parte das nossas atividades.

6. Que meios é que usam para interagir com a comunidade de forma a escutar as suas necessidades? (Respondido na questão anterior)

7. Na sua opinião é necessário fazer algo junto da comunidade? O quê? (Respondido na questão anterior)

8. Na sua opinião, acha que os/as moradores/as reconhecem a AM como algo útil na comunidade? Porquê?

Os sócios reconhecem outros conforme eu lhe disse a bocadinho pronto um fulano que este aqui e que nunca tinha visto e pronto e depois tem uma, o fulano a única coisa que dizia depois de eu ter elencado que fiz apresentação do relatório de atividades pretendia fazer um conjunto de atividades que dentro da pandemia e ele perguntou o senhor por acaso sabe que uma das coisas que é mais importante era ter aqui um parque infantil e os senhores nunca fizeram nada disso pronto e depois acabou por se lhe dizer que uma das coisas, daquilo que queríamos no início era também por um parque infantil mas depois de reuniões que tivemos com a camara a camara não apostava nisso, num apostava por não termos crianças, pelas características por tinham ali no bairro da [REDACTED] tinham um parque infantil que não era utilizado no [REDACTED] também tinha um que [REDACTED] tinha tentado, não sei se já falou com ele, dinamizar aquilo pronto e nós deixamos cair isso entendemos que, mas, pronto a única coisa que o senhor disse foi isso. Já agora por causa disso uma das situações que nos ao longo do tempo também pretendíamos para aqui é colocar aqui um típico ginásio de rua aqueles aparelhos de fitness nos pedimos isso a camara e houve ocasião julgo que o [REDACTED] que é um arquiteto que no mandato anterior esteve na junta ele depois foi para a Domus Social disse me que tinha aquilo que ia por aqui uns aparelhos e não sei quantos que saíram de um parque e eu disse oiça lá você não poem nada eu quando quero aqui uma coisa não punho aquilo que os outros rejeitaram ponho aqui uma coisa em condições pronto não é... Entretanto a bocadinho eu acabei por não complementar no orçamento colaborativo do ano passado nos fizemos, nos temos esse processo aqui e está pendente até uma oportunidade nossa ainda não o deixamos cair e então o ano passado para o orçamento colaborativo apresentamos para além daqui destas obras apresentamos também fizemos um processo para colocar aqui um, fazer um ginásio, para colocar aqui o que nos entendemos mediante o espaço que nos arrancamos ali era são 6 aparelhos fitness, aquilo tinha de fazer uma fundação pronto depois para fazer a fundação umas sapatas e aquilo tivemos de fazer uma memoria descritiva primeiro nos e depois consultamos duas empresas acabamos por uma delas fazer porque elas é que fazem a montagem disso mandaram-nos uma memoria descritiva um empreendimento que eram 17 mil euros com toda e nos candidatamo-nos com isso ao orçamento colaborativo, simultaneamente a isso também porque aquilo foi feito assim apressadamente nos enquanto diligenciamos junto das empresas tivemos diversos contactos

diariamente apresentar, eles davam uma sugestões nos dávamos outras fizemos um levantamento do espaço ali e em simultâneo fomos pedir autorização a Domus Social que é a detentora aqui do espaço e a camara do porto que é quem é do património não sabíamos a quem nos havíamos de dirigir para fazermos aquela intervenção de colocarmos aquele equipamento a Domus Social deu-nos uma resposta que é para um património, o património pediu-nos uma serie de documentos e depois acabou por não nos dizer nada disse que era com a Domus Social e quando foi o júri ao analisar as propostas como não tinha essa autorização porque nessa ocasião nos nas propostas dissemos que tínhamos e enviamos para lá os mails que tínhamos enviado para a Domus Social e para o património pronto, comprovativos das diligencias que estávamos a fazer para intervir num espaço público eles disseram que prontos sem autorização que não, então tínhamos de reformular o projeto e portanto nos o que que tivemos, tivemos de retirar esse do nosso projeto tivemos de tirar os aparelhos fitness o ginásio de rua e portanto candidatamo-nos só com as obras daqui, as obras de melhoramento da sede pronto não é, foi, depois disso também, já agora, depois disso em julho aqui a engenheira [REDACTED] telefonou-me porque houve um projeto que era os bairros saudáveis que é um projeto do ministério, e houve uma serie de instituições, e perguntou-me se nos estávamos interessados e eu claro que nos estamos, porque é bom porque nos temos aqui um que nos rejeitado agora, foi-nos rejeitado agora isto, ó então senhor [REDACTED] manda-me isso então eu depois enviei por lá por email tudo porque tinha o processo todo fresquinho enviei-lhe por email, passado, porque aquilo a candidatura já estava muito em cima creio que era até dia 9 ou 10 de dezembro ela telefonou-me no final de novembro qualquer coisa assim do género estava muito em cima, enviei-lhe todo o processo por mail, para o mail dela no próprio dia, no dia que terminava a candidatura telefona vou mandar o [REDACTED], que é um técnico que trabalha lá com ela, fazer a candidatura mas o senhor [REDACTED] não me mandou, não, eu mandei-lhe, eu não vi nos mails ou não sei quantos e isso eu também já tenho muitos anos mas também as vezes é umas das coisas eu não gosto de chatear as pessoas, porque eu o que lhe deveria era na ocasião quando enviei aquilo era fazer um contacto telefónico olhe já recebeu, nos independente da nossa idade vamos aprendendo sempre com aquilo, prontos e provavelmente inviabilizamos isso porque depois estive eu e ele aqui o técnico que ele até demonstrou ser altamente capaz no desenvolvimento daquilo mas fomos incapazes de até ao final até as 17h da tarde apresentar a candidatura mediante os elementos que tínhamos e portanto foi uma forma, ainda agora na sexta-feira lhe falei a ela nisso pronto desculpou-se e veio assim, numa conversa

com alguma cortez e sem nenhuma, mas as vezes prontos, nos perdem-se algumas oportunidades por as vezes algum achismo qualquer coisa do género.

9. Que necessidades identifica na comunidade? Estas necessidades são as mesmas que já identificaram na altura da criação da AM? O que mudou?

As necessidades agora são maiores há mais, há um envelhecimento da população portanto arranjar coisas para fazer. Nós e devo dizer, que no primeiro contrato local por parte da ADL foi muito importante também não foi só por criar isso, foi por simultaneamente com isso, criou também lá uns cursos umas aulas de informática , cursos de formação e isso também foi importante porque eu conheci e acabei por ir lá fazer duas formações uma no âmbito do PowerPoint também disto, quando trabalhava tinha lá um informático que trabalhava comigo só fazia Word, e portanto isso também foi muito importante para as pessoas esse período que funcionou durante os 3 anos. Foram mantendo, mas noutros moldes e também é assim as pessoas já não eram as mesmas pessoas, grande parte delas já tinham beneficiado e portanto, num, mas, eu sei que se manteve porque a minha mulher foi num dos contratos locais a minha mulher foi também fazer uma formação daquele que estava ali junto a igreja a minha mulher foi fazer uma formação agora não sei se neste se mantém. Mas pronto agora secalhar não se justifica já não há pessoas.

10. A Associação tem ações/projetos em desenvolvimento? Tem parcerias? Com quem e com que objetivos? (Respondido na questão anterior)

11. De que forma estes parceiros são importantes e qual o papel que eles desempenham junto da AM? (Respondido na questão anterior)

12. Seria importante outros parceiros? Quais? E em que áreas?

A ADL, pronto na área do emprego por exemplo, a parte do emprego, na área também da integração das pessoas, porque existem também aqui, o que eu vejo, tem uns jornais, um bar, pronto um género de um café que acaba por ser o ponto de encontro dos moradores ali, o que que as pessoas estão ali a fazer? Pronto estão ali a conversar, a jogar as cartas ou eventualmente como esse fulano que a bocadinho lhe falei, o que eles me dizem? Que ele passava ali o dia a jogar as cartas a jogar as cartas uma cerveja atrás de uma cerveja quando ele veio aqui que já vinha

bêbado ou qualquer coisa parecida que aquilo foi, prontos foi isso, e fazer ações no sentido de, sei que é difícil de mexer nessas pessoas mas fazer ações que incidam essencialmente nesse tipo de pessoas. Os mais novos ali, também existem, alguns novos, quando digo novos a volta dos 30/40 anos provavelmente desempregados os chamados NIC ou NET ou não sei quantos não tem emprego nem, e, portanto, será ações desse tipo. Dizer para crianças, as ações para crianças, num... opa, aliás esse senhor que veio aqui disse que nos devíamos ter algumas ações para crianças, mas pronto, num eu tenho também os meus netos que vêm aqui uma vez por semana pronto, uma vez? Não, vêm 3 dias por semana pronto mas não tenho, mas há ações essencialmente para esse tipo de pessoas depois também ações também no âmbito da assistência social que é o isolamento também das pessoas, a uns anos atrás, a uns 3 ou 4 anos a CMP lá no pelouro da coesão social tinha uma equipa que andava a percorrer os bairros e portanto andava identificar, como tem acesso mais, através da Domus Social identificar os idosos no sentido de isolamento nos sobre isso temos também identificado algumas situações e que normalmente encaminhamos para a ADL, através, já encaminhamos algumas para lá, pronto agora, eu não tenho ido lá porque vocês agora o diretor disse-me que vocês agora que este contrato local está mesmo localizado na ADL, enquanto nos anteriores não foi assim, era em locais diferenciados e eu prontos não tenho, também efeitos da pandemia e outras coisas do género com este contrato local não tenho ido, fiquei antes de ir de férias de ter uma reunião, falar assim uma tarde com o diretor da ADL que já há muito tempo que não falamos mas depois tive um problema qualquer e acabei por não ir nessa tarde, até para conhecer lá o contrato local, mas não. O ano passado quando estava a desenvolver o contrato local tivemos uma reunião lá com o diretor ainda foi uma daquelas primeiras reuniões de pandemia, e falou-se nisso e algumas ações prontos, e nessa ocasião lembra-me também porque nos com efeitos da pandemia começamos, como não tínhamos reuniões, mas fizemos algumas reuniões pelo zoom, prontos algumas reuniões, prontos e não sei de o diretor da ADL ficou com aquilo e disse isso naquela ocasião, começamos a fazer em maio do ano passado e de vez em quando, pronto aquilo também as pessoas gostaram e pronto as reuniões dos órgãos sociais no fundo é uma reunião da direção mas que envolvo, eu tenho, é assim, eu tenho uma preocupação de nas reuniões da direção chamar e convidar todos os elementos dos órgãos sociais, para que? Para que eles participem e saibam o que que esta a fazer e no fundo acabam por ajudar e integrar-se com maior facilidade.

(J) Já agora que falou nisso, é uma curiosidade que tenho desenvolvido com as outras entrevistas que tenho feito, que é a participação dos outros órgãos sociais, são pessoas ativas aqui na AM ou não?

São, pronto, alguns, o que é necessário é que eles, pronto nós somos 5 elementos da direção, pronto e esse é que é órgão executivo esses é que tem de trabalhar, pronto, mas os outros também, destes 3 elementos que tiveram aqui um é o presidente da assembleia geral, prontos que era vice-presidente e que passou agora presidente da assembleia geral e esta sempre ativo e eu disse-lhe a ele como é? Ele é o responsável de fazer o arquivo aqui prontos eu incube de fazer o arquivo de fazer a gestão do espaço e outras coisas e disse-lhe [REDACTED] você quer continuar, continuo a mesma coisa prontos não é, e com os outros é a mesma coisa o outro este que veio agora aqui é suplente, é membro suplente do conselho fiscal mas gosta de ter algo pronto dentro da dimensão das suas capacidades tento lhes dar, atribuir algumas tarefas no sentido pronto eles também se sentem satisfeitos em participar nestas situações, desde do início eu, as vezes, cria problemas porque as vezes as pessoas, portanto não entendem bem o papel dele e acham que devem ter uma intervenção semelhante aquilo e prontos eu já me vi numa determinada ocasião o senhor não volta cá mais pronto e não veio, prontos, mas isso foi durante uns tempos. Mas, às vezes, é necessário prontos, fazer isso, prontos a mim também me disseram você ah prontos, mas quando eu levantei o castigo também me vieram dizer isso a eu gostei muito que não sei quantos que você tivesse perdoado ao, o eu também preciso dele prontos evidente, mas agora não posso e não pode chegar e ser, isso é difícil. Há dois anos também houve uma senhora que também e esse mesmo numa segunda vez e que chegaram aqui e prontos, e portanto e depois, para já fizeram assim um conjunto de afirmações sobre um passeio e não sei quantos, estavam a ser demasiado inconvenientes depois eu chameio-os atenção, mas uma delas, a senhora disse ah [REDACTED] anda a implicar muito comigo e não sei quantos eu vou-me embora prontos ela foi-se embora prontos manda-me uma mensagem e, é evidente, que eu nunca mais falei com ela prontos então vira-me assim as costas vou-me embora e nem com um nem com outro, mas prontos, agora depois disseram-me ah não sei quantos, agora o marido dela está doente e depois eu disse as pessoas, vocês falem, que ela é da assembleia geral, falem com a [REDACTED] que se ela quiser, quiser vir aqui, eu enquanto não me passar isto num vou agora permitir que tivessem aqui, por vezes, é assim temos também, eu também sei que sou uma pessoa um bocado difícil, dizem que eu tenho o pavio curto e não sei quantos, mas julgo que o problema não esta comigo, e de

qualquer das maneiras sou eu que sou o líder da equipa não tem que, ou as pessoas gostam ou não gostam, no fundo acabaram por tanto um como outro, muito embora eu não tenha relações com eles, mas disse as pessoas vocês falem, gosto do trabalho deles mas pronto as regras sou eu que as determino e eles quiseram vir, já há muito tempo que não vinham aqui, há cerca de 2 anos que nem entravam aqui dentro vieram aqui, vieram votar, depois nos fizemos uma pequena cerimonia para a tomada de posse e depois já vieram aqui, já fizemos uma reunião já vieram aqui, não vou também, aquilo não foi assim uma questão pessoal e o interessa da associação esta em cima das trincas pessoais e é uma questão de gestão de equipa como bem disse.

13. O que que tem sido desenvolvido pela AM e o que acha que falta fazer?

Os problemas são aqueles a parte da integração das pessoas da coesão a parte da formação, também a bocadinho quando eu lhe falei que no inicio no primeiro contrato local que da parte do diretor da ADL criar uma orquestra, mais um grupo de teatro, aquilo foi muito bonito nessa ocasião enquanto gestão estive na parte, e é importante aquilo para a comunidade e objetivo era que aquilo crescesse e a comunidade desenvolvesse uma parte dessa atividade de artes e de musica prontos, esse processo foi progressivamente sendo diluído a partir do momento em que as pessoas fizeram parte enquanto aquilo estive na gestão da ADL durante o contrato, são 3 anos, e depois ainda prorrogou-se durante mais algum tempo e depois para não se perder aquilo foi criada uma associação no sentido de agregar essas duas, esses dois grupos e caminhar progressivamente para isso, somente que ao longo disso tudo não tem havido não conseguiu crescer porque parte dos órgãos dirigentes do qual eu faço parte, infelizmente, porque sou presidente da mesa da assembleia geral não conseguiram levar a bom termo aquilo e... essa será eventualmente uma das carências da parte da freguesia, porque a freguesia é rica teve aqui conjunto de [REDACTED], nasceu aqui o [REDACTED] que também é daqui de [REDACTED] e portanto devia ter mais e na parte da [REDACTED] também havia la instituições e a corporativa e com os tempos modernos houve realmente nos mudamos todos os nossos paradigmas, aquilo era e existia, eu na minha idade já adulta, passei da minha fase da adolescência para adulto havia uns grupos de futebol eu jogava futebol aqui também havia um dinamismo muito grande. Eu já vivo aqui há 72 anos, nasci aqui em [REDACTED] e vivo, só vivi 39 meses quando estive [REDACTED] 25 meses em [REDACTED] e 26 meses em [REDACTED] e os restantes espalhados pelos pais e os restante aqui em [REDACTED], também não é bem assim eu não estou a ser correto,

porque com 18 anos eu fui mais os meus pais foram viver para [REDACTED] e fui viver para lá dos 18 até aos 28 quando casei, esses 10 anos, desses 10 anos 39 meses em [REDACTED] e noutros países mas de resto só destes 72 anos só 10 anos é que não vivi aqui, mas tinha a minha, tinha parte dos meus amigos era daqui e depois existia aqui a [REDACTED] que também tinha uma secção recreativa que tinha um grupo de teatro e nesse período nos anos 70 e ainda 80 e normalmente nós, aquilo estava aberto todos os dias e pronto havia convívios. Falta muito que não existe, quando a [REDACTED] que foi essa que foi criada que era para fazer a dinamização disso aquilo foi entregue, o diretor da ADL no início disse-me se eu queria tomar conta daquilo é evidente que não eu tenho a coiso e posso ficar a dar uma ajuda acabei por infelizmente, estou agora a fazer, o ano passado fiz um processo de uma candidatura para os órgãos sociais não apresentaram lista nenhuma prontos depois diligenciei no sentido de mais um ano voltamos outra vez, voltei a reativar em junho para apresentar se as pessoas, faço novas eleições se não tenho de entregar as chaves faço novas eleições mas depois vocês apresentaram uma série de elementos para fazer uma lista, no final do mês dia 30 ou 31 fiz uma convocatória para fazer novas eleições que estão previstas para o dia 27 já com essa nova lista, hoje de tarde a digitada presidente para esse grupo ficou de vir aqui, porque eu disse-lhe a ela que tem de fazer a entrega de todas as convocatórias aos sócios, porque depois também umas das coisas sou presidente da mesa da assembleia geral mas na [REDACTED], eu posso mostrar aqui tenho o processo todo em que as pessoas, em que depois aquilo sobrou para mim, sobrou para mim porque eu também quando vim para aqui pronto, isto é todo o processo isto é todo da [REDACTED] eu não sou presidente da direção, sou presidente da assembleia geral e não queria deixar porque eu o facto de ter vindo para aqui, eu nunca estive ligado a teatros nem a musicas, estive ligado a minha profissão, estive ligado prontos mais para a frente a vertente desportiva e quando vim para dirigente aqui da [REDACTED] no início o maestro ou o músico que é o [REDACTED] ou o [REDACTED] que era técnico animador, técnico do contrato local que é o baterista dos [REDACTED], pronto, foi ele que dinamizou a orquestra comunitária, ainda ontem estive aqui a testar e pôs aqui um, no [REDACTED] a orquestra comunitária de 2015 que atou ali em baixo no [REDACTED] estive a testar aqui que era o que eu ia por hoje antes de você chegar estava a ligar isto estava a colocar a musica que é para testar isso para a apresentação para sábado e portanto aquilo foi ele que dinamizou muito aquilo prontos e foi ele que pôs aquilo a funcionar e prontos funcionava bem e foi ele, como estava a dizer porque que eu fui, porque no início foi mais ou menos quando foi criada as AM também foi

criado aquilo e ele cria arranjar elementos para orquestra comunitária e então arranhou cartazes para eu divulgar aqui junto dos moradores até inclusivamente pôs aqui um músico perguntou-me se eu estava na disposição vir aqui um músico semanalmente dar aulas de viola, prontos, nos fizemos a divulgação daquilo junto dos moradores que quiseram se queriam vir aqui aulas de viola aquilo pronto vieram apareceram aqui esporadicamente dois ou três miúdos filhos dai dos moradores alias nessa ocasião vieram mais do [REDACTED] do que daqui da [REDACTED] só que depois aquilo caiu e com base nisso ele então, eu não conseguia arranjar elementos para irem para a orquestra comunitária e uma ocasião ele convidou-me para ir lá ver e não sei quantos e depois pôs-me a cantar o [REDACTED] e eu não sei cantar e depois disso o que sucedeu? Sucedeu que eu foi fazer teatro prontos, foi orquestra comunitária agora fiz teatro na [REDACTED] e fiz já uma série de espetáculos, acho que tenho algum jeito para aquilo e faço parte também depois disso, faço parte também do coro sénior da [REDACTED], já fiz parte do coro do centro histórico mas era muita coisa e eu também não gostava do ambiente daquilo, mas o facto de ter vindo para aqui abriu-me outros horizontes e portanto foi uma vida que eu nunca pensei, nem cantar nem pronto, também tem essas vertentes a vida associativa e no meu caso, estava assim numa fase, tinha vindo reformado queria ler uns livros pronto que não tive, [REDACTED] [REDACTED] e pronto e estar deliciado gosto de cinema gosto de ler e portanto naquele período lia, cinema, prontos, convivia com algumas pessoas mas a vida social também não era assim muito intensa, não tinha novos amigos era aqueles antigos isto fez-me, alargou novos horizontes, continuo a ter os mesmo amigos, por exemplo os amigos do meu curso faço semanalmente uma reunião que foi eu que comecei também com isso, uma reunião no zoom, uma tertúlia com elementos do meu curso, reunimos todas as quintas-feiras aquilo é sagrado, pronto, vamos fazendo essas tertúlias e depois tenho semanalmente, agora também estou a fazer uma caminhada para [REDACTED] também com esse grupo de novos amigos, o facto de ter vindo para aqui deu-me trabalho e algumas consumições, mas abriu-me também outros horizontes. Eu, às vezes, também conto às pessoas, porque isto realmente é uma fonte de alargar os nossos horizontes e o que sucedeu comigo sucedeu também quando fui para [REDACTED], quando fui para a [REDACTED] também costumo dizer isso porque eu sou filho de gente trabalhadora e depois fui para a [REDACTED] e estava muito restringido aqueles espaços, mas o facto de ir prontos, percorrer enquanto estive aqui e depois para [REDACTED]

■ pronto conheci outras pessoas e alargaram-se os meus horizontes de uma forma exponencial e aqui foi sensivelmente a mesma coisa, costumo as vezes dizer a uma parte dos elementos que estão aqui comigo nos órgãos sociais e também dizem vieram para aqui e aprenderam muito, pronto, aprenderam, alargaram os seus horizontes também são pessoas empenhadas naquilo, este senhor ou aquele pequenino também era reformado viúvo e não sei quanto estava ali fechado e eu convidei-o a vir para aqui pronto, ele primeiro veio para aqui para ajudar e não sei quantos ele diz que foi a melhor coisa, porque também começou a ter uma nova vida. O que eu faço com estes elementos, gostaria que fizesse assim naqueles elementos que estão ali a jogar as cartas a beber e não sei quantos, houve um destes um dia desta semana olha anda cá ver, tinha ali uma caixa daquelas de água e aquilo estava cheio de cervejas, bebem as cervejas e pronto deixam ficar assim para ali, se pudessem arranjar alguma coisa para, mas sei que é difícil essa parte da intervenção social.

APÊNDICE 8. ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

A AM 1 foi criada em 2011.

A AM 2 foi criada em 2014.

A AM 3 foi criada em 2004, tenho mudado para o espaço atual da associação em 2014.

A AM 4 foi criada em 2019.

A AM 5 foi criada em 2012.

As AM regem-se pelos respetivos estatutos associativos devidamente aprovados na criação das mesmas, as atividades são planeadas e aprovadas em reunião ordinária onde se apresenta o plano de atividades e de contas e depois realiza-se outra reunião próxima do final de ano civil onde se apresenta o relatório de atividades e contas. De salientar que as atividades são definidas pela AM tentando ir ao encontro dos problemas e necessidades da população que representam.

Os órgãos sociais	Composição	E (1): É constituída por 14 elementos.
-------------------	------------	--

		<p>E (2): É constituída por 13 elementos.</p> <p>E (3):</p> <p>E (4): É constituída por 19 elementos.</p> <p>E (5): É constituída por 13 elementos.</p>
	<p>Participação</p>	<p>E (1): (referindo-se a pouca disponibilidade para diariamente estar na sede associativa) “pouca participação dos órgãos sociais, só aparecem para as reuniões”; (mencionando a falta de participação) “os próprios órgãos sociais não vivem isto”; (aludindo ao facto de constantemente estar sozinho na sede da associação) “até porque nem mesmo os órgãos sociais valorizam a associação, estou sempre aqui sozinho”; (referindo-se as reuniões obrigatórias por estatutos da associação) “Geralmente nestas reuniões temos 7/8 membros dos órgãos sociais de 14 pessoas e mais 1 / 2 sócios, há pouca adesão e participação”.</p> <p>E (2): (diferenciando a participação entre os membros da associação) “mas há uns que são mais participativos que outros. E o problema é o tempo”;</p> <p>E (3): (aludindo a participação dos membros nas reuniões da associação) “É mais ou menos, depende da disponibilidade de cada um. Há reuniões que tem mais gente a outras menos.”.</p>

		<p>E (4): (justifica o porque de alguns membros participarem menos)“é o desanimo que algumas pessoas demonstram devido a algumas respostas negativas que surgem por parte dos nossos governantes, que são quem tem competências para fazer algo e nos dar qualidade de vida e não temos resposta nenhuma e as pessoas vão desistindo”; (explica como faz a gestão das pessoas que compõem os órgãos sociais)“Neste momento vou ser muito sincero é não as chatear, como foram metidas assim um pouco a pressão e nunca fizeram parte de associações, tento não as chatear”.</p> <p>E (5): (refere como envolve todos os membros dos diferentes órgãos sociais na associação) “eu tenho uma preocupação de nas reuniões da direção chamar e convidar todos os elementos dos órgãos sociais, para que? Para que eles participem e saibam o que que esta a fazer e no fundo acabam por ajudar e integrar-se com maior facilidade.”; (menciona como distribui as tarefas de forma que todos participem e sintam satisfeitos no que fazem) “mas gosta de ter algo pronto dentro da dimensão das suas capacidades tento lhes dar, atribuir algumas tarefas no sentido pronto eles também se sentem satisfeitos em participar nestas situações”.</p>
	<p>Envolvência e integração de novos membros</p>	<p>E (1): (Diz respeito aos poucos/as moradores/as interessados/as em entrar na AM) “Poucos pessoas disponíveis para pertencer a associação, não há interessados. As pessoas não se reveem no associativismo”; “O futuro desta associação é a extinção, não há pessoas para os órgãos sociais, não vejo soluções, quando eu disse que nunca mais venho isto nunca mais abre”.</p>

		<p>E (2): "Isto, você sabe que hoje em dia o associativismo esta pelas ruas da amargura, ninguém quer fazer parte de nada, não é."; (refere as dificuldades para constituir uma associação) "nós vimo-nos e desejamo-nos para arranjar membros para fazer uma..."; "Há pessoas que são contra as associações de moradores".</p> <p>E (3): _____</p> <p>E (4): "Hoje em dia há mais trabalho burocrático numa associação do que propriamente resolver os problemas das pessoas e isso acaba por afastar as pessoas, porque até havia pessoas importantes para fazer parte da associação mas acaba por lhes acaba por ocupar muito tempo que não tem."; (Refere-se a integração de novos membros) "Isto não é um problemas apenas da minha associação esta acontecer em associações que tem anos as pessoas estão a desligar-se um pouco do associativismo, não veem mudanças, não veem nada a ser resolvido"; "A associação tem 3 anos, falta fazer muita coisa, principalmente mudar a mentalidade de quem faz parte da associação, foram inseridas assim um bocado por favor porque a associação necessitava de ter membros."; "sei o quanto é importante ter uma associação hoje em dia e se não houver incentivos se não houver resultados é muito difícil mobilizar a população para pertencerem, eu vou ter muita dificuldade este ano nas eleições em reunir 19 pessoas para construir a associação, é muito difícil."</p> <p>E (5): (menciona a vontade de sair da associação) "quero me ir embora já a dois mandatos mas depois não vejo ninguém, para já não há pessoas novas"; (a associação foi a eleições recentemente e menciona a dificuldade em arranjar novos membros) "ainda agora nos tentamos por vezes arranjar pessoas novas mas não estão</p>
--	--	---

		<p>vocacionadas para este tipo de situações e depois temos nos socorrido de pessoas sexagenárias, septuagenárias, eu tenho 72 anos, aquele senhor mais pequenino tem 75/76, o outro tem 60 e tal anos, as pessoas mais novas que temos aqui são um casal que acabou por vir aqui antes do termino do primeiro mandato colaborar connosco”; “tive de me socorrer de pessoas de 80 anos na AM.”; (alude a uma confrontação de um sócio numa assembleia geral e ao facto de este sócio ter dito que iria constituir uma lista para se candidatar, acabando mais tarde por não acontecer) “mas o homenzinho fala ou falava, e depois nada, as pessoas continuam a não se querer meter nisto e grande parte delas não tem competências”.</p>
<p>Relação da AM com os/as moradores/as</p>	<p>Relação direta (estabelecida presencialmente ou a distância)</p>	<p>E (1): (reuniões obrigatórias por estatutos associativos) “Pessoalmente, com assembleias apesar de grande parte não aparecer, só aparece os órgãos sociais [...]; através de conversas que vamos tendo com vizinhos na rua”; (refere-se a recolha do valor das quotas onde os sócios agora se descolam a sede para fazer o pagamento) “em 2012 até 2018 ainda fazíamos recolha porta a porta depois acabamos por nos cansar de ter de ir a mesma porta várias vezes para recolher a quota de 1 euro”; “os órgãos sociais não vão a passeios porque não se reveem nos restantes moradores, eu próprio não vivi sempre aqui”; (refere-se as reuniões que apenas podem participar ativamente os sócios) “a restante população excepcionalmente pode assistir mas não pode participar, é assim definido pelos estatutos” (alude ao uso de email como forma de enviar ofícios) “envio de ofícios para sócios [...] email”; (os gestores são moradores/as] que coordenam o funcionamento das respetivas entradas) “às vezes não é fácil colocar nas entradas por causa dos gestores que tiram”</p>

	<p>E (2): (Menciona o facto de conversar na rua com os/as moradores/as) “sou uma pessoa que falo muito com as pessoas”; (aludindo ao contacto que estabelece neste contacto com os moradores) “eu vou todos os meses vou receber as quotas só faço o 12 e o 13 [blocos] não é... depois há quem faça o 14 e o 15 [blocos].”; “sabem onde é que eu moro, sabem onde é que moram as outras pessoas”; “Você aqui dificilmente vê as pessoas a cumprimentar-se aí na rua e não sei que mais”; (menciona outras forma de contato) “Têm o mail, têm o telefone”. (os problemas referidos com os gestores de entrada são a AM afixar cartazes e estes serem retirados pelos gestores) “nós tivemos aqui dois problemas com os gestores de entrada. Eu não sei, se eles têm medo de que lhes tirem o lugar”.</p> <p>E (3): (refere-se ao facto de antes das obras de requalificação as pessoas não conheciam AM) “quase toda a gente agora conhece desde que começou as obras sinceramente em antes das obras maior parte até dizia que não havia AM, mas também não procuravam”.</p> <p>E (4): (mencionando que tenta ouvir as pessoas procurando-as) “Batendo de porta em porta, ouvindo a opinião deles, nunca julgar a opinião deles, nunca dar uma opinião sobre a opinião deles e depois fazer um resumo, um apanhado dessas opiniões.”; (alude a dificuldade em envolver a comunidade nas atividades) “Como somos uma associação recente, não temos sede, acabamos por ainda não envolver muito a comunidade noutros temas”; (menciona a dificuldade de as pessoas recorrerem a eles quando se cruzam porque não conhecem os membros da associação) “O melhor contacto é mesmo porta a porta. As pessoas não nos abordam na rua porque somos muito recentes”; “Eu vou às portas, bato às portas alguns nem sabem que sou morador ali do bairro, o bairro é grande nem sabem que</p>
--	--

		<p>sou lá morador porque eu para me encontrar com as pessoas tenho que ir a casa delas”; (sugere uma dificuldade em relacionar-se com alguns/mas moradores/as que foram morar para lá depois dele) “não foi projetado para bairro social era para uma urbanização para famílias que trabalham, para famílias selecionadas.”</p> <p>E (5): (menciona um acontecimento recente com um sócio) “houve um sócio que em julho, nos fizemos uma assembleia geral de apresentação de relatório de atividades do ano transato, e este sócio questionou o trabalho desenvolvido, nunca tinha aparecido aqui, mas depois questionou o trabalho que nos temos estado a fazer secalhar até foi um bocado inconveniente”; (refere-se aos/as moradores/as que estão num café) “O que eu faço com estes elementos, gostaria que fizesse assim naqueles elementos que estão ali a jogar as cartas a beber e não sei quantos”; (explica como consegue transmitir alguma informação importante da AM) “depois através do correio eletrónico temos um mail e os sócios que tem mail enviamos isto que vamos fazer”.</p>
	<p>Relação indireta (flyers, cartazes, divulgação nas redes sociais)</p>	<p>E (1): “Com panfletos que as pessoas podem nem ler, cartazes colocados em locais estratégicos, [...] através do Facebook”.</p> <p>E (2): _____</p> <p>E (3): “Temos Facebook”.</p>

		<p>E (4): “temos uma página onde é publicado algumas coisas, alguns trabalhos, alguns eventos, mas mesmo assim pelos comentários pelas indicações que nos dão vê-se que não tem grande visibilidade”.</p> <p>E (5): “colocar os cartazes nas vitrinas [...] por vezes fazemos umas folhinhas assim pequeninas e pomos nas caixas de correio de cada uma das entradas [...] para os associados alem disso normalmente e quando são as assembleias gerais para alem de colocarmos nas entradas [...] temos a página de Facebook a qual também está ativa e portanto fazemos questão de divulgar parte das nossas atividades”.</p>
<p>Problemas identificados</p>	<p>Qualidade habitacional</p>	<p>E (1): “Existe modificações pontuais nas necessidades do bairro, a requalificação foi péssima.”.</p> <p>E (2): “As casas têm humidade que é uma coisa desconforme, chove pelas escadas abaixo”; “vários problemas de infiltrações de água e de humidade nas casas que é uma coisa desconforme”; “É ajeitar as casas, é dar condições às pessoas [...] Quem tem as entradas das portas viradas ao mar, quando chove as janelas para já são um peso enorme são feitas de ferro e prontos, e depois não são vedadas”.</p> <p>E (3): (refere-se a obras a realizar no interior da habitações) “há muitas pessoas que precisam de ajuda por dentro das casas por exemplo” ; (alude ao [REDACTED] junto aos [REDACTED] de [REDACTED]) “ao lado de [REDACTED] que é uma coisa muito conhecida e muito visitada pelos turistas que vêm aqui ta ser muito requisitado que tanto é que estão a fazer obras para melhorar ali os acessos o passeio aqui em frente a [REDACTED], depois chegam aqui a baixo e tem aquela situação não é agradável, outro dos aspetos que eles podiam tentar resolver mais rápido possível eu acho”;</p>

		<p>“devia haver mais policiamento também eu acho, eu acho que para haver mais segurança a volta dos bairros devia haver mais policiamento”.</p> <p>E (4): “É necessário arranjar os espaços verdes que deixaram de existir”; “Nós em plano de atividades pedimos obras, iluminação, numeração das portas, aproveitamento dos espaços verdes com umas máquinas de exercícios físicos”; (referindo-se ao crescente aumento do tráfico de droga) “a qualidade de vida vem sempre diminuindo e mudou negativamente o ambiente do bairro”.</p> <p>E (5): “melhorar também todos os espaços habitacionais, espaços públicos, nos temos tido intervenção essencialmente nessa área”; “as ■ entradas também tem um aspeto muito degradado”; “porque queremos que os jardins apresentem uma capacidade que seja aceitável para os moradores, porque também era assim os moradores tem aqui ao longo dos anos foram tomando conta daqueles espaços de proximidade que ficam a frente e nas traseiras das suas habitações e portanto cada qual mas de uma forma aleatória e uns ponham umas plantas outros outras e ponham umas sebes e não sei quantos mas depois começam a por aquilo e passado uns tempos deixam de tratar os jardins”; “temos um espaço público que são os passeios e pronto sempre que há ai deficiências de ordem estrutural”; “também pretendíamos para aqui é colocar aqui um típico ginásio de rua aqueles aparelhos de fitness”.</p>
--	--	---

	Atividades	<p>E (1): “Atividades ligadas a música [...], aulas de hidroginástica [...], informática algo mais inicial e básico do funcionamento do computador [...], desporto”; “Temos um projeto que é o encontro de coletividades e associações de forma que juntos possamos discutir problemas que sejam ou não comuns a todos”.</p> <p>E (2): _____</p> <p>E (3): “organizar os bailes de verão [...] torneios para os sócios de pesca e de sueca”; “Tamos agora a preparar a festa de Natal pras crianças”; “Temos aqui a sala de jogos, para eles jogarem às cartas, vamos por aqui uma mesinha de bilhar para ver se cativa”.</p> <p>E (4): “Os tais projetos que falei, passeios, convívios”; “falta atividades recreativas”.</p> <p>E (5): “nos fazemos uma festa de Natal”; “fazemos também sessões de fado”; “fizemos aqui algumas sessões também sobre o meio ambiente”; “participamos também nas rusgas de S. João, fazemos passeios com os moradores, fizemos aqui também, já aqui temos feito já também exposições daqueles quadros”; “vamos fazer no próximo sábado um magusto comunitário”; “fazemos um jantar de Natal”.</p>
	Locais de convívio	<p>E (1): (aludindo a importância que seria a sede ser também um café para os/as moradores/as conviverem) “Apesar de termos uma sede de referência não podemos vender e então é complicado fazer ver as pessoas que AM pode e deve ser um local mais do que espaços de convívio”; (sensibilização que acontece através da sugestão de pagarem</p>

		<p>as quotas em sede) “acabamos por sensibilizar os sócios para vir a sede, mas, as pessoas não vêm a sede e então vamos perdendo muitos sócios”.</p> <p>E (2): (refere-se que ao não ter sede não consegue fazer atividades muito elaboradas) “Pode ver é o que tentamos fazer porque nós tamos habituados a não ter sede”.</p> <p>E (3): (refere-se ao facto de ter uma sede que funciona como um café também) “Claro que ajuda a associação e para as pessoas também acho, que é o que eu digo é dos poucos espaços e dos poucos momentos que elas têm para conviver assim com gente dos outros blocos”; “tamos a tentar remodelar também as instalações (da sede da associação)”.</p> <p>E (4): “ter uma mercearia típica de bairro, ter um café, ter uma sede, para fazer com as pessoas saiam de casa com um motivo, não é sair de casa só para trabalhar e a noite só sai de casa para despejar o lixo e depois volta novamente para dentro de casa, não há na rua que os faça sair de casa para estarem um bocadinho na rua para conhecer o vizinho do bloco em frente ou do lado”; “portanto achamos que ali no bairro falta algo de convívio que acabe por unir as pessoas nem que seja um local onde se possam cruzar, ali não há nada as pessoas são muito fechadas”.</p> <p>E (5): (aludindo a este momento como um momento de convívio entre moradores/as) “apresentação da nova decoração da sede”.</p>
--	--	--

	Equipamentos sociais	<p>E (1):</p> <p>E (2):</p> <p>E (3): “Não aqui não, tens aqui um ringue aqui em baixo, quem vai para [REDACTED] mas está abandalhado está tudo abandonado, mas a nível de parques também deixa muito a desejar, aqui este bairro não tem”; “infraestruturas para crianças aqui o parque, este parque que tem aqui um também lá estruturas, mas também agora estragam logo tudo”; “Aqui não tem assim nada para “obrigar” os idosos a saírem de casa para conviverem mais um bocadinho, [...], maior parte das pessoas que vem aqui tomar o pequeno-almoço já são pessoas com uma certa idade (...)pelo o que eu reparo é o único é quase o único convívio que tem com outras pessoas é este bocadinho aqui de manhã enquanto tomam aqui o pequeno-almoço”.</p> <p>E (4):</p> <p>E (5): (refere-se à necessidade de existir algo que permita as pessoas realizarem atividades) “há um envelhecimento da população, portanto arranjar coisas para fazer”.</p>
Parcerias	Parcerias atuais	E (1): “Temos uma parceria iniciada em novembro de 2020 com a [...], os bairros saudáveis, em que até ao momento temos zero informação sobre o projeto ou a parceria”.

		<p>E (2): "Neste momento nenhum".</p> <p>E (3): "A nível de saúde... a gente, todas as semanas também tínhamos... temos ali um gabinete médico. (parou por causa do covid-19)".</p> <p>E (4): "Não tem parcerias nenhuma no momento, tirando com a junta que ajuda com algumas verbas monetárias".</p> <p>E (5): "mediante as nossas atividades a junta de freguesia atribui um subsídio anual e portanto dentro disso nós é que nos temos cingido".</p>
	<p>Modelo de comunicação</p>	<p>E (1): "De momento existe pouca comunicação com os parceiros atuais e antigos, mas é algo que temos de retomar para estabelecermos contactos mais próximos. "</p> <p>E (2):</p> <p>E (3):</p> <p>E (4):</p> <p>E (5):</p>

	<p>Novas parcerias</p>	<p>E (1): “Seria importante parceiros na área social, [...] no desporto, [...] e na área cultural.”.</p> <p>E (2): “Ouça, nós não podemos ter parcerias, porque não temos sede própria, tá a perceber? Que parceiro que nós podemos ter? Com que? Fazer o quê? Não podemos”.</p> <p>E (3): “Íamos tentar fazer uma parceria para bolsas para miúdos que queiram jogar à bola, por exemplo, e que não tenham possibilidades”.</p> <p>E (4): “Em quase todas as áreas social, cultural, desportiva, acho que essas áreas eram fundamentais. [...] Eram essenciais para completar o projetar da AM”.</p> <p>E (5): “Na área do emprego”.</p>
<p>Visão do papel do homem e da mulher na comunidade</p>	<p>Representações dos papéis diferenciados consoante o sexo</p>	<p>E (1): “Temos algumas mulheres nos órgãos sociais que não são tão capazes a nível literário e isso também dificulta a execução de algumas tarefas porque acabo por ficar sobrecarregado com tudo o que envolve escrever uma carta, ou um documento ou um email, não o sabem fazer, é complicado assim.”</p> <p>E (2): (refere-se ao facto das mulheres que fazem parte da associação não conseguirem justificar o porquê da não realização de algumas atividades) “E temos pelo menos duas senhoras que lá está como lhes digo que ... como ao bocado falamos quando as pessoas as interpelam sobre porquê que não fazem isto, sabes fazer isto ... Elas</p>

		<p>encolhem-se e não têm como eu lhes digo muitas vezes opah, vocês falem às pessoas não há problema, pa... digam-lhes”.</p> <p>E (3): “andávamos a falar para as senhoras, para as mulheres sócias não jogam cartas não é, e a gente tava a pensar em fazer uma aula de zumba assim de 15 em 15 dias, sabes que as mulheres aderem mais a isso do que aos homens”</p> <p>E (4): “uma lavandaria comunitária a um preço justo sem associação ganhar nada apenas para ajudar na manutenção, para os sócios um preço e para os moradores outro e com máquinas de lavar e secar roupa, acho que era bonito as mulheres encontrarem-se ali ao fim da tarde ou a noite ou depois de saírem do trabalho ou depois dos maridos chegarem elas já podem ir lavar a roupa, acho que conseguiria juntar mais as pessoas e era para mim era uma vitória era um marco que eu deixava na associação.”.</p> <p>E (5): “no Dia Internacional da Mulher fazemos uma sessão evocativa do Dia Internacional da Mulher em colaboração com a ADL porque conhecem melhor parte dessas áreas e temos feito aqui com associações representativas das mulheres temos feito aqui sessões de evocativa do Dia Internacional da Mulher.</p>
Observações		<p>E (1): Gosto pela AM que este presidente tem e vontade para que a mesma seja útil para a comunidade; reconhecimento da necessidade de modificar a ideia de associativismo que os levou a criar a associação; demonstração de alguma capacidade para olhar criticamente para o trabalho que tem sido desenvolvido pela associação e pelo que falta desenvolver; refere bastantes vezes que o associativismo tem que ser modificado as</p>

		<p>peessoas cada vez mais olham para o individual e esquecem o coletivo e portanto o sentido da palavra associativismo perde-se.</p> <p>E (2): O espírito que anteriormente caracterizava os bairros (falando muitas vezes no [REDACTED]) esta a perder-se, refere que as pessoas se conhecem cada vez menos, referindo até que o bairro onde mora é calmo demais as pessoas vivem muito no mundo delas próprias.</p> <p>E (3): Refere muitas que o papel da associação é fazer de intermediário entre o morador e outras entidades, o que já deu um problema nas obras atuais porque como o próprio refere “não é possível agradar a todos”. Refere a má gestão da antiga direção da associação que fez com que o foco da atual direção fosse limpar a imagem negativa que as pessoas tinham dessa direção.</p> <p>E (4): Não se envolvem no problema maior que afeta o bairro que é o trafico de droga porque referem que não tem meios para lidar com a situação e deixam a situação para a polícia porque acreditam que é quem é capaz de resolver.</p> <p>E (5): O presidente da associação não permite grande confronto das suas decisões; capacidade de procurarem respostas para as necessidades da população; refere a importância de formação aos membros da AM.</p>
--	--	--

APÊNDICE 9. DADOS DEMOGRÁFICOS DE UMA UNIÃO DE FREGUESIAS DO PORTO

Nº de habitantes por Género		
Masculino	██████	46,22%
Feminino	██████	53,78%
Total	██████	100%

Nº de habitantes por faixas etárias		
0-14	██████	12,87%
15-24	██████	10,30%
25-64	██████	52,17%
<65	██████	24,66%
Total	██████	100%

Nível de ensino		
Sem escolaridade	██████	11,54%
1ºciclo	██████	15,43%
2ºciclo	██████	8,07%
3ºciclo	██████	12,30%
Ensino secundário/pós-secundário	██████	17,01%
Ensino superior	██████	35,65%
Total	██████	100%

APÊNDICE 10. DADOS SOBRE O EMPREGO E DESEMPREGO DE UMA UNIÃO DE FREGUESIAS DO PORTO

QUADRO I - Desemprego Registrado por Concelho segundo o Género, o Tempo de Inscrição e a Situação Face à Procura de Emprego
(situação no fim do mês)

Ano Mês: 202203

Concelho	Freguesia	Género		Tempo de Inscrição		Situação face à procura de emprego		Total
		Homens	Mulheres	< 1 Ano	1 Ano e +	1º Emprego	Novo Emprego	
PORTO		562	636	603	595	77	1 121	1 198
		949	1 178	852	1 275	360	1 767	2 127
		1 099	1 250	989	1 360	168	2 181	2 349
		790	893	747	936	127	1 556	1 683
		1 107	1 020	1 101	1 026	114	2 013	2 127
		383	405	330	458	53	735	788
		525	634	498	661	79	1 080	1 159
		1	3	3	1	0	4	4
Total		5 416	6 019	5 123	6 312	978	10 457	11 435

QUADRO II - Desemprego Registrado por Concelho segundo o Grupo Etário

(situação no fim do mês)

Ano Mês: 202203

Concelho	Freguesia	Grupo Etário				Total
		< 25 Anos	25 - 34 Anos	35 - 54 Anos	55 Anos e +	
PORTO		71	249	497	381	1 198
		194	458	911	564	2 127
		171	472	965	741	2 349
		124	308	736	515	1 683
		124	447	872	684	2 127
		51	120	369	248	788
		91	231	488	349	1 159
			1	3		4
Total		826	2 286	4 841	3 482	11 435

QUADRO III - Desemprego Registrado por Concelho segundo os Níveis de Escolaridade

(situação no fim do mês)

Ano Mês: 202203

Concelho	Freguesia	Nível Escolar.						Total
		< 1º Ciclo EB	1º Ciclo EB	2º Ciclo EB	3º Ciclo EB	Secundário	Superior	
PORTO		100	119	153	188	396	242	1 198
		217	483	426	442	427	132	2 127
		135	286	307	441	738	442	2 349
		114	230	252	297	475	315	1 683
		197	295	291	345	604	395	2 127
		37	107	115	146	186	197	788
		32	179	201	219	287	241	1 159
						2	2	4
Total		832	1 699	1 745	2 078	3 115	1 966	11 435

APÊNDICE 11. ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Como referido anteriormente, a instituição que esteve por trás da criação das AM foi a ADL, sediada num dos bairros, uma associação de direito privado sem fins lucrativos que atua na UFP, criada em 1995 por um consorcio formado pela junta de freguesia, um centro social, uma paróquia e uma associação de obras sociais.

Esta associação tem estatuto equiparado a uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) e é uma pessoa coletiva de utilidade pública desde 2009. Tem como missão a promoção do desenvolvimento da comunidade e apoiar a população mais vulnerável, centrando a sua intervenção na conceção e dinamização de estruturas e serviços de apoio social, na criação e desenvolvimento de projetos de intervenção em variadíssimas áreas, com particular destaque ao nível do emprego e formação, apoio psicossocial a crianças, jovens, adultos e famílias, promoção da cidadania, empoderamento comunitário (apoio à criação de AM e apoio ao movimento associativo). É uma associação que tem como visão a possibilidade de contribuir para uma sociedade mais capacitada, autónoma e inclusiva, acreditando que os problemas da comunidade poderão ser resolvidos de forma comunitária. Pretende ainda poder participar na diminuição das assimetrias ecossociais presentes na UFP, contrariando a marginalização e a vulnerabilidade do território.

Neste momento, na associação estão em desenvolvimento diversos projetos. O Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC) abrange diferentes eixos de atuação: emprego e mobilidade, apoio na criação do próprio emprego/empresa e no desenvolvimento de projetos de investimento para a expansão de pequenas e microempresas que existam na comunidade local; promoção de projetos de empreendedorismo social e *start-ups* sociais; educação e aprendizagem ao longo da vida, abrangendo medidas que combatam o insucesso, absentismo e abandono escolares. Inclui, ainda, um centro comunitário com um Gabinete de Atendimento Social Integrado (GASI), um Gabinete de Emprego Local (GEL) e o CJ localizado no B2. O GASI assegura o atendimento e acompanhamento social no âmbito da medida RSI a beneficiários/as residentes numa das freguesias da UFP. Este atendimento e acompanhamento tem como objetivo identificar as necessidades e capacidades dos/as beneficiários/as por forma a ser possível ultrapassar a fragilidade social em que se encontram. O GEL desenvolve um

trabalho centrado na possibilidade de empregabilidade de pessoas com percursos profissionais irregulares; está orientado para a população adulta, desempregada ou em situação de precariedade laboral. Quanto ao CJ é um espaço direcionado aos/às jovens e crianças residentes na UFP, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de competências sociais e pessoais. Algumas das atividades existentes são: apoio psicossocial, acompanhamento ao estudo, ateliers recreativos e culturais (Yoga, dança, expressão plástica, futebol, etc.), informática, mediação escolar e familiar, apoio à reinserção de jovens com medidas tutelares, entre outras.

A associação dispõe ainda de um protocolo RSI que faz o acompanhamento de beneficiários residentes na UFP. O protocolo RSI realiza um atendimento/acompanhamento social de proximidade em todas as áreas da vida dos/as beneficiários/as. Todas estas iniciativas realizam-se através de visitas domiciliárias realizadas em conjunto pelas técnicas e pelas ajudantes de ação direta e também nos atendimentos individuais nas instalações da associação.

Por fim, a associação tem também um CLDS, que tem como objetivo o desenvolvimento social da comunidade e que para tal, desenvolve a sua atividade em três eixos. O primeiro é direcionado para o emprego, formação e qualificação, com o intuito de contribuir para a melhoria das condições de empregabilidade desta comunidade. Para atingir os resultados pretendidos realiza atividades como: oficinas de empregabilidade, programa de informação e apoio a desempregados, programa de apoio ao autoemprego, programa de incentivo à formação e programa de aproximação às empresas e instituições. O segundo eixo aborda a intervenção familiar e parental preventiva da pobreza infantil pretende desenvolver experiências pessoais e sociais com famílias e a comunidade que permitam o reforço de fatores protetores como situações de pobreza e exclusão social, particularmente ao nível da população infantil, criando um espaço família e cidadania, um serviço de mediação de conflitos familiares e promove ainda atividades ocupacionais e ateliers de férias. Por último, o eixo 3 promove o envelhecimento ativo e o apoio à população idosa, desenvolvendo atividades individuais e coletivas que contribuam para uma modificação do estilo de vida da população em idade avançada. Incentiva-se o envolvimento ativo de forma a contrariar o isolamento e solidão. Neste terceiro eixo, incluem-se atividades relacionadas com o desenvolvimento de competências básicas em informática, oficinas experienciais e de vida e um programa de ajustamento de respostas para a população idosa.

Ao longo dos 26 anos de existência da associação, a sua história tem sido pautada pela implementação de diversos projetos sociais, contudo verifica-se que a resolução dos problemas identificados e que estiveram na base da construção destes projetos podem não estar a ser resolvidos. Segundo os/as técnicos/as da associação, as intervenções em curso podem não estar a responder aos problemas, não indo ao encontro do que a comunidade precisa; referem como exemplos a existência de várias pessoas com problemas de dependência e a não existência de um projeto direcionado para esta área, por outro lado, a associação tem um projeto para idosos no qual estes não participam ativamente. Acrescentam que “somos sempre nós que achamos o que elas [pessoas] precisam e não identificamos com elas as suas necessidades, de forma a poder ir ao encontro das mesmas”, salientando a urgência de desenvolver um trabalho conjunto com os/as moradores/as que possa resultar num projeto coconstruído que dê resposta às necessidades destes/as. Os/as profissionais referiram, ainda, que os projetos são diferentes, contudo as respostas, ações e atividades, são semelhantes.

Em conversa com os/as profissionais da ADL, estes acrescentaram que a articulação com outras entidades da UFP, possa não estar a ser a melhor, ou seja, acaba por não existir um trabalho coordenado e uma pessoa acaba por ser apoiada em diversos serviços, sem nunca se avaliar as necessidades e explorar as potencialidades da pessoa, de forma a dar uma resposta completa e integrada. Ainda neste tema é salientado, pelos/as técnicos/as, o desemprego como um fator preponderante para a presença destas pessoas nos diversos projetos da associação, passando de uns para outros: a falta de competências para a empregabilidade (a nível físico, social, emocional, psicológico ou de saúde) ou o insucesso na procura de emprego acabam por desencorajar as pessoas que se mantêm inscritas nas ações/projetos da associação por estes permitirem algum bem-estar, mesmo que seja temporário e necessitem de aguardar pelo início de outro/s. Relativamente ao absentismo e insucesso escolar, estes problemas acabaram por diminuir nesta UFP, fruto de um maior controlo e articulação entre entidades sociais e escolares, que possibilitam uma resposta mais eficiente sempre que surge uma situação deste nível.

No que concerne aos/às colaboradores/as, a associação conta nos seus quadros com cerca de 18 profissionais de diversas áreas, tais como: educação social, serviço social, ciências sociais, psicologia, sociologia e economia. Tem ainda uma administrativa e um técnico de serviços gerais. A equipa pluridisciplinar de profissionais funciona num modelo de trabalho interdisciplinar, no

sentido em que existe partilha de informação e troca de conhecimentos entre as diferentes áreas do saber, contudo a intervenção é realizada de acordo com a decisão de membro da equipa, contando também com a opinião dos restantes membros de equipa, valorizando-se as reuniões de equipa onde a partilha e o debate ajudam a tornar a tomada de decisão mais informada, valorizando-se as diferentes áreas de formação académica. Esta associação tem vindo a ser um recurso importante na comunidade, e os/as moradores/as reconhecem o seu valor e importância na comunidade, contudo, o contexto está a mudar e é necessário talvez uma reavaliação do contexto por parte desta associação para que dessa forma possa com a população da UFP dar resposta aos problemas atuais deles/as.

APÊNDICE 12. SÍNTESE DO GRUPO DE DISCUSSÃO

No décimo sexto de dezembro do ano de dois mil e vinte um foi realizado um encontro com os presidentes das associações de moradores.

Relativamente ao primeiro tema foi referido que os/as moradores/as conhecem as AM, mas têm pressa em ver as suas questões resolvidas e quando isso não acontece, acabam por desanimar relativamente ao trabalho da AM. Relativamente a este trabalho que, por vezes, não se concretiza, ou não se realiza rapidamente, os presentes foram unânimes em identificar entidades superiores que acabam por não prestar o apoio necessário na resolução dos problemas, referindo ainda que se estas entidades não apoiam as AM. A população também não as pode reconhecer como importantes na comunidade.

Abordou-se a questão das modificações da sociedade atual, isto é, atualmente as pessoas vivem muito centradas no individualismo, perdendo a cultura de coletivo e principalmente o bairrismo que antigamente era característico destas comunidades.

A criação de espaços que fomentem o convívio, foi referido como fundamental entre todos, para que se possa trocar opiniões e estarem juntos num local de conforto para todos/as os/as moradores/as.

A utilização de meios de contacto não presenciais são referidos como importantes apesar de existir a ressalva que podem nem sempre chegar a toda a gente, no sentido em que as pessoas podem não querer ler o publicado.

Quanto ao segundo tema, relativo às parcerias identificou-se vontade em realizar parcerias para que seja possível a realização de diversas atividades, principalmente, parcerias que permitam apoio a nível técnico, isto é, que possibilitem a existência de monitores indicados pelos parceiros. As associações que de momento não têm sede ou partilham espaço indicam a dificuldade em estabelecer parcerias enquanto não tiverem um espaço destinado a eles, pois acaba por dificultar a realização de atividades. Apesar de tudo é considerado como fundamental as parcerias para que possibilitem a realização de projetos futuros.

Pertencente ao terceiro tema e conforme já tinha sido referido no primeiro, não é fácil mudar a opinião de entidades superiores relativamente aos bairros sociais. Assim sendo, foi referida a falta de apoio em diversas questões já identificadas, assim como, falta de respostas para essas questões, o que torna muito complicado mudar esta relação entre as associações de moradores e estas entidades.

No quarto tema abordado é referido pelos participantes a dificuldade em envolver os órgãos sociais no dia-a-dia associativo, pois existe o desânimo pelas questões não resolvidas, pelo facto de alguns membros quererem participar, mas não entenderem que a participação envolve o trabalho, a falta de disponibilidade, a idade avançada de grande parte dos membros e moradores/as, o que leva também a uma grande dificuldade em envolver novos membros. As pessoas acabam por não querer fazer parte da AM, pelas razões acima referidas, o que levanta uma enorme dificuldade no momento eleitoral de constituir associação. Estas situações acabam por ser ultrapassadas pela persistência dos presidentes e de alguns membros que se mantêm desde o início não permitindo a extinção da AM, algo temido pelos participantes que aconteça num futuro próximo.

No quinto tema, e relativamente às questões das necessidades identificadas tanto por moradores/as como pelas AM's, é salientada a importância de que os moradores/as recorram mais às AM's para a resolução das situações, que para além das elencarem em conversas também se envolvam na resolução das mesmas em parceria com a AM e, acima de tudo, que as situações sejam pensadas num coletivo, isto é, por vezes identifica-se situações muito próprias de cada em vez de se pensar na melhoria do espaço conjunto de todos. Mais uma vez, apareceu neste tema questões como o individualismo, a falta de cooperação de entidades com mais poder de decisão que foram referidas como fulcrais para a resolução de determinadas questões.

Por fim, no sexto tema, foram abordados os papéis diferentes de homens e mulheres nas comunidades, sendo referido que a maioria da participação é por parte das mulheres, tanto nas atividades como pela disponibilidade que demonstram. Alguns participantes referem até que nas AM nos órgãos sociais têm mais mulheres do que homens. Sublinham a emancipação da mulher como fator determinante para esta situação. Acrescentam que os homens acabam por ser um pouco menos envolvidos em atividades.

Os principais apontamentos que resultam é a necessidade de contrair o individualismo, envolver mais as pessoas e conseguir cimentar o lugar das AM junto de entidades superiores que podem dar o suporte necessário para a resolução de problemas.

Em suma, o encontro foi bastante positivo onde as partilhas permitiram o debate e a reflexão, ficou lançado o desafio e a possibilidade de realização de mais encontros deste tipo para que possam juntos conversar sobre os diversos assuntos que compõem o dia-a-dia associativo.

APÊNDICE 13. ANÁLISE DE CONTEÚDO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Estiveram presentes na discussão em grupo o presidente da AM 1, o presidente da AM 2, o presidente da AM 4 sendo que este saiu mais cedo da sessão por motivos pessoais e o presidente da AM. O presidente da AM 3 não compareceu.

<p>Visão sobre a população e o papel das associações de moradores</p>	<p>Ideia de associativismo</p>	<p>P (2): “se não gostarem de mim já não podem ser sócios de uma associação”; “uma coisa que falo muito às pessoas e que as pessoas dizem que não, mas que continua a ser uma ideia é que o Porto está a perder muito o bairrismo, antigamente as pessoas conheciam-se todas e hoje não”;</p> <p>P (1): “as pessoas hoje vivem cada uma para si, eu chamo o individualismo isto reflete-se em termos presentes e futuros no associativismo”; (refere-se ao associativismo) “eu acho que o ponto fundamental aqui é que a sociedade hoje não é como era a 40 anos”; “As associações são papel importantíssimo em qualquer sociedade [...] e nós os órgãos sociais temos de conversar mais vezes no sentido de que, há situações no bairro que são transversais aos bairros”;</p> <p>P (5): “é a questão do interesse individual as pessoas pensam que nós estamos para defender o interesse individual de cada um, não, o interesse coletivo, o interesse da comunidade”; “as pessoas não têm noção nenhuma do que é o associativismo e, a seguir, tem uma outra situação é que as pessoas estão à espera, e depois há o interesse individual as pessoas entendem que associação deve defender um problemazinho qualquer”</p>
---	--------------------------------	--

		<p>P (4): “Que estamos ali para ajudar no que for preciso, planos de atividades, pronto, mas assim, mas eles não é isso que eles querem”</p>
	<p>A AM no bairro</p>	<p>P (1): “quer dizer não havendo atividades o que oferecemos aos sócios, uma festa por ano, duas, três, se calhar, mas isso não chega”; “as associações são fundamentais na requalificação daqueles espaços, bairro, espaços ajardinados, habitação”</p> <p>P (5): (refere-se à falta de participação dos/as moradores/as nas reuniões) “sem ser elementos dos órgãos sociais ninguém está, ninguém”; “creio que reconhecem que existe uma AM, mas, por vezes, não os representa”; (refere-se aos/as moradores/as) “eu acho que eles reconhecem porque falam da associação, podem é dizer assim a associação existe mas eles não fazem nada”</p> <p>P (4): “eu não me importava que os meus vizinhos me fizessem isso, porque era bom sinal para mim, eles lembram-se da associação, sabem que associação existe e sabem a importância que associação tem”</p>
	<p>Relação entre todos os/as moradores/as</p>	<p>P (2): “há outras pessoas que tem o seu ego e não aceitam que não precisam de nada, acham que conseguem resolver tudo”; “há pessoas que pensam que a associação lhes tira os poderes”; (refere-se à relação entre moradores/as) “agora toda a gente se zanga por tudo e por nada”; (menciona a necessidade de ter espaços de convívio) “eu se tivesse uma sede gostava de ter uma sede onde as pessoas pudessem conversar”;</p>

		P (1): “tem tido ao longo destes 10 anos alguma interatividade com os associados e com a comunidade, mas é no sentido mais recreativo e de alturas especiais”
	Reconhecimento de outras entidades para cimentar a importância das AM no bairro	<p>P (1): “um dos calcanhares da AM que nós temos é precisamente o tipo de estratégia que a Domus encontrou ao inibir as associações de ter lá os bares, porque quem tiver lá os bares os serviços de cafetaria são pontos de encontro dos associados, são mais apelativos”; “eu acho que falta ao poder político um plano de convergência”</p> <p>P (4): “o poder local podia demonstrar com atitudes a importância das AM não é fundá-las, dar-lhes subsídios e agora desenrasquem-se, acho que devia de mostrar as pessoas a importância de uma AM com atitudes porque depois o resto vem tudo atrás, as atividades, os sócios”; “porque estas situações de cada vez que entra uma administração nova na Domus Social, temos de contar a nossa vida desde o princípio acho que não faz sentido”</p> <p>P (5): “também não há uma entidade centralizadora para rececionar os nossos pedidos, as nossas, o reporte de situação e temos de andar para A, para B, para C”;</p>
Novas parcerias	Utilidade das parcerias	P (1): “os apoios financeiros que nos temos tido por parte da junta de freguesia sendo muito importante porque o é, é muito importante, não resolve os problemas todos”; (refere que as parcerias seriam úteis na parte técnica) “na parte de equipamentos nós vamos tentar equipar, porque nós temos dificuldades é com as partes técnicas”;

	<p>Dificuldades em estabelecer as parcerias</p>	<p>P (2): “o nosso principal problema é não termos um espaço próprio”; “só disse que as parcerias têm que se fazer porque nós queremos o bem dos moradores e eles depois deixam-nos ficar na mão e nós é que temos de arcar as despesas”</p> <p>P (1): “temos de arranjar aqui maneiras de queremos fazer uma atividade e temos de encontrar um monitor que seja indigitado por esta entidade ou por aquela eu acho que são as dificuldades que nós temos é essa”; “é pena as pessoas não valorizarem o que têm, é incrível que a gente diga isto, mas é verdade, mas as pessoas não valorizam”</p> <p>P (4): “eu acho que é importante esse aspeto das parcerias, mas a minha associação tem 3 anos ainda é uma associação jovem e tem coisas mais, assuntos para resolver, uma sede, angariação de sócios, fazer-se valer perante os moradores a sua posição”;</p>
	<p>Parcerias entre associações de moradores</p>	<p>P (1): (refere-se à necessidade das AM conversarem mais entre si) “há situações no bairro que são transversais aos bairros”; “duas associações foram parceiras partilharam o mesmo espaço aproximadamente 1 ano por ai e foi lindamente, aquilo foi lindamente se fomos, até se pode concluir que foi uma parceria, no mesmo espaço as duas associações, cada um tinha o seu sitio para trabalhar, correu lindamente e secalhar estabelecemos ali laços que ainda hoje são visíveis”; “para o próximo ano as associações aquelas que queiram devem perder algum do seu tempo e todos juntos encontrar ou tentar encontrar estratégias para que se amenize esta situação, porque tudo passa dai”</p>

		P (5): “a primeira vez que foi a festa do Dia Internacional da Mulher que foi feita com a [REDACTED] e ADL, foi este tipo de parcerias que nos temos feito ao longo dos tempos”;
Olhar da Câmara Municipal do Porto e Junta de Freguesia sob os bairros de habitação social	Como contrariar este olhar negativo	<p>P (1): “enquanto não for criado o pelouro do associativismo na camara os problemas dos bairros sociais não se resolvem e é isso a gente tem de lutar por isso”;</p> <p>P (5): (refere-se ao contrair a ideia sobre os bairros sociais) “só há uma coisa é estarmos todos os dias a bater à porta dos políticos, não vejo outra forma”; “os políticos são eles que vem para aqui é servirem a população e a comunidade e os seus representantes que é AM da melhor forma e quando não forem capazes responderem pelo menos alguma coisa”;</p> <p>P (2): “Eu muito sinceramente acho que nos criaram, mas tão marimbando-se para nós, é tudo muito bonito às vezes mas depois marimbam-se para nós [...] não somos tidos nem achados em nada, é muito bonito dizer que as associações estão no terreno e conhecem os problemas e não sei que mais”</p>
Os órgãos socais	Participação	P (2) “ainda um dia destes tive uma coisa que não pude ir, não tive ninguém que fosse representar a associação”; “as pessoas que se metem porque «ah porque eu não tenho tempo para isto e não sei e não sei que mais» e voltamos ao princípio nós estamos aqui porque queremos e temos de pensar se vamos ter tempo ou não vamos”; “novos membros então é cada vez mais difícil”

		<p>P (5): “tive por vezes alguns problemas por causa de estar ali com 13 pessoas parte delas aquilo não lhes diz nada, mas tento envolver”; “outra também criei em pleno período de pandemia, criei um grupo de WhatsApp com os elementos, também fiz umas reuniões com eles, pronto, no zoom, fiz algo naquele período”; “as associações tem que ter sempre um ou dois elementos que puxem a associação e os outros vão reboque mas é difícil encontrar um corpo homogéneo no sentido de fazer, pronto, é, é difícil”;</p> <p>P (1): “nos temos que levar isto assim um bocadinho a brincar e a sério tem que ser assim porque a gente se for exigir aqui muito um dos outros, amanhã ninguém está aqui”;</p>
	<p>Capacidades e competências dos membros da associação</p>	<p>P (5): (Refere-se as habitações literárias) “queixava-me de uma outra coisa que é os elementos dos órgãos sociais também terem muitas carências”</p> <p>P (1): “Muita gente tem a capacidade, até secalhar mais do que nós todos que lá estamos, eu penso assim, mas essas pessoas às vezes não se querem expor por diversos motivos”; “a renovação é muito difícil posso lhe dar um exemplo não sei se naquela reunião que nós tivemos eu lhe mencionei, a AM1 o ano passado esteve para ser extinta, era a pior coisa que podia acontecer”; “as dificuldades técnicas que eram visíveis”</p>
	<p>Envolvência e integração de novos membros</p>	<p>P (2): “a maior preocupação é arranjar 11 elementos para fazer parte dos órgãos sociais”; “eu se falhasse na associação eu acho que ela nesta altura ia abaixo”;</p>

		<p>P (5): “Dificuldade foi tremenda para encontrar pessoas pronto [...] e pessoas que gostem daquilo, o quê que nos temos que socorrer é normalmente as pessoas de terceira idade”;</p> <p>P (1): “desde que foi criada até hoje, mantemos ainda 6 elementos, desde que foi criada em 2011 até aos atuais órgãos”; “depois há aquelas pessoas que não gostam de se expor, não se querem expor, porque é mais fácil eu criticar do que ser criticado”; “os órgãos têm sido renovados, mas a muito custo”;</p>
<p>Como dar resposta aos problemas identificados</p>	<p>Apoio de entidades superiores</p>	<p>P (2): “eu acho que nós devíamos ser envolvidos por quem de direito, por quem tem o poder, porque nós se quisermos um banco não vamos pedir ao morador vamos pedir a camara”; “por isso é que nós não podemos fazer, porque quem tem o poder não nos ouve, é a minha ideia pah”;</p> <p>P (1): “a AM tem competências tão legitimadas, tão legitimadas para que ouvindo este, e ouvindo aquele [...] dentro das suas competências, reportar as situações a domus social”;</p>
	<p>Envolvência e participação dos/as moradores/as</p>	<p>P (2): “Eu acho que nós não devemos envolver a comunidade”;</p> <p>P (5): “Envolver a comunidade não vejo, prontos, já tentei fazer algumas coisas para envolver a comunidade em algumas ações, mas nunca” (refere-se a nunca ter conseguido envolver a comunidade); “se calhar também não estou muito motivado para envolver [...] às vezes também gostava que do lado que me puxassem ou que me dessem assim ideias”;</p>

		<p>P (1): “enfim as carências que as pessoas vão sentido na pele, que é verdade, só que as pessoas entendem que cada um tem que resolver o problema por si esta é que é a base”; “chateia a Domus através de carta, através de um email, através de outra forma, aquele tem outro problema justo faz igual, se esses problemas chegassem a associação era diferente nós tínhamos mais força perante a lei e isto que as pessoas também tem que começar a entrosar”; “quando precisam toda a gente conhece a associação, toda a gente nós conhece”;</p>
<p>Visão do papel do homem e da mulher na comunidade</p>	<p>Participação</p>	<p>P (4): “são as mulheres porque não tem aquela coisa de dizer que não, dizem que sim e deixam-se estar, os homens nem para fazer parte de uma associação nem para ser sócios”;</p> <p>P (5): (refere-se aos grupos de canto e de teatro que faz parte) “eu às vezes até me sinto sozinho, porque em determinadas ocasiões sou o único homem e às vezes vão poucos homens porque os homens não participam”; “os homens são mais individualistas”.</p> <p>P (2): “eu noto é as mulheres são mais participativas, tanto por exemplo nos convívios como nos passeios e secalhar às vezes até estão mais prontas a fazer alguma coisa que os homens”.</p> <p>P (1): “nem todos os homens ainda encaram de bom agrado a emancipação das mulheres no que diz respeito ao associativismo ainda criam alguns entraves às mulheres”; “hoje era impensável termos aqui uma senhora a esta hora sabendo que o marido estava em casa, não é?”.</p>

	<p>Representações dos diferentes papéis</p>	<p>P (5): “a mulher está habituada, portanto, desde período essencialmente do casamento mesmo antes habituada a trabalhar sempre para a família e trabalha para a família é mais em casa e tá muito mais dada a família e isso depois quando chega a esta idade 50, 60 anos começam a ter outro tipo de liberdade já não tem essa responsabilidade”; (refere-se a ser encarregado de educação) “entendeu que aquele era o meu papel, e o quê que eu me deparo é que chego ali e era um ou dois homens e o resto dos pais eram mães”; “eles estavam no café acabavam o trabalho e estavam ali no café e a mulher estava ali, depois saia dali e ia fazer o jantar para o marido”.</p> <p>P (1): “as mulheres hoje ao contrário dos homens serem parte ativa [...] quer a nível social, profissional e associativismo vem tudo com as guerras que elas tiveram com o mundo e com a sociedade e do que elas sempre exigiram e muito bem os mesmos direitos do homem e é o que esta acontecer a mulher hoje está em todo lado e é a mulher que vai governar o mundo”; “as coisas boas que trouxe às mulheres é que realmente pôs num patamar igual ao homem [...] nem todos os homens aceitaram de bom agrado esta mudança que o mundo deu a mulher”;</p>
<p>Observações</p>	<p>Os participantes estiveram bastantes empenhados na discussão em grupo, mostrando interesse que a mesma possa acontecer mais vezes, deixando em aberto a possibilidade de se deslocarem as sedes uns dos outros para a realização da discussão. Os participantes referiram a necessidade de cronometrar as intervenções de modo a todos puderem participar de igual forma.</p>	

É possível de ser observado que os problemas referidos para as associações são bastante iguais, permitindo ainda perceber que o que difere estas associações são as características de cada bairro de habitação social.

É referido bastantes vezes que a população se encontra numa faixa etária avançada e que, portanto, é difícil conseguir que os mais novos participem logo optam por recorrer a pessoas mais velhas, que não aparentam tantas competências.

Na conversação dos diferentes participantes é notaria a diferenciação entre os/as moradores/as associados e os não associados.

APÊNDICE 14. QUADRO SÍNTESE DA AVALIAÇÃO DE CONTEXTO

Problemas	Indicadores	Necessidade de:
<p>Problemas na comunicação entre AM e moradores/as (P1) (Identificado por: Presidentes das AM; profissionais da ADL)</p>	<p>Diminuição do número de sócios/as;</p> <p>Diminuição das pessoas a participar nas atividades da associação;</p> <p>Distinção entre sócios/as e moradores/as;</p> <p>Existência de uma comunicação unidirecional e informativa;</p> <p>Poucas reuniões só para cumprimentos dos estatutos e apenas com a presença dos/as sócios/as;</p> <p>Os/as moradores/as não sabem da existência da AM e os que conhecem não percebem a sua utilidade;</p>	<p>Espaços de partilha entre todos/as; (N1)</p> <p>Estratégias de comunicação diversificadas, mais diretas para o estabelecimento de uma interação de maior proximidade e de maior conhecimento entre moradores/as e AM. (N2)</p>
<p>Desaparecimento do “bairrismo” e o afastamento entre moradores/as de características distintas; (P2)</p>	<p>Críticas presentes no discurso dos/as moradores/as acerca dos/as moradores/as que</p>	<p>Maior conhecimento e união entre moradores/as; (N3)</p> <p>Maior envolvimento de toda a comunidade em objetivos para o</p>

<p>(Moradores/as e Presidentes das AM)</p>	<p>apresentam características diferentes as deles;</p> <p>Os/as moradores/as justificam a não participação em algumas atividades pela presença de moradores/as com características diferentes das dele;</p>	<p>estabelecimento do bem comum; (N4)</p> <p>Construção de representações positivas dos espaços, com o intuito do desenvolvimento de uma identidade coletiva enquanto moradores/as de um espaço comum de que todos/as devem cuidar; (N5)</p>
<p>Falta de utilização dos espaços coletivos exteriores e poucos equipamentos para momentos de convívio e lazer entre os/as moradores/as; (P3)</p> <p>(Moradores/as e Presidentes das AM)</p>	<p>Espaços ajardinados e livres dos bairros sem qualquer equipamento ou utilidade;</p> <p>Os/as moradores/as no seu discurso lamentam que o bairro não tenha estruturas que possibilite que as pessoas convivam mais no espaço exterior;</p> <p>Os/as moradores/as justificam que não usam as estruturas dos outros bairros devido aos problemas que reconhecem nos outros bairros afirmando que necessitam é de equipamentos no seu bairro;</p>	<p>Requalificação dos espaços exteriores e colocação de equipamentos adequados as necessidades dos/as moradores/as (equipamentos de apoio a crianças e jovens, idosos, momentos de lazer); (N6)</p> <p>Manutenção das estruturas que surjam ou que já existem; (N7)</p> <p>Espaços públicos seguros e de conforto; (N8)</p>
<p>Falta de respostas por parte das entidades políticas/administrativas; (P4)</p>	<p>Os/as moradores/as sentem-se colocados a parte por parte das entidades políticas;</p>	<p>Estratégias comunicativas que tenham mais impacto junto das entidades políticas; (N9)</p>

<p>(Moradores/as e Presidentes das AM)</p>	<p>A falta de respostas e de resolução dos problemas identificados;</p>	<p>Exposição dos problemas de forma conjunta para que o coletivo tenha mais força; (N10)</p>
<p>Estereótipos que existem em relação ao papel da mulher e do homem na sociedade; (P5) (mestrando)</p>	<p>Atividades estereotipadas onde se distingue homens de mulheres; Distinção presente no discurso relativamente aos papéis que o homem e a mulher desempenham na sociedade;</p>	<p>Identificação e reconhecimento da existência de estereótipos associados aos papéis de género na sociedade; (N11) Reflexão sobre os papéis sociais do homem e da mulher livres de preconceito e discriminação de género; (N12)</p>

APÊNDICE 15. CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DE AVALIAÇÃO

Avaliação qualitativa

Categorias	Subcategorias	Como avaliaram no início	Como avaliaram no fim
<p>Relação entre todos/as os/as atores/atrizes locais (P1; P4; N1; N3; N4; N5; N8; N15)</p>	<p>Articulação entre os/as diferentes atores/atrizes locais, construindo ações conjuntas, participando em momentos de partilhas conjuntas, aproximando todos/as os/as atores/atrizes (P1; P2; P4; N3; N5; N8; N15)</p> <p>Diversificação de estratégias</p>	<p>A relação entre todos/as os/as atores/atrizes locais era distante, com uma comunicação pouco diversificada e meramente informativa. A comunidade não articulava, não partilhava nem pensava em soluções conjuntas. A utilização de recursos comunitários e disponíveis para todos atores locais era reduzida e muito focada apenas nos recursos disponíveis no bairro ou nas entidades, nunca existindo uma partilha de recursos entre os/as diversos atores/atrizes locais.</p>	

	<p>comunicacionais (P1; P4; N2; N8; N14; N15)</p> <p>Rentabilização de recursos (P4; N5; N8; N15)</p>		
<p>Manutenção e utilização dos espaços exteriores em conforto e segurança e novos equipamentos (P3; N9; N10; N11; N12; N13)</p>	<p>Uso diversificado dos espaços (P2; P3; N1; N6; N9; N11; N12; N13)</p> <p>Responsibilização pelo espaço comum (P2; P3; N9; N11; N12; N13)</p> <p>Locais onde moradores/as possam estar juntos (P2; P3; P5; N1; N3; N6; N10; N11; N12; N13)</p>	<p>Os espaços exteriores eram pouco utilizados. Os espaços verdes pouco cuidados. As pessoas lamentavam a falta de equipamentos para convívio e lazer. A falta de respostas por parte de entidades políticas/administrativas era algo bastante presente no discurso das AM e moradores/as. Também salientavam a degradação e o vandalismo que alguns equipamentos sofreram e outros que viessem a ser instalados poderiam sofrer também. Não existia no discurso dos/as moradores/as e das AM um apreço e valorização pelo espaço exterior do seu bairro e até era evidente algum</p>	

	Valorização do local onde residem (P2; P3; N8; N9; N10; N11; N12; N13)	desconforto pelo aspeto de algumas zonas exteriores do bairro.	
Cooperação entre todos os/as moradores/as (P1; P2; P5; N1; N7; N10)	Representações do bairro e dos/as moradores/as do bairro (P2; P3; N4; N6; N8; N10) Reconhecimento, aproximação e valorização das características e capacidades do outro (P1; P2; P5; N1; N3; N4; N5; N7; N8; N10; N17) Momentos de convívio para construir novos laços e	Os/As moradores/as são muito distantes uns dos outros. Algo bastante comum no discurso dos/as moradores/as era as críticas ao seu vizinho ou porque este não trabalhava ou porque este fazia um pouco mais de barulho ou por outras razões. Não existia grandes momentos de convívio entre vizinhos e quando existia todos tentavam perceber que moradores /as iriam estar para se fosse algum com o qual tivessem alguma divergência já não iam. Os/As moradores/as não trabalhavam em conjunto para melhoria do espaço comum, preocupando-se apenas com o seu local de residência e as melhorias do mesmo.	

	<p>contatos sociais (P1; P2; P3; N3; N4; N6; N8; N10)</p> <p>Participação de todos na procura por soluções conjuntas para o bem comum (P1; P2; N1; N5; N7; N10)</p>		
Observações/Situações não projetadas			

Avaliação quantitativa

Encontros/atividades/reuniões/ (outras iniciativas)	Nº de participantes

APÊNDICE 16. DESENHO DE PROJETO (1)

Avaliação do contexto:

- Entrevistas semiestruturadas com os 5 presidentes das AM;
- Conversas intencionais com os/as moradores/as;
- Conversas intencionais com os/as profissionais da ADL;
- Grupo de discussão com os 5 presidentes das AM;

Coconstrutores do projeto:

- Os presidentes das associações de moradores;
- Os /as moradores /as;

Recursos:

Recursos humanos:

- Os/as técnicos/as da ADL;
- E outros que, entretanto, surjam;

Recursos comunitários:

- Forte presença de entidades, instituições e estruturas (nível social, cultural, desportiva ou de saúde);

Recursos físicos/materiais:

- Sedes das AM;
- Estruturas dos bairros que atualmente não estão a ser usadas;
- Espaços públicos dos bairros de habitação social;

Potencialidades:

- Vontade dos/as moradores/as de resolver os problemas que identificam; (Resistência em envolver na mudança);
- Identificação dos problemas e necessidades iguais por parte dos presidentes das AM e dos/as moradores/as;
- Forte presença de entidades e estruturas na UFP;
- Os presidentes das AM demonstram uma grande vontade em modificar os seus comportamentos associativos;
- Vontade dos/as técnicos/as da ADL em se envolverem no desenvolvimento do projeto;

Constrangimentos:

- Meu bairro é melhor que o teu;
- O desacreditar de alguns/mas moradores/as e das AM na resolução dos problemas identificados;
- Características de alguns bairros:

O tráfico de droga;

A forte presença policial;

Problemas identificados:

P1: Problemas na comunicação entre AM e moradores/as - (Identificado por: Presidentes das AM; profissionais da ADL);

P2: Desaparecimento do "bairrismo" e o afastamento entre moradores/as de características distintas - (Identificado por: Moradores/as] e Presidentes das AM)

P3: Falta de utilização dos espaços coletivos exteriores e poucos equipamentos para momentos de convívio e lazer entre os/as moradores/as - (Identificado por: Moradores/as] e Presidentes das AM)

P4: Falta de respostas por parte das entidades políticas relativamente a requalificação e segurança do bairro – (Identificado por: Moradores/as] e Presidentes das AM)

P5: Estereótipos que existem em relação ao papel da mulher e do homem na sociedade – (Identificado por: mestrando)

Finalidade:

Viabilizar uma partilha e resolução das necessidades da comunidade de forma participada e colaborativa melhorando as relações entre as pessoas.

OG1: Promover a comunicação entre os/as moradores/as e AM's; (P1; P2; P3; P4; P5) (N1; N2; N3; N4; N5; N6; N7; N8)

OE1.1: Permitir que a comunidade trabalhe em conjunto na resolução das situações que os/as incomodam; (P1; P2; P4) (N1; N2; N3; N4; N5; N6; N7; N10; N14; N15)

OE1.2: Promover momentos de partilha entre toda a comunidade; (P1; P2) (N1; N2; N3; N4; N5; N6; N7; N8)

OE1.3: Criar espaços de partilha onde possam ser definidas novas estratégias de melhoramento do território; (P1; P2; P3) (N1; N2; N3; N4; N5; N6; N7; N9; N10; N14)

OG2: Promover o conhecimento entre os/as moradores/as do bairro; (P1; P2; P5) (N1; N3; N4; N6; N7; N8; N9; N10; N12; N13)

OE2.1: Valorizar a vida no bairro; (P1; P2; P3) (N3; N4; N7; N8; N9; N10; N11; N12; N13)

OE2.2: Valorizar e reconhecer os seus vizinhos independentemente do género ou classe social e económica; (P1; P2; P5) (N6; N7; N8; N9; N10; N16; N17)

OE2.3: (Re)Construir a história do bairro (pela voz dos/as] moradores/as]); (P1; P2) (N6; N7; N8; N9; N10; N16)

OE2.4: Trabalhar o estigma associado aos/às moradores/as dos bairros;

OG3: Promover um momento de partilha entre os diversos agentes que compõem a comunidade; (P1; P2; P4) (N1; N3; N5; N6; N7; N10; N14; N15)

OE3.1: Envolver a comunidade nas atividades do bairro; (P1; P2) (N1; N3; N5; N6; N7; N8; N10; N15)

OE3.2: Possibilitar troca de experiências e conhecimentos sobre diversos assuntos; (P1; P2) (N1; N2; N3; N5; N6; N7; N8; N10)

OE3.3: Possibilitar que a comunidade com as estruturas envolventes consigam dar resposta aos diversos desafios do território; (P1; P4) (N5; N7; N14;15).

Possibilidades de ações:

“Olimpíadas comunitárias” – encontros, jogos, debates, desafios, reuniões comunitárias, atividades culturais, entre outras atividades, entre os/as moradores/as dos 5 bairros onde juntos e utilizando os espaços exteriores dos 5 bairros competem amigavelmente pelo prémio de uma comunidade unida.

“A partilha” – encontros, debates, GD, reuniões comunitárias entre moradores/as, membros das AM e com outras pessoas que sejam úteis ao desenvolvimento da comunidade para que seja possível discutir os problemas do bairro e encontrar soluções para esses problemas.

“Eu e o bairro, qual o nosso futuro” – junto dos/as moradores/as encontrar figuras disponíveis e com responsabilidade no quotidiano que desenvolvam atividades nas sedes das associações de moradores ou noutros espaços públicos dos bairros, com os/as mais jovens.

APÊNDICE 17. DESCRIÇÃO DA REUNIÃO COM A VEREADORA SEM PELOURO

Data de realização: 19/04/2022

Local: CMP

Nº de participantes: 1

Descrição da Reunião:

Este encontro teve como objetivo perceber de que forma as pessoas dos bairros de habitação social apresentavam as suas queixas à autarquia, como a CMP as acolhia e lhes respondia, o que já tinha sido realizado junto daquela comunidade e quais os planos futuros para aquele local.

A vereadora recebeu-me muito bem e começou por me questionar acerca do meu projeto onde lhe pude explicar a metodologia utilizada, os procedimentos de recolha de informação utilizados e quais os problemas identificados.

De seguida, a vereadora leu-me algumas das queixas dos/as moradores/as em que é de salientar a dificuldade da mesma em ler devido aos erros ortográficos e que as queixas referiam problemas iguais, como por exemplo tráfico de droga, o barulho ou a falta de manutenção dos espaços verdes, contudo eram queixas individuais, faltando talvez uma exposição coletiva da situação que os apoquentam.

Depois, a vereadora afirmou que as queixas dos/as moradores/as destes bairros sociais são constantes, contudo quando se dirigia ao local os/as moradores/as não falavam com ela mostrando receio de quem pudesse estar a observar. É de referir que estas visitas são sempre acompanhadas por um grande aparato causado pelos media, o que poderá ser inibidor para a população dos bairros, esta situação justifica-se com os/as moradores/as nas conversas intencionais a referir que não gostam de ser utilizados como publicidade para campanhas políticas, algo partilhado com esta vereadora, que se mostrou surpreendida com a opinião dos/as moradores/as.

A vereadora mostrou um projeto de emergência social idealizado por ela e apresentado em reunião de Assembleia de CMP, neste mesmo dia no período da manhã, contudo chumbado por razões partidárias segundo a mesma. Esta menciona que nunca se fez nada por aquela zona de forma atenuar os problemas (tráfico de droga, insegurança, criminalidade) daqueles/as moradores/as e que agora que os problemas começam a escalar abruptamente, a CMP opta por uma postura de remediação deste aumento, principalmente através da constante presença da força policial nestes locais. Importante salientar que este projeto de emergência social não foi idealizado em conjunto com os/as moradores/as dos bairros de habitação social. A vereadora revelou que os projetos futuros da CMP para aquela zona passam por uma requalificação estrutural dos blocos de habitação com o objetivo de atenuar o tráfico de droga, contudo é importante referir, novamente, que esta requalificação foi pensada para os/as moradores/as e não pelos/as moradores/as, sendo que alguns deles/as nem sequer sabem ainda destes planos.

Houve também a oportunidade de junto desta vereadora, salientar a importância de ouvir os/as moradores/as e tentar ajustar os planos da CMP às vontades dos mesmos, podendo, por exemplo, a CMP colocar mobiliário urbano nestes espaços que possibilite o convívio e o lazer aos/às moradores/as, trabalhando desta forma com estes/as para que se sintam ouvidos e a colaboração com a CMP seja melhor, porém devem abordá-los no sentido de perceber o que gostavam de ter e onde de forma a envolvê-los ativamente no processo de tomada de decisão e responsabilizá-los. Pude também tentar consciencializar para a importância de visitar estes/as moradores/as sem causar um enorme aparato junto daquele espaço, para que a partilha possa ser um local de conforto e segurança. A vereadora salientou que na sua posição tenta ouvir os/as moradores/as e estabelecer relações de proximidade com eles/as, contudo depois o poder de decisão não passa por ela.

APÊNDICE 18. DESCRIÇÃO DA REUNIÃO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS

Data de realização: 27/04/2022

Local: Escola Básica e Secundária Leonardo Coimbra Filho

Nº de participantes: 3

Descrição da Reunião:

A reunião teve como objetivos a apresentação do projeto e a possibilidade de agendar um encontro com alunos desta escola que sejam moradores/as nos bairros onde o projeto está a ser construído, de forma a poder devolver os problemas identificados pelos/as moradores/as e perceber, junto deles, o que gostariam de ter no local onde moram de forma a melhorar a sua qualidade de vida.

Durante a reunião, foi importante a abertura destas profissionais para a escuta do que já tinha sido desenvolvido até aquela altura. Junto destas profissionais ficou alinhavado um possível encontro (pendente da autorização da direção do agrupamento) com alguns alunos da escola de forma a poder apresentar o meu projeto e perceber o olhar dos/as jovens moradores/as acerca do local onde residem.

Foi também importante as partilhas destas profissionais que referiram que, mesmo na escola, se sente o aumento da insegurança, do tráfico de droga e a falta de espaços de conforto, lazer e diversão que sejam seguros para estes/as jovens, o que realça a pertinência do envolvimento de todas as instituições, entidades e estruturas da UFP, porque todas elas acabam por ser influenciadas, direta ou indiretamente, pelas comunidades onde se inserem.

APÊNDICE 19. DESCRIÇÃO DA REUNIÃO NA DOMUS SOCIAL

Data de realização: 9/05/2022

Local: Domus Social

Nº de participantes: 2

Descrição da Reunião:

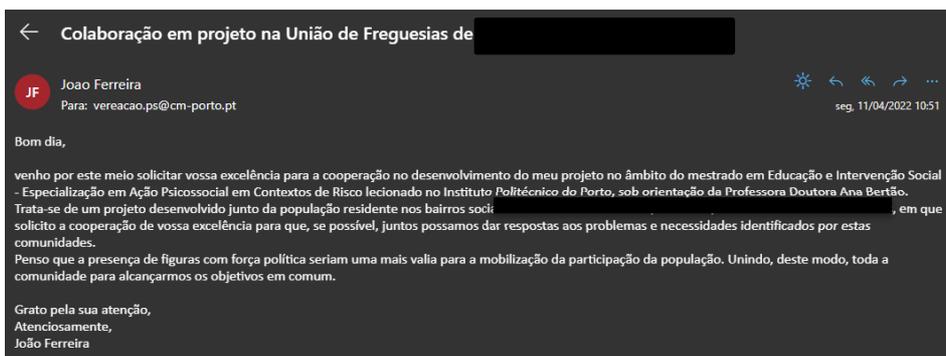
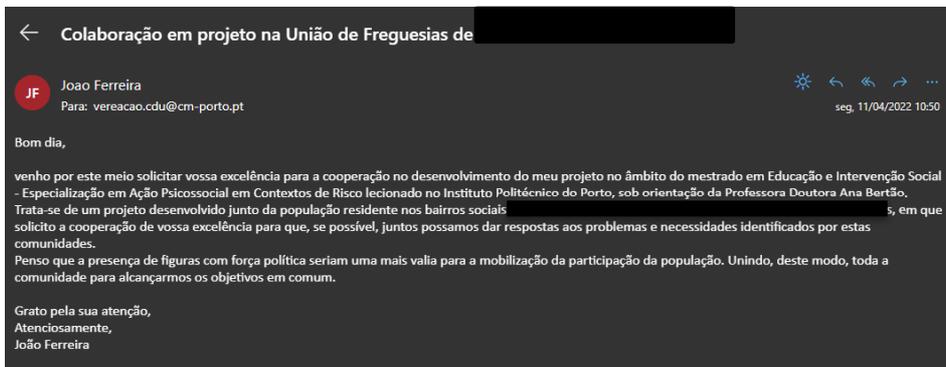
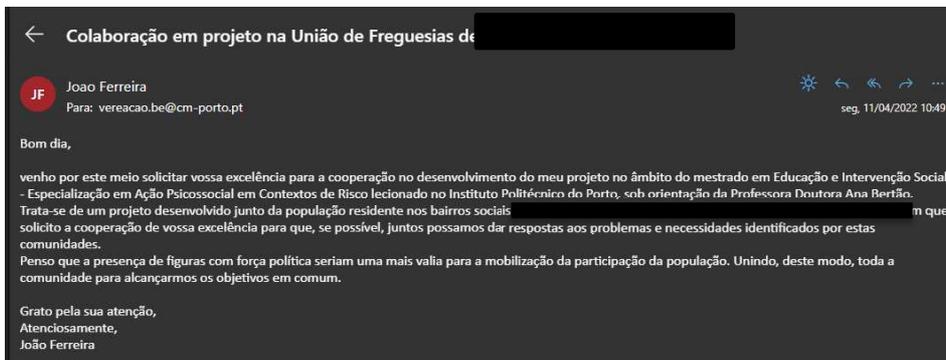
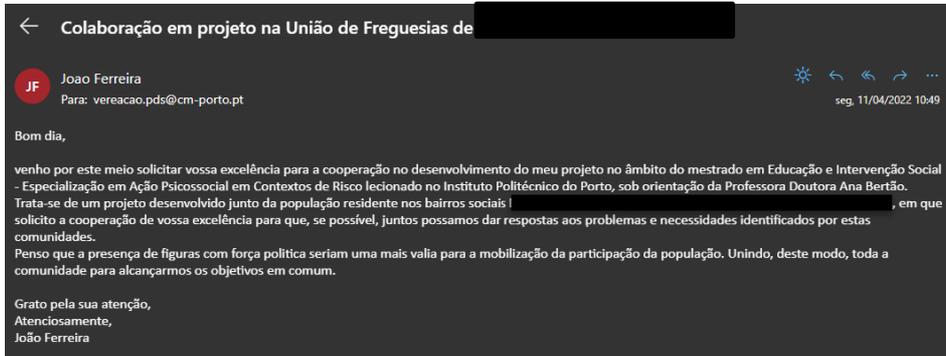
A reunião teve como objetivos conhecer de que forma é efetuada a comunicação entre Domus Social e moradores/as. A reunião teve como objetivos conhecer de que forma é efetuada a comunicação entre Domus Social e moradores/as. Na reunião estiveram presentes a Vice-Presidente do Conselho de Administração da Domus Social e a Coordenadora – Domus Social.

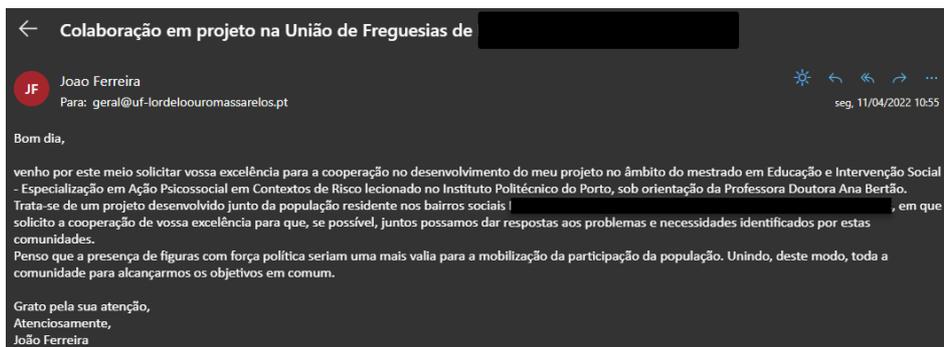
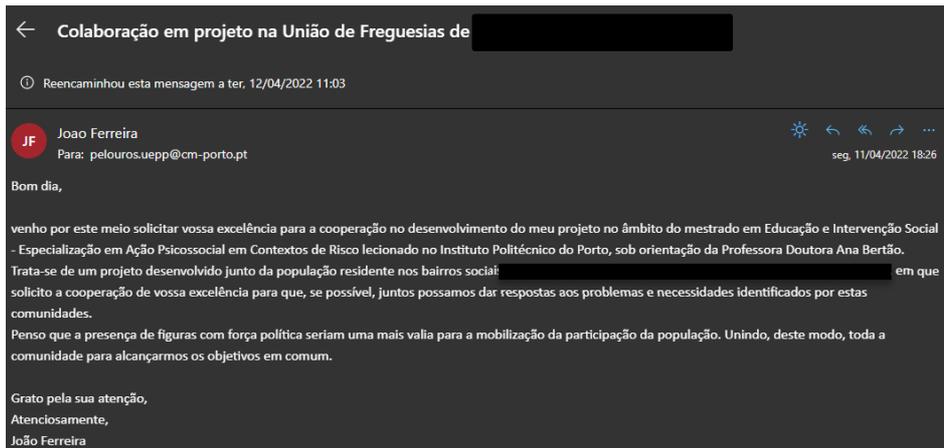
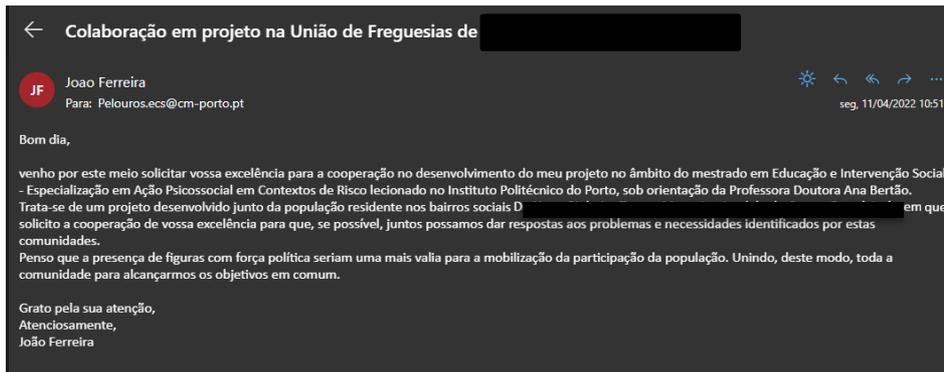
No decorrer da reunião sugerem a possibilidade da destruição dos ringues dos bairros sociais, argumentando que os mesmos são pouco utilizados, servindo o espaço, sobretudo, para práticas ilícitas. Apesar disto, referem a possibilidade de, ao retirar estes equipamentos, substituírem por outros que, em sua opinião, sirvam melhor os/as moradores/as, contudo ainda não apresentam ideias futuras para esses espaços. Relativamente aos parques infantis, algo pedido regularmente pelos/as moradores/as dos vários bairros, a Domus Social refere que não é viável a construção, acrescentando ainda que já existe o Parque Urbano da cidade que é um ótimo local para as famílias poderem disfrutar do seu tempo de lazer e que “nem todos os bairros sociais podem ter parques infantis”.

Relativamente aos equipamentos de lazer e convívio, dizem que as experiências em outros bairros de colocação de bancos de jardim, por exemplo, “correu pessimamente”, sublinhando que os/as moradores/as (de um outro bairro da cidade do Porto) que pediram para que os bancos fossem colocados foram os mesmo que voltaram a pedir, mas agora no sentido oposto, ou seja, a sua retirada, justificando que à noite se juntam várias pessoas nestes locais e o barulho era incomodativo. Por fim, estas afirmaram que o tema mobiliário urbano é uma questão “muito sensível” de abordar nestes locais, pois os/as moradores/as nunca conseguem estar em consenso relativamente ao local onde se colocam o mobiliário, porque todos/as o querem lá, mas ninguém quer perto da sua porta ou janela.

A Domus Social defende que é bastante próxima dos/as moradores/as. Este é um olhar diferente daquele que é expresso pelos/as moradores/as e pelas AM sobre esta empresa habitacional. Afirmam que tentam visitar regularmente os bairros só que o facto de gerirem cerca de 13 mil fogos com cerca de 30 mil habitantes. não facilita o seu trabalho e não permite uma resposta imediata a todas as necessidades dos/as diferentes moradores/as dos bairros de habitação social.

APÊNDICE 20. CONTATOS COM AS FORÇAS POLÍTICAS DA AUTARQUIA DA CIDADE DO PORTO





APÊNDICE 21. CONTATO INICIAL COM A ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS

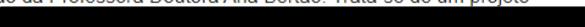
Pedido de reunião para colaboração em Projeto de Mestrado ▶ Caixa de entrada ×   



quarta, 13/04, 15:41   

para 

Bom dia,

Venho pedir-vos se poderíamos agendar uma reunião para colaborar no desenvolvimento do projeto do meu colega de CLDS, João Ferreira, no âmbito do seu mestrado em Educação e Intervenção Social - Especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco lecionado no Instituto Politécnico do Porto, sob orientação da Professora Doutora Ana Bertão. Trata-se de um projeto desenvolvido junto da população residente nos bairros sociais 

Julgo que a colaboração da vossa escola, bem como a identificação de alguns jovens da comunidade escolar, poderia ser uma mais valia para a mobilização da participação da população.

Obrigada,

Abraço

APÊNDICE 22. PROJETO DE EMERGÊNCIA SOCIAL PARA UNIÃO DE FREGUESIAS DO PORTO APRESENTADO POR UMA VEREADORA SEM PELOURO

Vereação da CDU
Praça General Humberto Delgado
4049-001 Porto
T.+ 0351 222 097 174
vereacao.cdu@cm-porto.pt

*Rejeitado
com voto contra
do Mor. RM
voto a favor - CDU/PS/BF
abstenção - PSD*



Proposta de Recomendação

PROGRAMA DE EMERGÊNCIA SOCIAL

Considerando que:

- A. Já em julho de 2019 apresentei uma proposta de programa de emergência social tendo em conta os problemas existentes em diversas zonas de famílias com enorme carência económica e social, que vivem em bairros municipais, bairros do IHRU, casas degradadas de "ilhas" e bairros operários, que se concentram em especial nas freguesias de [REDACTED]
- B. Tendo em conta que, na maior parte dos casos, devido ao tipo de construção, à escassez de equipamentos sociais coletivos e desportivos, ao envelhecimento da população e ao aumento das suas carências económicas e sociais, avolumaram-se problemas diversos, para o que também contribuíram muitos anos de abandono de intervenção pública estruturada nesses bairros, onde faltam equipas multidisciplinares que promovam o diálogo social, a animação cultural e desportiva, a educação social e assegurem a manutenção e as pequenas reparações;
- C. Continuam escassos os meios para reforçar a segurança pública de proximidade, garantir a prevenção e dissuasão da criminalidade, sobretudo nas zonas de maior pressão de novos fenómenos urbanos, incluindo o comércio e consumo de substâncias ilegais e o maior afluxo do turismo.

Tendo também em conta que, nalguns casos, a situação atingiu níveis elevados de alarme social que não se podem ignorar.

Vereação da CDU
Praça General Humberto Delgado
4049-001 Porto
T. + 0351 222 097 174
vereaocao.cdu@cm-porto.pt



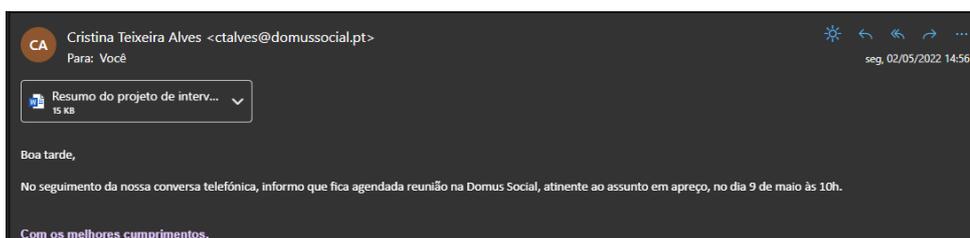
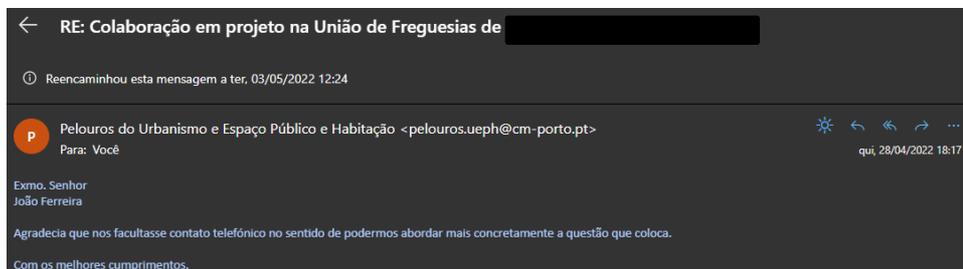
Propõe-se a seguinte recomendação:

1. Informar o governo da gravidade da situação e propor a criação urgente de um programa integrado de intervenção nas zonas de forte concentração de bairros municipais e do IHRU, que inclua a intervenção conjunta da Câmara Municipal do Porto, das Juntas de Freguesia e de vários organismos públicos, designadamente da Segurança Social, da Educação, da Saúde, do IHRU e da PSP;
2. Formar equipas multidisciplinares e assegurar a sua participação permanente nas zonas com maior concentração populacional para apoiar a integração e inclusão através do diálogo social com as populações e coletividades existentes, com mais propostas de animação cultural e desportiva, de educação social e cultural, assegurando também a manutenção e as pequenas reparações e um policiamento de proximidade de prevenção e dissuasor da criminalidade;
3. Dar prioridade à reabilitação de equipamentos e ao arranjo urbanístico das zonas mais fragilizadas, onde o medo se está a instalar, para que se recupere a confiança dos moradores e estes não se sintam abandonados nem se ceda o território às atividades ilícitas e aos seus promotores.

Porto, 14 de abril de 2022

[REDACTED]

APÊNDICE 23. RESPOSTA DA VERAÇÃO DO URBANISMO E ESPAÇO PÚBLICO E ENCAMINHAMENTO PARA A DOMUS SOCIAL



APÊNDICE 24. RESUMO ENVIADO A VERAÇÃO DO URBANISMO E ESPAÇO PÚBLICO

Mestrado em Educação e Intervenção Social – Projeto em Desenvolvimento na União de Freguesias de [REDACTED]

O projeto que venho por este meio descrever surge no âmbito do mestrado em Educação e Intervenção Social – Especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco lecionado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, sob orientação da Professora Doutora Ana Bertão. Este projeto está a ser concebido e desenvolvido com a população residente nos bairros sociais [REDACTED]

[REDACTED] privilegiando a metodologia Investigação-Ação Participativa e valorizando os contributos de todos os atores sociais que estão nestas comunidades. Ao longo deste projeto, iniciado em outubro, realizei entrevistas aos presidentes das associações de moradores dos respetivos bairros, tive diversas conversas intencionais com os/as moradores/as e profissionais da [REDACTED] e também realizei um grupo de discussão com os presidentes das associações de moradores, sendo possível, com estas contribuições e partilhas, identificar problemas, necessidades, recursos, potencialidades e constrangimentos afetos a estas comunidades.

Ao longo deste processo, fui percebendo que a Câmara Municipal do Porto, a União de Freguesias de [REDACTED] e a Domus Social eram presenças constantes no discurso das pessoas, onde principalmente referem a falta de respostas aos problemas que vão referindo nas queixas que fazem chegar a estas entidades.

Junto destes intervenientes foi possível identificar cinco problemas: Problemas na comunicação entre associação de moradores e moradores/as; Desaparecimento do “bairrismo” (ausência de uma certa afiliação ao bairro), que se traduz num certo afastamento entre os/as moradores/as, o que dificulta um trabalho colaborativo para a resolução dos problemas comuns; Falta de utilização dos espaços coletivos exteriores e poucos equipamentos para momentos de convívio e lazer entre os/as moradores/as; Falta de respostas por parte das entidades

políticas/administrativas relativamente a requalificação e segurança do bairro; Existência de estereótipos associados ao papel da mulher e do homem na sociedade e que marca as ofertas de ações e/ou atividades nestas comunidades.

Olhando para estes problemas, especificamente para a falta de utilização dos espaços coletivos exteriores e a existência de poucos equipamentos no espaço público exterior aos edifícios, para incentivar momentos de convívio e lazer entre os/as moradores/as, bem como para os discursos dos/as moradores/as que realçam a falta de respostas por parte das entidades políticas/administrativas relativamente à necessidade de requalificação e de segurança do bairro, será importante, para mim, perceber estas questões através, também, dos vossos olhares, conhecer as respostas que a autarquia vai dando aos pedidos realizados pelos/as moradores/as e ao modo como a comunicação se tem estabelecido. Quer dizer, perceber se tinham ideia desta opinião dos/as moradores/as, se algo já foi realizado para dar resposta a estes problemas e que tipo de contactos próximos realizam junto destas comunidades.

Atualmente os/as moradores/as falam bastante numa possível requalificação de toda esta zona, e acreditando que a participação, colaboração e cooperação são fundamentais no trabalho comunitário, eu gostava de perceber se está prevista a escuta dos/as moradores/as e de que forma poderá ser integrada a visão e necessidades destes atores sociais nos projetos de requalificação – a existirem – para que seja possível construir algo que a população considere importante para as suas vidas, que considere as suas necessidades e para que as pessoas possam sentir-se valoradas, seguras e confortáveis com as modificações. Sou um defensor de um trabalho articulado onde todos podemos desempenhar um papel fundamental na melhoria da qualidade de vida da comunidade, contando dessa forma com a vossa disponibilidade e participação na construção de soluções conjuntas que possam dar resposta aos problemas que afetam estas comunidades.

Grato pela vossa atenção,

João Ferreira

Porto, 02 de maio de 2022

APÊNDICE 25. CAIXAS DE SUGESTÕES

Neste apêndice encontram-se as fotos das caixas de sugestões onde se pode verificar as diferenças entre cada uma delas e os locais onde foram colocadas que foram muito diferentes entre todos os bairros.



caixa de sugestões do B1 – colocada entre dois espaços comerciais no muro.



caixa de sugestões do B2 – colocada nas escadas de acesso ao bairro e ao centro da UFP.



caixa de sugestões do B4 – colocada junto aos blocos habitacionais.



Caixa de sugestões para melhorar o teu Bairro

caixa de sugestões do B5 – colocada dentro da sede de uma associação presente no bairro.

APÊNDICE 26. MUDANÇAS NA CAIXA DE SUGESTÕES DO B4



APÊNDICE 27. DESCRIÇÃO DA PRESENÇA DA CAIXA DE SUGESTÕES EM CADA BAIRRO

Descrição do impacto das caixas de sugestões em cada bairro	
B1	<p>No B1 o presidente da AM quando viu a caixa sorriu e achou a ideia original, sublinhando apenas o perigo de esta ser destruída e de que as sugestões pudessem ter um caráter mais insultuoso ou de gozo. Este presidente envolveu-se desde logo na procura de um local para a colocação da mesma e na modificação desta, acrescentando o logotipo da AM e sugerindo a colocação da caixa no exterior. O espaço escolhido foi entre as duas mercearias do bairro, ou seja, num local central e observável a todos/as os/as moradores/as, contudo não quis colocar nem a caneta nem o bloco, porque “se a caixa não vai durar então isso decaminho é que já não está lá, portanto nem vale a pena”. Acentuou várias vezes “eu não sei se amanhã ela vai lá estar” ou “vai ter é insultos à AM”. Apesar disto, mostrou-se com uma grande disponibilidade e ajudou na colocação da caixa e na apresentação da mesma aos/às moradores/as que por ali andavam. Nestas conversas entre mim, o presidente e alguns/as moradores/as é de salientar à vontade na realização de festas, na manutenção do ringue para os mais jovens e a existência de um parque infantil, nestas conversas foi também possível salientar que quando se conversava acerca do ringue o presidente da AM referia que o mesmo pode ser utilizado “por nós e por vós” referindo-se à outra moradora, ou seja, confirmando o distanciamento existente entre moradores/as e a não identificação entre estes.</p> <p>É de salientar o papel fundamental de uma moradora com importância no bairro que avisou logo os/as restantes moradores/as que aquela caixa não era para estragar, acrescentando ainda que quem a estragasse iria ter chatices com ela, mostrando uma proteção relativamente às iniciativas que visam o melhoramento do bairro e da qualidade de vida dos mais jovens conforme ela sublinha em conversa.</p>

	<p>Desde logo este presidente e os/as moradores/as sugeriram que a mesma deveria ficar um curto período, porque “se não escrevem numa semana não vou escrever em duas”, vincado sempre a falta de esperança relativamente à qualidade de participação dos/as moradores/as.</p> <p>O tempo foi avançado e a caixa foi-se mantendo, as conversas sobre a caixa acontecendo (devido ao local onde foi colocada nunca foi aberta durante o período que lá estive), posto isto, o discurso do presidente relativamente ao que poderia ter sido lá colocado nunca mudou, mostrando um grande desacreditar na qualidade da participação.</p> <p>Neste bairro, a caixa foi um grande motivo de conversa, suscitou curiosidade e permitiu a união entre moradores para proteger aquele objeto, isto porque sempre que ia ver a caixa os/as moradores/as que me reconheciam faziam questão de referir “não se preocupe que nada acontecerá à caixa”.</p>
B2	<p>No B2 quando o presidente da AM viu a caixa ficou surpreendido de um modo positivo, contudo questionou logo onde a iríamos colocar. A caixa ficou colocada no exterior, no corrimão de umas escadas onde grande parte dos/as moradores/as está para conseguir apanhar os transportes públicos. Tal como no B1 fui alertado para a possibilidade desta desaparecer ou ser destruída por estar na rua, contudo tal como no B1 a caixa manteve-se intata tal como o bloco e a caneta agregados a ela, para grande surpresa de todos/as os/as moradores/as que ajudaram na colocação da mesma. Neste bairro optou-se por deixar a configuração da caixa tal como ela estava.</p> <p>Pela disposição da caixa foi possível ir recolhendo as opiniões dos/as moradores/as e de outras pessoas como sem-abrigos ou moradores/as de outros bairros que por ali passaram, que quiseram dar o seu contributo. Houve pessoas que assinaram a sua sugestão, outras apenas escreviam no bloco e nem colocavam dentro da caixa, mas</p>

	<p>apesar disto, todos os dias esta caixa tinha algo escrito, existindo assim uma grande participação.</p> <p>Este bairro sendo menos movimentado não se conseguiu perceber se a caixa causou grandes conversas entre moradores/as. O próprio presidente da AM também nunca estabeleceu contato durante este período, excetuando-o quando contatado, contudo pode-se perceber que foi sempre tratada de uma forma cuidada e sempre com grande envolvimento tal como mostra o número de sugestões.</p> <p>Neste bairro também se encontra uma sugestão assinada por todos os moradores de um bloco, ou seja, realizaram uma participação coletiva onde pensaram numa sugestão de forma conjunta colocaram dentro de um envelope e inseriram na caixa.</p>
B3	<p>No B3, a AM optou por deixar a caixa colocada dentro da sua própria sede com a caneta e o bloco junto da mesma. Colocaram num local escondido, referindo que o tamanho da mesma impedia que fosse colocada noutra sítio. Optaram por não modificar a caixa.</p> <p>Mostraram pouco entusiasmo na receção da caixa, mas agradecendo a iniciativa e elogiando afirmando que “talvez assim as pessoas comuniquem connosco”. Durante o período em que a caixa esteve neste local, nunca foram dando o feedback do impacto da caixa no bairro ao contrário do que aconteceu nos bairros 1, 4 e 5. Quando passei por lá para estar um pouco junto deles e falarmos sobre a caixa não tinham grandes partilhas a fazer nem sabiam se a caixa tinha ou não sugestões. Pelo local onde a caixa estava ficou definido com os gestores do espaço que não era necessário abrir a caixa e que esta seria aberta apenas no final.</p>
B4	<p>O B4 foi, talvez, o mais surpreendente e envolvente de todos. Numa fase inicial a caixa não foi aceite pela AM, no sentido em que referiam a existência da página do Facebook para as pessoas darem as suas sugestões, contudo após um contato telefónico pode ficar perceptível que a preocupação era de quem iria ficar responsável pela caixa sendo que a AM não queria ter essa responsabilidade. Foi referido, que ninguém seria</p>

responsável pela caixa, ou seja, ninguém precisaria de ter a obrigação de protegê-la ou de ficar a observá-la, contudo todos poderíamos ir “colocando os olhos” sobre ela.

Mais uma vez, e por ter de ficar no exterior surgiu o discurso relativamente à possibilidade de vandalismo ou destruição da mesma, sublinhei que se esta fosse destruída não teria mal era sinal de que talvez a estratégia utilizada não teria sido a melhor. Quando se começou à procura por um local para se colocar a caixa ficou desde logo definido pela AM e por moradores/as que não ficaria na parte inferior do bairro devido ao tráfico de droga e que ficaria sim numa zona mais superior do bairro onde mora “gente boa”. Quando percorremos as ruas do bairro é dito “vamos por aqui, para evitar certas coisas”, ou seja, deram entender que os/as moradores/as evitam certos caminhos para nem se cruzarem com as situações que as perturbam mesmo que isso signifique para elas uma maior distância para o local onde querem chegar.

No primeiro local onde colocamos a caixa pedimos autorização a um morador, porque ficava relativamente próximo da sua janela, em que este nos informa que não há problema, contudo passado cerca de meia hora a caixa já não estava lá. O senhor incomodado com os olhares curiosos para com a caixa achou que estariam a olhar para a sua janela e pediu a uns jovens para retirarem a caixa dali e colocarem na janela da casa do padre que vive ali no bairro. Um membro da AM prontificou-se desde logo a modificar a caixa de sítio, porque não era agradável estar no parapente da janela do padre e colocou num muro com ajuda de outros/as moradores/as, onde ficou até ao final deste período.

Numa fase inicial marcada pela resistência, a falta de esperança, o pouco envolvimento entre moradores os percalços marcaram a presença desta caixa, bem como o desaparecimento da caneta e do bloco que foi usado para sugestões de gozo ou insultos levando à desmoralização dos moradores mais envolvidos na iniciativa. Mas, com o nascer do dia seguinte à colocação da caixa e o facto de ela não ter sinais de vandalismo nem ter sido destruída o envolvimento começou a ser maior. Foram enviadas mensagens pelo WhatsApp a dizer “a caixa mantém-se” ou “tem as primeiras sugestões” ou “alguém colocou mais fita para a proteger” e este avançar dos dias com a manutenção da caixa no local sem ser destruída, com o aparecimento das tais primeiras

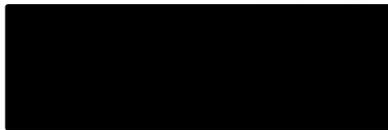
	<p>sugestões e ainda com a colocação de lápis e canetas novas e um bloco por estrear por parte dos/as moradores/as com a seguinte mensagem: “caro morador a sua opinião é importante” acabou por se desenvolver um sentimento de união por aquele objeto e a reflexão de que talvez fosse possível fazer algo diferente apesar de todos os constrangimentos do bairro.</p> <p>Foi muito interessante perceber que a cada dia que a caixa de sugestões se mantinha, a motivação dos/as moradores/as mais envolvidos aumentava juntamente com a curiosidade em olhar as sugestões e trabalhar nelas, contudo os receios das críticas e insultos também eram referidos.</p> <p>Sentiu-se nestes moradores que era muito importante para eles que a caixa não fosse vandalizada durante este período pelo significado que isto lhes iria trazer, sendo que ao longo deste período as sugestões foram retiradas sem danificar a caixa.</p>
B5	<p>Por fim, no B5 a sugestão da caixa foi recebida com algumas reticências por parte do presidente da AM, relativamente ao local de colocação, para que serve ou porque as pessoas não iam participar, referindo que seria interessante perceber a opinião das pessoas, mas que mantém as expectativas controladas, porque não acreditava no sucesso que a caixa de sugestões poderia ter. Apesar disto, desde logo disse que seria interessante colocar o logotipo da AM e que sugeria a colocação da mesma no café/sede duma associação que existe neste bairro.</p> <p>Após o contato positivo com o presidente desta associação, prontificou-se desde logo a dirigir-se à sede/café para colocarmos a caixa, o bloco e a caneta. Fomos recebidos pelo presidente desta associação que nos mostrou as instalações do local e nos falou acerca do trabalho social desenvolvido por eles lá. Este senhor referiu na conversa também a disponibilidade para sempre que necessário trabalharmos em conjunto de forma a melhorar o bairro, sendo a caixa de sugestões era um ótimo pontapé inicial nesta articulação.</p>

Nos dias seguintes passamos pelo bairro e fomos tentando perceber como estava a caixa a ser recebida. Um dos moradores pôde confidenciar que “os drogados, aqueles que estão ali sempre com as cervejas” tinham gozado com a caixa e com o seu objetivo dizendo que aquilo não serviria para nada. Junto da AM pude verificar que a caixa também não tinha sido impactante e que nem sabiam se a iniciativa estava a correr bem ou mal, porque ainda não tinham tido oportunidade de se dirigir à sede/café onde a caixa tinha ficado. Apesar disto, a meio deste período pude dirigir-me a sede/café e constatar que a mesma tinha sugestões e o senhor que lá trabalhava referiu que as pessoas, principalmente as mais velhas, tinham gostado da iniciativa e estavam a participar.

APÊNDICE 28. SUGESTÕES DO B2

MELHORIAS

- SISTEMA DE REGA DOS JARDINS
- AS JANELAS DOS ACESSO AOS APARTAMENTOS (ESCADAS) VERTE AGUA QUANDO HA MAL TEMPO, NO INVERNO.
ISOLAMENTO DAS JANELAS DAS ESCADAS



criar condições
e salar para
a CACA DOS
CAES

PARA QVETEMHA
MOS UM BAIRRO
LIMPO

Muito bem só,
que as pessoas não
valerão, este tipo
de intervenção

Alm
Moraes



Acaluar com
m crânio do
GSP
página i prava
Vigilância

Penos policia

- Plantar + flores
- Ajudar o próximo vizinho
- Compreendi-lo em vez de criticá-lo

- Plantar a relva cortada p/ as crianças e p/ as famílias pobres
Tic-tac's

P.S. - Ideias de um Açoreano que anda "perdido", a tomar umas férias e sem-abrigo.

Um Abrigo e um lujo a todos

Aumentar os prédios
Mudar a cor para mais verde, um clube preto para a malta se divertir
Ajudar quem vem so
a outras festas e doces
que ~~fazem~~
Torneios de futebol com outras vizinhos

10) DIZAR A RELVA

11) POLICIAAMENTO DO DISTRICTO LONDRO (LGD's)

5/5/2022

204304

fuck the
police

EDUCAI, FELIZ

OS VOSSOS

FILHOS, PORQUE

SÃO UNS GRANDES

MALQUIADOS

QUE SEJA

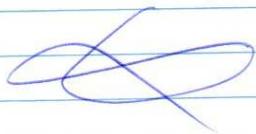
UM BAIRRO.

FELIZ

FDS

Existência de sala de chuto.

Posto - mais higiene, material de consumo do próprio, o qual evita transmissão de doenças. Impede a visibilidade do acto de consumo, perante moradores, crianças, idosos, etc.



ARRANJA O CAMPO DO FÚTBOL

Mandem fazer as melhorias
dos Blocos 13 e 12 os espaços
por vaito dos recadastrados.
Esse espaço os drogados
metem-se por dentro a
drogarem-se e deixam toda
a portaria.

um morador

os moradores de
um^o
entrada

Mais porques para
crianças

EU NÃO SOU
DO BAIRRO DAS
SOU PORTUGUESA
E GOSTO QUE O MEU
PAÍS SEJA BONITA

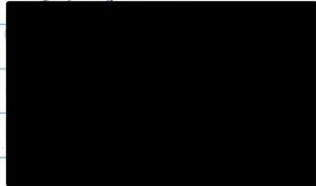
SUGESTÃO PARA O
BAIRRO: PAIS ILUMINADA
(LED'S) ↓ CONTINUA

1) THIS PATROL AGENTS

2) TER UN JARDIN
PARA AS CRIANCAS

3) A ROTUA TER
DEHOR ASPECTO
(CORRALA)

etc. etc etc



APÊNDICE 29. SUGESTÕES DO B3

Um parque infantil
para as crianças brincarem.

APÊNDICE 30. SUGESTÕES DO B4

o Bairro Precisa de obras por
fora que se pare, tirar a unidade
das casas, e tirarem a queles
~~obras da habitação~~
Us quadrados da habitação
e põem novas janelas

ARRANJAR O RINGUE, NÃO ENTENDO FAZER
UMA SALA DE CHUÃO, E TENTAR ACABAR
COM A GRUBA PARA SE ANJAR EM SEGURANÇA

Dorem casa a quem precisa!

Faça uma intervenção exterior ao
Baico.

Recolha o ringue.

MAIS ECOPONTOS

UM PARQUE INFANTIL

CASAS DE BANHO PARA TOXINDEPENDENTES
NÃO ANDAREM POR AÍ A FAZER
POR TODO LADO.

Chapman & Cui

no mais suebego

questo dilberio

queremos ir a casa
dame umu

um bar de chispa

Uma fisema

HlHl

elevador o como

Bar de putas



Nuevos diálogos
falar a camera 

MIA Kalifa
Pome essa q eu quero

APÊNDICE 31. SUGESTÕES DO B5

A camiãoã é uma
parearia não ajuda
os Maradores
só a cães e gatos
a gerencia
Agradece

Venho por este modo pedir
um parque desportivo
para os miúdos são
o nosso futuro

Obrigado

Precisamos de
um parque
Infantil para
as nossas
crianças
Bebe

Agradeeria por favor que
considera-se a infância das
nossas crianças e que
construíssem um parque infantil
ou um campo de futebol

Os nossos adultos do futuro
agradecem.

~~ESQUERTE MAR~~

FALTA UM CAMPO
DE FUTEBOL EM

PARQUE PARQUE

Augusto y - O. Abreu -



era preciso dempar
os jardins
e ajudar mais
os velhinhos

Parque Para

Crianças

Urgente

Pedimos no

Amos

Obrigado Zoltz

PARQUE INFANTIL
URGENTE



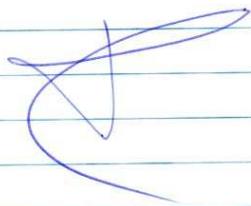
FALTA UM
PARQUE
PARA
CRANIAS

Bloco 11

Entradas todas
escabaeadas



Axo que devia
ter um ~~co~~ cuche ou
um infantil ou
cento de estudos
para os miúdos



JANELAS NOVAS
IGUAL AS MARQUISE

O TERRENO EM FAV
FRENTE AOS RENAISS
RENOVALO ~~PA~~ CON
UMAS MESAS E CADEIRAS
PARA OS REFORMADOS

MORADOR NO B/6

Venho por este
meio pedir a vossa
excelência, que em
curto prazo ensiga
um parque desportivo para
as crianças do Bairro
da Toulon, que estão
a usar aparelhos as
tecnologias, visando ou
melhor descolando a
vidadeira e fura infância.

Vemo por este meio
COMUNICAR A SEGUIR
SUGESTÃO: NESSECIAMOS
DE UM CAMPO DE
ACTIVIDADES PARA
O FUTURO DO PAIS
(MUNDO) QUE SAO AS
CRIANÇAS...UNS BAZOICOS
ESCORREGOCS E MAIS SUGESTOES
DARA PESSOAS MAIS AVANÇADAS
COMO CAMPO DE FUTEBOL
E OUTRAS ACTIVIDADES.

Parque infantil
campo futebol

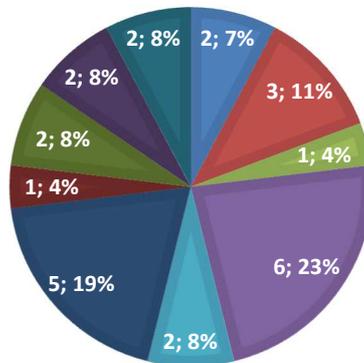
Parque Infantil
Campo futebol

Crianças meu
tem em
Brisson

APÊNDICE 32. GRÁFICO DOS RESULTADOS DAS CAIXAS DE SUGESTÕES

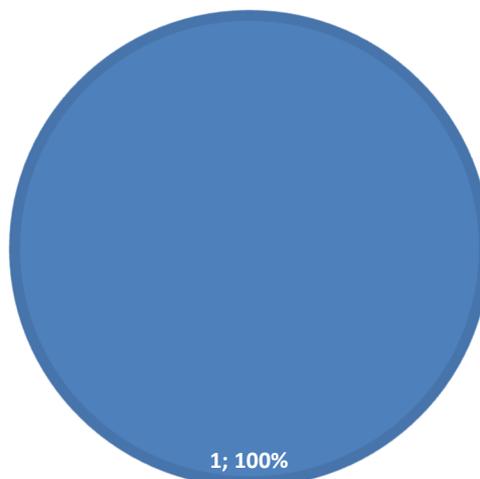
CAIXA DE SUGESTÕES - B2

- Sistema de rega dos jardins
- Requalificação dos blocos/casas
- Limpeza do espaço exterior
- Outros
- Policiamento
- Equipamentos coletivos
- Espaços verdes bem tratados
- Parque infantil
- Apanhar as fezes dos cães
- Requalificação/utilização do campo de jogos



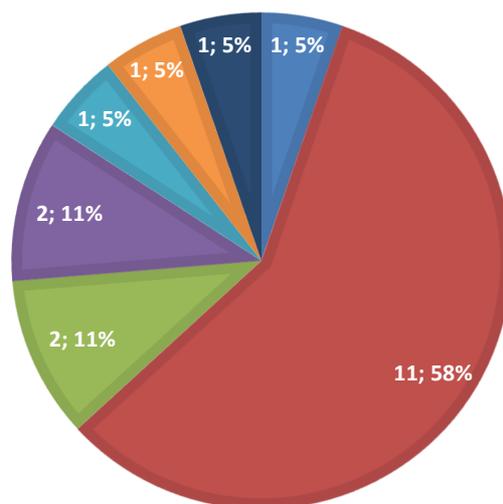
CAIXA DE SUGESTÕES - B3

- Parque infantil



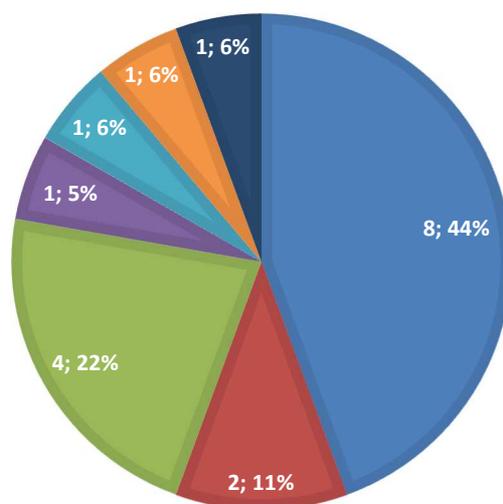
CAIXA DE SUGESTÕES - B4

- Dar casa a quem precisa
- Requalificação/utilização do campo de jogos
- Colocação de ecopontos
- Casa de banho de rua
- Outros
- Requalificação dos blocos/casas
- Parque infantil



CAIXA DE SUGESTÕES - B5

- Parque infantil
- Campo de jogos
- Limpeza dos espaços verdes
- Mobiliário urbano
- Requalificação dos blocos/casas
- Outros
- Colocação de estabelecimentos educativos



APÊNDICE 33. PLANIFICAÇÃO DO ENCONTRO Nº1 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

Planificação do encontro nº1:

Data: 12 de maio de 2022.

Local: ADL.

Duração: 1h30m.

Objetivos da reunião: Partilhar os feedbacks recebidos pela presença da caixa de sugestões no bairro. Analisar e refletir acerca das informações recolhidas através das caixas de sugestões. Pensar em conjunto em futuras soluções aos problemas que possam ter sido apresentados e na forma de envolver os/as moradores/as nessas soluções. Definir os próximos passos.

Estratégias: Debates, partilhas e reflexões.

Materiais: folhas, canetas, caixas de sugestões, mesas e cadeiras.

APÊNDICE 34. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO Nº1 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

Data de realização: 19/05/2022

Local: ADL

Nº de participantes: 4

Descrição do Encontro:

Realizou-se um encontro entre as AM com os objetivos de: partilhar os *feedbacks* recebidos pela presença da caixa de sugestões no bairro; analisar e refletir acerca das informações recolhidas através das caixas de sugestões; pensar em conjunto em futuras soluções aos problemas que possam ter sido apresentados e na forma de envolver os/as moradores/as nessas soluções e definir os próximos passos. O encontro contou com o presidente da AM1, com o presidente da AM2 e com o presidente da AM5 acompanhado por mais um membro da associação. As AM3 e AM4 não conseguiram se fazer representar pelo seu presidente nem por nenhum outro membro. Apesar de terem faltado foi facultado a cada AM um resumo do encontro, apesar de os presentes referirem que devido ao facto de nunca mostrarem grande participação nestes momentos em conjunto talvez não estejam interessados em participar e que o esforço seja em vão, mas não opõem a esta partilha.

O encontro começou com a definição de tempos para que cada um pudesse exprimir a sua opinião, tal como combinado no grupo de discussão anteriormente realizado com estes participantes. Ficou definido cinco minutos para cada um dos presentes, com a possibilidade de o tempo ser estendido um pouco caso fosse necessário terminar uma opinião.

Relativamente ao primeiro tema sobre a importância desta iniciativa o presidente da AM1 salientou apenas aspetos positivos tais como: não ter existido vandalismo, ser importante para ouvir todos os/as moradores/as e ter possibilitado aos/às moradores/as ter um objeto sobre o qual pudessem comunicar e interagir. Os restantes participantes reforçaram que uma iniciativa

destas não tem aspetos negativos e que até mesmo com possíveis críticas essas também eram importantes para perceber as opiniões dos moradores/as.

De seguida, os participantes concordaram que seria importante ler todas as sugestões de todos os bairros em conjunto para se entender se existe semelhanças entre eles. Procedeu-se a leitura de todas as sugestões colocadas nas caixas. Os participantes referem que não estão surpreendidos com as sugestões, que são problemas identificados há muitos anos, expostos as entidades que podem dar resposta, contudo sem obterem respostas, o que é representativo do tempo que é necessário aguardar para obter alguma resposta. O presidente da AM2 acrescenta que todas as sugestões vão ao encontro das “bandeiras da AM” e que os/as moradores/as tem toda a razão nas sugestões que fazem porque são assuntos que a própria AM se debate regularmente. O presidente da AM5 refere que “não há surpresas, nem nada que a AM não esteja constantemente a lutar para melhorar” e destaca que “fico feliz por os/as moradores/as estarem atentos aos problemas do bairro e participarem”, relativamente a crítica feita a AM seria importante conversar com esse morador e tentar dar-lhe a conhecer o trabalho desenvolvido pela AM, mostrando-se um pouco incomodado com a crítica feita. O presidente da AM1, que foi o único bairro sem sugestões, não esconde alguma tristeza, contudo “não me surpreendeu não ter nada”. Apesar disto referencia que algumas questões levantadas noutros bairros são transversais ao bairro que representa e que são assuntos tratados regularmente nas entidades competentes, mas que nunca obtêm respostas. Todos os participantes lamentam a falta de contato e participação ativa das entidades que podem dar resposta a estas sugestões, dizendo que os contatos são escassos. Também é importante referenciar a surpresa de todos ao verem a quantidade de sugestões e ao perceberem que as sugestões iam ao encontro dos pensamentos das AM, demonstrando um desconhecimento da opinião dos/as moradores/as, confirmando a falta de comunicação existente. O presidente da AM1 refere ainda que o objetivo destas mesmas entidades é dar uma importância maior ao parque urbano da cidade desinvestindo em equipamentos de convívio e lazer nos bairros (parques infantis, ringues ou mobiliário urbano), algo confirmado pelos restantes participantes.

Este mesmo participante, contudo, sugere como forma a procurar resposta para as sugestões o pedido de uma reunião conjunta entre os cinco bairros e a Domus Social, para que se mostre uma união forte entre as comunidades na procura por soluções para todos. Esta sugestão é bem

recebida pelos restantes participantes que salientam que apesar de terem tido reuniões semelhantes no passado nunca tinham se unido para planear, organizarem e participarem numa reunião conjunta. Esta sugestão será também feita aos dois bairros que não estavam representados, em que evidenciam a importância de estes estarem presentes pela proximidade geográfica entre eles. Esta reunião irá ser organizada em conjunto por todos, após a nova abertura das caixas de sugestões. Esta sugestão é interessantíssima porque algo que anteriormente me tinha sido dito nas conversas intencionais era que as AM não tinham grande articulação entre si, contudo com o desenvolvimento de momentos conjuntos foram-se aproximando e apercebendo que talvez juntos conseguissem mais resultados para a melhoria da comunidade.

Para finalizar é sugerido por mim o regresso das caixas aos bairros com um título diferente “atividades que gostarias de ter no teu bairro” com o intuito de envolver as pessoas na construção e futuro desenvolvimento de atividades que tragam mais movimento aquelas comunidades, podendo as mesmas serem desenvolvidas em conjunto entre as AM ou individualmente. Todos os participantes se mostram interessados nesta nova iniciativa e na possibilidade de que esta caixa de sugestões possa trazer segundo o presidente AM5 “coisas mais práticas e que possam ser desenvolvidas pela AM”, sugere ainda que este regresso aconteça rapidamente para aproveitar a vontade das pessoas participarem, por isso fica definido que as mesmas regressam durante o período de uma semana a começar dia 18/05 e a terminar dia 25/05. O presidente da AM1 mostra-se um pouco reticente a este regresso pela fraca participação no seu bairro, contudo disponível para experimentar mais uma vez referindo “que é melhor do que não fazer nada”. Esta sugestão será também feita aos dois bairros que não estavam representados.

APÊNDICE 35. SÍNTESE DO ENCONTRO Nº1 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

No décimo segundo de maio do ano de dois mil e vinte e dois foi realizado um encontro com os presidentes das associações de moradores. No mesmo estiveram presentes os presidentes das AM: 1,2 e 5.

O encontro teve como objetivos: partilhar os feedbacks recebidos pela presença da caixa de sugestões no bairro. Analisar e refletir acerca das informações recolhidas através das caixas de sugestões. Pensar em conjunto em futuras soluções aos problemas que possam ter sido apresentados e na forma de envolver os/as moradores/as nessas soluções. Definir os próximos passos.

O encontro começou com os presentes a salientar a importância desta iniciativa referindo que proporcionou aos/às moradores/as a participação de forma anónima ou não, mas acima de tudo que todos tivessem um momento e um espaço para darem a sua sugestão. Também foi referido como positivo o facto das caixas que estavam no exterior não terem sido vandalizadas. Ainda se elogiou a participação ativa das pessoas e o facto de apenas um bairro não ter tido sugestões e existir três bairros que ficaram acima das 10 sugestões o que mostra uma participação positiva tendo em conta as expectativas iniciais dos presentes.

As sugestões foram partilhadas em voz alta (depois farei chegar a digitalização das sugestões ao respetivo bairro) e foi muito interessante para os presentes terem percebido que as sugestões eram muito semelhantes entre todos os bairros. As sugestões centraram-se nos: espaços verdes, na requalificação dos blocos e casas e nos equipamentos urbanos, de convívio e de lazer. A lamentar alguns papeis que continham críticas menos construtivas e outras de gozo, que, contudo, segundo os presentes também tem o seu lado positivo porque as pessoas que as fizeram também tiveram o trabalho de as escrever e colocar lá dentro e são representativas de alguma insatisfação e não colaboração para a melhoria do bairro.

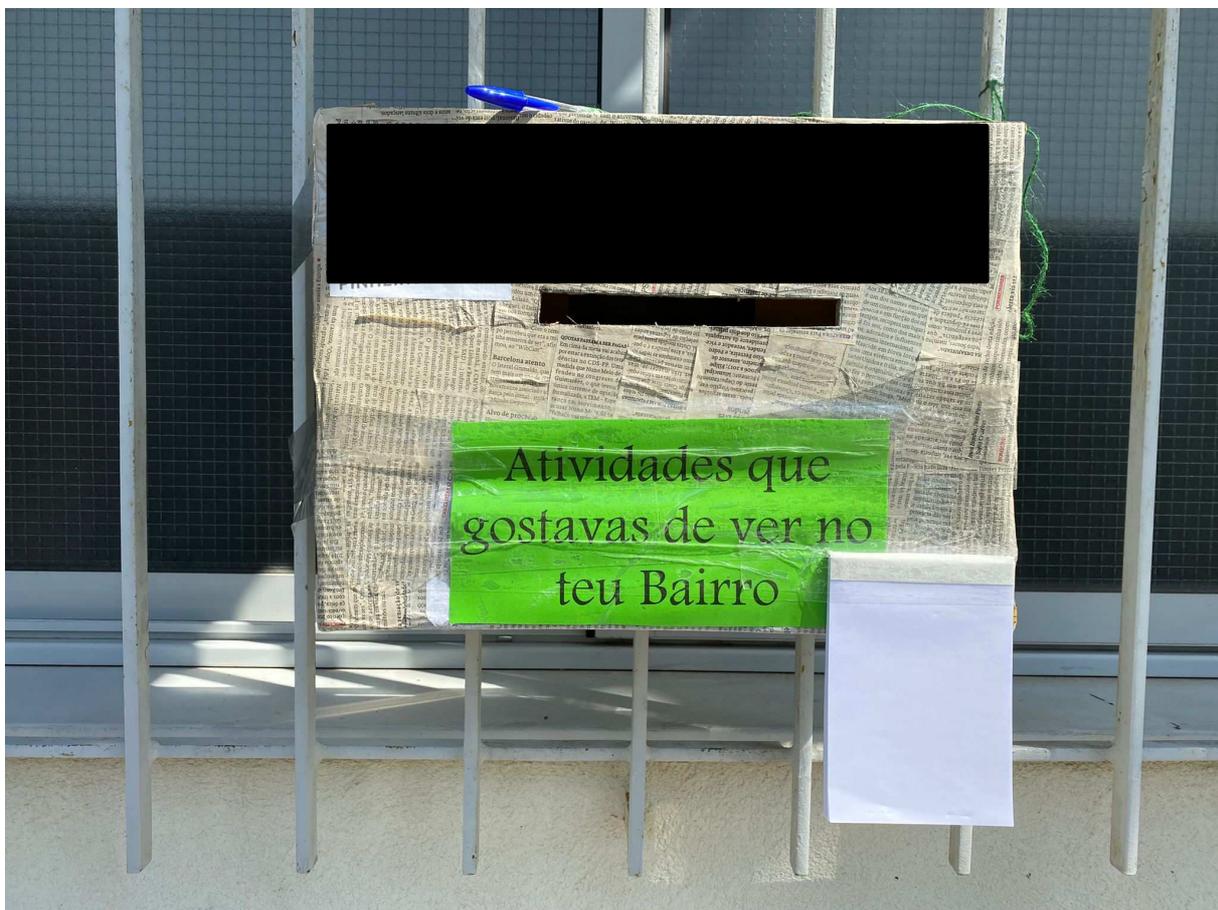
De forma a poder dar resposta as sugestões dos/as moradores/as e tendo em conta que as sugestões eram muito semelhantes entre bairros, o presidente da AM1 sugeriu a organização de

uma reunião conjunta entre representantes das cinco AM com a Domus Social, de forma a exporem a situação de forma conjunta e unida. Todo o processo que envolve a marcação da reunião desde escrever o e-mail, enviar o e-mail, propor datas e local e preparar o conteúdo da reunião seria realizado em conjunto pelas cinco associações que estariam em constante articulação.

Por fim, como sugestão de próximos passos, achou-se interessante regressar com as caixas ao bairro no início da próxima semana, no mesmo local ou noutra, mas com um título diferente que seria “que atividades gostarias de ver desenvolvidas no bairro”, sendo que seria aberta passado uma semana e novamente seria alvo de análise em grupo. Esta iniciativa teria como objetivo a execução de atividades com os/as moradores/as, propostas por eles, ou seja, que vão ao encontro dos respetivos interesses.

APÊNDICE 36. REGRESSO DAS CAIXAS DE SUGESTÕES

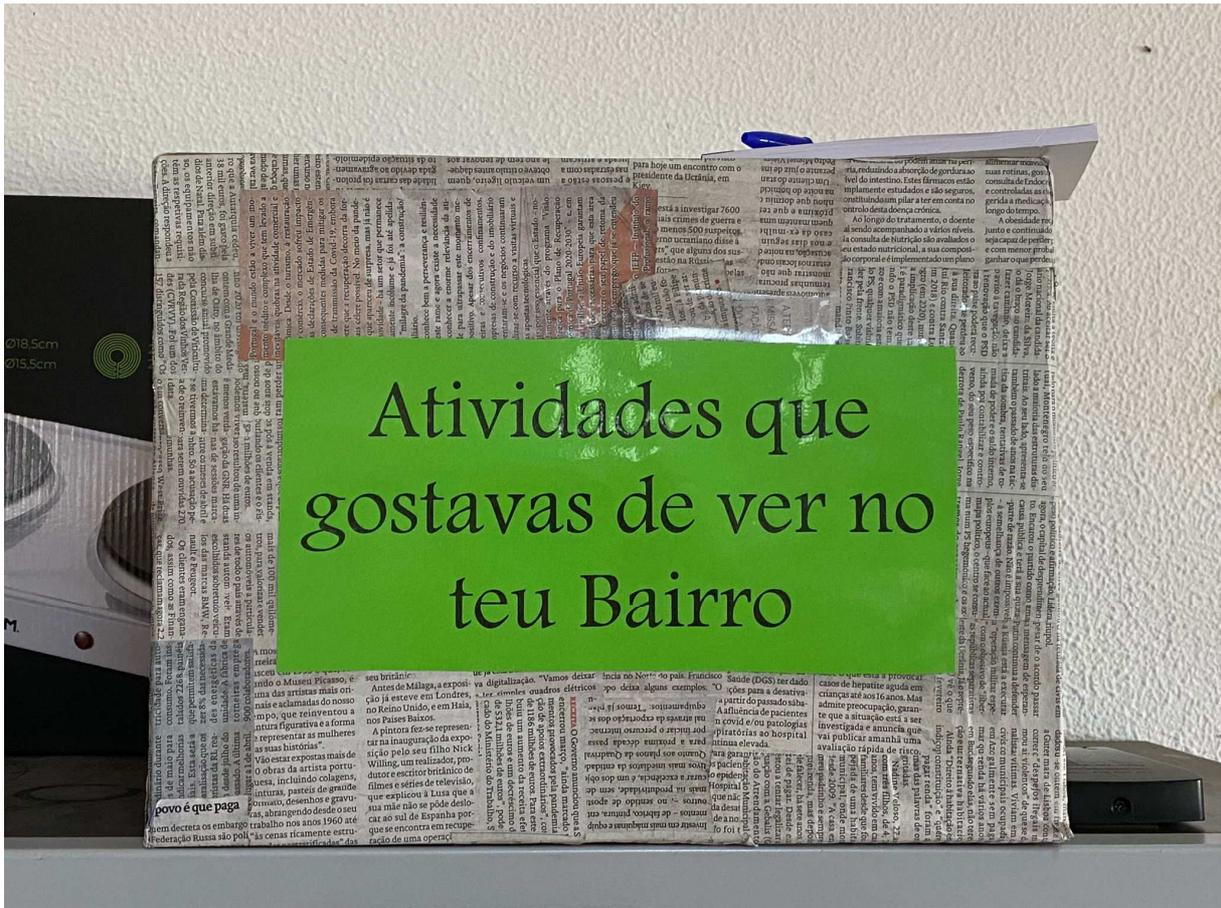
Neste apêndice encontram-se as fotos do regresso das caixas de sugestões onde se pode verificar as diferenças entre cada uma delas e os locais onde foram colocadas que foram muito diferentes entre todos os bairros. De sublinhar que apenas o B1 modificou o local onde a caixa estava anteriormente colocada.



caixa de sugestões do B1 – colocada na janela da AM.



caixa de sugestões do B2 – colocada nas escadas de acesso ao bairro e ao centro da UFP.



Atividades que gostavas de ver no teu Bairro

caixa de sugestões do B3 – colocada dentro da sede da AM.



caixa de sugestões do B4 – colocada junto aos blocos habitacionais.



caixa de sugestões do B5 – colocada dentro da sede de uma associação presente no bairro.

APÊNDICE 37. SUGESTÕES DO B1

Equipa de
basket

atividade na [REDACTED] do ~~bairro~~

Piscina

Pôr baloiços no
parque

Atividades de Terço
como corridas, caminhadas
pela cidade, Futebol,
basquetebol, badminton
e etc...

Pista skate/Patins

Babiço de
Barco

Construir uma pista de
skate/Patins

Quero que o

[REDACTED] SER

UM GUEI

Colocar balões no parque

EQUIPA
DE
BASKET

ter sofá
aqui fora
para descansar
😊.

Fantozias

Voices

Pharam 64nd

Eu quero ~~uma~~ CARTAS de
POKÉMON ~~para~~ RODRIGUE
e CAIO e para DANIEL
propaganda MIL EUROS

TER UM CARRO DE
BRICAR

Água e Comida
grátis Todos
os dias!!

😊 (isto é uma
Obda)

ARRANYAR

0

CHÃO

Pista de skate/patins
no parque

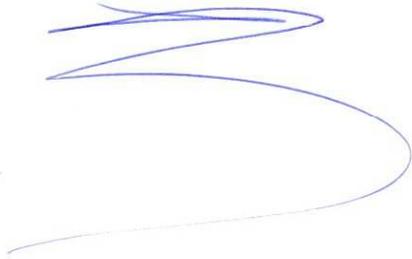
atividades campo e
mais coisas

equipa de futebol

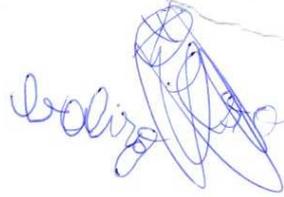
Ahranjari o campo

Cabeleiros

Carras



ter agua
Pelo amor de Deus



bolas

bolas de vidro

Balizas novas

TER Casa

Colocar relvado
sintético no campo

~~tie~~ tia

~~PI~~

↑
Vizimama FAP

guerra

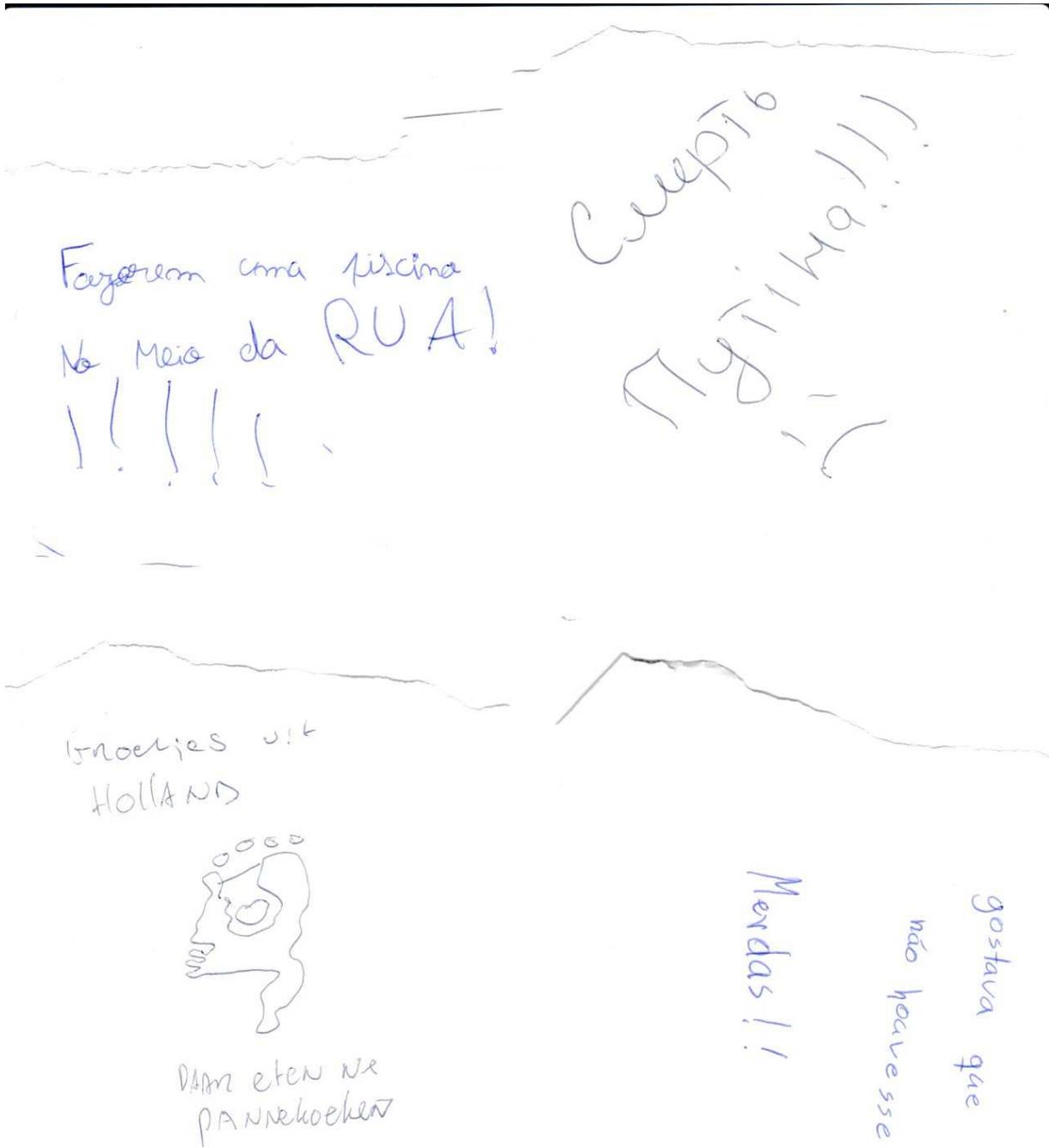
é e balões de asca
e atmas de asca



TER BALIZAS ASÉRIO

Campo
com balizas
com sulha

APÊNDICE 38. SUGESTÕES DO B2



camp^{de} futebol com
mesa e redes

Gostava que omease
mais parques infantis
e parque para a campon.

UM PARQUE PARA
as crianças se divertirem
e espaço para os
idosos passarem as
redes com mesa cadeiras



Convívio LAZER

QUE
AGABASE

a DRAGA

 GANAS

Diminuir o preço das
PUTAS!!!

UM PARQUE PARA
as crianças

Neste bairro não
falta nada tem
Draga, Cozinha gratu-
ita, Ambulatório de
Postos sazonais ~~curiosos~~
e uma saia de ^{memória} joguete
ou leite e chocolates a
rotação do Draga.
tem o direito de
pagar a unia nos
nos jardins. Também

MAIS
GANZIA
E MAIS
RESSACA

ERA HAVER
ERA AVER

MAIS-RESPEITO
-UNS | pelos -
OUTROS
Aprende a
ESCREVER ESTÚPIDO

~~que~~
que as escolas
fossem obrigadas
a que a finalidade
da manutenção
fosse para os
benefícios da
cidade

1. Para o divertimento
para as crianças

tudo a actividade de
Bensuet
am de Bell
Voleibol
Natação

Concertos

- paintball
- artes marciais
- atividades de pintura e desenho
- explicações

JOGOS
Ex: Parky Pardo's
Jogos Idosos
torneios futebol
FAZER JOGOS TRADICIONAIS

ETC
Pelo
19/12/22

- Playstation 4 grátis para todos os moradores.
- Matar os drogados
- Parar com as atividades no bairro
- Deixar mais cerveja
- Ter um pai
- trocar as escadas por rampas
- Jerrar abaixo o Ipanema
- Pau de

Cortar os âmbros para suspender melhor.

Parar com a reciclagem

Abaixar o preço das drogas

Abaixar o preço da gasolina

PAREM DE PEDIR
IDEIAS FDP, SEM MÃE,
ABORTO!

FAZER JOGOS
TRADICIONAIS
EX: MALHA
CARTAS

JOTINO
DARTAS
XADRES etc

CONTINUA → TRAZ

TOURNOS FUTEBOL
ATIVIDADES PAZ

OS TRAZ 2022

EX: PINTURAS

TRABALHOS MANUAIS

FAZER PASSIOS

(VISITAR MONUMENTOS

VISITAR EXPOSIÇÕES etc)



20/4/2022

APÊNDICE 39. SUGESTÕES DO B3

Que arregem as estradas
que estes creios de buracos
e as crianças não podem andar
de bicicleta.

[REDACTED]

baile no bairro
para pessoas
divertirem

remodelar os
parqueios dos

bairro [REDACTED]
[REDACTED]

[Signature]

contem a rua
regularmente por
causa de Bichearda

1 campo de futebol
Para as crianças se
divertirem com tem
nos outros

Parque infantil
dentro do bairro!!
Remodelar as
ruas todas do
Bairro de [REDACTED]
[REDACTED] com
urgência!!!

Gostava que houvesse
mais Karokes e bailes
aos fins de semana para
animar a Malta.

Menos Hipocrisia e mais
Lealdade, a fim de contas
somos todos vizinhos do
mesmo bairro.

A Actividade maior é a
Amizade verdadeira
entre nós todos


Qualquer dúvida esclareçam
comigo

Agradeço que retirem
as chapas e façam
estacionamentos
para o carro!!!
Contatem as
autoridades regular-
mente!!!

APÊNDICE 40. SUGESTÕES DO B4

comer nas piscadas	COMER O PERU
olhar nas suas	
Voleibol	PITO
Basquete dança	

Policia de manhã
a noite esp
fosse preciso
toda a noite.
Para limpar os
parques de empresas
e casas

CAMPIONATO
de Shisha

Porra da Na
LAMA

Costava para ser franco, que se
quisse todos os tipos de atividades,
todos, sem exceções.

Mas na verdade a única atividade
das outras de todos no meu bairro só
tem uma atividade, que é a dança.
Essa atividade é a juica que tem
nos outros dos bairros outros e
Caminhas. Toda atividade, tudo está!

TRAFICO

PE

DRUGS

Deixarem
de ser

Borrachas/os

LIMPAR o Paróque
para os NOSSAS
Crianças estarem
em segurança,
sem agulhas de
se injectarem.

um Stepping



Hahaha

O/A

Dança
Futebol
Piscina

Futebol - jogos

mingos

Futebol

Porto 20/05/22
Gostava de ver
O campo de jogos
arranjado, para
as crianças jovens
participarem desporto

VÃO COMER

Um

CAVALHO
grande

Bolas
de
Beyoncé

Feira de

Artesanato

APÊNDICE 41. SUGESTÕES DO B5

Precisamos de um
espaço desportivo para
dar actividade a esta
juventude que está
cheia de força e...
e é isto.

UM AQUAPARK
COM GOLFINHOS
E FLAMINGOS DE BORRACHA
BAR ABERTO 24/7
STRIPCLUB E PS5 CA'FORA
CAMPO DE FUTEBOL
♡ OBRIGADO

Queremos
espaço
desportivo
P. F.

CAMPO DE FUTEBOL
PARQUE INFANTIL
CHURRASCO
UNIÃO SIM

Bairro da [REDACTED]

Necessidades do Bairro da [REDACTED]

- > Arranjos no ajardinamento;
- > Horta biológica;
- > Centro de Convívio para os idosos e populaç do bairro em geral;
- > Verificar quais as famílias verdadeiramente carentes e ajudar com bens alimentares;
- > Parque infantil com campo para jogar basquetebol.

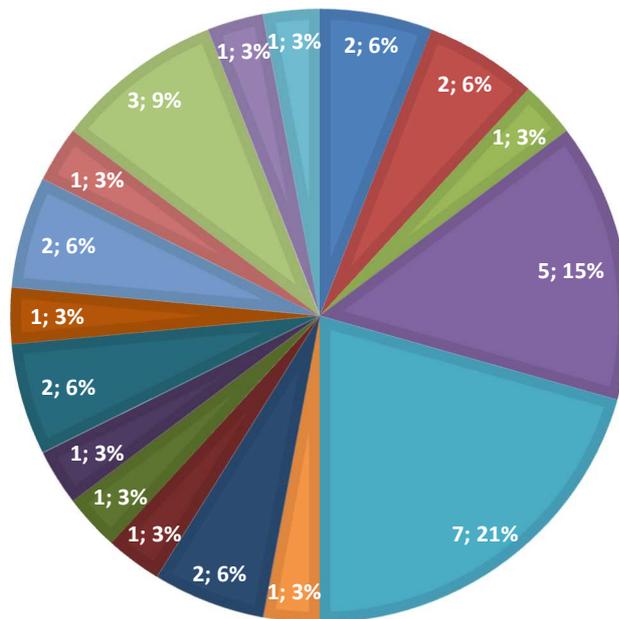
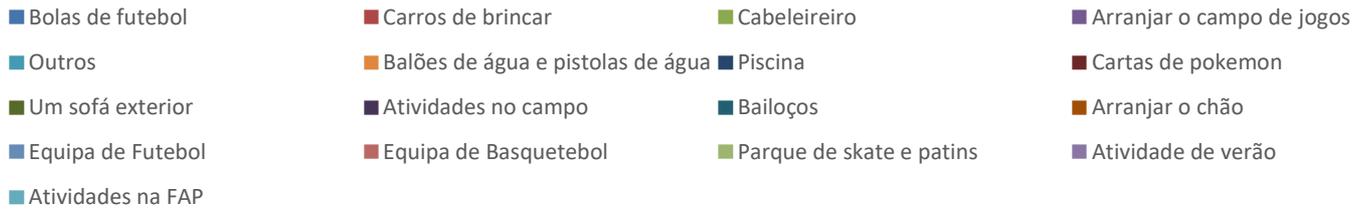
-> Verificar as casas por dentro, devido ao facto de haver casas que possuem de zombelagão | obras irregulares, para as quais os inquilinos não têm rendimen-
tos.

-> Campo de ~~basquet~~ mini-golfe.

[REDACTED] 2011
Gestora de
Financeira

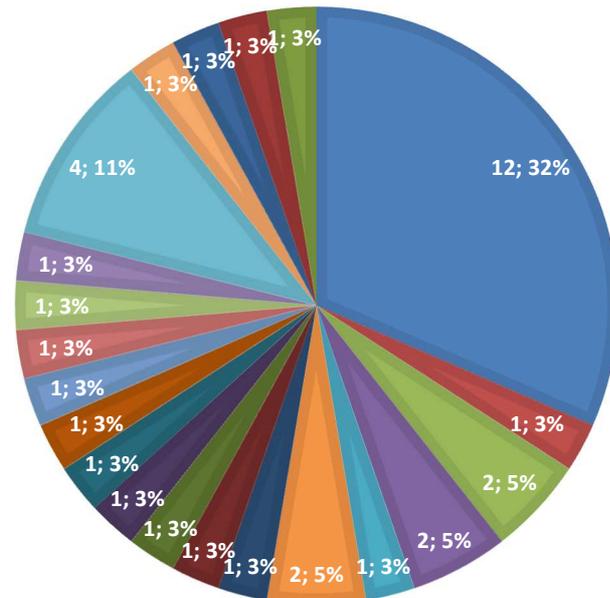
APÊNDICE 42. GRÁFICO DOS RESULTADOS DAS CAIXAS DE SUGESTÕES

CAIXA DE SUGESTÕES - B1



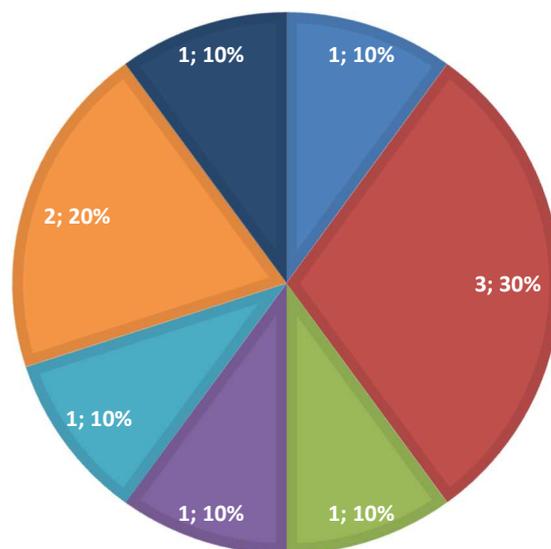
CAIXA DE SUGESTÕES - B2

- | | | | |
|---------------------------|-----------------------------------|----------------------|-----------------------------|
| ■ Outros | ■ Convívio e Lazer | ■ Jogos tradicionais | ■ Torneios de Futsal |
| ■ Atividades para idosos | ■ Visitas turísticas | ■ Paintball | ■ Artes marciais |
| ■ Explicações | ■ Atividades de pintura e desenho | ■ Concertos | ■ Rally Paper |
| ■ Basquetebol | ■ Andebol | ■ Voleibol | ■ Natação |
| ■ Parque para as crianças | ■ Requalificação das ruas | ■ Acampar | ■ Arranjar o campo de jogos |
| ■ Mobiliário Urbano | | | |



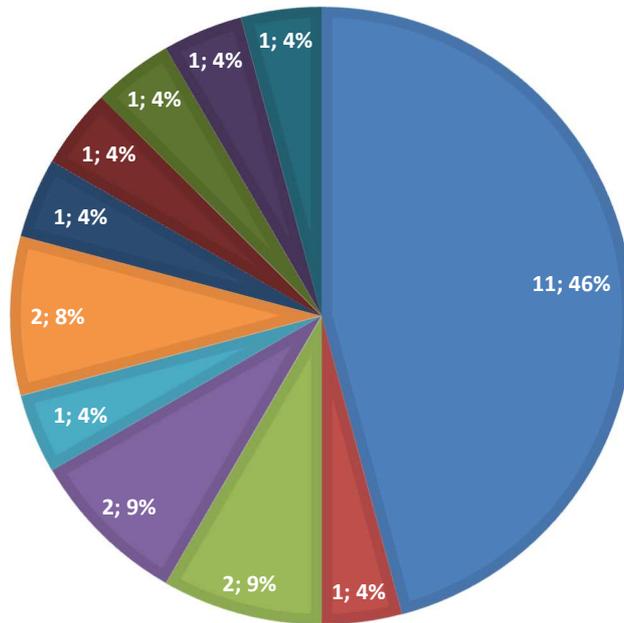
CAIXA DE SUGESTÕES - B3

- | | | | |
|--------------------|---------------------------|------------------------------|------------------------|
| ■ Campo de futebol | ■ Requalificação das ruas | ■ Arranjar os espaços verdes | ■ Arranjar os passeios |
| ■ Parques infantis | ■ Baile | ■ Karaokê | |



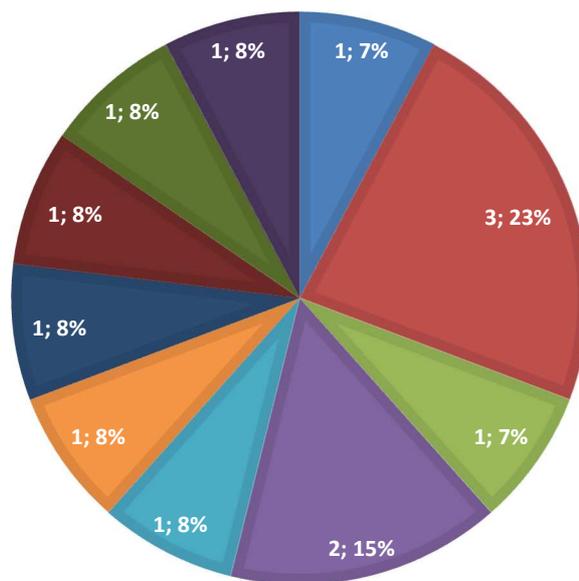
CAIXA DE SUGESTÕES - B4

- Outros
- Feira de artesanato
- Dança
- Voleibol
- Limpar o parque
- Futebol
- Policiamento
- Piscina
- Vários tipos de atividades
- Arranjar o campo de jogos
- Requalificação das ruas



CAIXA DE SUGESTÕES - B5

- Outros
- Espaço desportivo
- Dança
- Parque infantil
- Melhorar os espaços ajardinados
- Horta biológica
- Centro de convívio
- Centro de apoio a famílias carentes
- Campo de mini-golf
- Requalificação dos blocos/caixas



APÊNDICE 43. PLANIFICAÇÃO DO ENCONTRO Nº2 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

Planificação do encontro nº2:

Data: 26 de maio de 2022.

Local: ADL.

Duração: 1h30m.

Objetivos da reunião: Partilhar os feedbacks recebidos pela presença da caixa de sugestões no bairro. Analisar e refletir acerca das informações recolhidas através das caixas de sugestões. Pensar em conjunto na forma como colocar em prática algumas das atividades sugeridas pelos/as moradores/as. Definir os próximos passos.

Estratégias: Debates, partilhas e reflexões.

Materiais: folhas, canetas, caixas de sugestões, mesas e cadeiras.

APÊNDICE 44. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO Nº2 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

Data de realização: 26/05/2022

Local: ADL

Nº de participantes: 4

Descrição do Encontro:

Realizou-se um encontro entre as AM com os objetivos de: partilhar os *feedbacks* recebidos pela presença da caixa de sugestões no bairro, analisar e refletir acerca das informações recolhidas através das caixas de sugestões, pensar em conjunto na forma como colocar em prática algumas das atividades sugeridas pelos/as moradores/as e definir os próximos passos. O encontro contou com os presidentes das AM 1, 2 e 5 acompanhado por mais um membro da associação. As AM 3 e 4 não conseguiram se fazer representar pelo seu presidente nem por nenhum outro membro da associação. De salientar, que já no anterior encontro os presentes foram exatamente os mesmos e os que faltaram também. Apesar de terem faltado foi facultado a cada AM um resumo do encontro, apesar que, tal como na sessão anterior, os presentes referirem que devido ao facto de nunca mostrarem grande participação nestes momentos em conjunto talvez não estejam interessados em participar e que o esforço seja em vão, mas não se opõem a esta partilha. A resistência em fazer chegar este documento é cada vez maior.

De forma a iniciar o encontro é questionado aos presentes se obtiveram *feedbacks* relativamente às caixas. O presidente da AM5 diz que não teve, o presidente da AM2 diz que houve um morador de outro bairro que perguntou para que era e de quem era, ele explicou e até sugeriu que ele escrevesse naquele bairro ou no seu, por fim, o presidente da AM1 referiu que as “duas meninas” que trabalham na ECJ lhe perguntaram para o que era, ele explicou e que depois elas levaram lá os/as mais jovens a escrever sugestões.

De seguida, leram-se novamente todas as sugestões em voz alta e os participantes mostraram-se surpreendidos com as noventa e quatro sugestões. Mostraram a sua surpresa porque as

peças sugeriram diversas atividades, mas referem, todos eles, que depois faz-se as atividades e ninguém aparece, partilhando vários exemplos de atividades que realizaram há 3/4/5 anos e que não tiveram participantes, quando questionados sobre se nesse momento perceberam o que correu mal e questionaram-se junto dos/as moradores/as estes responderam que não.

É de salientar neste ponto que estes presidentes apesar de inicialmente as expectativas sobre as caixas serem baixas e terem sido contrariadas pela participação e pela não destruição das caixas, continuam com bastantes resistências em se relacionar com os/as moradores/as e acreditarem que os/as moradores/as querem momentos de convívio e lazer na comunidade tal como demonstra as várias sugestões a pedir: festas, torneios, feiras ou ateliês.

O presidente da AM5 referiu que na semana anterior receberam o vereador com os pelouros do Urbanismo e Espaço Público e da Habitação e que referiram que tinham bancos partidos e que as pessoas não tinham onde se sentar, sendo que no dia seguinte os bancos já não estavam lá mostrando-se receosos que estes possam não regressar ao bairro, evidenciando que sente que os objetivos da CMP não será equipar os bairros de equipamentos mas sim “obrigar” os/as moradores/as a procurar esses equipamentos fora do local de residência. De seguida, mostra-se agradado com a sugestão que tinha no seu bairro acerca da criação de uma horta biológica, mas diz que não é fácil, que já tentaram, mas que a CMP travou essa intenção acrescentou ainda que já existiam hortas biológicas na UFP e que as pessoas poderiam recorrer a essas, contudo este refere que essas hortas realmente existem, mas estão ocupadas e ficam longe do bairro.

O presidente da AM2 ficou agradado com as sugestões, mas venceu que o bairro e a AM não têm condições para as realizar. Dá como o exemplo que não pode fazer um torneio de futsal, porque o ringue está degradado, que as visitas culturais que as pessoas pedem não são gratuitas e que depois as pessoas também não vão mostrando pouco esperançoso na participação das pessoas nas atividades apesar das várias sugestões que tinha no seu bairro e que tanto o agradaram. Vence também que a ideia da CMP é que as pessoas saiam do bairro e para atingirem este objetivo não melhoraram as condições dos espaços do bairro.

O presidente da AM1, que na caixa anterior não teve sugestões, ficou visivelmente feliz por ter trinta e quatro sugestões agora referindo, novamente, que foi positivo o facto de não ter sido

vandalizada, dizendo que a “aceitação foi boa e a recetibilidade também”. Destacou as sugestões de um parque de skate e patins, dizendo que já foi algo que sugeriu à Domus Social e que a resposta foi que “fazia muito barulho e iria incomodar”. Cimentou as palavras dos anteriores participantes dizendo que a CMP, Ágora, Domus Social ou Porto Lazer não têm vontade em requalificar ou acrescentar equipamentos e estruturas nos bairros. Acrescentando ainda que a sensação que tem é que a vontade destas entidades é a demolição das poucas estruturas que existem.

A terminar o encontro ficou combinado que estes participantes iriam reunir as sugestões todas da primeira e da segunda caixa e na quinta-feira a seguir, dia 2 de junho, iriam planear a exposição das diversas sugestões, às várias entidades da cidade do Porto que possam dar resposta as sugestões de forma a começarem a tentar dar resposta às sugestões. Entretanto este encontro ficou adiado devido a colocação dos cartazes de divulgação dos resultados das caixas, onde considerou-se mais pertinente ouvir primeiro os/as moradores/as e desta forma definir melhor os próximos passos de forma colaborativa e participativa com os/as moradores/as.

Por fim, foi dito a estes presidentes das AM que as sugestões seriam devolvidas aos/às moradores/as através de uma exposição das mesmas nos bairros com a colaboração dos/as jovens do CJ e da na ECJ e outros/as que se queiram juntar, sendo que estes se mostraram relutantes pelas expectativas que se poderia criar às pessoas, contudo foi esclarecido aos participantes que não se trataria de expetativas, mas sim de informar as pessoas de todas as sugestões recolhidas para que estas possam também participar em soluções. Sugeriram então que poderiam aproveitar a construção das cartolinas com a divulgação dos resultados das caixas de sugestões para se convidar os/as moradores/as debater as suas ideias numa reunião comunitária.

APÊNDICE 45. SÍNTESE DO ENCONTRO Nº2 COM AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

No vigésimo sexto de maio do ano de dois mil e vinte dois foi realizado um encontro com os presidentes das associações de moradores. No encontro estiveram presentes os presidentes das AM: 1, 2 e 5

O encontro teve como objetivos: Partilhar os feedbacks recebidos pela presença da caixa de sugestões no bairro. Analisar e refletir acerca das informações recolhidas através das caixas de sugestões. Pensar em conjunto na forma como colocar em prática algumas das atividades sugeridas pelos/as moradores/as. Definir os próximos passos.

O encontro começou com o intuito de perceber os feedbacks obtidos pelos presidentes acerca da presença da caixa. Os feedbacks não foram muitos, contudo existiu alguns curiosos que quiseram saber mais sobre a presença da caixa no bairro e questionaram membros da associação sobre a presença desta.

As sugestões foram novamente partilhadas em voz alta (depois farei chegar a digitalização das sugestões ao respetivo bairro). As sugestões de atividades centraram-se nos: torneios de futebol, voleibol, damas, xadrez, basquetebol ou sueca, em jogos tradicionais, passeios turísticos, festas, feiras de artesanato, ateliês de pintura, escultura ou desenho, danças ou festas. Tal como na caixa anterior existe alguns papéis que continham críticas menos construtivas e outras de gozo.

Depois da recolha destas sugestões é importante devolver a informação recolhida aos/às moradores/as e, portanto, sugeriu-se que com os/as mais jovens (envolver os/as jovens do CJ e da ECJ) se poderia construir em papel de cenário, cartolina ou outro material as sugestões e afixar pelos bairros.

Também ficou combinado que na próxima quinta-feira (Dia 2 pelas 17h45) se voltaria a reunir para planear e preparar a futura reunião com as entidades que poderão dar resposta as sugestões, ou seja, que problemas irão abordar e que entidades se irá contactar (nunca aconteceu esta reunião

por decisão dos presidentes das AM). Seria fundamental pudermos marcar presença ou estar representados nesta reunião de forma a pudermos participar na construção desta solução.

Em suma as caixas de sugestões permitiram-nos envolver os/as moradores/as na identificação de problemas que gostavam de ver resolvidos e atividades que proporcionem momentos mais divertidos de convívio e lazer, é importante não ficarmos por aqui, porque juntos (moradores/as), associações e outras entidades/instituições) vamos conseguir melhorar a qualidade de vida e bem-estar da comunidade.

APÊNDICE 46. CONVITE PARA A REUNIÃO COMUNITÁRIA NA
VITRINE DAS ENTRADAS

Reunião Comunitária

*Vem conversar sobre os
resultados das caixas de
sugestões !*

Local:



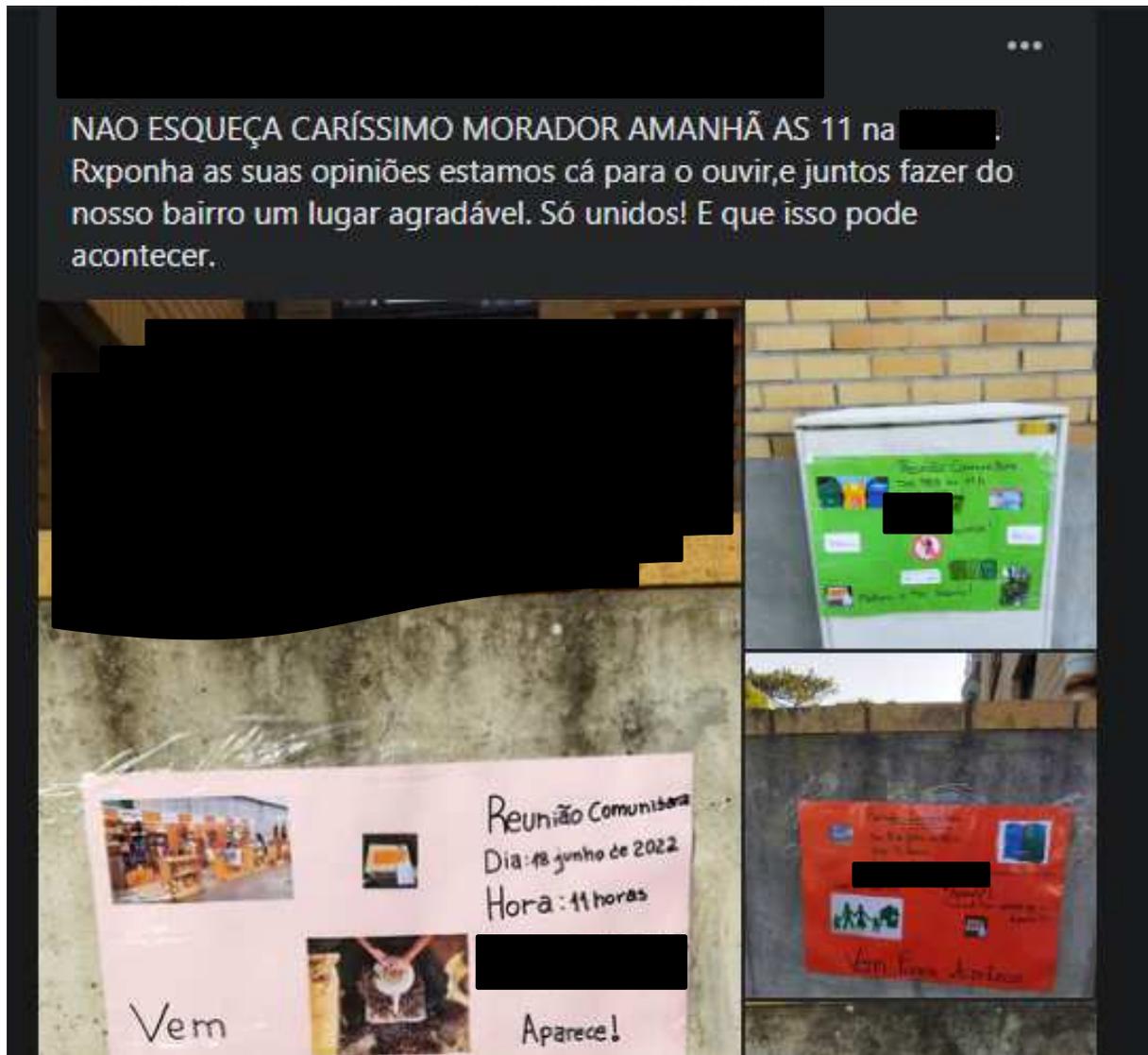
DIa:

22 de junho de 2022

Hora:

18horas

APÊNDICE 47. CONVITE PARA A REUNIÃO COMUNITÁRIA NAS REDES SOCIAIS



APÊNDICE 48. CONVITE PARA A REUNIÃO COMUNITÁRIA PARA COLOCAR NAS CAIXAS DE CORREIO

<p>Reunião Comunitária</p> <p><i>Vem conversar sobre os resultados das caixas de sugestões !</i></p> <p>Local:</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Dia: 20 de junho de 2022</p> <p>Hora: 18horas</p>	<p>Reunião Comunitária</p> <p><i>Vem conversar sobre os resultados das caixas de sugestões !</i></p> <p>Local:</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Dia: 20 de junho de 2022</p> <p>Hora: 18horas</p>	<p>Reunião Comunitária</p> <p><i>Vem conversar sobre os resultados das caixas de sugestões !</i></p> <p>Local:</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Dia: 20 de junho de 2022</p> <p>Hora: 18horas</p>
---	---	---

<p>Reunião Comunitária</p> <p><i>Vem conversar sobre os resultados das caixas de sugestões !</i></p> <p>Local:</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Dia: 20 de junho de 2022</p> <p>Hora: 18horas</p>	<p>Reunião Comunitária</p> <p><i>Vem conversar sobre os resultados das caixas de sugestões !</i></p> <p>Local:</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Dia: 20 de junho de 2022</p> <p>Hora: 18horas</p>	<p>Reunião Comunitária</p> <p><i>Vem conversar sobre os resultados das caixas de sugestões !</i></p> <p>Local:</p> <p>[REDACTED]</p> <p>Dia: 20 de junho de 2022</p> <p>Hora: 18horas</p>
---	---	---

APÊNDICE 49. DESCRIÇÃO DAS REUNIÕES COMUNITÁRIAS

B4

Data de realização: 18/06/2022

Local: ADL (sede temporária da AM)

Nº de participantes: 2

Descrição da reunião:

Nesta reunião comunitária apenas estiveram o presidente e a vice-presidente da AM. Salientam que o facto de não terem sede e as instalações que atualmente usam são muito longe do bairro, mas que não tem alternativas. Também referem que as pessoas não aparecem porque uma ou duas já lhes confidenciaram que tem algum receio em falar e se mostrar nestes momentos.

No início da reunião os participantes começaram por conversar sobre algumas das sugestões das caixas, tais como o desconforto que sentem com a construção da [REDACTED], afirmando que esta estratégia só trará desvantagens ao bairro e aos/às moradores/as que não são consumidores nem traficantes, segundo um dos moradores. Acrescentaram que se sentiam pouco ou nada informados sobre o que estava a acontecer, asseguram que os envolvidos no projeto só apresentam benefícios no desenvolvimento do mesmo, sendo que não os convenciam disso. Levando a que o presidente da AM se propusesse a enviar uma carta formal à CMP a marcar uma reunião com ordem de trabalhos e questões prévias de modo a esclarecer todo o processo de desenvolvimento deste projeto.

Os participantes acreditam que a [REDACTED] não será uma solução, pois os/as moradores/as que consomem nem todos se mostram, logo não irão ao local para consumir. Criticando a CMP, pois acham que estes se preocupam com um único problema, sendo que na sua opinião existem outros, tais como a degradação da saúde mental da população. Cimentaram com a preocupação das famílias estruturadas que com a degradação da sua saúde mental, levará a que os/as jovens entrem no tráfico da droga, pois ninguém os auxilia na resolução dos seus problemas, tornando-os/as assim jovens vítimas das circunstâncias. Estes acreditam que se

deviam de resolver estes problemas primeiramente para que a população se sentisse apoiada em todos os sentidos e não apenas desamparada com as tentativas de resolução do tráfico.

Os presentes ainda se demonstraram desconfortáveis com a inexistência de moradores/as na reunião e pelo facto os membros da AM não estarem presentes na mesma. Afirmando que os/as moradores/as só pretendem que a AM resolva o seu grande problema: o tráfico de droga, sendo para eles algo impensável, pois têm medo de represálias.

Os participantes referiram que sentiam desconforto na falta de esclarecimento por parte da CMP no que concerne às atividades realizadas em nome dos bairros. Tentaram justificar este problema com a sensação de insegurança sentida pelos participantes externos ao bairro, bem como pelos/as moradores/as dos mesmos, tendo de existir sempre um forte aparato policial para a realização das atividades no interior dos bairros daí utilizarem locais nas imediações que sejam considerados mais “seguros”. Acrescentando, por fim, que estes “escolhem horários em que sabem que não vão ter problemas”.

Estes foram recetíveis às sugestões propostas na tentativa de se encontrar uma solução para os problemas que estes identificaram.

B5

Data de realização: 20/06/2022

Local: Sede da AM

Nº de participantes: 5

Descrição da reunião:

A reunião contou com cinco moradores, o presidente da associação de moradores e os outros quatro participantes também eram membros da associação.

No início da reunião começamos por conversar um pouco sobre a recente visita do vereador do Pelouro do Urbanismo e Espaço Público e Pelouro da Habitação onde os presentes lamentam a

falta de respostas por parte da CMP e a falta de articulação entre os diferentes representantes desta entidade. Sentem que o bairro de habitação social necessita de intervenção nos espaços verdes e ajardinados, no arruamento e nos acessos, referindo que são assuntos identificados a imenso tempo e que ao longo das visitas realizadas por esta entidade são sempre identificados estes problemas que, contudo, continuam sem solução.

Conversamos de seguida sobre o porque das pessoas não estarem presentes na reunião, mas participarem ativamente na caixa de sugestões. Os participantes concordam todos que as pessoas saírem de casa para estar num local a conversar sobre algum tempo sempre foi uma dificuldade, salientam que convidam desde sempre os/as moradores/as para conversarem sobre temas de interesse coletivo e que nunca apareceu ninguém e depois confrontam sempre a AM, dizendo que nunca faz nada. Um senhor acrescenta que sempre foi assim desde início e que no início nunca se alterou nada e que agora é difícil de envolver as pessoas sem que antes apresentem resultados práticos e visíveis para que os/as moradores/as sintam a importância da AM.

Prosseguimos a reunião com a discussão dos resultados da caixa de sugestões. Os presentes sublinham a importância de mobiliário urbano naquele bairro até pelas características populacionais, ou seja, que tem muitas pessoas idosas que iriam utilizar o mobiliário urbano para se sentirem e puderem conviver no exterior e nas zonas verdes do bairro. Contudo na visita do vereador que vinha acompanhado de representantes da Domus Social, uma destas representantes sublinha que o mobiliário urbano é perigoso para o bairro por causa do convívio indesejável que pode proporcionar.

Relativamente a horta comunitária os presentes referem que em 2014 já tentaram avançar com este projeto, mas mais uma vez a CMP do porto não cedeu os terrenos, mas que uma horta comunitária tornaria o espaço mais bonito e agradável e iria permitir aos utilizados deste espaço ter um local de convívio.

Os participantes salientam que a AM é incapaz de colocar em prática qualquer destas sugestões sem o apoio e articulação da CMP, dando o exemplo do ginásio de rua que tentaram implementar,

mas que a CMP não quis se envolver e ajudar a realizar a manutenção destes aparelhos que seriam adquiridos previamente pela AM.

Esclarecem que é necessário que a CMP articule o trabalho entre si e entre as empresas municipais para que seja possível AM identificar as necessidades do bairro as entidades corretas, sugerem a necessidade de estas entidades ou vereações realizarem as visitas a estes locais de forma conjunta.

Por fim, referiram que estão disponíveis para continuar a “martelar a cabeça” de quem governa, não deixando cair as necessidades da população e insistindo para que o trabalho se realize. O presidente da AM sublinha a importância do trabalho desenvolvido até ao momento pelo mestrando dizendo que este projeto me exige empenho, que eu me movimente e execute.

Ficou definido que seria realizado um contato com os vereadores do ambiente, desporto e habitação e com as empresas municipais que fazem parte destas vereações para a tentativa de agendar uma visita conjunta para ser possível articular sugestões da caixa e expor-se as situações em visita conjunta.

B1

Data de realização: 21/06/2022

Local: Sede da AM

Nº de participantes: 1

Descrição da reunião:

Nesta reunião apenas esteve presente o presidente da AM. Este salientou que não ficou surpreendido com o não comparecimento de ninguém a esta reunião. Refere que isto sempre foi assim e que a tendência é piorar levando, talvez, a extinção das AM.

Aponta como fatores da falta de comparência dos/as moradores/as os seguintes: medo de falar, indisponibilidade, falta de vontade, falta de envolverem-se, falta de esperança, segundo este

os/as moradores/as “estão desacreditados, sentem que nunca muda nada e, portanto, já não aparecem, quando estiverem mal pedem para sair deste bairro e ir para outro”.

Este presidente acrescenta que já tentaram de tudo na AM mas que os/as moradores/as já não acreditam em transformações porque passam anos e anos e as necessidades e problemas identificados mantem-se. Dá um exemplo de como CMP não ouve os seus cidadãos com uma festa de São João e apresentação de um programa de festas fraco que não ouviu as vontades dos/as moradores/as, dizendo “eles do gabinete deles acham que é bom porque não nos perguntam”.

Relativamente as sugestões este refere que são sugestões apresentadas ao longo de dez anos a quatro vereadores distintos e que se os problemas e necessidades se mantêm é porque algo está errado. Lamenta o abandono da CMP as coletividades dizendo que a CMP parece que quer a sua rápida extinção.

Quando questionado o que podiam fazer para dar resposta as sugestões, diz que nenhuma delas passa pela AM autonomamente e é questionado se estaria disponível a receber a dos vereadores do ambiente, desporto e habitação e com as empresas municipais que fazem parte destas vereações disse que sim, mas salientou que só estaria disponível para a visita se estes abdicassem do aparato policial que as suas visitas trazem. Refere que esse aparato só causa má fama ao bairro e parece que estão a ir “a linha da frente da guerra”. Acrescenta que a visita a ser realizada sem a polícia permitiria debater assuntos com os/as moradores/as na rua e visitar o bairro sem sentir um clima de desconfiança por parte de quem lá reside.

B2

Data de realização: 22/06/2022

Local: Sede da AM

Nº de participantes: 2

Descrição da reunião:

A reunião contou com dois moradores/as, o presidente da AM e a outra participante era também membro da AM.

No início da reunião começamos por conversar um pouco sobre as pessoas não aparecerem na reunião. Os participantes sublinham que sempre foi assim e que as pessoas gostam de criticar AM mas também não ajudam a AM a ser melhor e a concretizar os objetivos coletivos do bairro conseguindo melhorar a qualidade de vida da população. Acrescentaram ainda que as pessoas querem é ver as coisas que identificam resolvidas, mas não querem ter trabalho em envolver-se nas soluções.

Prosseguimos a reunião com a leitura e discussão de algumas sugestões. O mobiliário urbano/equipamentos coletivos é algo que AM já tinha pensado em colocar em pedido para orçamento colaborativo, contudo, não o fez pelas dificuldades e burocracias que a CMP coloca para autorizar a colocação destes equipamentos nos espaços exteriores. A participante refere mesmo que a “CMP não quer saber das associações”.

Relativamente a requalificação do bairro criticam as obras nos acessos, onde lamentam que se tapem buracos nas ruas, mas que as deixam pior do que as encontraram por não realizarem uma intervenção completa e apenas específica do local onde tinha o buraco o que faz com as ruas ou passeios tenham um aspeto feio e alguns locais tenham altos causados por essas obras.

Referente as atividades mais desportivas salientam a dificuldade porque o campo de jogos é pequeno, esta danificado e tem materiais que incomodam os/as moradores/as quando utilizado. Já pediram a substituição destes materiais, mas até agora não conseguiram, e mostram receio é

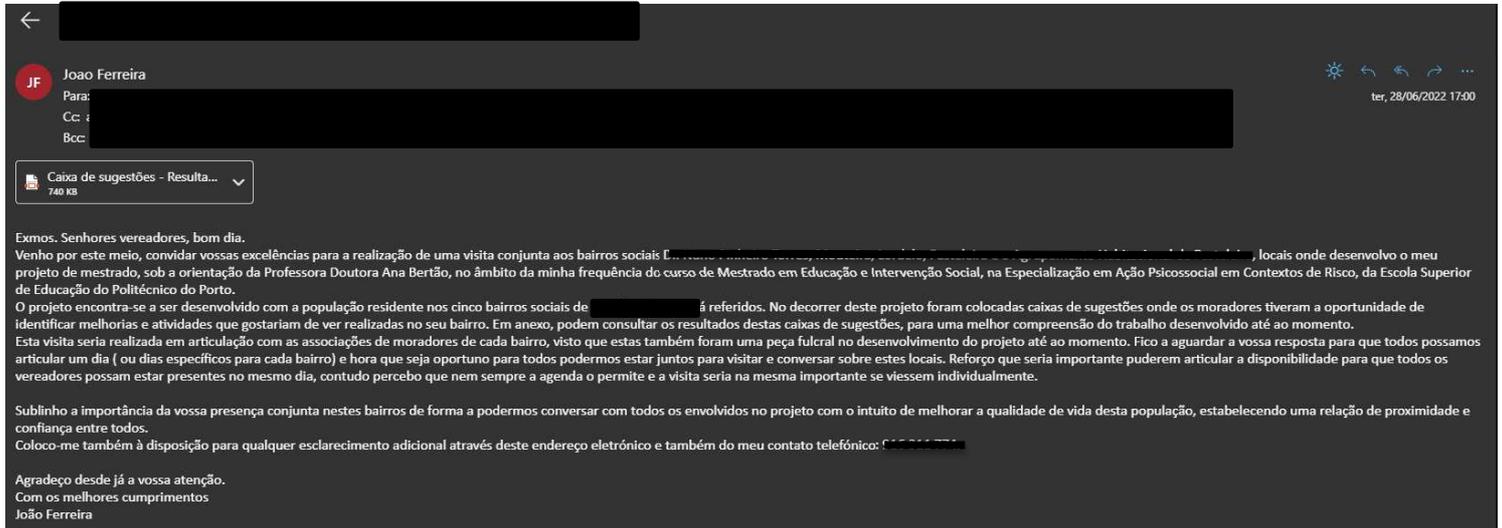
com o futuro desmantelamento do ringue, exclamando que se o bairro já tem poucos equipamentos coletivos então no futuro poderá não ter nenhum. Referem ainda um protocolo com as piscinas próximas do bairro, mas que era prejudicial para AM financeiramente porque bastava uma pessoa não aparecer no dia da aula que AM teria que assumir essa despesa, em que o presidente acrescenta mais uma vez que até neste tipo de protocolos as AM não são ajudadas e não há sensibilidade por parte destas entidades.

Os participantes mostram-se ainda receosos com a construção de mais blocos nos espaços verdes que separam este bairro do B1, dizendo que a zona ficara ainda com mais *guettos* e que os/as moradores/as perderam as poucas vistas paisagísticas que ainda lhes restam.

Sugerem que talvez seria interessante pensar nas instalações do CJ como um local que poderia ser um centro de convívio para os mais idosos, dizendo que serviria muito mais a população do bairro desta forma, porque assim os/as moradores/as mais idosos teria um local para estar já que este bairro não tem nada que permita o convívio e o lazer.

A reunião termina com a proposta de convidar os vereadores do ambiente, desporto e habitação e com as empresas municipais que fazem parte destas vereações para a tentativa de agendar uma visita conjunta destas entidades para ser possível definir estratégias que permitam melhorar a qualidade de vida dos habitantes, tendo sempre em conta as sugestões feitas pelos mesmos.

APÊNDICE 50. CONVITE PARA UMA VISITA CONJUNTA AOS BAIROS SOCIAIS



APÊNDICE 51. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO NO CENTRO JOVEM

Data de realização: 24/05/2022

Local: CJ

Nº de participantes: 13

Descrição do Encontro:

Comecei por me apresentar, disse o que tinha sido realizado até ao momento e falei um pouco sobre as caixas e as respetivas sugestões referindo, no fim, desta breve apresentação que se alguém não quisesse ouvir mais que poderiam ir embora ou fazer outra coisa livremente sem consequências e que poderiam voltar noutro dia participar na mesma. Penso que isto tenha sido fundamental para que estes/as jovens não se sentissem obrigados a participar em algo e a verdade é que nenhum foi embora e todos ficaram até ao fim.

É de salientar que enquanto conversávamos pude perceber que estes/as jovens têm opiniões muito fortes sobre o local onde moram, ou seja, referiam “o tráfico de droga como algo mau”, a necessidade de terem locais para brincar, a degradação das casas ou os ringues estragados, mostrando-me que querem ser ouvidos e querem ser responsáveis pelas possíveis melhorias do local onde moram.

No momento de falar sobre as caixas de sugestões quatro destes/as jovens afirmaram que já as tinham visto nos seus bairros e uma jovem até já tinha escrito num papel “olá”, mas prometeu entre sorrisos que iria deixar outra sugestão mais elaborada. Os que não conheciam mostrei algumas fotos, falei sobre algumas sugestões e os/as jovens sugeriram ir ver a caixa do B2 onde fica o CJ. Saímos das instalações do centro e fomos até junto da caixa onde fizemos diversas perguntas tais como: Ninguém estraga? Não levam a caneta e o bloco? O quê que escrevem? Como fizeste a caixa? Por onde tiras as sugestões? Podemos escrever? Alguns dos/as jovens escreveram a sua sugestão e colocaram dentro da caixa outros optaram por não escrever dizendo que o iriam fazer na caixa dos bairros onde residem.

Regressamos ao CJ e sugeri que me pudessem ajudar a pensar e a construir materiais que pudessem devolver aos/às moradores/as os resultados obtidos nas caixas de sugestões, e assim ficou combinado que dia 31 de maio de 2022, terça-feira, à mesma hora eu levaria o lanche e enquanto lanchávamos discutíamos a forma de construir os materiais e começaríamos a construir.

Este encontro no CJ permitiu-me aprender a olhar ainda mais para os/as mais jovens como membros ativos, as suas opiniões fortes sobre a comunidade onde estão inseridos demonstra um grande conhecimento sobre o local onde residem e uma grande vontade em ter responsabilidade naquela comunidade e, muitas vezes, os/as mais jovens não são tidos em conta no planeamento e execução de iniciativas realizadas na sua comunidade.

APÊNDICE 52. DESCRIÇÃO DO ENCONTRO NA ESTRUTURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Data de realização: 26/05/2022

Local: ECJ

Nº de participantes: 10

Descrição do Encontro:

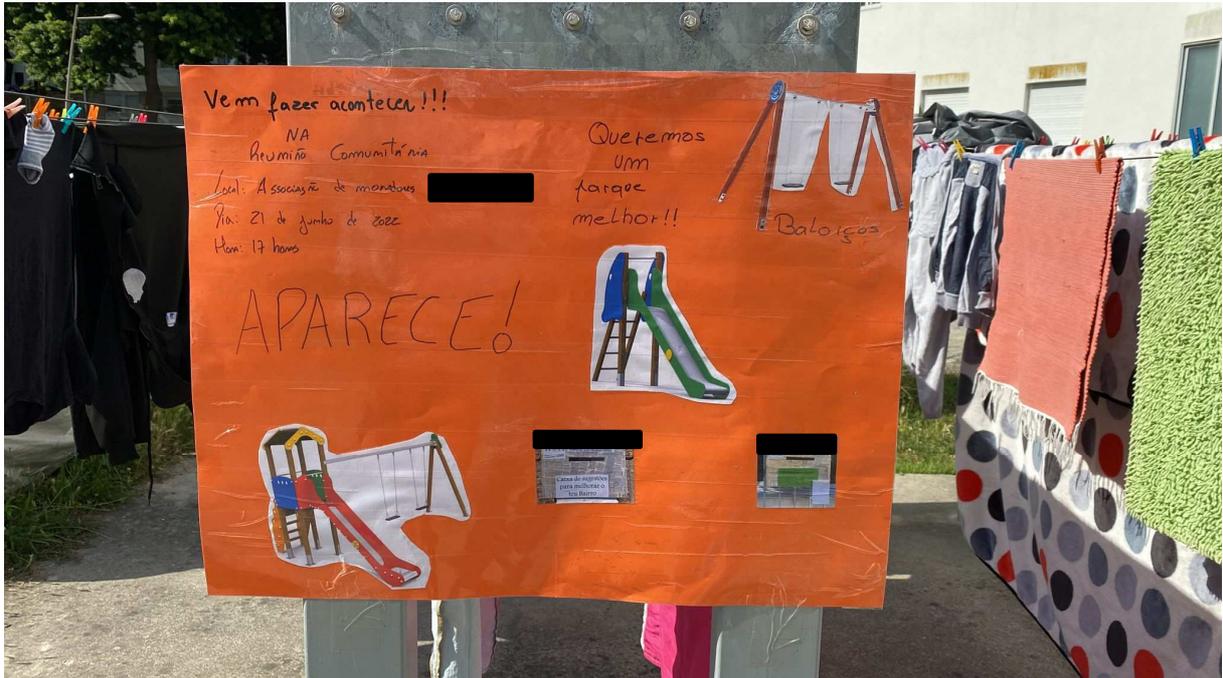
No dia 26 de maio de 2022 dirigi-me às instalações da ECJ do bairro, que ficam localizadas no B1 para convidar os/as jovens que frequentam este espaço a participar na construção dos cartazes de divulgação dos resultados das caixas de sugestões.

Foi muito gratificante perceber que grande parte das sugestões colocadas na caixa de sugestões deste bairro foi por parte das crianças que frequentam este espaço, o que mais uma vez, tal e qual como no CJ comprova a participação ativa dos/as mais jovens quando lhes é dada a oportunidade para tal.

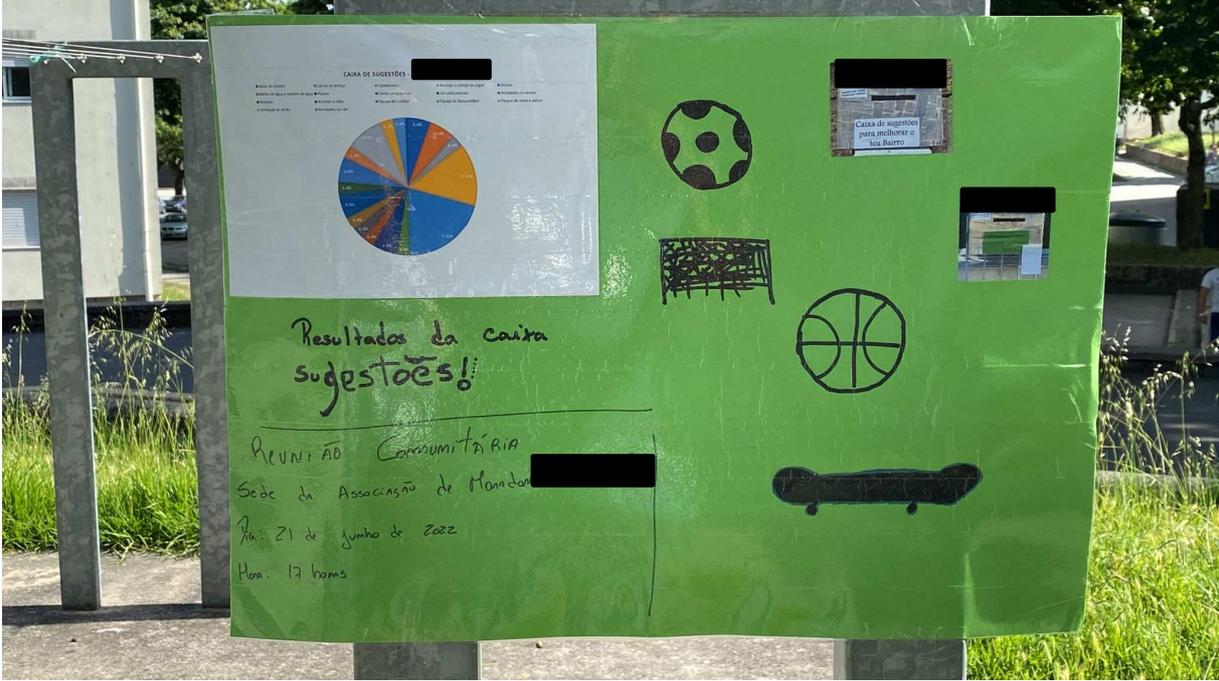
Tal como no CJ, referi a estes/as jovens que não eram obrigados a participar e que se alguém não quisesse ouvir mais que poderiam ir embora ou ficar a fazer outra coisa livremente sem consequências e que poderiam noutro dia participar na mesma. Acho que isto foi algo fundamental em ambos os locais para que os/as jovens se sentissem realmente envolvidos na iniciativa e que sentissem que alguém os deixava tomar decisão sobre o que querem fazer.

É muito importante perceber nos/as mais jovens a vontade de se envolver, talvez devido ao facto de frequentarem estas estruturas do bairro e estarem mais envolvidos no dia-a-dia da comunidade querem envolver-se e ter a curiosidade sobre o que foi dito sobre o bairro deles. No fim, conversamos um pouco sobre quando lhes era mais oportuno receber-me e construímos os cartazes, ficou combinado que a melhor data seria 3 de junho de 2022. Devido a terem os trabalhos de casa para realizar e por ter aparecido um pouco de surpresa no local o tempo com estes/as jovens não foi muito, contudo ficaram entusiasmados com esta possibilidade para participarem.

APÊNDICE 53. CARTAZES NO B1

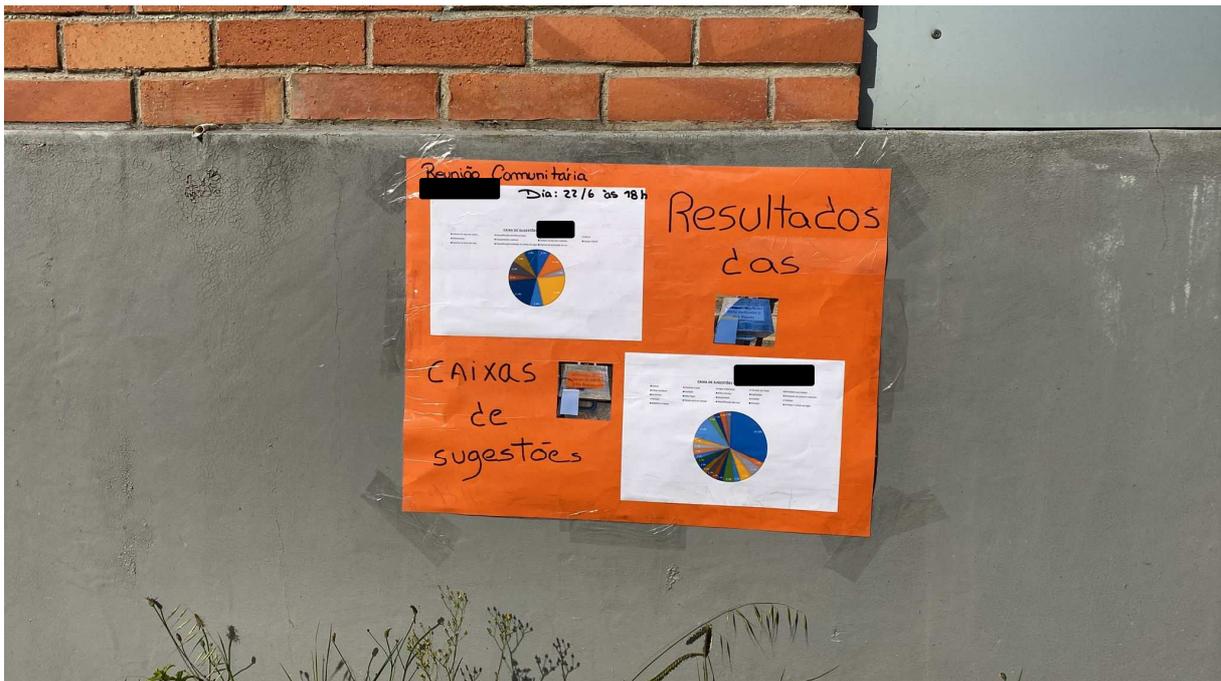






APÊNDICE 54. CARTAZES NO B2







APÊNDICE 55. CARTAZES NO B3

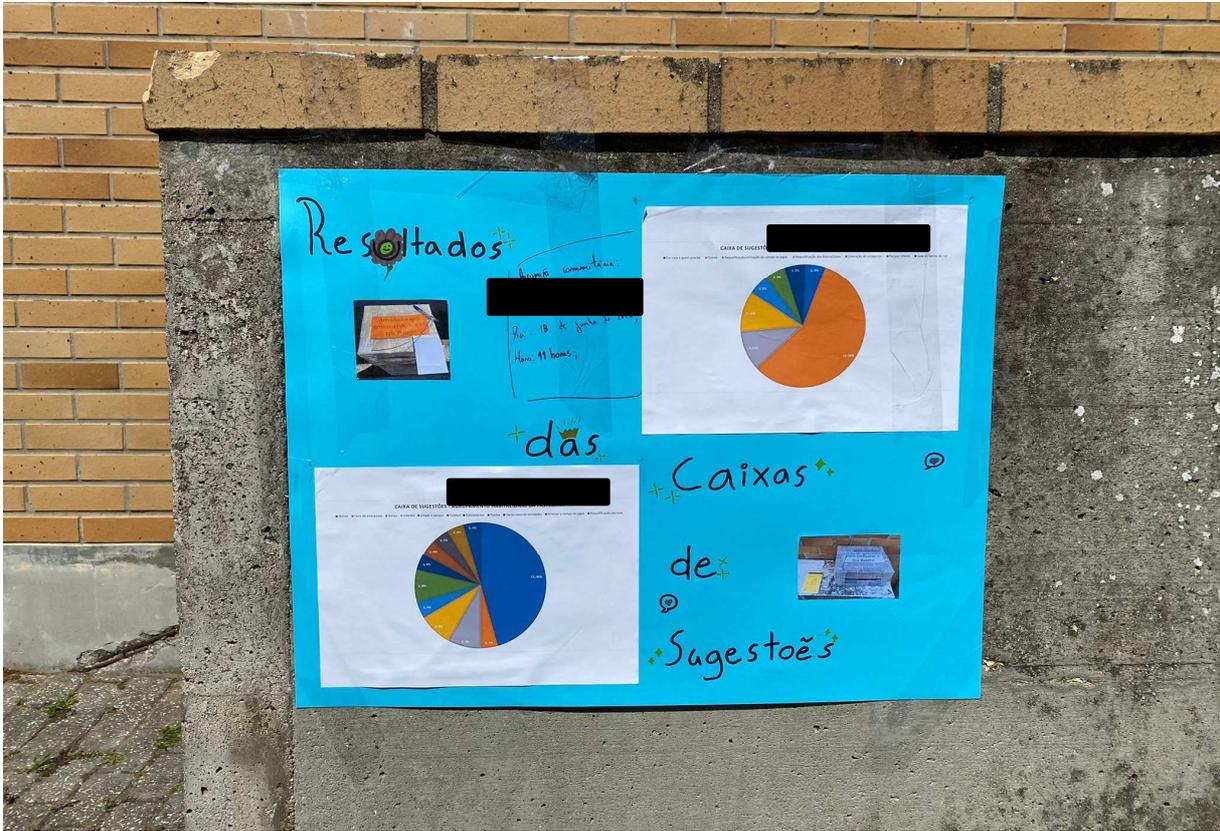
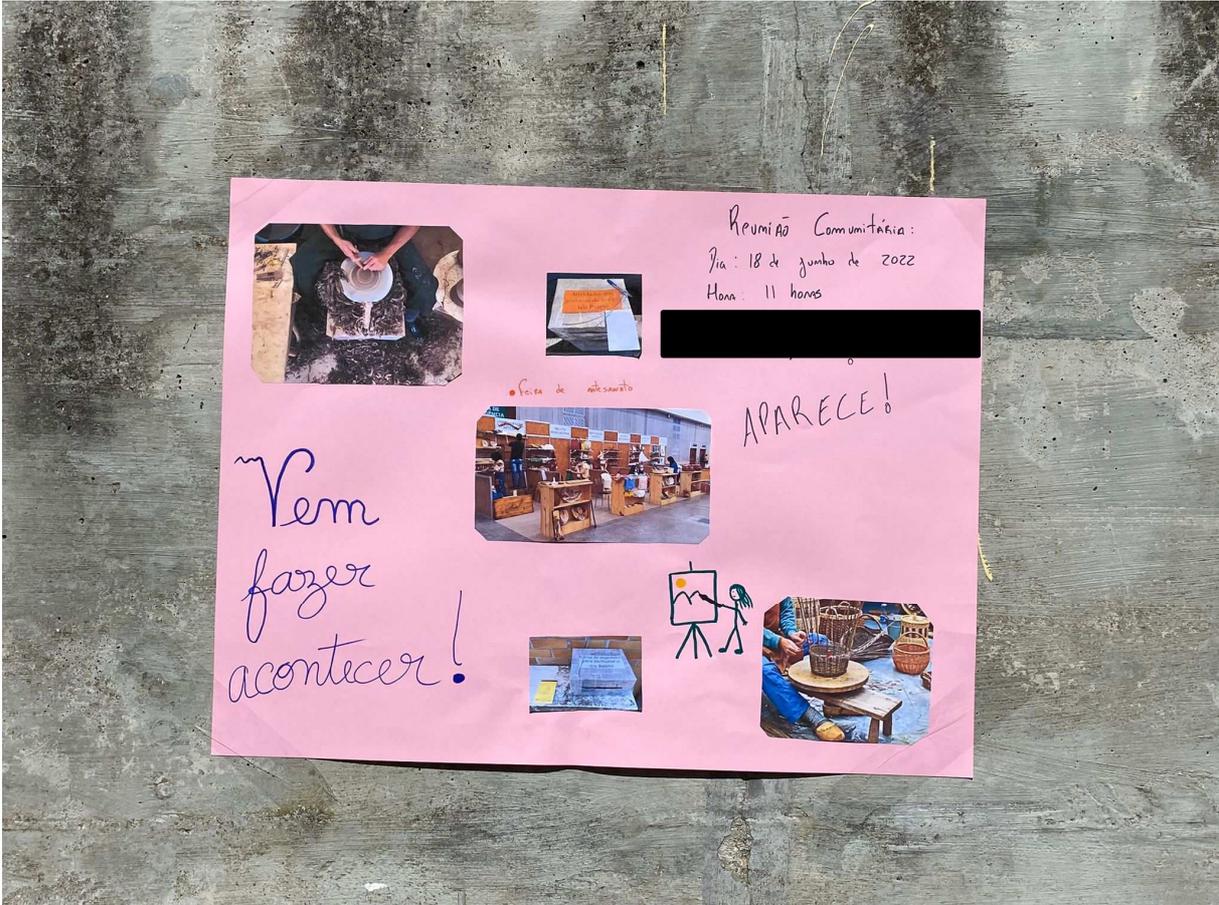






APÊNDICE 56. CARTAZES NO B4





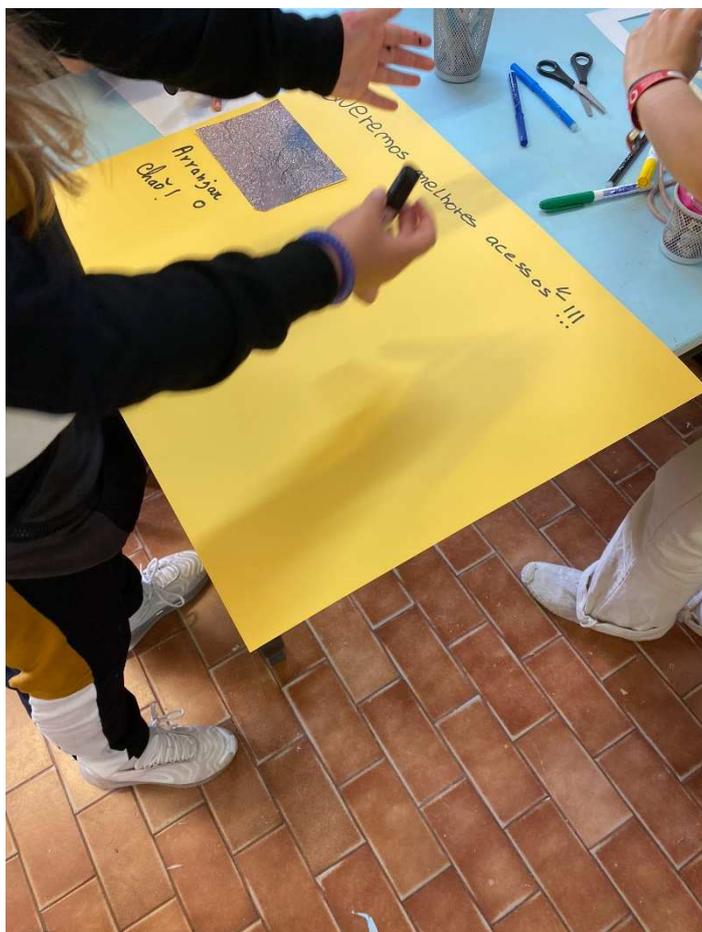
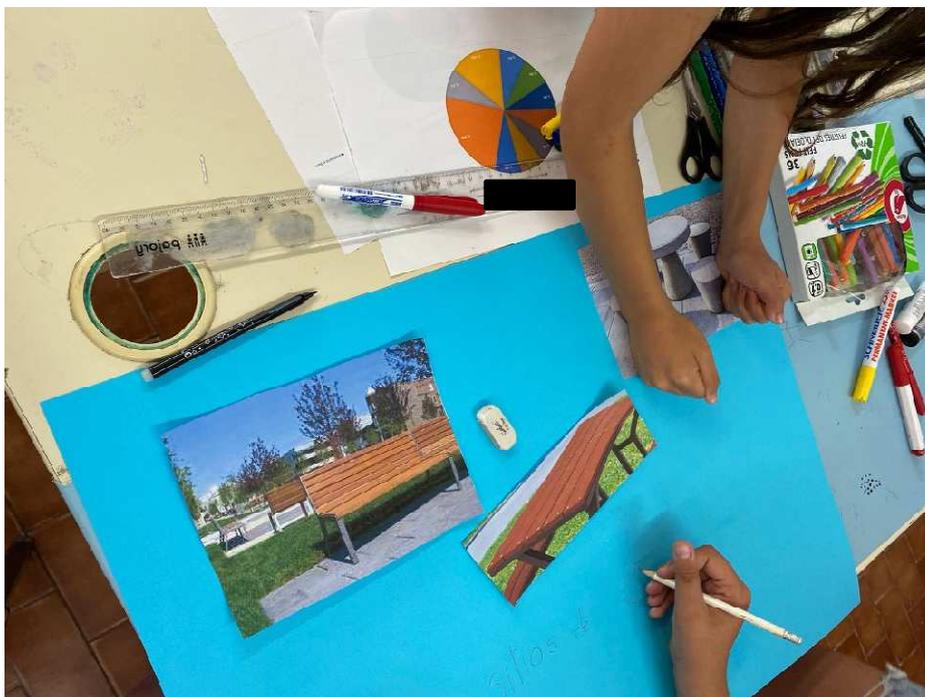
APÊNDICE 57. CARTAZES NO B5

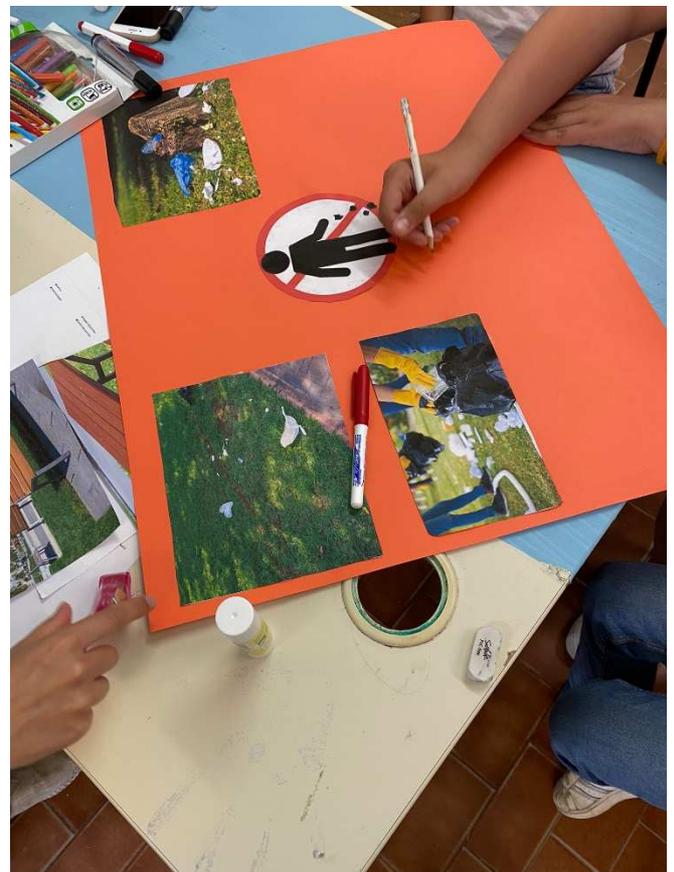


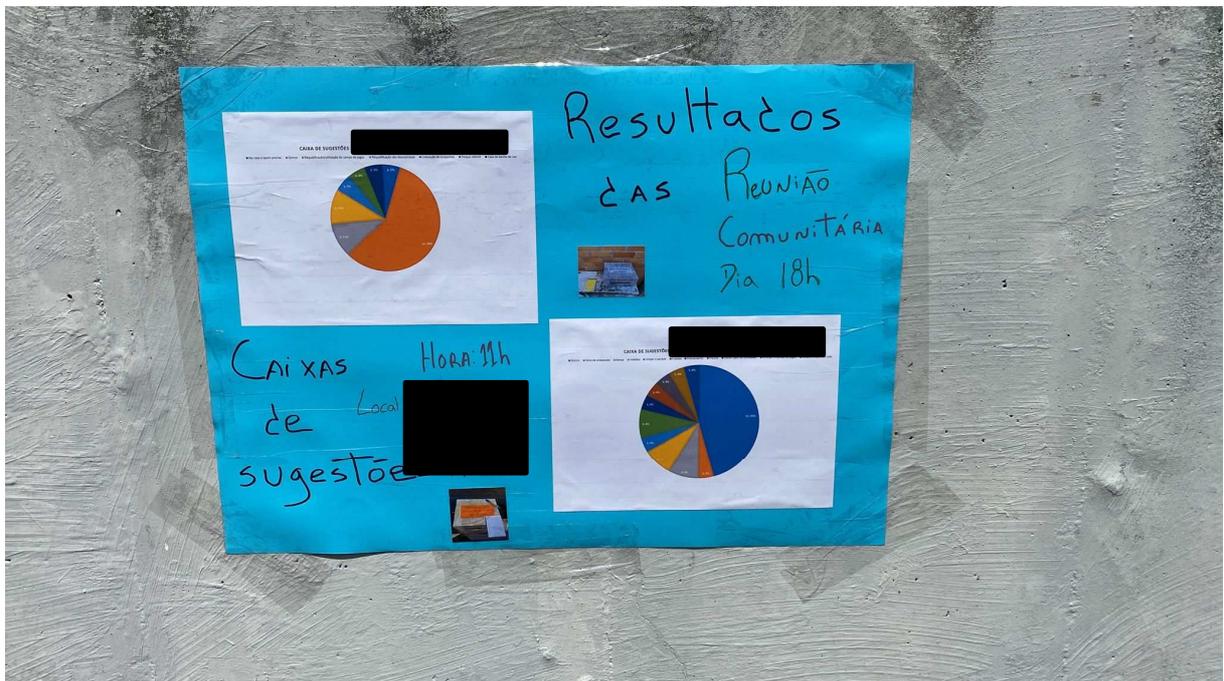




APÊNDICE 58. CONSTRUÇÃO DOS CARTAZES COM A DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS DAS CAIXAS DE SUGESTÕES









APÊNDICE 60. HISTÓRIA DO JOVEM DELTA

O jovem Delta é um morador do B3, este jovem já viveu em três bairros diferentes, dois na cidade do Porto e outro na cidade de Vila Nova de Gaia. A história deste jovem tocou-me particularmente pela demonstração de revolta pelo local onde reside.

Este jovem tem 14 anos viveu alguns anos no B4, viu os pais serem baleados, o pai num assalto a porta de casa e a minha mãe numa situação de conflito com outra família, no entanto, felizmente, nenhum destes faleceu. Mudou-se para Vila Nova de Gaia, neste local as coisas também não correram particularmente bem (não entrou em pormenores), voltou para o Porto e atualmente reside no B3.

Diz que o seu maior sonho é poder realizar trabalho humanitário em países fustigados por crises ambientais, económicas ou de conflitos e puder de alguma forma ajudar estas populações.

É um jovem interessado, motivado e envolvido, que gostava de não ter sido obrigado a mudar tantas vezes de casa porque isso também o afetou na escola e na relação com outros/as jovens.

É um jovem que não gosta muito da escola, como o próprio diz, contudo tem opiniões muito fortes sobre estes bairros sociais e alguns/mas moradores/as, fruto do seu conhecimento sobre estes locais. Este jovem defende que os traficantes e consumidores são os grandes causadores de toda a má fama que o bairro social tem e que a única coisa que é necessário nos bairros é acabar com a droga para que as pessoas pudessem viver felizes e tranquilas.

Este jovem acrescenta que as pessoas que se envolvem nestas atividades ilícitas são pessoas que querem enriquecer facilmente e resolver todos os seus problemas sem trabalhar legalmente. Quando questionado sobre se acha que existe pessoas que talvez se envolvam nestas situações por necessidade ou medo de represálias, este responde prontamente que não, porque há sempre alternativas por muito difícil que a vida esteja. Dá o exemplo que um dia que seja pai e tenha a sua família, por muitas dificuldades que passe nunca se irá envolver em nada ilícito, porque correrá o risco de perder os seus entes queridos.

Este jovem ainda diz que as pessoas vivem com medo, sem saberem o que poderá acontecer na rua delas, no bloco e até mesmo dentro de casa. Os culpados para este jovem para além dos referidos acima, é CMP ou a UFP porque continuam a ignorar tudo o que se passa naquela zona.

A história do jovem Delta é muito semelhante à de tantos/as outros/as jovens (com os pormenores que as distingue), mas acima de tudo são jovens que querem falar, que querem que o local onde residem seja confortável no presente e acima de tudo no futuro.

APÊNDICE 61. RECOLOCAÇÃO DOS CARTAZES NO B5



APÊNDICE 62. PLANIFICAÇÃO DO ENCONTRO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS

Planificação do encontro Escola Básica e Secundária da União de Freguesias:

Data: 05 de junho de 2022.

Local: Escola Básica e Secundária da União de Freguesias.

Duração: 1h.

Objetivos da reunião: Possibilitar o conhecimento acerca das AM; conversar sobre as representações que tem sobre o local onde residem; discutir possíveis melhorias do bairro; refletir em conjunto sobre a vida no bairro; (re)aproximar a população mais jovem e AM; debater possíveis futuras iniciativas conjuntas.

Estratégias: Debate, partilha e reflexão.

Materiais: folhas, canetas, mesas, cadeiras, caixa de sugestões e cartazes com os resultados das caixas de sugestões.

Descrição: Este encontro na Escola Básica e Secundária da União de Freguesias proporcionara a oportunidade das AM terem um encontro com a comunidade mais jovem que reside nos seus bairros. Poderão ouvir sugestões, críticas (construtivas), partilhas e dar-se a conhecer a esta população mais jovem. Será um momento importante de (re)aproximação com a população onde poderá surgir iniciativas futuras que contribuam para o melhoramento da qualidade de vida da comunidade. É importante salientar a oportunidade que a escola dá para que seja possível este encontro, possibilitando uma articulação com as AM que poderá resultar também em ações conjuntas com a escola e no espaço escolar.

APÊNDICE 63. REGISTO FOTOGRÁFICO DO ENCONTRO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DA UNIÃO DE FREGUESIAS





APÊNDICE 65. PERGUNTAS PARA A CONSTRUÇÃO DO LENÇOL

O que é o bairro para ti?

Se o teu Bairro fosse uma cor, qual seria?

Se o teu bairro fosse um sentimento, qual seria?

Se o teu bairro fosse um símbolo, qual seria?

Quando olhas pela janela de tua casa o que “vês”?

APÊNDICE 66. RESPOSTAS DOS JOVENS

A linguagem utilizada foi exatamente a forma como os jovens se referiram ao bairro, sendo que o documento está escrito sem qualquer alteração.

O que é o bairro para ti?

- uma merda
- más influências
- tenho orgulho do bairro sem ser dos ressacas
- é calmo
- inapropriado
- significa interajuda
- é mau
- é bom
- significa um porto seguro
- tráfico
- gueto
- Casa
- aprendizagem
- é tudo
- parece mal, é vergonhoso
- as crianças pequenas dizem muitas asneiras
- é o melhor bairro do mundo
- tem tudo o que é preciso

Se o teu Bairro fosse uma cor, qual seria?

- azul, preto, branco, vermelho, laranja, rosa, verde, amarelo

Se o teu bairro fosse um sentimento, qual seria?

- orgulho
- medo
- falta de amor

- tristeza x2
- desilusão
- desconforto
- desconfiança
- insegurança
- ausência de sentimentos
- desânimo
- alegria x3

Se o teu bairro fosse um símbolo, qual seria?

- Símbolo do FCP
- Droga
- Ganza
- YingYang
- Diversão
- Balança
- Navalha
- Novelo
- Cadeado

Quando olhas pela janela de tua casa o que “vês”?

- Família
- Amor
- Sacrifício
- Falta de oportunidades
- Falta de recursos
- Interajuda
- festa
- comunidade
- convívio
- vício
- mau caminho

APÊNDICE 67. LENÇOL DA COMUNIDADE



APÊNDICE 68. REGISTO FOTOGRÁFICO DO PIQUENIQUE





APÊNDICE 69. GUIÃO DAS CONVERSAS INTENCIONAIS E DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Avaliação Final:

Conversas intencionais com os/as moradores/as:

- Conhece a AM deste bairro? E o que pensa do trabalho que tem desenvolvido? E da relação que estabelece com os/as moradores/as?
- Sente/reconhece alguma mudança no bairro nos últimos meses? (Pedir para esclarecer)
- Como é viver neste bairro?

Conversas intencionais com os jovens:

- O que sentiram ao participar neste projeto? Houve alguma mudança? (Qual? Porquê?)
- O que podemos fazer de diferente no bairro?
- Como se sentem no bairro?

Grupo de discussão presidentes das AM:

- Que mudanças sentem desde o início do desenvolvimento deste projeto? (Justificar a resposta)
- O que é acham ainda ser necessário fazer?
- De que forma foi este processo importante para a comunidade?
- Acha que poderíamos ter feito algo melhor ou de outra forma? O que falta ainda fazer?
- Como perspectiva o futuro das AM?

Conversas intencionais com os/as profissionais da ADL:

- Acha que este projeto foi importante na instituição? Porquê?

APÊNDICE 70. TABELA DA AVALIAÇÃO DE PRODUTO

Avaliação qualitativa

Categorias	Subcategorias	Como avaliaram no início	Como avaliaram no fim
<p>Relação entre todos/as os/as atores/atrizes locais</p>	<p>Articulação entre os/as diferentes atores/atrizes, construindo ações conjuntas, participando em momentos de partilhas conjuntas, aproximando todos/as os/as atores/atrizes;</p> <p>Diversificação de estratégias comunicacionais;</p> <p>Rentabilização de recursos;</p>	<p>A relação entre todos/as os/as atores/atrizes locais era distante, com uma comunicação pouco diversificada e meramente informativa. A comunidade não articulava, não partilhava nem pensava em soluções conjuntas. A utilização de recursos comunitários e disponíveis para todos atores locais era reduzida e muito focada apenas nos recursos disponíveis no bairro ou nas entidades, nunca existindo uma partilha de recursos entre os/as diversos/as atores/atrizes locais.</p>	<p>Os presidentes das AM salientam a diversificação das estratégias e acima de tudo referem a surpresa por essa diversificação ter resultado (ex. caixa de sugestões). Por outro lado, destacam a falha das reuniões comunitárias, contudo refletem que talvez a estratégia esteja ultrapassada e seja necessário a opção por uma estratégia diferente. Estes valorizam ainda os momentos de partilhas que tiveram entre eles em que referem a importância de continuar esta articulação visto que partilham tantas necessidades e que juntos talvez conseguiram encontrar mais soluções.</p> <p>Os/As moradores/as por outro lado, lamentam a não execução de algumas sugestões durante este tempo,</p>

			<p>referindo ainda que AM poderia procurar mais as pessoas, sublinhando ainda algum desconhecimento do trabalho desenvolvido pela AM. Elogiam por exemplo as conversas intencionais com os/as profissionais da ADL durante avaliação final, sendo que um morador até refere que as AM poderiam também fazer aquilo e auscultar os/as moradores/as de perto.</p> <p>Por outro lado, tanto presidentes das AM como moradores/as concordam que a CMP “não quer saber deles”, lamentando que não aproveitem estas pequenas coisas para se aproximarem de uma comunidade que esta desacreditada deles.</p> <p>A diversificação de estratégias de comunicação deu os seus primeiros passos com as caixas de sugestões ou com a divulgação dos resultados em cartolinas, sendo que os presidentes das AM se mostraram sensibilizados para a utilização de mais estratégias diferentes, rentabilizando recursos como o espaço</p>
--	--	--	---

			<p>exterior, iniciando-se assim os primeiros passos da aproximação entre moradores/as e AM em que se nota que as críticas já são mais construtivas e menos destrutivas, lamentando-se o facto da CMP ou empresas municipais não terem se mostrado disponíveis para envolver mais e tentar esta articulação mais participativa e colaborativa.</p>
<p>Manutenção e utilização dos espaços exteriores em conforto e segurança e novos equipamentos;</p>	<p>Uso diversificado dos espaços;</p> <p>Responsibilização pelo espaço comum;</p> <p>Locais onde moradores/as possam estar juntos;</p> <p>Valorização do local onde residem;</p>	<p>Os espaços exteriores eram pouco utilizados. Os espaços verdes pouco cuidados. As pessoas lamentavam a falta de equipamentos para convívio e lazer. Comparação entre bairros para valorizar o seu pelos problemas do outro. A falta de respostas por parte de entidades políticas/administrativas era algo bastante presente no discurso das AM e moradores/as. Também salientavam a degradação e o vandalismo que alguns equipamentos sofreram e outros que viessem a ser instalados poderiam sofrer também. Não existia no discurso dos/as moradores/as e das AM um apreço e valorização pelo espaço exterior do seu bairro e até era</p>	<p>A caixa de sugestões ou a colocação das cartolinas permitiu a utilização do espaço exterior de uma forma diferente e que proporcionou que alguns/mas moradores/as se responsabilizassem por aquele bocado de espaço comum. As sugestões permitiram também que as pessoas sugerissem alterações para os espaços exteriores que valorizem a sua utilização procurando se envolver na melhoria destes espaços.</p> <p>Responsabilidade pelo espaço comum, através da proteção e cuidado pelas caixas ou cartolinas é algo valorizando por todos/as e motivo de surpresa para todos/as igualmente. Todos/as os/as participantes</p>

		<p>evidente algum desconforto pelo aspeto de algumas zonas exteriores do bairro.</p>	<p>da avaliação final mostraram-se surpreendidos pela não destruição destes objetos.</p> <p>Referir que os/as jovens acabaram por valorizar o seu bairro e as respetivas estruturas quando verificaram por exemplo que o B2 não tinha qualquer estrutura de convívio ou lazer. Nos/as jovens salientar que a valorização do espaço comum se estende aos diferentes bairros, ou seja, tal como mostra o lençol representativo dos bairros.</p> <p>Os/as moradores/as mais adultos valorizam sempre o seu bairro usado palavras ou frases como “não há droga aqui” ou “é sossegado” ou “há piores”, o que é demonstrativo de que neste aspeto continua tudo igual. Salientam também que é necessário que exista mais limpeza nos bairros. Referem que gostavam também de ter oportunidade de cuidar dos jardins.</p> <p>Este uso menos comum do espaço comum permitiu causar um pouco de ruído e curiosidade sobre a</p>
--	--	--	--

			<p>possibilidade de olharmos as estruturas não apenas para o seu efeito logico mas para outros.</p> <p>Todos/as referem a necessidade de mais espaços, sublinhando as diferentes importâncias que estes teriam nos diferentes bairros por exemplo: “um ringue para os/as miúdos/as brincarem quando vem da escola”; “algo que permitisse os moradores conviverem aqui não há nada”.</p>
Cooperação entre todos os/as moradores/as.	<p>Representações do bairro e dos/as moradores/as do bairro;</p> <p>Reconhecimento, aproximação e valorização das características e capacidades do outro;</p>	<p>Os/as moradores/as são muito distantes uns dos outros. Algo bastante comum no discurso dos/as moradores/as era as críticas ao seu vizinho ou porque este não trabalhava ou porque este fazia um pouco mais de barulho ou por outras razões. Não existia grandes momentos de convívio entre vizinhos e quando existia todos tentavam perceber que moradores /as iriam estar para se fosse algum com o qual tivessem alguma divergência já não iam. Os/as moradores/as não trabalhavam em conjunto para melhoria do espaço</p>	<p>As caixas de sugestão já permitiram uma melhoria das representações que existem sobre o bairro e sobre os/as moradores/as do bairro, ou seja, que tudo o que se coloca é para destruir ou vandalizar, porém com a colocação das caixas observou-se exatamente o contrário, isto é, uma proteção com aquele objeto e uma envolvimento de todos na proteção e manutenção do objeto, como demonstra a substituição de canetas e não destruição de nenhuma caixa. Este objeto permitiu ainda que as pessoas conversassem sobre este objeto e que construíssem</p>

	<p>Momentos de convívio para construir novos laços e contatos sociais;</p> <p>Participação de todos na procura por soluções conjuntas para o bem comum.</p>	<p>comum, preocupando-se apenas com o seu local de residência e as melhorias do mesmo.</p>	<p>soluções em grupo. É de salientar o impacto positivo deste objeto no discurso dos presidentes das AM e na forma como estes olhavam a participação dos/as moradores/as.</p> <p>Os/as moradores/as pedem festas ao contrário dos presidentes das AM que se mostram reticentes a iniciativas recreativas, contudo os/as moradores/as sentem a necessidade de que isto aconteça para estreitar laços. Um morador evidencia que é necessário que os <i>media</i> possam contribuir a melhoria da imagem do bairro, “quando há tiros vem cá todos, quando há uma festa não os vejo, só fazem notícias pelo negativo, depois somos todos criminosos”, mostrando o caminho ainda a ser percorrido para se modificar a imagem destes locais. Foi interessante verificar que as pessoas valorizam os/as seus/suas vizinhas, surgindo vários discursos de que é bom viver aqui pelas “pessoas amigas”.</p>
--	---	--	--

			<p>Com os/as jovens iniciou-se um percurso de desconstrução do que é um bairro e os seus/suas moradores/as e é importante perceber que apesar de continuarem a falar da insegurança ou tráfico, conseguem também olhar de forma construtiva para as potencialidades do bairro, acreditando que talvez possa ser diferente e que o bairro possa ser diferente, sendo que o piquenique foi referido como muito importante porque puderam conviver, brincar e sair do habitual, num momento em que não existiu bairros, mas sim jovens que vivem perto uns dos/as outros/as.</p> <p>Salientar que em dois bairros diferentes as conversas intencionais com os/as moradores/as tornaram-se momentos de convívio, ou seja, aproveitando os assuntos de interesse geral meia dúzia de moradores/as juntaram-se a debater as perguntas a trocar opiniões, sendo isto de valorizar porque talvez momentos informais como estes seja algo que</p>
--	--	--	--

			<p>poderia ser mais utilizado para convívio ou para a procura de soluções conjuntas, de referir ainda que isto em novembro na realização da construção da análise de realidade e avaliação de contexto não aconteceu e que se usaram exatamente os mesmos locais para se chegar até as pessoas.</p>
<p>Observações/Situações não projetadas</p>	<p>O P5 e as suas respetivas necessidades desde a avaliação de entrada do projeto nunca foram priorizados pelos coconstrutores, contudo, tentou-se sempre corrigir o discurso para uma linguagem menos estereotipada, contrariando os pensamentos de atividades apenas para homens ou mulheres. Com os/as jovens e através das cartolinas tivemos a oportunidade de abordar esta questão e consciencializar que as cores são gostos de todos/as, que esses gostos podem passar por qualquer cor, assim como os desportos, por exemplo. Tentando alertar para que consigam olhar o mundo sem insultos ou gozo para um rapaz que veste cor-de-rosa e anda no ballet e uma rapariga que se veste de azul e joga à bola. É um problema transversal a sociedade que em muitas sociedades esta enraizado nas comunidades que nem o identificam. Há um longo caminho a percorrer, mas se em cada projeto de educação e intervenção social incluirmos este problema estaremos sempre mais perto da transformação do mesmo.</p> <p>Por outro lado, evidenciar o impacto positivo do projeto na ADL, ou seja, apesar de não terem estado presentes fisicamente em grande parte das iniciativas, valorizou-se o facto de através de conversas intencionais ter tido a oportunidade de acompanhar o projeto. Dão como exemplos: a aproximação a comunidade e a importância de estar junto das pessoas e de as ouvir e devolver isso, podendo até permitir novos projetos; o estar junto dos/as moradores/as e AM a procurar estratégias para melhorar a sua relação, para que voltem a ter impacto na comunidade; o facto da equipa estar há muito no território e poder aqui ter uma visão diferente do que se passa nas comunidades, adquirindo até novos conhecimentos</p>		

	<p>sobre ela ou sobre as estruturas e equipamentos que ela tem; contrariar até o desacreditar de alguns/mas técnicos/as de que as coisas não iriam resultar (ex. caixa de sugestões), salientando que as vezes fruto de um trabalho continuo numa comunidade possa existir alguma frustração ou desanimo de as coisas não melhorarem, esta "ajuda" através do projeto, de que talvez se possa experimentar coisas novas e acreditar na comunidade para que resulte e que mesmo falhando não existe problema e que se aprende com isso foi considerado muito importante pelos/as profissionais da ADL.</p>
--	---

Avaliação quantitativa

Encontros/atividades/reuniões	Nº de participantes
Encontro com os presidentes das AM caixa de sugestões	4
Encontro no CJ	9
Encontro com os presidentes das AM caixa de sugestões	4
Encontro na ECJ	8
Construção de cartazes no CJ (1)	5
Construção de cartazes na ECJ	12
Construção de cartazes no CJ (2)	6
Encontro na Escola Básica e Secundária Leonardo Coimbra Filho	25
Reunião comunitária B4	2

Reunião comunitária B5	5
Reunião comunitária B1	1
Reunião comunitária B2	2
Piquenique comunitário	17

ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
POLITÉCNICO
DO PORTO

P.PORTO

M

MESTRADO em Educação e Intervenção Social
Ação Psicossocial em Contextos de Risco

“ Eu, o Bairro, Nós e Voz”
João Pedro de Pinho Ferreira

